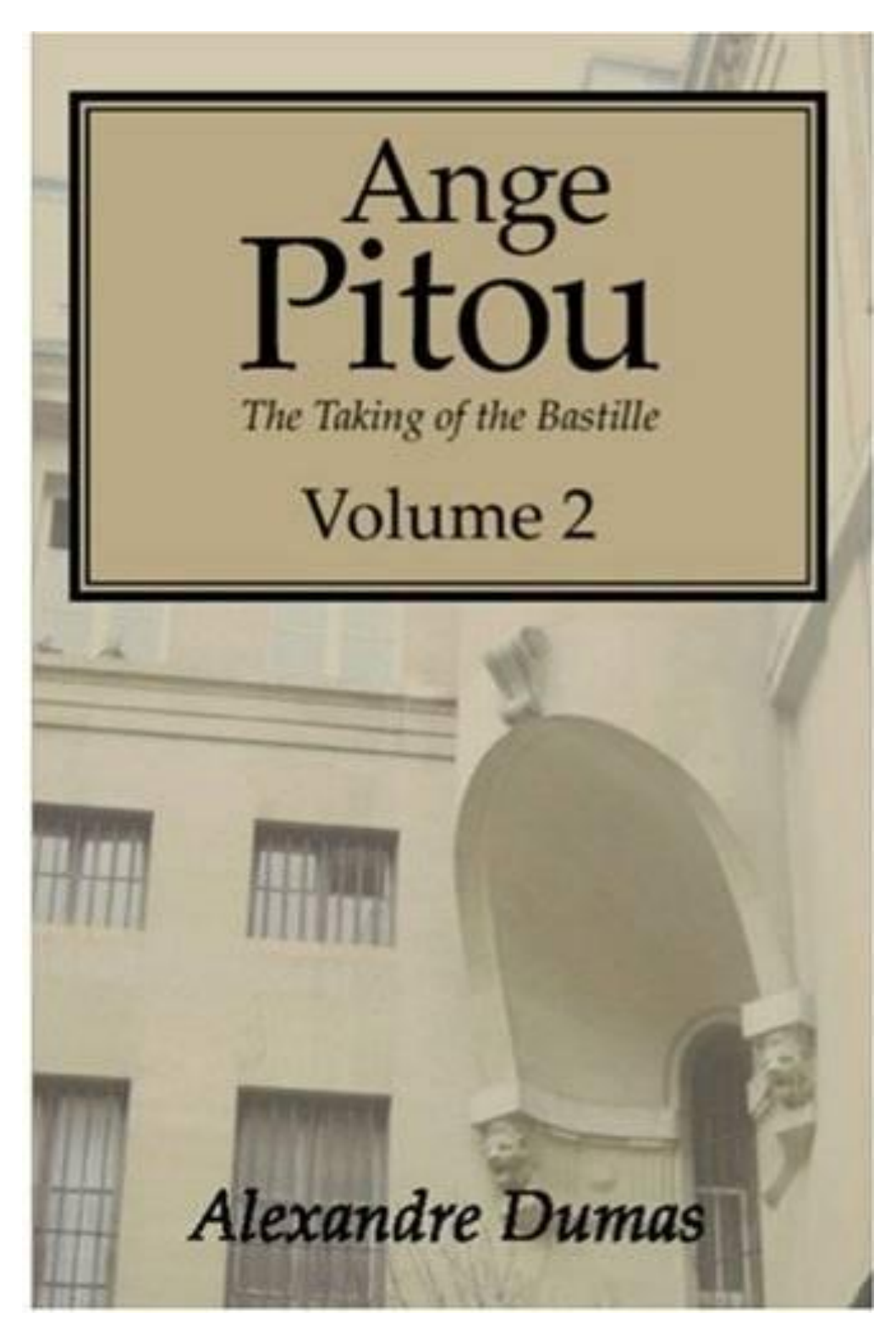




Ange Pitou

The Taking of the Bastille

Volume 2

Alexandre Dumas



**Memórias de um médico:
Ângelo Pitou
Volume II**

Alexandre Dumas

Em que pensava a rainha na noite
de 14 de Julho de 1789

Não podemos dizer quanto tempo durou a confiança, mas foi demorada, porque só por volta das onze horas da noite se tornou a abrir a porta do gabinete da rainha, aparecendo no limiar Andréia, quase de joelhos, beijando a mão de Maria Antonieta.

Depois a condessa, ao levantar-se, limpou os olhos, que estavam vermelhos de chorar, e a rainha voltou para o seu quarto.

Andréia, como se tivesse querido fugir de si própria, afastou-se rapidamente.

A rainha ficou. Quando a aia entrou para ajudá-la a despir, achou-a com os olhos chamejantes e passeando arrebatadamente pelo quarto. E com a mão fez um gesto imperioso, que queria dizer: deixe-me!

A aia retirou-se sem insistir.

A rainha tornou a ficar só; proibira que fossem incomodá-la a não ser para lhe comunicarem alguma notícia importante chegada de Paris.

Andréia não tornou a aparecer.

Quanto ao rei, depois de ter conversado com o Sr. de La Rochefoucauld, que procurava fazer-lhe perceber qual era a diferença que havia entre uma revolta e uma revolução, declarou que estava cansado, foi-se deitar e adormeceu com tanto sossego como se tivesse andado à caça, e o veado (qual cortesão amestrado) tivesse ido deixar-se matar no lago dos Suíços.

A rainha escreveu algumas cartas; entrou no quarto próximo, onde dormiam os seus dois filhos entregues ao cuidado da Sr^a. de Tourzel, e depois foi-se deitar, não para dormir como el-rei, mas para meditar à sua vontade.

Porém, pouco depois, quando Versalhes se achava entregue ao silêncio, quando no

imenso palácio, envolto em trevas, apenas se ouvia ao fundo dos jardins os passos das patrulhas que faziam ranger a areia, ou nos compridos corredores as coronhas das espingardas que descansavam de manso nas lajes do pavimento, Maria Antonieta, cansada de estar deitada, e sentindo que precisava respirar, levantou-se da cama, calçou as chinelas de veludo, embrulhou-se num comprido penteador branco, foi para a janela respirar a frescura que espargiam as cascatas, e como que escutar de passagem os conselhos que o vento das noites sussurra às fronte ardentes e aos corações oprimidos.

Correu então pelo pensamento todos os acontecimentos imprevistos, que se tinham sucedido naquele dia para ela tão memorável.

A queda da Bastilha, daquele emblema visível do poder régio, as incertezas de Charny, daquele amigo dedicado, daquele cativo apaixonado, que ela conservava havia tantos anos subjogado, e o qual nunca tendo

suspirado senão de amor, parecia suspirar então pela primeira vez de pena e de remorsos.

Maria Antonieta, com o hábito de síntese, que dá aos espíritos elevados o uso de tratar com os homens e de avaliar as coisas, dividiu em duas partes a indisposição que sentia, e que provinha de um desastre político e de uma mágoa de coração.

O desastre político era a grande notícia que, tendo saído de Paris às três horas da tarde, ia espalhar-se pelo mundo e abalar em todos os espíritos a reverência sagrada com que até ali eram considerados os reis mandatários de Deus.

A mágoa era a resistência surda de Charny à onnipotência da sua soberana muito amada. Era como que um pressentimento de que, sem cessar de ser fiel e dedicado, o seu amor ia deixar de ser cego, e podia começar a discutir a sua fidelidade e a sua dedicação.

Esta idéia pungia-lhe cruelmente o seu

coração da mulher e enchia-o do fel amargo que tem por nome ciúme, veneno acre que rasga ao mesmo tempo mil chagas pequenas numa alma já ferida.

Entretanto, a mágoa, em presença da desgraça, era uma inferioridade segundo a lógica.

Por isso Maria Antonieta, levada mais pelo raciocínio do que pela sua consciência, e cedendo à necessidade mais do que ao instinto, entregou primeiro a alma aos grandes cuidados que lhe dava o perigo da situação política.

Para onde se havia de voltar? Via na sua frente ódio e ambição, e aos lados fraqueza e indiferença. Tinha por inimigos indivíduos que, tendo começado pela calúnia, lançavam agora mão das rebeliões.

Indivíduos, que decerto não recuavam diante de coisa alguma.

Por defensores, falamos da maioria, homens que se tinham gradualmente acostumado a sofrer tudo, e que, portanto,

não poderiam sentir a profundidade das feridas.

Gente que havia de hesitar em rebater as injúrias, com receio de fazer bulha.

Era-lhe preciso, portanto, entregar tudo ao esquecimento, fingir que se esquecia e recordar-se, fingir que perdoava e não perdoar.

Este papel era pouco decoroso para uma rainha de França, e muito menos para a filha de Maria Teresa, mulher de tão esforçado coração.

Lutar! Lutar era este o conselho do orgulho real revoltado; mas seria prudente lutar? Podem acaso aplacar-se as iras derramando sangue? Não era porventura já de si terrível aquele nome de *Austríaca*? E que seria se fosse preciso, para o consagrar, dar-lhe por baptismo uma matança universal, como tinham feito Isabel e Catarina de Médicis para consagrarem os seus?

E demais, se Charny tinha falado verdade, o resultado era duvidoso.

Combater e ser vencida!

Eis aqui, pelo que respeita à desgraça política, quais eram os pesares daquela rainha, a quem parecia, em certas fases da sua meditação, que assim como se sente surgir uma serpente do mato onde a acordámos com o pé, sentia emergir, do fundo dos seus sofrimentos de rainha, a desesperação da mulher, que, tendo sido amada com furor, desconfia que o vai sendo menos.

Charny dissera o que lhe ouvimos dizer, não por convicção, mas por cansaço; tinha, como tantos outros, bebido as calúnias até à saciedade na mesma taça que ela. Aquele Charny, que, pela primeira vez, falara em termos tão ternos de sua mulher, criatura até ali esquecida por ele, teria acaso notado que ela era ainda nova e formosa? Quando lhe ocorria esta idéia, que a queimava como se fora a mordedura envenenada de um áspide, admirava-se Maria Antonieta de sentir que o desastre político nada era comparado com

esta pena do coração.

Tendo o desgosto produzido nela o que o desastre não pudera fazer, a mulher saltava enfurecida da cadeira onde a rainha se conservara fria e irresoluta, contemplando o desastre de frente.

Todo o destino daquela criatura privilegiada de sofrimento revelou-se na situação da sua alma durante aquela noite.

Qual seria o meio de escapar ao mesmo tempo ao desastre político e aos desgostos pessoais, perguntava ela a si mesma, com profunda angústia; seria necessário abandonar a vida de rainha para viver feliz na mediocridade? Deveria voltar para o seu verdadeiro Trianon e para a sua casinha rústica, para o sossego do lago e para as distrações singelas da queijaria? Conviria deixar que o povo repartisse entre si os despojos da realeza, com excepção de algumas insignificantes parcelas, que poderiam ficar-lhe pertencendo juntamente com as contribuições incertas de alguns

amigos fiéis, que teimassem em considerar-se seus vassallos?

Infelizmente, era neste ponto que a serpente do ciúme tornava a mordê-la mais ao vivo.

Feliz! E poderia ser feliz depois de ter passado pela humilhação de ver o seu amor desprezado?

Feliz! Como poderia ser feliz tendo a seu lado o rei, esposo vulgar, carecido de todo o prestígio para formar um herói?

Feliz! Junto do conde de Charny, que viveria ditoso ao lado de alguma mulher a quem amasse, da própria talvez?

E esta idéia acendia no coração da rainha os tições ardentes, que queimaram Dido mais do que as chamas da fogueira.

Porém, no meio daquela devoradora tortura, apresentava-se-lhe um vislumbre de descanso; no meio de tão horrível angústia tinha uma satisfação. Será porque Deus, na sua infinita bondade, só criasse o mal para nos fazer apreciar o bem?

Andréia confiou tudo da rainha, descobriu à rival a vergonha da sua vida; Andréia, debulhada em lágrimas, e com o rosto curvado até ao chão, confessou a Maria Antonieta que já não era digna do amor nem do respeito de um homem de bem; portanto, nunca Charny há-de ter amor a Andréia.

Mas Charny ignora e há-de ignorar sempre a catástrofe de Trianon e as conseqüências que teve. Portanto, para ele é como se semelhante catástrofe não se tivesse dado.

A rainha, ao passo que fazia estas diversas reflexões, examinava no espelho da sua consciência a sua formosura fanada, a sua alegria perdida, e a frescura da sua mocidade extinta para sempre.

Depois tornava a pensar em Andréia, e nas aventuras extraordinárias, quase incríveis, que ela acabava de lhe contar.

Admirava a combinação mágica da cega fortuna que tirava do fundo de Trianon, da sombra de uma choça e da lama de uma

herdade, um rapazito jardineiro para o associar ao destino de uma menina de nobre estirpe.

- Assim, pois - dizia ela consigo - o átomo perdido naquelas regiões tão baixas foi, por uma fantasia das atracções superiores, confundir-se, qual parcela de diamante, com a luz divina da estrela?

Aquele moço de jardineiro, aquele Gilberto, não era porventura um símbolo vivo do que se estava passando naquele momento? Um homem do povo, saído da baixeza da sua origem para se intrometer na política de um grande reino, cómico singular, que por acaso personificava em si, pelo privilégio do génio mau que pairava sobre a França, o insulto dirigido à nobreza, e o ataque à realeza pela plebe?

Aquele Gilberto, que trajava a casaca preta do Sr. de Necker, o confidente do rei de França, achava-se assim colocado, graças ao jogo da revolução, em paralelo com a mulher a quem roubara a honra, de noite, como um

ladrão!

A rainha, tornada então mulher, e arrepiando-se involuntariamente ao recordar-se da lúgubre história que Andréia lhe contara; a rainha, dizemos, considerava como um dever contemplar cara a cara o tal Gilberto, para aprender por si mesma a ler nas feições humanas os traços impressos pela mão de Deus para revelar um carácter tão singular, e apesar do sentimento a que há pouco aludimos e que lhe fazia achar um certo prazer na humilhação da rival, havia nela veemente desejo de ferir o homem que tanto fizera sofrer uma mulher.

Além disso, pode ser que fosse também o desejo de encarar, quem sabe? de admirar até, com o susto que inspiram sempre os monstros, aquele homem extraordinário, que, por um crime, infundira o seu sangue vil no sangue mais aristocrático da França; aquele homem, que parecia ter mandado fazer a revolução para que lhe abrissem a Bastilha, onde, sem a revolução, teria aprendido a

esquecer eternamente aquilo de que um homem plebeu, um vilão, nunca deve recordar-se.

Por uma conseqüência inevitável das suas idéias, a rainha passava daí para os desastres políticos, e via acumular-se, sobre uma única e mesma cabeça, a responsabilidade de quanto sofrera.

Assim pois o autor da rebelião popular, que acabava de abalar a autoridade real derrubando a Bastilha, era Gilberto, unicamente ele, Gilberto, cujos princípios tinham feito pegar em armas os Billot, os Maillard, os Elie e os Hullin.

Gilberto era portanto, há um tempo, uma criatura venenosa e terrível: venenosa, porque perdera Andréa como amante; terrível, porque acabava de ajudar a derrubar a Bastilha como inimigo.

Era preciso, por conseguinte, conhecê-lo para o evitar; ou melhor ainda, conhecê-lo para se servir dele.

Era necessário, a todo o transe,

conversar com aquele homem, vê-lo de perto, julgá-lo por si mesma.

Já eram passados dois terços da noite, estavam dando as três horas, e a primeira claridade do romper da alva já branqueava os cumes das árvores da tapada de Versalhes, e as cabeças das estátuas.

A rainha passara a noite sem dormir, e o seu olhar incerto perdia-se nas alamedas frouxamente alumadas pelo dia nascente.

Apoderou-se gradualmente da infeliz mulher um sono pesado e inquieto.

Adormeceu com a cabeça encostada no respaldo da cadeira, ao pé da janela aberta.

Sonhou que andava passeando em Trianon, e que do fundo de um alegrete saía um gnomo de sorriso infernal, como os que se descrevem nas xácaras alemãs, e que aquele monstro sardónico era Gilberto, que se lhe aproximava e estendia para ela os seus dedos aduncos.

Deu um grito.

Outro grito respondeu ao seu.

Este outro grito despertou-a.

Fora a Sr^a. de Tourzel quem o soltara. Entrara naquele instante no quarto da rainha, e vendo-a despida e aflita numa cadeira, não pudera reprimir a sua aflição e o seu espanto.

- A rainha está doente! - exclamou ela - a rainha tem algum incómodo! Será preciso chamar um médico?

A rainha abriu os olhos; a pergunta da Sr^a. de Tourzel respondia à pergunta da sua curiosidade.

- Sim, um médico - respondeu ela - o Dr. Gilberto; chame o Dr. Gilberto.

- Quem é o Dr. Gilberto? - perguntou a Sr^a. de Tourzel.

- É o novo médico de câmara que foi nomeado ontem, penso eu, o que chegou há pouco da América.

- Bem sei quem Sua Majestade quer dizer - acudiu uma das damas da rainha.

- E então? - perguntou Maria Antonieta.

- O doutor está na antecâmara de el-rei.

- Visto isso, é seu conhecido?

- Sim, minha senhora - respondeu a dama significando receio.

- Mas como pode ele ser seu conhecido? Chegou há oito ou dez dias da América, e apenas ontem saiu da Bastilha.

- Conheço-o...

- Responda-me: de onde o conhece? - perguntou imperiosamente a rainha.

A dama baixou os olhos.

- Vamos, não pode resolver-se a dizer-me de onde o conhece?

- Minha senhora, li as obras dele, e tendo-me elas despertado curiosidade de conhecer o autor, pedi que mo mostrassem esta manhã.

- Ah! - disse a rainha com indizível expressão de soberba e de reserva ao mesmo tempo. - Ah! Muito bem, pois já que o conhece, vá dizer-lhe que estou incomodada, e que desejo consultá-lo.

A rainha, entretanto, mandou entrar as criadas, enfiou um roupão e consertou o penteado.

O médico de el-rei

Alguns minutos depois do desejo formulado pela rainha, desejo a que logo tratara de dar cumprimento a dama a quem fora manifestado, Gilberto, admirado, algum tanto inquieto, e profundamente comovido, mas sem o dar a conhecer na fisionomia, apresentou-se a Maria Antonieta.

Um porte nobre e afoito, a palidez distinta do homem de ciência e de imaginação, a quem o estudo formou uma segunda natureza, palidez que ainda mais realçava o traje preto do terceiro estado, que não só os deputados daquela ordem, como também os homens que tinham adoptado os princípios da revolução caprichavam em usar; mão fina e branca, como deve ser a de um operador, cercada de punhos de cassa lisa formando pregas; pernas delicadas, tão

elegantes, tão bem feitas, finalmente, que nenhum fidalgo da corte seria capaz de apresentar outras mais bem torneadas aos entendedores, e mesmo às entendedoras da sala do dossel, e com tudo isto certa mescla de respeito tímido para com a mulher, de serena audácia para com a doente, nada para com a rainha, tais foram as particularidades que Maria Antonieta, com a sua inteligência aristocrática, notou de relance na pessoa do Dr. Gilberto, no momento em que abriram a porta do seu quarto de cama para lhe franquear a entrada.

A rainha sentiu que a cólera lhe aumentava por isso mesmo que Gilberto nada mostrava de provocador nas suas maneiras. Representara-se aquele homem como um tipo odioso, figurara-se-lhe natural e involuntariamente que havia de ser semelhante a algum desses heróis da impudência, que tanto abundavam em volta dela. O autor dos sofrimentos de Andréa, o discípulo bastardo de Rousseau, o aborto

tornado homem, o jardineiro feito doutor, o podador de árvores transformado em filósofo e domador de almas, apresentava-se à imaginação de Maria Antonieta como devendo ter as feições de Mirabeau, isto é, do homem que ela mais detestava depois do cardeal de Rohan e de Lafayette.

Parecera-lhe, antes de ter visto Gilberto, que, para conter aquela vontade colossal, seria preciso um colosso material.

Porém, quando viu um homem moço ainda, direito, delgado, de corpo esbelto e elegante, com o rosto sereno e afável, pareceu-lhe que aquele homem cometera um novo crime, que era o de mentir pelo seu exterior. Gilberto, homem do povo, de nascimento obscuro e desconhecido, camponês, aldeão, vilão, era criminoso aos olhos da rainha por ter usurpado a aparência externa do cavaleiro e do homem honrado. A orgulhosa Austríaca, inimiga declarada de gente mentirosa, indignou-se, e concebeu subitamente um ódio mortal contra o

desgraçado átomo, que tantos agravos tornavam seu inimigo.

Para os seus familiares, para as pessoas que estavam acostumadas a ler-lhe nos olhos a bonança ou a tempestade, era fácil de perceber que uma borrasca, acompanhada de raios e coriscos, se lhe estava já preparando no fundo do coração.

Mas como poderia uma criatura humana, ainda mesmo uma mulher, seguir no meio daquele turbilhão de chamas e de cóleras a pista dos sentimentos estranhos e opostos que se chocavam no cérebro da rainha e lhe dilaceravam o peito com todos aqueles venenos descritos por Homero?

A rainha despediu com um olhar quantos estavam presentes, até a própria Sr^a. de Misery.

Saíram todos.

A rainha esperou que se fechasse a porta depois de ter saído a última pessoa, e então, volvendo os olhos para o Dr. Gilberto, percebeu que ele não cessara de a observar.

Desesperou-a tanta audácia.

O olhar do doutor era inofensivo na aparência, porém contínuo, cheio de intenção e pesado a tal ponto que Maria Antonieta se viu obrigada a combater tanta impertinência.

- Então! Senhor - disse ela subitamente - que está aí fazendo de pé, diante de mim, a examinar-me, em vez de me dizer qual é a causa do meu sofrimento?

Esta apóstrofe furiosa, acompanhada de um olhar cintilante, teria fulminado qualquer cortesão da rainha, teria feito cair aos pés de Maria Antonieta, pedindo misericórdia, um marechal de França, um herói, um semi-deus.

Porém, Gilberto respondeu mui placidamente:

- É pelos olhos, minha senhora, que o médico conjectura em primeiro lugar. Se tão atentamente examino a Vossa Majestade, que me mandou chamar, não é para satisfazer uma vã curiosidade; estou desempenhando as minhas funções, estou obedecendo às ordens de Vossa Majestade.

- Então já me sondou?

- Tanto quanto me foi possível, minha senhora.

- Diga-me se estou doente?

- Não, no verdadeiro sentido da palavra; porém Vossa Majestade acha-se vivamente sobreexcitada.

- Ah! Ah! - disse Maria Antonieta com ironia - por que não declara logo que estou encolerizada?

- Queira Vossa Majestade permitir, já que mandou chamar um facultativo, que ele se sirva do termo médico.

- Bem. Qual é o motivo dessa sobreexcitação?

- Vossa Majestade tem demasiada perspicácia para ignorar que o médico adivinha as causas do incômodo material, graças à sua experiência e às tradições do estudo, mas que não é nigromante para sondar à primeira vista o abismo das almas humanas.

- Isso quer dizer que à segunda ou

terceira vista seria capaz de adivinhar, além do meu incômodo, o que tenho no pensamento também?

- Pode ser que sim - respondeu friamente Gilberto.

A rainha deteve-se estremecendo; conhecia-se-lhe pelos lábios que estavam próximas a sair-lhe da boca palavras ardentes e corrosivas.

Mas ainda se conteve.

- Deve-se acreditar isso que diz - replicou ela visto ser um homem sábio.

E carregou nestas últimas palavras com tal acento de desprezo, que nos olhos de Gilberto também luziu o fogo da cólera.

Porém uma luta de um segundo bastava àquele homem para alcançar vitória sobre si.

E por isso, com a fronte tranqüila e a palavra desembaraçada, replicou quase imediatamente:

- Vossa Majestade trata-me com demasiada bondade concedendo-me diploma de homem sábio sem ter experimentado a

minha ciência.

A rainha mordeu os beijos.

- Bem pode imaginar que não sei se é efectivamente um sábio - respondeu ela - mas assim dizem, e repito o que ouço a toda a gente.

- Ai, senhora - disse respeitosamente Gilberto inclinando-se ainda mais do que até ali - uma inteligência como a de Vossa Majestade não deve repetir cegamente o que diz o vulgo.

- Quer talvez dizer o povo? - atalhou insolentemente a rainha.

- O vulgo, minha senhora - replicou Gilberto com tal firmeza, que fez estremecer no fundo daquele coração feminino um não sei quê, em que faziam dolorosa impressão comoções desconhecidas.

- Enfim - respondeu ela - não discutamos sobre isso. Dizem que é um sábio, e é o essencial. Onde estudou?

- Em toda a parte, senhora.

- Isso não é resposta.

- Então em parte nenhuma.

- Prefiro isso. Não estudou em parte nenhuma?

- Como melhor aprouver a Vossa Majestade - respondeu o doutor cortejando. - E contudo é menos exacto do que se disser: "em toda a parte".

- Ora vamos, responda - exclamou a rainha com enfado - e por favor, Sr. Gilberto, poupe-me tanta frase.

Em seguida, como falando consigo mesma:

- Em toda a parte! Em toda a parte! Que significa isso? É uma palavra de charlatão, de empírico, de médico das ruas. Julga, acaso, que poderiam iludir-me os palavrões sonoros?

E bateu o pé no chão com os olhos incendiados e os beijos trémulos.

- Em toda a parte? Designe os lugares; vamos, Sr. Gilberto, fale.

- Disse em toda a parte - respondeu friamente Gilberto - porque efectivamente

estudei em toda a parte, nas choças e nos palácios, nas cidades e nos desertos, sobre o homem e sobre os brutos, sobre mim e sobre os mais, como deve fazer todo aquele que estima a ciência, e que vai procurá-la onde quer que ela se ache, isto é, em toda a parte.

A rainha, vencida, deitou um olhar terrível para Gilberto, e este continuava a contemplá-la com uma fixidade que a fazia desesperar.

Agitou-se convulsivamente na cadeira, e ao voltar-se deitou ao chão uma mesa pequena de um só pé, em que estava o chocolate que acabavam de lhe trazer numa chávena de porcelana de Sèvres.

Gilberto viu cair a mesa, viu despedaçar-se a chávena, mas não se mexeu.

Subiu o sangue ao rosto de Maria Antonieta; levou a mão fria e úmida à testa, que lhe escaldava, e quando ia para fitar novamente os olhos de Gilberto, não se atreveu.

Somente pretextou para consigo mesma

um desprezo maior do que a insolência.

- E quem foi o mestre que dirigiu os seus estudos? - prosseguiu a rainha, renovando a conversação no ponto em que a deixara.

- Não sei como hei-de responder a Vossa Majestade sem me expor a tornar a ofendê-la.

A rainha percebeu a superioridade que lhe dava a resposta de Gilberto, e agarrou-se a ela como uma leoa à sua presa.

- Ofender-me, a mim! - exclamou ela. - Oh! Senhor, que está dizendo? Pois poderia nunca ofender uma rainha! Está enganado. Ah! Sr. Dr. Gilberto, não estudou a língua francesa com tão bons mestres como a medicina; as pessoas da minha qualidade, Sr. Dr. Gilberto, não se ofendem, aborrecem-se simplesmente.

Gilberto cortejou e deu um passo para a porta, mas sem que a rainha lhe pudesse descobrir no rosto o menor vestígio de cólera, o menor sinal de impaciência.

A rainha, pelo contrário, batia o pé no chão enraivecida. Levantou-se de repente

como para deter Gilberto.

Este percebeu-a.

- Perdão, senhora - disse ele - é verdade, fiz muito mal em esquecer que fui chamado como médico para tratar de uma doente. Desculpe-me Vossa Majestade; não me tornarei a esquecer.

E, dizendo isto, estava pensativo.

- Vossa Majestade - prosseguiu ele - parece-me estar próxima a ter uma crise nervosa. Atrevo-me a rogar-lhe que não se abandone a ela; porque daqui a um instante já não a poderá conter. Neste mesmo momento, deve ter-lhe parado o pulso, o sangue está afluindo ao coração; Vossa Majestade está quase abafando, e talvez fosse prudente mandar chamar alguma das suas criadas.

A rainha deu uma volta pelo quarto, e depois, tornando a assentar-se:

- Chama-se Gilberto? - perguntou ela.

- Sim, minha senhora.

- É célebre! Tenho uma recordação da

minha mocidade, cuja singular coincidência o *ofenderia* muito certamente, se lha dissesse. Não importa! Se se ferir, curar-se-á, visto que é tão bom filósofo como hábil médico.

E a rainha, ao dizer isto, sorriu ironicamente.

- É isso mesmo, minha senhora - disse Gilberto - trate de sorrir e vá domando a pouco e pouco os seus nervos entregando-se à zombaria; é uma das mais belas prerrogativas da vontade inteligente a de imperar assim no próprio ser. Dome, minha senhora, dome os nervos, mas sem esforço.

Esta receita de médico foi feita com tanta suavidade, com tal candura, que a rainha, se bem que sentia a profunda ironia que ela encerrava, não pôde dar-se por escandalizada do que Gilberto acabava de lhe dizer.

Entretanto, voltou à carga, começando novamente o ataque no ponto em que o deixara.

- A recordação a que aludi - continuou

ela a dizer - é esta...

Gilberto inclinou-se em sinal de que estava ouvindo.

A rainha fez um esforço e fitou os olhos nos dele.

- Era delfina então, e vivia em Trianon. Havia nos jardins um rapazito muito trigueiro, muito enlambuzado de terra, e muito sorumbático, uma espécie de João Jacques em ponto pequeno, que mondava, cavava e podava com as suas patinhas aduncas. Chamava-se Gilberto.

- Era eu, minha senhora - respondeu fleumaticamente Gilberto.

- O senhor? - exclamou Maria Antonieta, com expressão odienta. - Então tinha eu razão! Visto isso, não é um homem de estudos?

- Penso que, tendo Vossa Majestade tão boa memória, deve recordar-se também das épocas - disse Gilberto. - Era em 1722, se não me engano, que o rapazito jardineiro, de quem fala Vossa Majestade, sachava a terra

para ganhar a sua vida nos jardins de Trianon. Estamos em 1789. Há, portanto, dezessete anos que se deu o que Vossa Majestade refere. Neste tempo em que vivemos, dezessete anos é um espaço muito grande. É muito mais do que se carece para transformar um selvagem em sábio; a alma e o espírito funcionam rapidamente em certas condições, assim como as plantas e as flores crescem com rapidez nas estufas; as revoluções, minha senhora, são as estufas da inteligência. Vossa Majestade está olhando para mim, e apesar da lucidez da sua vista, não repara que o rapaz de dezesseis anos se tornou num homem de trinta e três; não tem portanto razão de se admirar de que o ignorante e ingénuo rapazito Gilberto esteja transformado, pelo sopro de duas revoluções, num sábio e num filósofo.

- Ignorante seria, mas ingénuo, ingénuo, disse o senhor - exclamou a rainha com furor - parece-me que chamou ingénuo ao rapazito Gilberto?

- Se foi engano meu, senhora, ou se gabei no tal rapazito uma qualidade que não possuía, ignoro como é que Vossa Majestade pode saber melhor do que eu que ele tivesse o defeito contrário.

- Oh! Isso lá é outra coisa - disse a rainha com semblante carregado; - pode ser que um dia conversemos a esse respeito; entretanto, voltemos ao homem, por agora, ao homem sábio, ao homem aperfeiçoado, ao homem perfeito, que tenho perante os olhos.

Gilberto deixou passar sem reparo a palavra *perfeito*. Bem conhecia que era um novo insulto.

- Voltemos pois ao homem, senhora - respondeu simplesmente Gilberto - e queira Vossa Majestade dizer-lhe qual foi o fim para que o mandou chamar à sua presença

- Ofereceu-se para médico de el-rei - disse ela. - Ora, bem deve entender, senhor, que tenho demasiadamente a peito a saúde de meu esposo para a confiar de um homem que não conheça perfeitamente.

- Ofereci-me, minha senhora, e fui aceito sem que Vossa Majestade possa conceber justamente a menor suspeita acerca da minha incapacidade ou do meu zelo. Sou mais que tudo médico político, senhora, e recomendado pelo Sr. de Necker. Quanto ao mais, se el-rei um dia carecer da minha ciência, encontrará em mim um bom médico físico, em tanto quanto a ciência humana pode ser útil à obra do Criador. Porém, o que hei-de ser mais do que tudo para el-rei, minha senhora, além de conselheiro e médico, é um bom amigo.

- Um bom amigo! - exclamou a rainha com uma nova explosão de desespero - o senhor! Um amigo de el-rei!

- Decerto - respondeu tranquilamente Gilberto; - e por que não o serei, minha senhora?

- Ah! Sim, sempre em virtude dos seus poderes secretos, com o auxílio da sua ciência oculta - murmurou ela. - Quem sabe? Vimos ainda há pouco os Jacques e os Maillotins;

tornamos talvez à idade média! Ressuscitamos filtros e os encantos. Vai governar a França por meio da magia! Será talvez um Fausto ou um Nicolau Flamel.

- Não tenho essa pretensão, senhora.

- Não tem? Quantos monstros mais cruéis do que os jardins da Armida, mais cruéis do que Cérbero, não adormeceria às portas do nosso inferno!

A rainha, ao proferir esta palavra: não *adormeceria*, fitou os olhos no doutor com um olhar ainda mais investigador do que até ali.

Gilberto, desta vez, corou involuntariamente.

Esta circunstância causou indefinível alegria a Maria Antonieta, por conhecer que o golpe que acabava de vibrar tinha feito verdadeira ferida.

- Por que o senhor também sabe adormecer – prosseguiu ela; - o senhor, que tem estudado em toda a parte e sobre tudo, também estudou decerto a ciência magnética com os adormecedores do nosso século, com

essa gente que faz do sono uma traição, e que lê os segredos no sono de outrem?

- Com efeito, minha senhora, estudei muitas vezes e muito tempo com o sábio Cagliostro.

- Sim, aquele que praticava e fazia praticar pelos seus adeptos o roubo moral de que há pouco falei, aquele que tirava a uns as almas, a outros os corpos, auxiliado do tal sono mágico, a que eu chamarei infame.

Gilberto percebeu a intenção com que eram proferidas estas palavras e desta vez empalideceu em lugar de corar. A rainha estremeceu de contentamento até ao fundo do coração.

- Ah! Miserável - disse ela consigo - também consegui ferir-te, e estou a ver-te o sangue.

Porém, as emoções, mesmo as mais profundas, não se tornavam visíveis por muito tempo no rosto de Gilberto. Aproximou-se, pois, da rainha, a qual, satisfeitíssima da vitória alcançada, o

encarava imprudentemente, e disse:

- Senhora, faria mal se contestasse aos sábios de quem fala o mais belo predicado da sua ciência, qual é a faculdade de adormecer, não vítimas, mas sim exemplares, com o sono magnético; faria mal especialmente em lhes contestar o direito que têm de prosseguir por todos os meios possíveis numa descoberta, cujas leis, uma vez reconhecidas e reguladas, são talvez chamadas a revolucionar o mundo.

E Gilberto, chegando-se mais para a rainha, olhara para ela com aquela força de vontade a que sucumbira a organização nervosa de Andréia.

A rainha sentiu que lhe corria um calafrio pelas veias quando dela se aproximou aquele homem.

- Infâmia! - exclamou ela - sobre os homens que abusam de certas práticas sombrias e misteriosas para perderem as almas ou os corpos... Infâmia! Infâmia sobre esse Cagliostro! Infâmia sobre todos os seus sequazes!...

- Ah! - respondeu Gilberto com acento comovido - Peço-lhe, senhora, que não ajuíze com tanta severidade as faltas que cometem as criaturas humanas.

- Senhor!

- Toda a criatura é sujeita a errar; toda a criatura é nociva a outra, e se não fora o egoísmo individual, de que provém a segurança geral, o mundo seria um imenso campo de batalha. Os melhores são os menos maus. Senhora, quanto mais elevado está o juiz, maior deve ser a sua inteligência. No alto do trono, em que Vossa Majestade se assenta, tem menos do que ninguém o direito de ser severa para com as culpas alheias. Seja Vossa Majestade no trono da terra a indulgência suprema, assim como Deus é a misericórdia suprema no trono do céu.

- Senhor - retorquiu a rainha - encaro debaixo de um ponto de vista diverso do seu os meus direitos, e sobretudo os meus deveres; estou no trono para castigar e para premiar.

- Não penso assim, senhora. Na minha opinião, Vossa Majestade, mulher e rainha, está pelo contrário no trono para conciliar e para perdoar.

- Suponho que não está moralizando, senhor.

- Tem razão: só quis responder a Vossa Majestade. Cagliostro, por exemplo, em que há pouco falou, e cuja ciência contestou, lembro-me bem, e esta recordação é anterior às suas recordações de Trianon, lembro-me de que no jardim do castelo de Taverney teve ocasião de dar à delfina de França uma prova da sua ciência; não sei qual foi, senhora, mas deve ter-lhe ficado profundamente gravada na memória, porque a tal prova causou a Vossa Majestade uma impressão bem cruel, e tanto que chegou a desmaiar.

Estava chegada a vez de Gilberto descarregar também o seu golpe; é verdade que atirava ao acaso, mas o acaso serviu-o, e acertou tão bem, que Maria Antonieta tornou-se horivelmente pálida.

- Sim - disse ela, com voz rouca - sim, com efeito, fez-me ver em sonho uma máquina hedionda, mas ainda não soube até hoje que semelhante máquina exista na realidade.

- Não sei o que ele fez ver a Vossa Majestade - replicou Gilberto, contente do efeito que produzira - mas o que sei é que não se pode contestar o título de sábio ao homem que toma um tal império sobre os seus semelhantes.

- Seus semelhantes!... - murmurou desdenhosamente a rainha.

- Enganei-me, é verdade - retorquiu Gilberto - o seu poder é tanto maior por isso que curva ao seu nível, debaixo do jugo do medo, as cabeças dos reis e dos príncipes da terra.

- Infâmia; infâmia! Torno a dizer-lhe, sobre todos os que abusam da fraqueza ou da credulidade.

- São infames, disse Vossa Majestade, os que fazem uso da ciência?

- Quimeras, mentiras, cobardias!

- Quer isso dizer? - perguntou Gilberto com placidez.

- Quer dizer que esse tal Cagliostro é um cobarde charlatão, e que o seu suposto sono magnético é um crime.

- Um crime!

- Sim, um crime - prosseguiu a rainha - porque é o resultado de uma bebida, de um filtro, de um envenenamento, cujos autores ainda um dia hão-de ser colhidos e castigados pela justiça humana representada por mim.

- Senhora - replicou Gilberto sempre com a mesma paciência - peço a Vossa Majestade que seja indulgente para com todos os que têm cometido erros neste mundo.

- Ah! Pois confessa?...

A rainha enganava-se com a interpretação daquelas palavras: pela mansidão da voz de Gilberto julgava que ele implorava indulgência para si.

Enganava-se.

E esse engano dava a Gilberto uma vantagem, que não era capaz de deixar escapar.

- O quê? - disse ele lançando a Maria Antonieta um olhar inflamado, que a obrigou a baixar os olhos como se fosse o reflexo de um raio de sol.

A rainha ficou perturbada, e contudo, fazendo um esforço, disse:

- Assim como nunca se ofende uma rainha, também não se ousa interrogá-la, fique sabendo mais isto, visto ser novato na corte; falava, se bem ouvi, de pessoas que têm cometido erros e pedia-me que fosse indulgente.

- Ai! Senhora - replicou Gilberto - qual é a criatura humana que pode dizer-se isenta de culpa, será a que conseguiu encerrar-se de tal forma no asilo profundo da sua consciência, que não tenham conseguido penetrar nela as vistas alheias? É a isso que muitas vezes se chama virtude. Seja, pois, Vossa Majestade indulgente para com todos.

- Por esse sistema - redargüiu imprudentemente a rainha - não há criatura que lhe mereça o nome de virtuosa ao senhor, que é discípulo desses homens, cujo olhar vai descortinar a verdade mesmo ao fundo das consciências?

- É verdade.

A rainha desatou a rir sem curar de disfarçar o desprezo que se continha em tal risada.

- Oh! Por favor, senhor - disse ela - Peça-lhe que se lembre de que não está falando numa praça pública, a um ajuntamento de papalvos, de rústicos ou de patriotas.

- Tenho a certeza, minha senhora, de que sei muito bem com quem estou falando - respondeu Gilberto.

- Mais respeito, então, senhor, ou mais destreza; examine a sua própria vida, sonde as profundidades dessa consciência, que os homens que têm trabalhado em toda a parte devem possuir como o resto dos mortais, apesar do seu génio e da sua experiência;

recorde bem quantas baixezas, maldades e iniquidades tem imaginado, quantas crueldades, atentados e crimes até, tem cometido. Não me interrompa, e quando tiver calculado a soma de tudo isso, Sr. doutor, abaixe a cabeça, torne-se humilde, não se aproxime, com esse orgulho tão insolente, da morada dos reis, os quais, até nova ordem pelo menos, foram instituídos por Deus para penetrarem na alma dos criminosos, para sondarem os escaninhos das consciências, e aplicarem sem dó, nem apelação, os castigos aos réus. Eis aqui, senhor - prosseguiu a rainha - o que muito convém que faça. Ser-lhe-á levado em conta o seu arrependimento. Creia no que lhe digo; o melhor meio para curar uma alma tão doente como a sua, seria viver num retiro, longe das grandezas, que dão aos homens falsas idéias de seu próprio valor. Aconselho-o, portanto, a que não se chegue para a corte, e que renuncie a tratar de el-rei nas suas doenças. Tem que fazer uma cura, que há-de ser mais agradável a

Deus do que nenhuma outra; é a sua própria. Os antigos tinham a esse respeito um adágio, senhor: *Ipse cura medici*.

Gilberto, em vez de se scandalizar com o que a rainha considerava a mais desagradável das conclusões, respondeu com doçura:

- Senhora, já fiz o que Vossa Majestade me recomenda.

- Que foi então?

- Meditei.

- Sobre si mesmo?

- Sim, senhora.

- E por causa da sua consciência.

- Especialmente por causa da minha consciência.

- Então parece-lhe que acertei a respeito do que nela viu? - disse a rainha.

- Não sei o que Vossa Majestade quer dizer, mas imagino o que será; quantas vezes um homem da minha idade deve ter ofendido a Deus?

- Pois deveras, fala em Deus?

- Decerto.
- O senhor?
- Porque não?
- Um filósofo! Pois os filósofos crêem em

Deus?

- Falo em Deus e creio nele.
- E não se retira?
- Não, senhora, fico.
- Sr. Gilberto, tome sentido!

E o rosto da rainha assumiu, ao proferir estas palavras, uma indefinível expressão de ameaça.

- Oh! Tenho refletido seriamente, senhora, e as minhas reflexões serviram para me convencer de que não valho menos do que qualquer outro homem; cada qual tem os seus pecados. Aprendi este axioma, não a folhear os livros, mas sim a interrogar a consciência dos outros.

- Visto isso, é universal, é infalível? - disse a rainha com ironia.

- Ai, senhora, se não sou universal nem infalível, tenho pelo menos grande

conhecimento das misérias humanas e larga experiência de dores profundas. E isto é tão verdade que sou capaz de dizer a Vossa Majestade, só por esse círculo que se divisa em roda dos seus olhos cansados, só por ver essa linha que se estende de um a outro dos seus sobrolhos, só por ver essa prega que lhe arrepanha os cantos da boca, contracção a que se dá o nome prosaico de rugas, sou capaz de lhe dizer, senhora por quantas provas rigorosas tem passado, quantas vezes o seu coração tem palpitado de angústia, e a quantas alegrias secretas esse coração se tem abandonado com confiança, para depois acordar iludido.

“Sou capaz de dizer tudo isto, senhora, quando Vossa Majestade queira; hei-de dizer-lho com a certeza de não ser desmentido; hei-de dizer-lho fitando em Vossa Majestade um olhar, que quer e sabe ler; e quando tiver sentido o peso desse olhar, quando tiver sentido penetrar até ao fundo da sua alma a tenacidade dessa curiosidade, como o mar

sente o chumbo da sonda quando esta lhe vai devassar os abismos, então Vossa Majestade ficará convencida de que o meu poder é grande, e que, se não faço uso dele, é preciso agradecer-me, e não provocar-me com tal insistência a uma declaração de guerra."

Esta linguagem, apoiada por uma fixidade terrível do desejo de provocação do homem para com a mulher; este desprezo de toda a etiqueta na presença da rainha produziu um indizível feito em Maria Antonieta.

Sentiu como um nevoeiro que lhe caía sobre a testa e lhe gelava as idéias, sentiu o ódio mudado em susto, deixou pender as mãos e deu um passo para trás para fugir da aproximação daquele perigo desconhecido.

- E agora, minha senhora - disse Gilberto, que bem claramente via o que nela se estava passando - julgue se me será fácil saber o que oculta a todos, e até a si própria; julgue se me será fácil fazê-la prostrar sobre a poltrona em que as mãos de Vossa Majestade

procuram apoio?

- Oh! - exclamou a rainha atemorizada, porque sentia uns arrepios desconhecidos que lhe chegavam ao coração.

- Basta que diga para mim mesmo uma palavra, que não quero dizer - prosseguiu Gilberto - basta-me formular uma vontade, de que não quero fazer uso, para imediatamente cair como fulminada em meu poder. Duvida, minha senhora? Oh! Não duvide, Vossa Majestade tentar-me-ia talvez, e se chegasse a tentar-me! Mas não duvida, não é verdade?

A rainha, com o corpo deitado para trás, arquejante, opressa e fora de si, agarrava-se ao espaldar da cadeira com a energia da desesperação e a raiva de uma defesa inútil.

- Oh! Continuou Gilberto - acredite Vossa Majestade o que lhe digo, e é que se eu não fosse o mais respeitoso, o mais submisso dos seus súbditos, havia de convencê-la por uma experiência terrível. Oh! Nada receie. Inclino-me humildemente, repito, perante a

mulher, mais ainda do que perante a rainha. Todo eu tremo só à possibilidade de ter um pensamento que toque sequer de leve o pensamento de Vossa Majestade; antes matar-me do que causar o menor sofrimento a essa alma.

- Senhor! Senhor! - exclamou a rainha agitando os braços no ar, como para repelir Gilberto, que estava distante dela mais de três passos.

- E contudo - prosseguiu Gilberto - mandou-me encerrar na Bastilha, e pesa-lhe que fosse tomada, porque o povo, ao tomá-la, me abriu as portas. Vê-se fulgurar nos olhos de Vossa Majestade o ódio que nutre contra um homem, que nunca lhe deu pessoalmente motivo algum de queixa. E sinto bem que à proporção que vou diminuindo a influência com que a continha, Vossa Majestade com a respiração recupera a dúvida.

E com efeito, desde que Gilberto cessara de a dominar com os olhos e com a mão, Maria Antonieta tornara a erguer-se quase

ameaçadora, como o pássaro que, assim que se vê livre das sufocações da campana pneumática, esvoaça e canta.

- Ah! Duvida, zomba, despreza-me. Pois quer Vossa Majestade que lhe diga uma idéia terrível que me passou pelo pensamento? Estive quase a ponto de a condenar a revelar-me as suas penas mais íntimas e os seus mais ocultos segredos; a obrigá-la a escrevê-los aqui sobre esta mesa em que está tocando neste momento, e depois quando acordasse e tornasse a si, ter-lho-ia provado com a sua própria escrita que não é quimérico esse poder de que parece duvidar, e que é bem real a paciência, e... Não sei se o diga... Sim, di-lo-ei, e a generosidade do homem que acabou de insultar, que está insultando há uma hora, sem que ele lhe desse direito ou pretexto para o fazer.

- Obrigar-me a dormir! Obrigar-me a falar dormindo! A mim! A mim! - exclamou a rainha empalidecendo; - pois a tanto se atreveria, senhor! Sabe porventura o que está

dizendo? Ignora a gravidade da ameaça que me está fazendo? Olhe que é um crime de lesa-majestade. Lembre-se de que é um crime, que eu faria punir com pena de morte logo que acordasse e tornasse ao uso da razão.

- Minha senhora - replicou Gilberto, seguindo com os olhos a vertiginosa comoção da rainha - não se apresse tanto em acusar, e sobretudo em ameaçar. Não há dúvida que teria adormecido a Vossa Majestade; não há dúvida que teria arrancado à mulher todos os seus segredos, mas tenha a certeza de que não seria numa ocasião como esta; não seria estando a rainha a sós com o seu súbdito, estando a mulher em conferência com um homem estranho; não teria adormecido a rainha, é verdade, o que me seria fácilimo, mas não me deliberaria a adormecê-la, não me atreveria a fazê-la falar, sem ter uma testemunha.

- Uma testemunha?

- Sim, minha senhora, uma testemunha que tomasse fielmente nota de todas as

palavras, de todos os gestos de Vossa Majestade, de todos os pormenores, finalmente, da cena que eu teria provocado, para que, depois de passada, não lhe ficasse um único instante de dúvida.

- Uma testemunha, senhor! - repetiu a rainha com susto; - e quem seria essa testemunha? Considere, senhor, que o crime ainda seria maior, porque desse modo iria procurar um cúmplice.

- E se esse cúmplice fosse el-rei? - disse Gilberto.

- El-rei! - exclamou Maria Antonieta com um assombro, que denunciava as culpas da esposa mais energicamente ainda do que o teria feito a confissão da sonâmbula. - Oh! Sr. Gilberto! Sr. Gilberto!

- Sim, el-rei - repetiu mui sossegadamente Gilberto; - el-rei, seu esposo, seu amparo, seu defensor natural. El-rei, que lhe contaria, quando Vossa Majestade acordasse, o muito respeito e a ufania com que eu teria dado provas da minha ciência à

mais adorada das soberanas.

Gilberto, depois de ter dito estas palavras, deixou à rainha o tempo necessário para lhes avaliar o alcance.

A rainha conservou-se por alguns minutos num silêncio, que só era interrompido pelo rumor do seu arquejar.

- Senhor - disse ela afinal - depois do que acaba de me dizer devo considerá-lo como um inimigo mortal...

- Ou como um amigo a toda a prova.

- É impossível, senhor, a amizade não pode existir onde reside o receio ou a desconfiança.

- A amizade de um súbdito para com uma rainha só pode existir pela confiança que o súbdito inspira. Já terá dito no seu íntimo que não se pode olhar como inimigo o homem, a quem logo à primeira palavra se tira a possibilidade de fazer mal, especialmente quando ele é o próprio que não quer fazer uso das suas armas.

- Pode-se acreditar nisso que está

dizendo, senhor? - perguntou a rainha significando a maior desconfiança, e olhando ao mesmo tempo com muita atenção e muito seriamente para Gilberto.

- Por que razão não me acreditará, Vossa Majestade, tendo tantas provas da minha sinceridade?

- Sr. doutor, são tantos os casos em que se muda de parecer!

- Minha senhora, fiz o mesmo voto que faziam certos homens ilustres no manejo das armas antes de saírem para alguma expedição. Nunca hei-de fazer uso da minha superioridade a não ser para repelir o mal que me quiserem fazer, *não para ofender, mas sim para me defender*. É esta a minha divisa.

- Ai de mim! - disse a rainha humilhada.

- Bem percebo, minha senhora. Custa-lhe ver a sua alma entregue nas mãos de um médico, a quem tanto lhe repugna abandonar às vezes o seu corpo, quando a isso a obriga uma doença. Tenha ânimo, confie em mim. O homem que hoje deu a Vossa Majestade uma

prova de longanimidade, só pode aconselhar o bem. Quero ser amigo de Vossa Majestade, quero que todos o sejam. As idéias que apresentei a el-rei, hei-de discuti-las com Vossa Majestade.

- Doutor, tome sentido! - disse gravemente a rainha - colheu-me no laço; depois de ter metido medo à mulher, julga que poderá governar a rainha?

- Não, minha senhora - respondeu Gilberto; - não sou um miserável especulador. Tenho as minhas idéias, e admito que Vossa Majestade tenha as suas. Repilo desde já a acusação, que sem dúvida Vossa Majestade me lançaria eternamente em rosto, de tê-la assustado, para subjugar a sua razão. Digo mais, é Vossa Majestade a primeira senhora em quem encontro reunidas todas as paixões da mulher com todas as faculdades dominadoras do homem. Vossa Majestade pode ser ao mesmo tempo uma mulher e um amigo. A humanidade toda se encerraria em Vossa Majestade, se preciso

fosse. Admiro-a e hei-de servi-la. Hei-de servi-la sem receber recompensa alguma, unicamente para poder estudar a Vossa Majestade. Ainda farei mais para servi-la; se por acaso lhe parecer que sou demasiado incómodo no seu palácio; se por acaso se não riscar da sua memória a impressão que nela deixou a cena de hoje, suplico a Vossa Majestade que me afaste de si.

- Afastá-lo! - exclamou a rainha com uma alegria que não escapou a Gilberto.

- Muito bem! Está dito, minha senhora - replicou ele com admirável sangue frio. - Nem comunicarei a el-rei o que tinha que dizer-lhe e retiro-me já. Será preciso que vá para longe, para que Vossa Majestade fique descansada?

A rainha encarou com ele, admirada de tanta abnegação.

- Bem vejo - disse Gilberto - qual é o pensamento de Vossa Majestade. Como conhece melhor do que se julga todos os mistérios da influência magnética, que tanto a

assustava ainda há pouco, lembra-se Vossa Majestade que apesar da distância, sempre serei igualmente perigoso, e igualmente para requear.

- Como assim? - perguntou a rainha.

- Sim, repito, minha senhora, todo aquele que quisesse fazer mal a alguém, servindo-se dos meios que acabou de censurar nos meus mestres e em mim, poderia exercer a sua acção nociva com tanta eficácia na distância de cem léguas, como na distância de mil ou de três mil passos. Nada receie, minha senhora, tal não farei.

A rainha ficou um instante pensativa e sem saber o que havia de responder àquele homem singular, que a fazia assim hesitar nas resoluções mais irrevogáveis.

De repente um ruído de passos, no fundo dos corredores, fez erguer a cabeça a Maria Antonieta.

- É el-rei - disse ela - é el-rei que vem aí.

- Então, minha senhora, peço a Vossa Majestade se digne responder-me: devo ficar,

ou devo retirar-me?

- Mas...

- Resolva quanto antes, minha senhora, que ainda posso evitar o encontrar-me com el-rei, se é esse o seu desejo, e nesse caso pode Vossa Majestade indicar-me alguma porta pela qual me retire.

- Fique - respondeu a rainha.

Gilberto inclinou-se, ao passo que Maria Antonieta procurava ler-lhe nas feições se o triunfo seria nele mais revelador de que fora a cólera ou o receio.

Porém Gilberto permaneceu impassível.

- Devia, ao menos, ter dado alguns sinais de satisfação - disse a rainha consigo.

XXXIII

O conselho

El-rei entrou vivamente e com passos pesados, conforme o seu costume.

Vinha com ar azafamado e curioso, que formava singular contraste com a fria rigidez do semblante da rainha.

As boas cores do rei não o tinham abandonado. Levantara-se de madrugada, como sempre, e sentindo-se ufano da boa saúde que adquirira com o ar da manhã, respirava ruidosamente e assentava os pés com vigor no chão.

- O doutor? - disse ele. - Que é feito do doutor?

- Bons dias, real senhor. Como está Vossa Majestade esta manhã? Acha-se muito cansado?

- Dormi seis horas; é a minha conta. Estou muito bem. Tenho o espírito sereno.

Acho-a algum tanto pálida, minha senhora. Onde está o doutor? Disseram-me que o tinha mandado chamar?

- Aqui está o Sr. Dr. Gilberto - disse a rainha tirando-se para o lado e descobrindo assim o vão da janela, onde o doutor se conservara até então.

O semblante do rei alegrou-se logo e prosseguiu:

- Ah! Já me esquecia! Mandou chamar o doutor, sem estar incomodada?

A rainha corou.

- Fi-la corar? - disse Luís XVI.

Tornou-se então carmesim.

- Temos ainda mais algum segredo? - perguntou o rei.

- Algum segredo, senhor! - interrompeu a rainha com altivez.

- Não me percebeu; digo que se mandou chamar o Dr. Gilberto em lugar de algum dos seus médicos predilectos, é isso devido a um desejo que sempre lhe conheci...

- Qual é?

- De me ocultar quando está doente.

- Ah! - disse a rainha um pouco mais sossegada.

- Sim - continuou Luís XVI - mas tome sentido, o Sr. Gilberto é um dos meus confidentes, e se lhe contar alguma coisa, ele há-de repetir-ma.

Gilberto sorriu-se.

- Isso não, real senhor - disse ele.

- Bom, vejo que a rainha suborna os meus familiares!

Maria Antonieta deu uma destas risadinhas forçadas que significam unicamente que se pretende pôr ponto numa conversa, ou que essa conversa já se vai tornando muito enfadonha.

Gilberto percebeu, porém o rei não.

- Vamos, doutor - disse ele - visto que a minha pergunta diverte a rainha, conte-me o que ela lhe estava dizendo?

- Perguntava ao doutor - interrompeu então Maria Antonieta - qual era o motivo por que o tinha mandado chamar tão cedo.

Confesso, com efeito, que a sua presença em Versalhes logo pela manhã me faz cismar e me dá cuidado.

- Estava à espera do doutor - replicou el-rei tornando-se sorumbático - para conversar com ele em política.

- Ah! Muito bem - disse a rainha.

E assentou-se como para ouvir.

- Venha, doutor - prosseguiu o rei dirigindo-se para a porta.

Gilberto cortejou respeitosamente a rainha, e dispôs-se a acompanhar Luís XVI.

- Para onde vai? - exclamou a rainha. - Pois deixa-me?

- O assunto da nossa conversa não é dos mais alegres, minha senhora; quero poupar mais esse cuidado à rainha.

- Dá o nome de cuidados a desgostos! - exclamou majestosamente a rainha.

- Mais uma razão, minha querida.

- Fique, assim o quero - disse ela. - Sr. Gilberto, persuado-me que não me desobedecerá.

- Sr. Gilberto! Sr. Gilberto! - disse o rei fortemente despeitado.

- Então! O que é?

- É que o Sr. Gilberto, que vinha para me dar o seu parecer, e para conversar livremente comigo dizendo-me o que lhe ditasse a sua consciência, já não o fará.

- Por que motivo? - perguntou a rainha.

- Por estar aqui presente, minha senhora.

Gilberto fez um gesto, ao qual a rainha ligou logo uma significação importante.

- Como pode o Sr. Gilberto - disse ela para o apoiar - arriscar-se a desagradar-me falando segundo a sua consciência?

- É muito fácil de perceber, minha senhora - disse o rei; - tem lá o seu sistema em política, que nem sempre se parece com o nosso... De forma que...

- De forma que o Sr. Gilberto está muito dissidente da minha política, é isso o que quer dizer claramente.

- Assim deve ser, real senhora -

respondeu Gilberto - em vista das idéias que já expendi a Vossa Majestade. Contudo, pode Vossa Majestade ter a certeza de que hei-de dizer a verdade tão francamente na sua presença como se estivesse a sós com el-rei.

- Ah! Isso já é alguma coisa - disse Maria Antonieta.

- Nem todos gostam de ouvir dizer a verdade - acudiu logo Luís XVI.

- E se for uma verdade útil? - disse Gilberto.

- Ou mesmo dita com boas intenções? - acrescentou a rainha.

- Disso não poderemos nós duvidar - interrompeu Luís XVI. - Mas se quisesse obrar com prudência, rainha senhora, havia de consentir que o doutor falasse em plena liberdade... De que eu muito careço.

- Real senhor - respondeu Gilberto - visto que é a rainha mesma quem quer ouvir a verdade, visto saber eu que o espírito de Sua Majestade é tão forte e elevado que não pode ter receio de ouvi-la, prefiro falar na

presença dos meus dois soberanos.

- Senhor - disse ao rei a rainha - peço-o eu.

- Tenho fé na prudência de Vossa Majestade - disse Gilberto inclinando-se perante a rainha. - Trata-se da felicidade e da glória de Sua Majestade el-rei.

- Tem razão de confiar em mim - disse a rainha.

- Principie, senhor.

- Tudo isso é muito bom - disse o rei, continuando a teimar, na forma do seu costume; - mas enfim a questão é delicada, e sei muito bem que, pelo que me diz respeito, a sua presença há-de causar-me muito constrangimento.

A rainha não pôde reprimir um movimento de impaciência; levantou-se, depois tornou a assentar-se sondando com o seu olhar rápido e frio o pensamento do doutor.

Luís XVI, vendo que não tinha meio de escapar à questão ordinária e extraordinária,

assentou-se, suspirando, numa cadeira de braços defronte de Gilberto.

- De que se trata? - perguntou a rainha, logo que esta espécie de conselho se achou assim constituído e instalado.

Gilberto olhou para o rei pela última vez como para lhe pedir que o autorizasse a falar sem constrangimento.

- Fale, por Deus, fale, senhor! - replicou o rei - já que a rainha assim o quer.

- Pois bem, minha senhora, informarei Vossa Majestade em poucas palavras do motivo que me trouxe logo de madrugada a Versalhes. Vinha aconselhar Sua Majestade a que fosse a Paris.

Uma faísca que caísse sobre a pólvora que então existia nos subterrâneos da municipalidade não teria produzido uma explosão igual à que estas palavras fizeram rebentar no coração de Maria Antonieta.

- El-rei ir a Paris! El-rei! Ah!

E soltou um grito de horror, que fez estremecer Luís XVI.

- Aí está! - exclamou o rei olhando para Gilberto; - que lhe dizia eu, doutor?

- El-rei - prosseguiu a rainha - Sua Majestade el-rei numa cidade completamente sublevada, no meio dos chuços e das fouces; el-rei entre aqueles homens que mataram os Suíços, que assassinaram os srs. de Launay e de Flesselles; el-rei atravessando o largo da municipalidade e pisando o sangue dos seus defensores!... Está louco, senhor, para falar assim! Oh! Ainda repito: está louco!

Gilberto abaixou os olhos como um homem que o respeito faz calar, e não respondeu uma única palavra.

O rei, comovido até ao íntimo da alma, agitou-se na cadeira como um padecente estendido sobre as grelhas da inquisição.

- Pois é possível - prosseguiu a rainha - que semelhante idéia entrasse numa cabeça inteligente, num coração francês? Não atende, senhor, que está falando com o sucessor de S. Luís, com o bisneto de Luís XIV?

O rei batia o pé no chão.

- Não suponho, contudo - continuou ainda a rainha - que deseje privar el-rei do auxílio das suas guardas e do seu exército; que procure tirá-lo do seu palácio, que é para ele uma fortaleza, para o expor só e inermes aos seus encarniçados inimigos; não tem o projecto de fazer assassinar el-rei, Sr. Gilberto?

- Se pensasse que Vossa Majestade podia julgar-me por um único instante capaz de tal traição, não seria um louco, olhar-me-ia como um miserável. Porém, graças a Deus, senhora, semelhante pensamento está tão longe de Vossa Majestade como de mim. Não; eu vim dar este conselho ao meu rei, porque estou convencido de que o conselho é bom e até superior a todos os outros.

A rainha levou a mão ao peito com tamanha violência, que rasgou a cambráia do vestido.

O rei encolheu os ombros com um imperceptível movimento de impaciência.

- Por Deus! - disse ele - ouça, minha senhora; sempre poderá dizer *não* depois de o ter ouvido.

- El-rei tem razão, minha senhora - disse Gilberto; - Vossas Majestades não sabem o que tenho a dizer-lhes: Vossa Majestade julga-se cercada de um exército seguro, que lhe é afecto e está pronto a morrer por Vossa Majestade, e é um erro: metade dos regimentos conspiram com os regeneradores para o triunfo da idéia revolucionária.

- Senhor! - exclamou a rainha - repare no que diz; está insultando o exército!

- Pelo contrário, minha senhora - disse Gilberto - estou-lhe fazendo um elogio. Pode-se respeitar a rainha e ser afecto a el-rei, sem deixar por isso de ter amor à pátria e devoção pela causa da liberdade.

A rainha deitou a Gilberto um olhar, que chamejava como um raio.

- Senhor - disse ela - essa linguagem...

- Sim, esta linguagem fere a Vossa Majestade; bem percebo, porque é

provavelmente a primeira vez que Vossa Majestade a ouve falar.

- É preciso que se acostume - murmurou Luís XVI, com a prudência e resignação que formavam a sua principal força.

- Nunca! - exclamou Maria Antonieta - nunca!

- Ora vamos, ouça! Ouça! - gritou el-rei; - acho muita razão no que diz o doutor.

A rainha tornou a assentar-se toda trémula.

Gilberto continuou:

- Dizia, pois, minha senhora, que vi Paris, e que Vossa Majestade nem sequer viu Versalhes. Sabe acaso o que Paris projecta fazer?

- Não - disse o rei.

- Persuado-me que não projecta tomar segunda vez a Bastilha? - disse a rainha com desprezo.

- Decerto que não, minha senhora - prosseguiu Gilberto; - porém Paris sabe que existe uma outra fortaleza entre o povo e o

seu rei. Paris tenciona reunir os deputados dos quarenta e oito distritos, de que se compõe, e mandar esses deputados a Versalhes.

- Pois que venham! Pois que venham! - exclamou a rainha com feroz alegria. - Oh! Hão-de ser aqui muito bem recebidos.

- Mas - respondeu Gilberto - os deputados não hão-de vir sós.

- E quem mais virá com eles?

- Hão-de vir apoiados por vinte mil homens das guardas nacionais.

- Guardas nacionais! - disse a rainha - que é isso?

- Ai, minha senhora, não trate tão de leve essa instituição, que ainda há-de vir um dia a ser uma potência, que há-de ligar e desligar.

- Vinte mil homens! - exclamou el-rei.

- Pois bem, senhor - replicou a rainha - tem aqui dez mil homens que valem por cem mil revoltosos; chame-os, sou eu quem lho aconselho; os malvados encontrarão aqui o

seu castigo e o exemplo de que tanto carece toda aquela lama revolucionária, que eu varreria em oito dias, ou mesmo dentro de uma hora, se me quisessem atender.

Gilberto abanou a cabeça com tristeza.

- Oh! Minha senhora - disse ele - quanto se ilude, ou, por melhor dizer, quanto tem sido iludida! Reflicta nas conseqüências da guerra civil provocada por uma rainha; ainda não houve senão uma que a fez, e levou consigo para o túmulo o epíteto terrível de “estrangeira”.

- Provocada por mim? Como é que entende isso? Porventura fui eu que disparei tiros contra a Bastilha sem provocação?

- Minha senhora - disse el-rei - em vez de aconselhar meios violentos, atenda primeiro à razão!

- Isso é fraqueza!

- Vamos! Antonieta, preste atenção - disse el-rei severamente - não é caso insignificante a vinda de vinte mil homens, que teremos talvez de mandar metralhar

daqui.

E depois, voltando-se para Gilberto:

- Continue, senhor - disse ele - continue.

- Real senhora - disse o doutor - poupe a el-rei e a Vossa Majestade mesma as conseqüências de todos aqueles ódios, que a distância exacerba, de todas aquelas fanfarronadas, que afinal se transformam em valentia; toda a confusão, em suma, de uma batalha, cujo êxito é duvidoso; pode, usando de brandura, evitar a vinda daquela gente, que as violências irritariam talvez. A multidão quer vir ter com el-rei, previnamos-lhe os desejos; deixe que el-rei vá ter com a multidão; deixe que, cercado como está hoje do seu exército, dê amanhã provas de audácia e de espírito político. Os vinte mil homens de que há pouco falei, poderiam talvez conquistar el-rei. Deixe que el-rei vá sozinho conquistar os vinte mil homens, porque esses vinte mil homens, minha senhora, são o povo.

O rei não pôde reprimir um sinal de

adesão, que foi surpreendido por Maria Antonieta.

- Desgraçado! - disse ela para Gilberto - então não reflecte na significação que terá a presença de el-rei em Paris, nas condições em que aconselha?

- Fale, minha senhora.

- Quererá dizer: Aprovo... Significará: Fizem muito bem em matar os seus Suíços... Quererá dizer: fizeram muito bem em assassinar os meus oficiais, em pôr a ferro e fogo a minha formosa capital: fizeram muito bem em me destronar finalmente! Obrigado, meus senhores, obrigado!

E um sorriso desdenhoso assomou aos lábios de Maria Antonieta.

- Não, senhora - disse Gilberto - Vossa Majestade está enganada.

- Senhor!...

- Quererá dizer: Foi com alguma justiça que se queixou o povo. Eu venho aqui para perdoar; sou o vosso chefe e o vosso rei; sou eu quem me ponho à frente da Revolução

Francesa, como Henrique III se colocou outrora à frente da Liga. Os vossos generais são meus oficiais; os vossos guardas nacionais meus soldados; os vossos magistrados meus procuradores. Em vez de me empurrarem, segui-me, se podeis. A grandeza do passo que dou provar-vos-á mais uma vez que sou o rei de França, o sucessor de Carlos Magno.

- Ele tem razão - disse o rei tristemente.

- Oh! - exclamou a rainha - por mercê, senhor, não dê ouvidos a este homem, este homem é seu inimigo!

- Minha senhora - disse Gilberto - desejo que Sua Majestade mesmo diga exactamente a Vossa Majestade o que pensa das minhas palavras.

- Penso, senhor - replicou o rei - que até ao dia de hoje, foi o único que se atreveu a dizer-me a verdade.

- A verdade! - exclamou a rainha. - Oh! Meu Deus! Que está dizendo?

- Sim, senhora - acudiu Gilberto - e

acredite Vossa Majestade no que lhe digo: a verdade é, neste momento, a única coisa que pode salvar o trono e a realeza de se despenharem num abismo.

E Gilberto, ao dizer estas palavras, inclinou-se humildemente, quase até ao nível dos joelhos de Maria Antonieta.

XXXIV

Decisão

Então, pela primeira vez, mostrou-se a rainha profundamente comovida. Seria pelo raciocínio, ou pela humildade do doutor?

O rei levantou-se com modo resoluto. Já estava a pensar na maneira por que havia de pôr em execução o conselho.

Entretanto, pelo hábito que tinha de não fazer coisa alguma sem consultar a rainha, disse:

- Minha senhora, aprove...

- Que remédio haverá, senhor? - respondeu Maria Antonieta.

- Não lhe peço abnegação, minha senhora - disse o rei com impaciência.

- Diga-me então o que pede?

- Peço-lhe uma convicção, que fortifique aquela em que estou.

- Pede-me uma convicção?

- Sim.

- Oh! Se é isso unicamente que de mim exige, estou convencida, senhor.

- De quê?

- De que é chegado o momento em que vai fazer desta monarquia o Estado mais deplorável e mais aviltado que existe no mundo.

- Oh! - disse o rei - está exagerando. Concedo-lhe o *deplorável*, mas o *aviltado* é impossível.

- Senhor - disse Maria Antonieta com voz pesarosa, - os reis seus antepassados legaram-lhe uma triste herança.

- Sim - replicou Luís XVI - uma herança que tive a infelicidade de lhe fazer compartilhar, minha senhora.

- Conceda-me que lhe faça uma observação, real senhor - interrompeu Gilberto, que se condoía do íntimo do coração da profunda desventura daqueles soberanos decaídos; - não me parece que Vossa Majestade tenha motivos para ver o

futuro tão medonho como se lhe afigura. Acabou uma monarquia despótica, e vai começar um império constitucional.

- Ah! Senhor - disse o rei - pois julga que eu seja homem que possa fundar um tal império em França?

- E por que não, senhor? - exclamou a rainha, a quem as palavras de Gilberto tinham consolado um pouco.

- Minha senhora - replicou o rei - sou um homem de tino e de alguma instrução. Vejo bem as coisas, faço a diligência por não ter a vista turva, e sei precisamente tudo quanto não preciso saber para administrar este país. Desde o momento em que deixam a descoberto em mim um homem como os outros, perco toda a força factícia, única que era necessária para o governo da França, visto que, a bem dizer, Luís XIII, Luís XIV e Luís XV sustiveram-se perfeitamente, graças à tal força factícia. Que precisam actualmente os revolucionários? Um cutelo. Conheço que não tenho a força necessária para o vibrar.

- Não tem a força necessária para vibrar um cutelo - exclamou a rainha - para castigar indivíduos que privam os seus filhos dos seus bens e que pretendem despedaçar sobre a sua fronte, uns após outros, todos os florões da coroa de França?

- Que resposta deverei dar-lhe? - disse Luís XVI com serenidade; -dir-lhe-ei que *não*? Se assim fizer, exercitarei em si essas tempestades que me estorvam na minha vida. A senhora sabe ter ódio. Oh! Que muito proveito lhe faça! Sabe até ser injusta, não lho levo a mal, é uma qualidade inapreciável em dominadores, senhora.

- Diga-me, parece-lhe, acaso, que eu seja injusta para com a revolução?

- À fé que sim.

- Diz-me que sim, senhor, diz-me que sim?

- Se fosse uma simples cidadã, minha querida Antonieta, não falaria dessa maneira.

- Mas não o sou.

- Aí está o motivo por que a desculpo;

mas isto não quer dizer que a aprove. Não, minha senhora, não, resigne-se; nós subimos ao trono de França numa ocasião de tormenta; precisávamos da força necessária para empurrar para a frente o carro armado de fouces a que chamam revolução, e é precisamente essa força que nos falta.

- Tanto pior para nós! - exclamou Maria Antonieta - porque então passará por cima dos nossos filhos.

- Isso sei eu; mas ao menos não seremos nós que o empurremos.

- Fá-lo-emos recuar, senhor.

- Oh! - disse Gilberto com bastante comoção na voz - tenha cautela, minha senhora! Porque ao recuar poderá esmagá-la.

- Sr. Dr. Gilberto - disse a rainha com impaciência - tenho notado que leva muito longe a franqueza dos seus conselhos.

- Então, calar-me-ei, real senhora.

- Deixe-o falar - disse o rei - a linguagem do doutor é a mesma que empregam há oito dias vinte folhas que por aí se publicam, e se

não é delas que a copiou, é porque não tem querido lê-las. Ainda em cima deve agradecer-lhe o que ele faz, suavizando a amargura das verdades que lhe está dizendo.

Maria Antonieta calou-se.

E logo, com um doloroso suspiro, disse:

- Vou resumir, ou, mais exactamente, vou repetir o que já disse: ir a Paris de seu moto-próprio é o mesmo que sancionar o que ali se tem feito.

- Sim - replicou o rei - bem sei.

- É humilhar e desaprovar o seu exército, que se dispunha a defendê-lo.

- Mas assim se poupará o derramamento de sangue francês - disse o doutor.

- Equivale a declarar que, de ora em diante, a revolta e a violência poderão imprimir à vontade do rei a direcção que mais convier aos revoltosos e aos traidores.

- Minha senhora, parecia-me que tinha tido a bondade de confessar ainda há pouco, que eu tivera a fortuna de convencê-la?

- Sim, confesso que há pouco pareceu

ter-se levantado diante de mim uma ponta do véu. Mas agora, senhor, oh! Agora, vou-me tornando outra vez cega, como diz, e prefiro ver em volta de mim os esplendores a que me acostumam a educação, a tradição e a história; prefiro ver-me sempre rainha, a ser mãe desnaturada desse povo, que me ultraja e me odeia.

- Antonieta! Antonieta! - disse Luís XVI assustado de ver a súbita palidez que acabava de cobrir as faces da rainha, e que não era outra coisa senão o presságio de uma violenta tempestade de cólera.

- Oh! Não, não, senhor, hei-de falar - respondeu a rainha.

- Veja o que faz, minha senhora.

E o rei, ao dizer isto, indicava com um volver de olhos a Maria Antonieta, que se encontrava presente o doutor.

- Ora, o senhor - exclamou a rainha - sabe tudo quanto vou dizer... Até mesmo sabe tudo quanto penso - acrescentou com uma recordação amarga da cena que acabava

de ter lugar entre ela e Gilberto; - e então para que me hei-de constranger? E demais, visto que escolhemos o senhor para confidente, não sei por que razão eu havia de ter dúvida em falar! Vejo que arrebatam a Vossa Majestade, vejo que o arrastam, à semelhança do infeliz príncipe das minhas queridas xácaras alemãs. Onde irá parar? Nem eu sei! Mas temo que nunca mais volte!

- Não tenha esses receios, minha senhora, vou simplesmente a Paris - respondeu Luís XVI.

Maria Antonieta encolheu os ombros.

- Julga talvez que estou louca? - disse ela com voz surdamente irritada. - Vai a Paris, muito bem. Mas quem lhe diz que Paris não é a voragem que eu não vejo, mas que por instinto adivinho? Que certeza tem de que não será morto no tumulto, que necessariamente haverá em volta do rei? Quem sabe donde virá uma bala perdida? Entre cem mil punhos ameaçadores, quem pode saber qual era o que ocultava uma faca?

- Oh! A esse respeito nada deve temer, minha senhora; são meus amigos! - exclamou o rei.

- Oh! Não me diga isso, senhor, que me inspira dó. São seus amigos, e matam, assassinam e despedaçam os homens que o representam sobre a terra, ao senhor, que é o rei! Ao senhor, que é a imagem de Deus! Aquele governador da Bastilha era o seu representante, era a imagem de el-rei. Creia no que lhe digo, que ninguém me acusará de exageração, assim como mataram de Launay, seu valente e fiel servidor, tê-lo-iam morto ao senhor, se o colhessem às mãos em vez dele; e muito mais facilmente ainda do que o mataram a ele, porque o conhecem, e sabem que, em lugar de se defender, receberia o golpe.

- Conclua, pois - disse o rei.

- Pensava ter concluído, senhor.

- Hão-de matar-me?

- Sim senhor.

- Embora.

- E os meus filhos? - exclamou a rainha.

Gilberto pensou que era chegada a ocasião de intervir, e disse:

- Senhora, el-rei há-de ser tão respeitado em Paris, e a sua presença ali há-de ocasionar tais transportes de alegria, que se algum receio tenho, não é por el-rei, é pelos fanáticos, que são capazes de se deixar esmagar debaixo das patas dos seus cavalos, como os faquires da Índia debaixo das rodas do carro do seu ídolo.

- Oh! Senhor, senhor! - exclamou Maria Antonieta.

- A jornada daqui a Paris há-de ser um triunfo, creia Vossa Majestade.

- Mas, senhor, Vossa Majestade não responde!

- É porque me inclino um pouco ao parecer do doutor, minha senhora.

- E está com pressa de gozar do triunfo, não é assim?! - exclamou a rainha.

- Se assim fosse, teria el-rei razão, e a sua impaciência seria uma prova do profundo

conhecimento que tem Sua Majestade dos homens e das coisas. Quanto mais se apressar Sua Majestade, maior será o triunfo.

- Sim? Parece-lhe isso, senhor?

- Estou convencido do que digo, porque el-rei se tardar, arrisca-se a perder todo o benefício da espontaneidade. Considere, Vossa Majestade, que poderá haver quem tome a iniciativa de um pedido, que, aos olhos dos Parisienses, mudaria então a posição de Sua Majestade, fazendo com que em certa maneira obedecesse a uma ordem.

- Vê? - exclamou a rainha; - o doutor confessa que são capazes de querer dar-lhe ordens. Oh! Senhor, atenda no passo que vai dar!

- O doutor não diz que eles ordenarão coisa nenhuma, minha senhora.

- Paciência, paciência! Deixe passar o tempo, senhor, e o pedido, ou, por melhor dizer, a ordem não tardará em chegar, e peremptória.

Gilberto franziu levemente os beiços

com um sentimento de contrariedade que não escapou à rainha, apesar da rapidez com que se lhe apagou no semblante.

- Que foi que eu disse? - murmurou ela;
- pobre louca que sou, falei contra mim mesma!

- Em quê, minha senhora? - perguntou o rei.

- Em pedir-lhe uma espera, que poderá fazê-lo perder o benefício da sua iniciativa; todavia, tenho a pedir-lhe uma espera - disse a rainha.

- Ai, senhora! Senhora! Peça o que quiser, exija tudo, menos isso.

- Antonieta - disse o rei sacudindo a cabeça - jurou a minha ruína, senhora!

- Oh! Senhor - replicou a rainha num tom de queixume que bem patenteava as angústias que lhe oprimiam o coração - como é possível que diga semelhante coisa!

- Então qual é o motivo por que procura demorar esta minha jornada? - perguntou o rei.

- Lembre-se Vossa Majestade que, nas actuais circunstâncias, depende tudo da oportunidade. Atenda ao valor que têm as horas que decorrem em semelhantes momentos, quando um povo enfurecido as vai contando à medida que vibram.

- Hoje não, Sr. Gilberto. Amanhã; oh! Amanhã. Conceda-me Vossa Majestade espera até amanhã, e juro-lhe que não me oporei então à sua jornada.

- É um dia perdido - murmurou o rei.

- Repare Vossa Majestade - disse Gilberto - que são vinte e quatro horas que se perdem.

- Senhor, assim é preciso - disse a rainha com voz suplicante.

- Dê-me uma razão, ao menos? - disse o rei.

- Não tenho outra, senhor, senão a minha desesperação, as minhas lágrimas e os meus rogos.

- Mas daqui até amanhã quem sabe que sucederá? - exclamou o rei, profundamente

consternado por ver a grande aflição da rainha.

- Que pode suceder? - perguntou a rainha olhando para Gilberto com um gesto de súplica.

- Oh! - disse Gilberto - em Paris nada; qualquer esperança, ainda que seja vaga como uma nuvem, bastará para os induzir a esperarem até amanhã; mas...

- Mas daqui é que tem receio, não é verdade? - perguntou o rei.

- Sim, real senhor, é daqui mesmo.

- Por causa da assembléia?

Gilberto acenou com a cabeça.

- A assembléia - prosseguiu o rei - sendo toda composta de homens como o Sr. Monnier, Mirabeau e Sièyes, é capaz de enviar alguma mensagem, que me privará de todo o benefício, da minha disposição.

- Pois melhor será se assim fizerem! - exclamou a rainha com furor - porque então recusará, e não quebrará a sua dignidade de rei; não irá a Paris, e se for preciso morrer

aqui, morreremos, mas como pessoas ilustres e invioláveis que somos; como reis, como senhores, como cristãos que têm fé em Deus, de quem houveram a coroa.

Luís XVI, quando viu aquela exaltação febril da rainha, logo percebeu que não havia remédio senão anuir por então ao que ela pedia.

Fez um sinal a Gilberto, e chegando-se a Maria Antonieta, pegou-lhe na mão.

- Sossegue, minha senhora - disse ele - cumprir-se-á o seu desejo. Sabe muito bem, querida esposa, que nem para salvar a minha vida faria coisa alguma que pudesse desagradar-lhe, porque lhe tenho a legítima afeição de que é credora uma mulher do seu merecimento, e sobretudo da sua virtude.

E Luís carregou nestas palavras com inexprimível nobreza, reabilitando assim a tão caluniada rainha aos olhos de uma testemunha capaz de contar, quando se oferecesse ocasião, o que vira e ouvira.

Esta delicadeza causou profunda

sensação em Maria Antonieta, a qual, apertando a mão do rei entre as suas, respondeu:

- Pois então, até amanhã, senhor; nada mais exigirei, é a última demora, mas peço-lhe isto como uma mercê, de joelhos; amanhã, à hora que lhe aprouver, sou eu que lho juro, partirá para Paris.

- Observe, minha senhora - disse o rei sorrindo-se - que o doutor é testemunha do que está dizendo.

- Vossa Majestade nunca me viu faltar à minha palavra - replicou a rainha.

- Não; todavia confesso uma coisa.

- Qual é?

- É que estou com impaciência de saber qual é o motivo por que me pede vinte e quatro horas de espera, estando, como me parece, resignada a deixar-me ir. Espera porventura alguma notícia de Paris? Alguma notícia da Alemanha? Trata-se de...

- Não me interrogue, senhor.

O rei era curioso da mesma forma que

Fígaro era preguiçoso, com delícias.

- Trata-se da vinda de tropas, de algum reforço, de uma combinação política?

- Senhor! Senhor! - murmurou a rainha em tom de queixa.

- Trata-se talvez?...

- Não se trata de nada - respondeu a rainha.

- Então, é segredo?

- Pois, sim, é um segredo de esposa aflita, mais nada.

- Capricho, não é verdade?

- Pois seja então capricho, se quiser chamar-lhe assim.

- Lei suprema.

- É verdade. Por que não há-de ser na política como na filosofia, por que não há-de ser lícito aos reis o erigirem os seus caprichos políticos em leis supremas?

- Descanse, que lá havemos de chegar a tempo. Pelo que me diz respeito, já se fez o milagre - disse o rei em tom de gracejo. - Portanto, até amanhã.

- Até amanhã - respondeu tristemente a rainha.

- Quer que fique o doutor? - perguntou o rei.

- Oh! Não, não - disse a rainha com uma tal vivacidade que fez sorrir Gilberto.

- Levá-lo-ei então comigo.

Gilberto inclinou-se novamente perante Maria Antonieta, a qual lhe retribuiu o cumprimento mais como mulher do que como rainha.

Depois acompanhou o rei, que se ia encaminhando em direcção para a porta.

- Parece-me - disse o rei ao atravessar a galeria - que está muito bem visto pela rainha, Sr. Gilberto?

- Real senhor - respondeu o doutor - é um favor que devo a Vossa Majestade.

- Viva el-rei! - gritaram os cortesãos, que tinham afluído às antecâmaras.

- Viva el-rei! - repetiu no pátio uma multidão de oficiais e de soldados estrangeiros, que se apinhavam às portas do

paço.

Estas continuadas aclamações, que iam sempre em aumento, fizeram no coração de Luís XVI uma impressão de alegria tal como talvez ele nunca tivesse experimentado em iguais ocasiões, apesar de serem tão repetidas.

Quanto à rainha, essa, assentada como ficara junto da janela, onde tinha acabado de passar por tão terríveis provas, quando ouviu os gritos de dedicação e amor que saudavam o rei na sua passagem, e que repercutiam em distância por baixo dos pórticos e do frondoso arvoredado, disse:

- Viva el-rei! Oh! Sim, viva el-rei! Há-de viver o teu rei, a despeito de ti, infame Paris! Voragem odiosa, abismo ensangüentado, não engolirás mais esta vítima!... Hei-de arrancá-la, e há-de ser com este braço tão fraco, tão magro, que neste momento te ameaça e te vota à execração do mundo e à vingança de Deus!

E ao dizer estas palavras, com uma

violência de ódio capaz de atemorizar os mais furiosos amigos da revolução, se tivessem podido vê-la e ouvi-la, a rainha estendeu na direcção de Paris o seu débil braço, que alvejava no centro das rendas que lhe guarneciam a manga, como uma espada que sai da bainha.

Depois chamou a Sr^a. Campan, que era a criada em quem tinha mais confiança, e fechou-se no gabinete, dando ordem para que não deixassem entrar pessoa alguma.

O plastrão

No dia seguinte nasceu, brilhante e puro como na véspera, um sol resplandecente, que dourava os mármore e a areia dos jardins de Versalhes.

Os pássaros, agrupados aos milhares nas primeiras árvores da tapada, saudavam, com o chilrear atroador, a vinda de mais um dia de calor e alegria destinado aos seus amores.

A rainha, que já estava de pé às cinco horas da manhã, mandou pedir a el-rei que fosse aos aposentos dela logo que se levantasse.

Luís XVI, que ficara algum tanto cansado por ter recebido na véspera uma deputação da assembléia, à que lhe fora forçoso responder, - era já a época dos discursos -, dormira até um pouco mais tarde,

para se restabelecer das suas fadigas, e para que se não dissesse que defraudava a natureza do que lhe pertencia.

Acabara de se vestir, e estava afivelando a espada, quando lhe comunicaram o pedido da rainha; franziu ligeiramente o sobrolho, e exclamou:

- Pois quê! A rainha já está levantada?

- Há muito tempo, real senhor.

- Está doente?

- Não, real senhor.

- E o que me quer a rainha logo de madrugada?

- Sua Majestade não o disse.

O rei tomou um primeiro almoço, que se compunha de um caldo com um pouco de vinho, e encaminhou-se para o aposento de Maria Antonieta.

Achou a rainha já vestida, como se estivesse pronta para a cerimónia, bela, pálida, imponente. Recebeu o marido com o frio sorriso que lhe brilhava nas faces como sol de inverno, quando nas grandes recepções

da corte lhe era indispensável animar com os seus raios a multidão.

O rei não reparou na tristeza do olhar nem no sorriso da rainha. Apenas o preocupava uma única coisa, e era a resistência provável, que ia opor Maria Antonieta à execução do projecto apresentado na véspera.

- Temos algum novo capricho - pensou ele.

Era este o motivo por que franzia o sobrolho.

A rainha confirmou-o nesta opinião com as primeiras palavras que proferiu.

- Senhor - disse ela - tenho reflectido seriamente desde ontem.

- Bom, chegámos ao ponto - exclamou o rei.

- Peço-lhe que mande retirar quem não for da sua intimidade.

O rei, bem contra sua vontade, ordenou aos seus oficiais que se retirassem.

Só a Sr^a. Campan, uma das criadas da

rainha, ficou junto de Suas Majestades.

A rainha então, apoiando as mãos delicadas no braço do rei, disse:

- Por que está já inteiramente vestido? É mal feito!

- Como? Mal feito, por quê?

- Não lhe tinha mandado pedir que não se vestisse antes de vir por aqui? Vejo-o de casaca e espadim. Esperava que viesse de chambre.

O rei olhou para a rainha muito admirado.

O capricho da princesa despertava nele imensidade de idéias singulares, que por serem novas ainda tornavam a inverosimilhança maior.

A primeira impressão foi de desconfiança e receio.

- Que tem? - disse ele para a rainha - quer acaso demorar ou impedir o que ontem convencionámos?

- De forma nenhuma, senhor.

- Desejo que acabe a zombaria em

assunto de tanta gravidade. Devo, e quero ir a Paris; nem já posso dispensar-me desta jornada. O estado já foi mandado aprontar, e as pessoas que hão-de acompanhar-me estão designadas desde ontem à noite.

- Senhor, nada exijo, mas...

- Considere - disse o rei animando-se gradualmente, para ter força de resistir - considere que a notícia da minha jornada a Paris já deve ter chegado aos ouvidos dos Parisienses, que estão provavelmente preparados para me receber; que os sentimentos favoráveis, que esta jornada tem excitado nos espíritos, segundo se diz, podem transformar-se em desastrosa hostilidade. Considere finalmente...

- Porém, senhor, eu não contesto isso que me faz a honra de dizer; resignei-me ontem, resignada estou hoje.

- Então, senhora, para que servem esses preâmbulos?

- Mas eu faço preâmbulos?

- Perdão; mas para que foram essas

perguntas a respeito do meu vestuário e dos meus projectos?

- A respeito do vestuário, isso sim - replicou Maria Antonieta, tentando mostrar novamente o mesmo sorriso, o qual, a poder de ser forçado, se tornava cada vez mais fúnebre.

- Que tem que dizer ao meu vestuário?

- Queria, senhor, que despisse a casaca.

- Não lhe parece decente? É uma casaca de seda, de cor roxa. Os Parisienses estão acostumados a ver-me neste traje; gostam de me ver vestido desta cor, sobre a qual, de mais a mais, diz muito bem a grã-cruz azul. A senhora mesma mo tem afirmado bastantes vezes.

- Não tenho que fazer objecção alguma à cor da sua casaca, senhor.

- Pois então...

- É o forro.

- Na verdade está-me fazendo cismar com esse eterno sorriso... O forro?... Que gracejo!

- Eu não gracejo, infelizmente.

- Bom, agora está apalpando a minha véstia! Também lhe desagrada? É de tafetá branco e preto, cuja guarnição foi bordada pelas suas mãos; é uma das minhas véstias predilectas.

- Nada tenho que dizer da véstia.

- É bem singular! Será a tira, ou a camisa de cambraia bordada, que tanto a impressiona? Pois não queria que me vestisse com mais esmero para ir ver a minha boa cidade de Paris?

Um sorriso amargo assomou aos lábios da rainha; o beijo inferior sobretudo, aquele que tanto criticavam na Austríaca, engrossou e cresceu, como entumecido por todos os venenos do ódio e da cólera.

- Não - disse ela - não é o apuro do seu traje que censuro, senhor, é unicamente o forro, só o forro.

- O forro da minha camisa bordada! Ah! Peço-lhe que se explique.

- Pois bem! Eu me explico; o rei mal

visto, detestado, que vai lançar-se no meio de setecentos mil Parisienses ébrios dos seus triunfos e das suas idéias revolucionárias, não é decerto um príncipe da idade média, e contudo deveria entrar hoje em Paris coberto com uma boa couraça de ferro, e tendo na cabeça um elmo de rijo aço de Milão; deveria tomar as cautelas precisas para que nem uma bala, nem uma flecha, nem uma pedra, nem uma faca pudesse ofender-lhe a pele.

- Isso que diz é verdade - replicou Luís XVI pensativo - porém, minha querida amiga, como não me chamo nem Carlos VII, nem Francisco I, nem Henrique IV, como a monarquia de hoje só traja veludo e seda, irei indefeso, com a minha casaca de seda, ou para melhor dizer, irei com um alvo que poderá servir às balas. Levo o crachá das ordens sobre o coração.

A rainha reprimiu a custo um gemido.

- Senhor - disse ela - já começamos a entender-nos. Vai ver que a sua esposa não está gracejando.

Fez um sinal à Sr^a. Campan, que tinha ficado no fundo do quarto, a qual tirou de uma gaveta da cómoda da rainha um objecto de forma larga, chata e oblonga, coberto com uma capa de seda.

- Senhor - disse a rainha - o coração de el-rei pertence em primeiro lugar à França, é verdade, mas estou convencida que também pertence à sua esposa e aos seus filhos. Não quero que esse coração esteja exposto às balas inimigas. Tomei as minhas medidas para livrar do perigo o meu esposo, o meu rei, o pai de meus filhos.

Ao mesmo tempo que dizia estas palavras ia desembrulhando da seda que o cobria, um colete de finas malhas de aço encadeadas com arte tão maravilhosa, que mais parecia um estofa árabe, tal era a perfeição com que o ponto do tecido imitava o ondeado da seda e tal era a flexibilidade e elasticidade da urdidura.

- Que é isto? - perguntou o rei.

- Observe.

- É um colete, se não me engano.
 - Não há dúvida.
 - Um colete que abotoa até ao pescoço.
 - Com uma golinha destinada, como vê,
- a servir de forro à gola da véstia ou à gravata.

O rei pegou no colete e examinou-o com muita curiosidade.

A rainha não cabia em si de contente, por ver a benévola atenção com que el-rei procedia ao exame.

Figurou-se-lhe que o rei estava contando com prazer cada uma das malhas daquela rede admirável, que cedia à pressão dos seus dedos com a maleabilidade de uma meia de lã.

- Na realidade - disse ele - é admirável este aço.

- Não é verdade?
- É milagrosamente trabalhado.
- Não é assim?
- Não imagino como foi que pôde conseguir isto.
- Comprei-o ontem à noite a um homem

que mo tinha oferecido, há já muito tempo, para o caso de entrar em campanha.

- É admirável! É admirável! - exclamou o rei, examinando-o como artista.

- E há-de assentar-lhe que nem um colete feito pelo seu alfaiate.

- Oh! Pois parece-lhe isso?

- Experimente.

O rei não respondeu, e despiu ele mesmo a casaca.

A rainha tremia de contentamento; ajudou Luís XVI a tirar a grã-cruz, e a Sr^a. Campan acabou de o despir.

Entretanto, o rei tirava o espadim da cinta. Quem naquele momento tivesse podido contemplar o rosto da rainha, tê-lo-ia visto radiante de suprema felicidade.

O rei deixou desatar a gravata, por baixo da qual as mãos delicadas da rainha introduziram a gola de aço.

Em seguida, a própria Maria Antonieta prendeu os colchetes do colete, que se cingia admiravelmente à forma do corpo, defendia

as cavas, e era todo forrado de anta muito fina, destinada a evitar a pressão do aço sobre as carnes.

O colete descia mais abaixo do que uma couraça e defendia todo o corpo.

A camisa e a véstia, postas por cima, encobriam-no completamente. Não aumentava nem sequer meia linha a grossura do corpo e deixava os movimentos perfeitamente desembaraçados.

- É muito pesado? - perguntou a rainha.

- Não.

- Vê, meu rei, que maravilha, não é verdade? - disse a rainha batendo palmas para a Sr^a. Campan, que acabava de abotoar as mangas do rei.

A Sr^a. Campan manifestou a sua satisfação tão ingenuamente como a rainha.

- Salvei o meu rei! - exclamou Maria Antonieta. - Experimente esta couraça invisível, coloque-a sobre uma mesa, tente abri-la com uma faca, tente furá-la com uma bala, experimente! Experimente!

- Oh! - disse o rei em tom de quem duvida.

- Experimente! - repetiu ela com o mesmo entusiasmo.

- Não se me daria de o fazer por curiosidade - disse o rei.

- Não o faça, é escusado.

- Pois quê! É escusado que lhe prove a excelência da sua descoberta?

- Ah! Aí está como são os homens todos! Julga porventura que eu teria confiança nas asserções de outrem, de um indiferente, quando se tratava da vida do meu esposo, da salvação da França?

- Parece-me, contudo, que foi o que fez, Antonieta, fiou-se no que lhe disseram.

A rainha abanou a cabeça com uma adorável obstinação.

- Pergunte - disse ela apontando para a criada, que estava presente - pergunte a esta boa Campan o que fizemos esta manhã.

- Que foi, então? - perguntou o rei significando a maior curiosidade.

- Esta manhã, que estou eu dizendo? Esta madrugada, como duas loucas, despedimos os criados todos e fomos fechar-nos no quarto dela, que é muito afastado, pois fica lá no fundo da divisão dos pajens; estes, como sabe, partiram ontem para o quartel de Rambouillet. Certificámo-nos de que ninguém poderia surpreender-nos antes de termos executado o nosso projecto...

- Jesus! Assusta-me na verdade. Quais eram então os projectos dessas duas Judites?

- Judite fez menos do que nós - disse a rainha - e sobretudo menos bulha. Se não fosse isso, a comparação seria bem achada. Campan levava o saco que continha este peito de armas; eu tinha na mão uma comprida faca de mato alemã de meu pai, ferro infalível com que ele matou um sem-número de javalis.

- Judite! Sempre Judite! - exclamou o rei rindo-se.

- Oh! Judite não levava uma pesadíssima pistola como a que eu tirei do

seu cabide de armas e que mandei carregar por Weber.

- Uma pistola!

- Sim, senhor. Oh! Se nos visse! Quase às escuras, assustadas, estremecendo à menor bulha, ocultando-nos às vistas indiscretas, e caminhando como dois ratinhos gulosos pelos corredores desertos...

“Campan fechou três portas e calafetou a última, pendurámos o peito de armas na parede depois de o enfiarmos no manequim que serve para pendurar os meus vestidos: e eu, com a mão bem firme, atirei uma estocada à couraça; a folha dobrou-se, saltou-me fora da mão, e foi cravar-se no sobrado, com grande susto nosso.”

- Safa! - disse el-rei.

- Ainda não é tudo.

- E não fez buraco algum na rede? - perguntou com curiosidade de artista.

- Espere, que ainda não acabei. Campan apanhou a faca, e disse-me: “Vossa Majestade não tem suficiente força, e a sua mão talvez

tremesse; eu hei-de dar a estocada com mais vigor; quer ver?" Empunhou pois a faca, e atirou ao manequim pendurado na parede uma estocada tão bem aplicada, que a minha pobre folha alemã partiu-se como vidro de encontro às malhas. Olhe, aqui estão os dois bocados; quero mandar fazer um punhal com estes restos.

- Oh! Isso parece fabuloso - disse o rei; - e não ficou brecha nenhuma?

- Uma arranhadura num dos elos superiores, e note que são três sobrepostos que formam o tecido.

- Desejava ver isso.

- Logo verá.

E a rainha começou a despir o rei com toda a pressa, para lhe fazer admirar quanto antes a sua idéia e as suas proezas.

- Eis aqui um sítio algum tanto deteriorado, segundo me quer parecer - disse o rei, indicando com o dedo uma depressão produzida numa superfície de uma polegada, pouco mais ou menos.

- É da bala da pistola.

- Como! Pois atirou um tiro de bala?

- Já lhe mostro a bala achatada, e negra ainda. Olhe; julga agora que não esteja segura a sua existência?

- É um anjo tutelar - disse o rei. E começou com todo o vagar a desacolchetar o colete, para observar melhor os vestígios da punhalada e do tiro de pistola.

- Imagine qual seria o meu susto, querido rei - disse Maria Antonieta, quando chegou a ocasião de desfechar o tiro de pistola sobre a couraça. - Não era somente por causa daquele horrível estrondo, que tanto medo me fez, mas também porque se me afigurava que dando um tiro no colete destinado a protegê-lo, era em si mesmo que o dava; tinha receio de o ferir, e receava ao mesmo tempo fazer um furo nas malhas, porque então o meu trabalho, as minhas fadigas e a minha esperança ficavam de todo aniquilados.

- Querida esposa - disse Luís XVI

acabando de desacolchetar o colete - quanto
lhe sou grato!

E pôs o peito de armas em cima de uma
mesa.

- Então! Que está fazendo? - perguntou a
rainha.

E, pegando no colete, tornou a
apresentá-lo ao rei.

Porém ele, com um sorriso, cheio de
graça e de nobreza, disse:

- Não, não quero, obrigado.

- Rejeita? - exclamou a rainha.

- Rejeito, sim.

- Oh! Considere no que faz, senhor!

- Real senhor! - disse em tom de súplica
a Sr^a. Campan.

- Atenda a que disto depende a sua
salvação, a sua vida!

- Pode ser - replicou o rei.

- Recusa o auxílio que Deus mesmo quis
enviar-nos?

- Basta, basta! - disse o rei,

- Oh! Pois recusa? recusa?

- Sim, recuso.

- Quer que o matem?

- Minha querida, quando os cavaleiros deste século vão à guerra, levam casaca de pano sobre o colete e a camisa, o que lhes serve para aparar as balas; quando têm algum lance de honra, despem-se e ficam só com a camisa, e isto basta para os defender de uma espada. Sou o primeiro cavaleiro do meu reino; não hei-de fazer mais nem menos do que fazem os meus amigos. Direi mais: aonde eles vão vestidos de pano, eu tenho direito de ir vestido de seda. Obrigado, minha querida esposa, obrigado, minha boa rainha, obrigado.

- Ah! - exclamou a rainha desesperada e entusiasmada ao mesmo tempo - Quem me dera que o seu exército o ouvisse!

Quanto ao rei, esse tinha acabado de se vestir muito sossegadamente, sem dar mostras de ligar importância alguma ao acto de heroísmo que havia praticado.

- Quem dirá ainda que está perdida -

murmurou a rainha - uma monarquia que
tem destes orgulhos em semelhante
momento!

XXXVI

A partida

O rei, ao sair dos quartos da rainha, achou-se imediatamente cercado por todos os oficiais e mais pessoas da sua casa, que tinham sido por ele designadas para o acompanharem na sua jornada a Paris.

Eram os srs. de Beauvau, de Villeroy, de Nesle e d'Estaing.

Gilberto esperou, confundido na multidão, que Luís XVI o avistasse, quando mais não fosse para lançar sobre ele, ao passar, uma vista de olhos.

Era evidente que toda aquela gente duvidava ainda, e que ninguém acreditava que fosse levada a efeito a decisão tomada.

- Partiremos depois do almoço, meus senhores - disse o rei.

E, vendo Gilberto, prosseguiu:

- Ah! Está aí, doutor? Muito bem. Sabe

que o levo comigo?

- Estou às ordens de Vossa Majestade.

Em seguida o rei foi ouvir missa com todos os oficiais da sua casa, e, pela volta das nove horas, assentou-se à mesa.

O almoço foi servido com o costumado cerimonial; a rainha, que desde a missa estava com os olhos entumecidos e vermelhos, se bem que não comesse, quis assistir ao almoço de el-rei, para assim poder permanecer por mais tempo em companhia dele.

Trouxera consigo os dois filhos, os quais, comovidos provavelmente pelos conselhos maternos, lançavam vistas inquietas ora para o rosto do pai, ora para a chusma de oficiais e guardas.

De vez em quando, enxugavam, por ordem da mãe, uma lágrima que lhes despontava das pálpebras, e este espectáculo excitava a compaixão de alguns, a cólera de outros, e enchia de dor toda aquela reunião.

O rei comeu estoicamente. Falou várias

vezes a Gilberto sem olhar para ele; conversou quase constantemente com a rainha, e sempre com profundo affecto.

Finalmente deu as instruções aos generais.

Estava acabando de almoçar, quando vieram dar-lhe parte de que se avistava, na extremidade da grande alameda que termina na Praça de Armas, uma forte coluna de homens a pé, que vinham do lado de Paris.

No mesmo instante, os oficiais e guardas saíram da sala a correr, o rei ergueu a cabeça, olhou para Gilberto, mas, como o visse sorrir, continuou a comer tranquilamente.

A rainha empalideceu, e voltou-se para o Sr. de Beauvau, pedindo-lhe que fosse saber o que era.

O Sr. de Beauvau saiu apressadamente.

A rainha caminhou para a janela.

Passados cinco minutos, voltou o Sr. de Beauvau.

- Senhor - disse ele ao voltar - são os guardas nacionais de Paris que, logo que na

capital houve notícia do projecto que Vossa Majestade tinha formado de ir ver os Parisienses, reuniram-se em número de dez mil para virem ao encontro de Vossa Majestade, e ao ver que lhes tardava, marcharam até Versalhes.

- Que tenções lhe parecem as deles? - perguntou o rei.

- As melhores do mundo - respondeu o Sr. de Beauvau.

- Não importa - disse a rainha - mas em todo o caso feche as grades.

- Não faça tal - acudiu o rei; - basta que se conservem fechadas as portas do paço.

A rainha franziu o sobrolho e olhou furtivamente para Gilberto.

Este já esperava aquele olhar da rainha, porque metade da sua predição estava realizada. Prometera que haviam de aparecer vinte mil homens, e já ali estavam dez mil.

O rei, voltando-se para o Sr. de Beauvau, disse:

- Ordene que dêem de beber a essa boa

gente.

O Sr. de Beauvau desceu segunda vez e transmitiu as ordens do rei aos despenseiros.

Depois voltou acima.

- E então? - perguntou o rei.

- Real senhor, os Parisienses encetaram uma renhida discussão com a guarda.

- Pois quê! - disse o rei - temos discussão?

- Oh! É de simples cortesia. Como souberam que el-rei parte daqui a duas horas, querem esperar pela partida de el-rei e marchar logo atrás do coche de Sua Majestade.

- Mas - perguntou então a rainha - eles estão a pé, segundo creio!

- Estão, sim, minha senhora.

- É que el-rei vai numa carruagem tirada por cavalos, que decerto hão-de andar muito mais do que eles... Sabe muito bem, Sr. de Beauvau, que el-rei costuma ir muito depressa.

Estas palavras assim acentuadas

significavam:

- Ponham asas, se puderem, à carruagem de Sua Majestade.

O rei fez com a mão um gesto para pôr termo ao colóquio.

- Irei a passo - disse ele.

A rainha soltou um suspiro, que se assemelhava a um grito de cólera.

- Não é justo - acrescentou Luís XVI com serenidade - que eu faça correr atrás de mim esta boa gente, que se incomodou para me obsequiar. Portanto, irei a passo, e até a passo curto, para que todos me possam acompanhar mais facilmente.

A assembléia mostrou a sua admiração por um murmúrio aprovativo; mas ao mesmo tempo apareceu nalguns semblantes o reflexo da desaprovação que se manifestava nas feições da rainha, e que revelava tanta bondade de alma, quanto fraqueza de ânimo.

Abriu-se naquele momento uma janela.

A rainha voltou-se, admirada: era Gilberto, que na sua qualidade de médico,

usava de seu direito mandando abrir a vidraça para renovar o ar da casa de jantar, que o cheiro da comida e a respiração de mais de cem pessoas haviam tornado demasiado denso.

O doutor colocou-se por detrás das cortinas da janela aberta, pela qual se ouvia o som das vozes da multidão reunida no pátio.

- Que é aquilo? - perguntou o rei.

- Meu senhor - respondeu Gilberto - são os guardas nacionais que se acham no pátio, expostos ao ardor do sol, e que devem estar com muita calma.

- Por que não os convida o rei a virem almoçar com eles? - disse a rainha devagarinho para um dos oficiais favoritos.

- É preciso levá-los para a sombra, metê-los no pátio de mármore, nos vestíbulos, em toda a parte onde houver alguma fresquidão - disse o rei.

- Dez mil homens nos vestíbulos! - exclamou a rainha.

- Bem repartidos por toda a parte, hão-

de caber - disse o rei.

- Repartidos por toda a parte! - disse Maria Antonieta; - visto isso, senhor, quer ensinar-lhes o caminho do seu quarto de dormir?

Foi como que uma profecia do acontecimento que havia de realizar-se em Versalhes antes de três meses.

- Trazem consigo muitas crianças, minha senhora - observou respeitosamente Gilberto.

- Crianças? - replicou a rainha.

- Sim, minha senhora, muitos deles trouxeram consigo os filhos como para um passeio. Os pequenos estão vestidos de guardas nacionais, tal é o entusiasmo com que foi acolhida a nova instituição.

A rainha abriu a boca, mas abaixou imediatamente a cabeça.

Ocorrera-lhe um dito bondoso, porém o orgulho e o ódio tinham-na detido.

Gilberto olhou atentamente para ela.

- Coitadas das pobres crianças! - exclamou o rei - quem traz os filhos consigo,

não deseja fazer mal a um pai de família; é mais uma razão para pôr à sombra os pobres pequenos. Mande-os entrar, mande-os entrar.

Gilberto então, sacudindo levemente a cabeça, pareceu dizer à rainha, que ficara silenciosa:

- Aí está, senhora, o que Vossa Majestade deveria ter dito; eu bem lhe proporcionei o ensejo. As palavras seriam repetidas, e ganharia com elas dois anos de popularidade.

A rainha entendeu a muda linguagem de Gilberto e subiu-lhe a cor ao rosto.

Conheceu o erro que cometera e desculpou-se logo por um sentimento de orgulho e de resistência, que transluzia no olhar que lançou a Gilberto em resposta ao seu. Entretanto, o Sr. de Beauvau cumpria para com os guardas nacionais as determinações do rei.

Ouviram-se então gritos de alegria, e as bênçãos daquela multidão armada, admitida no interior do paço em observância das

ordens reais.

O som das aclamações, dos votos e dos vivas subiu, como denso turbilhão, até aos ouvidos dos dois cônjuges, sossegando-os acerca das disposições daquele Paris, que tanto temiam.

- Meu senhor - disse o senhor de Beauvau - qual é a ordem em que Vossa Majestade determina que marche a sua comitiva?

- E a discussão da guarda nacional com os meus oficiais?

- Oh! Meu senhor, já terminou. Aquela boa gente considera-se tão feliz, que diz: “Iremos no lugar que nos designarem”. O rei é tanto nosso como dos outros, em toda a parte onde for, sempre será nosso.

O rei olhou para Maria Antonieta. Nos lábios desdenhosos da rainha via-se um sorriso irónico.

- Diga aos guardas nacionais - replicou Luís XVI - que marchem no lugar que mais lhes agradar.

- Vossa Majestade - disse a rainha - não deve esquecer que o direito inalienável dos seus guardas é de lhe cercarem o coche.

Os oficiais, vendo que o rei parecia irresoluto, aproximaram-se para apoiarem a rainha.

- Assim é, não há dúvida - disse o rei. - Pois bem! Veremos.

O Sr. de Beauvau e o Sr. de Villeroy saíram para tomarem os seus lugares e darem as ordens necessárias.

Estavam dando dez horas em Versalhes.

- Muito bem - disse o rei - amanhã trabalharei. Essa honrada gente não deve esperar.

O rei levantou-se.

Maria Antonieta abriu os braços e foi abraçar o rei. As duas crianças agarraram-se a chorar ao pescoço do pai. Luís XVI, enternecido, procurou subtrair-se-lhes brandamente aos abraços: queria ocultar-lhes a comoção que sentia próxima a trasbordar.

A rainha detinha todos os oficiais,

agarrava a um pelo braço, a outro pela espada.

- Senhores! Senhores! - dizia ela.

E esta eloqüente exclamação era para lhes recomendar o rei, que acabava de descer a escada.

Todos levaram a mão ao coração ou à espada.

A rainha sorriu-se, para lhes agradecer.

Gilberto ficou atrás de todos.

- Foi o senhor quem aconselhou esta jornada ao rei - disse a rainha - foi o senhor quem o resolveu a ir, apesar dos meus rogos. Lembre-se de que assumiu uma responsabilidade terrível perante uma esposa e perante uma mãe!

- Bem sei, real senhora - respondeu friamente Gilberto.

- E há-de tornar a trazer-me o rei são e salvo! - disse a rainha com gesto solene.

- Sim, real senhora.

- Lembre-se de que a sua cabeça me responde por ele!

Gilberto inclinou-se.

- Lembre-se de que joga a sua cabeça! – repetiu Maria Antonieta com a autoridade ameaçadora e desapietada de uma rainha absoluta.

- Pela minha cabeça afianço o rei, sim, senhora - replicou Gilberto tornando a inclinar-se - se bem que eu olharia semelhante penhor como refém de mui pouco valor, se julgasse que algum perigo ameaça o rei; porém, como já disse, real senhora, é a um triunfo que hoje vou conduzir Sua Majestade.

- Quero ter notícias do rei de hora a hora – acrescentou a rainha.

- Tê-las-á, minha senhora.

- Parta, senhor, ouço rufar os tambores; o rei vai pôr-se a caminho.

Gilberto cortejou, e saindo pela escada principal, encontrou-se cara a cara com um ajudante de ordens da casa do rei, que vinha buscá-lo de mandado de Sua Majestade.

Fizeram-no subir para uma carruagem

que pertencia ao Sr. de Beauvau, por isso que o grão-mestre de cerimônias não consentira que ele tomasse lugar num dos coches da casa real, em consequência de não ser de provada nobreza.

Gilberto sorriu-se quando se viu sozinho dentro daquela carruagem de brasão cujo dono ia a cavalo junto da portinhola do coche real.

Depois veio-lhe à idéia que fazia uma figura ridícula ocupando assim uma carruagem de coroa e brasão.

Ainda lhe durava o escrúpulo, quando no meio dos guardas nacionais, que cercavam os coches, ouviu estas palavras proferidas por indivíduos, que se debruçavam com curiosidade para o verem:

- Ah! Aquele é o príncipe de Beauvau!

- O quê? - disse um camarada - estás enganado.

- Digo-te que sim, porque o coche tem as armas do príncipe.

- As armas! As armas! Isso nada faz ao

caso.

- Então que significam as armas?

- Significam que se a carruagem tem as armas do Sr. de Beauvau, é o Sr. de Beauvau quem vai dentro.

- O Sr. de Beauvau é algum patriota? - perguntou uma mulher.

- Parece-me que não - disse o guarda nacional.

Gilberto tornou a sorrir-se.

- Torno a dizer-te - replicou o primeiro contraditor - que não é o príncipe; o príncipe é gordo, aquele é magro; o príncipe traz farda de comandante da guarda real, aquele está de casaca preta; é o mordomo.

A pessoa de Gilberto, desfigurada por esta qualificação pouco lisonjeira, foi acolhida com um murmúrio algum tanto descortês.

- Não, ou os diabos me levem! - gritou uma voz grossa, cujo som fez estremecer Gilberto.

Era a voz de um homem que foi abrindo caminho com os cotovelos e com os punhos

até chegar ao pé da carruagem.

- Não, nem é o Sr. de Beauvau, nem o seu mordomo; é um valente e famoso patriota, e até o mais famoso dos patriotas. Olá! Sr. Gilberto, que demónio faz aí dentro desse coche de príncipe?

- Olá! É o tio Billot? - exclamou o doutor.

- Boa dúvida! Lá me escapava a mim esta função! - respondeu o lavrador.

- E Pitou? - perguntou Gilberto.

- Oh! Esse também não está muito longe. Olá! Pitou, chega cá; vamos, passa.

Pitou, mal ouviu o convite, trabalhou logo energicamente com os ombros para chegar ao pé de Billot, e foi cumprimentar Gilberto com admiração.

- Bons dias, Sr. Gilberto - disse ele.

- Bons dias, Pitou, bons dias, meu amigo.

- Gilberto! Gilberto! Que homem será aquele? - perguntava a multidão.

- Vejam lá o que é a glória! - pensava o doutor. - Em Villers-Cotterets não há

ninguém que me não conheça; mas em Paris... Viva a popularidade!

Apeou-se do coche, que seguiu para diante a passo, e enfiando o braço no de Billot, foi caminhando a pé no meio do povo.

Contou então em poucas palavras ao lavrador a sua visita ao paço de Versalhes, e as disposições favoráveis em que estava o rei e a família real. Fez dentro em alguns minutos uma tal propaganda de realismo no grupo em que ia, que aquela honrada gente, ainda susceptível de boas impressões, entusiasmou-se ingenuamente; e prorrompeu num imenso grito de “viva o rei!” o qual, engrossado pelas fileiras que marchavam na frente, foi atordoar os ouvidos de Luís XVI.

- Quero ver o rei - disse Billot electrizado - preciso vê-lo de perto. Foi para isso que andei todo este caminho. Quero, pela cara, formar o meu juízo a respeito dele. Aposto que há-de ter um olhar de homem de bem. Aproximemo-nos, aproximemo-nos, Sr. Gilberto, quer fazer-me esse favor?

- Espere, que facilmente o conseguiremos - disse Gilberto - pois vejo um ajudante de ordens do Sr. de Beauvau que anda em procura de alguém para este lado.

Com efeito, um cavaleiro, dirigindo o cavalo com a maior cautela pelo centro daqueles grupos de peões cansados, mas alegres, procurava chegar à portinhola da carruagem, de que se tinha apeado Gilberto.

Gilberto chamou-o.

- Diga-me, senhor, não é do doutor Gilberto que anda em procura? - perguntou ele.

- Dele mesmo - respondeu imediatamente o ajudante de ordens.

- Pois então sou eu.

- Bem. O Sr. de Beauvau manda-o chamar por ordem de Sua Majestade.

Estas palavras sonoras fizeram abrir os olhos de Billot, e as fileiras da multidão; Gilberto aproveitou a aberta, e acompanhado de Billot e de Pitou foi seguindo o cavaleiro, que repetia:

- Abram caminho, senhores, abram caminho; deixem passar, em nome de Sua Majestade, senhores, deixem passar.

Gilberto chegou em breve à portinhola do coche real, o qual ia caminhando com o passo vagaroso dos bois da época merovingiana.

XXXVII

A jornada

Ora empurrando, ora empurrados, mas seguindo sempre o ajudante de ordens do Sr. de Beauvau, Gilberto, Billot e Pitou chegaram finalmente junto do coche, no qual o rei, acompanhado dos srs. d'Estaing e de Villequier, caminhava vagarosamente no meio de uma chusma de gente, que ia em contínuo aumento.

Era um espectáculo curioso, inaudito e desconhecido o que então pela primeira vez se dava. Todos os guardas nacionais do campo, soldados improvisados, corriam com gritos de alegria a ver passar o rei, vitoriavam-no, abençoavam-no, diligenciavam mostrar-se-lhe, e em vez de voltarem para as suas casas, tomavam lugar na comitiva acompanhando a marcha do rei.

Por que motivo? Ninguém poderia dizê-

lo; seria ao instinto que obedeciam? Já tinham visto, mas queriam tornar a ver aquele rei adorado.

É preciso notar que naquela época, era Luís XVI um rei adorado, a quem os Franceses teriam levantado altares, se não fora o profundo desprezo que o Sr. de Voltaire lhes tinha inspirado pelos altares.

Portanto, se Luís XVI os não teve, foi unicamente porque os espíritos fortes tinham por ele demasiada estima naquele tempo para o fazerem passar por uma tal humilhação.

Luís XVI avistou Gilberto encostado ao braço de Billot; atrás deles marchava Pitou, arrastando sempre o seu imenso sabre.

- Ah! Doutor, que lindo tempo e que belo povo! - exclamou o pobre monarca.

- É como vê, real senhor - replicou Gilberto.

E em seguida, debruçando-se para o rei:

- Então! Que tinha eu prometido a Vossa Majestade?

- Sim, senhor, sim, e cumpriu dignamente a sua palavra, senhor.

O rei ergueu a cabeça, e disse, com a intenção de que o ouvissem:

- Vamos caminhando muito devagar, mas parece-me que andamos ainda demasiadamente apressados para o muito que hoje há que ver.

- Todavia, meu senhor - disse o Sr. de Beauvau - Vossa Majestade anda, no passo em que vamos, uma légua em três horas. Difícil será caminhar mais vagarosamente.

Com efeito, os cavalos paravam a cada instante; era uma contínua permutação de discursos e réplicas; os guardas nacionais *fraternizavam* (a palavra havia pouco que tinha sido inventada) com os guardas de Sua Majestade.

- Ah! - dizia Gilberto, consigo, contemplando filosoficamente tão curioso espectáculo - eles que *fraternizam* com os guardas, é porque antes de serem amigos eram inimigos.

- Sabe que mais, Sr. Gilberto - dizia Billot a meia voz - fartei-me de observar o rei, e estive ouvindo-o com toda a atenção. Pois sou de parecer que o rei é um homem de bem.

E o entusiasmo que animava Billot fez com que ele acentuasse estas últimas palavras de maneira tal, que o rei e o estado-maior as ouviram.

Os do estado-maior desataram a rir.

O rei sorriu-se, e com um aceno de cabeça, disse:

- Aí está um elogio que me agrada!

Estas palavras foram proferidas num tom de voz suficientemente elevado para que Billot as ouvisse.

- Oh! Tem razão, real senhor, porque é cumprimento que não faço a toda a gente - replicou Billot entrando sem-cerimónia de conversa com o seu rei, como Michaud com Henrique IV.

- Isso ainda mais me lisonjeia - disse o rei muito enleado por não saber de que forma

havia de conservar a sua dignidade de rei e falar ao mesmo tempo com a afabilidade de um bom patriota.

O pobre príncipe, coitado! Ainda não se tinha acostumado ao título de *rei dos Franceses*.

Julgava que se chamava ainda *rei de França*.

Billot, arrebatado de alegria, não se deu ao incómodo de reflectir se Luís no ponto de vista filosófico, acabava de abdicar o título de rei para tomar o título de homem. Billot, sentindo o quanto aquela linguagem se assemelhava à simplicidade rústica, gloriava-se de entender tão facilmente um rei e de ser por ele entendido.

Por isso, daquêle instante em diante, o tio Billot continuou a entusiasmar-se cada vez mais. Bebia nas feições do rei, segundo a expressão de Virgílio, um ardente amor da realza constitucional, e comunicava-o a Pitou, o qual, trasbordando do seu próprio amor e do supérfluo do amor de Billot, dava

livre curso ao todo, com gritos fortes ao princípio, depois esganiçados, e afinal vagos, de:

- Viva o rei! Viva o pai do povo!

Esta modificação da voz de Pitou ia tendo lugar à medida que ele enrrouquecia.

Pitou já estava rouco de todo quando a comitiva chegou ao sítio do Point-du-Jour, onde o Sr. de Lafayette, montado no seu famoso cavalo branco, mantinha nos seus lugares as coortes indisciplinadas e impacientes da guarda nacional, que estavam formadas desde as cinco horas da manhã para fazerem alas ao rei.

Eram quase duas horas da tarde.

A entrevista do rei e do novo chefe da França armada teve lugar de uma maneira satisfatória para os circunstantes.

Entretanto o rei ia começando a estar cansado, já não falava e limitava-se a sorrir.

O general em chefe da milícia parisiense também já não comandava, gesticulava somente.

O rei teve a satisfação de ver que eram quase tantos os gritos de “viva o rei!” como os de “viva Lafayette!” Infelizmente era aquela a última vez que ele estava destinado a gozar dessa satisfação de amor próprio.

Gilberto conservara-se à portinhola do coche do rei. Billot ia ao lado de Gilberto, e Pitou junto de Billot.

Desde a saída de Versalhes, Gilberto, cumprindo o que prometera, tinha achado meio de expedir quatro correios a Maria Antonieta.

Os correios só tinham levado boas novas, porque em toda a parte por onde passava o rei, via atirarem os barretes ao ar, se bem que em todos os barretes brilhava um laço com as cores da nação, espécie de censura dirigida aos laços brancos, que os guardas do rei e ele próprio traziam nos chapéus.

No meio da alegria e do entusiasmo de Billot, era esta divergência de laços a única coisa que lhe pesava.

Billot trazia no chapéu de três bicos um enorme laço tricolor.

O rei tinha, um laço branco; era pois evidente que as inclinações do súbdito e do rei em nada se assemelhavam.

Esta idéia preocupava-o por tal forma, que aproveitou o momento em que Gilberto não estava conversando com o rei para se lhe dirigir, comunicando-lhe as suas dúvidas, e perguntando-lhe:

- Sr. Gilberto, por que motivo não adoptou o rei o laço nacional?

- É porque, meu caro Billot, ou o rei não sabe que temos um laço novo, ou está persuadido de que o laço que traz deve ser o laço da nação.

- Nada, nada, porque o laço dele é branco, ao passo que o nosso é tricolor.

- Atenda-me - disse Gilberto, detendo Billot no instante em que este ia começando a declamar no estilo dos periódicos - o laço do rei é branco como branca é a bandeira francesa. O rei não tem culpa de que assim

seja. Muito antes de ele vir a este mundo, já eram brancos tanto o laço como a bandeira; e demais, meu caro Billot, a bandeira adquiriu padrões de glória, como os adquiriu também o laço branco. O bailio de Suffren levava no chapéu um laço branco quando restabeleceu a nossa bandeira na península da Índia. Também no chapéu de d'Assas havia um laço branco, e foi por onde os Alemães o conheceram de noite, quando se deixou matar para que os seus soldados não fossem surpreendidos. Quando o marechal de Saxe bateu os Ingleses em Fontenoy, levava chapéu com laço branco. Finalmente, o Sr. de Conde tinha no chapéu um laço branco quando derrotou os imperiais em Rocroy, em Friburgo e em Lens. Eis os feitos do laço branco, além de outros muitos que eu calo, meu caro Billot; ao passo que o laço nacional, que há-de talvez fazer o giro do mundo, como vaticinou Lafayette, ainda não teve tempo de fazer coisa nenhuma, visto existir há três dias apenas. Não digo que há-de

permanecer ocioso, percebeu? Mas enfim, como nada tem feito, tem o rei direito a esperar que ele mostre ao que veio.

- Pois quê! O laço nacional ainda não fez coisa nenhuma? - disse Billot; - então não tomou a Bastilha?

- É verdade - disse tristemente Gilberto; - tem razão, Sr. Billot.

- Aí está - replicou triunfantemente o lavrador - o motivo por que o rei deveria adoptá-lo.

Gilberto deu uma grande cotovelada em Billot, pois tinha reparado que o rei os estava ouvindo.

E logo, em voz baixa disse:

- Está louco, Billot? E a quem foi tomada a Bastilha? À realeza, penso eu. E quer obrigar o rei a trazer os troféus do triunfo alheio e as insígnias da sua derrota? Insensato! O rei é cheio de brio, de bondade e de franqueza; quer fazer dele um hipócrita?

- Porém - disse Billot mais humildemente, sem contudo se mostrar

convencido - a tomada da Bastilha não foi uma afronta a el-rei, foi-o ao despotismo.

Gilberto encolheu os ombros com a delicadeza de um homem superior que não quer pisar o seu inferior, com receio de o esmagar.

- Não - prosseguiu Billot animando-se - não foi contra o nosso bom rei que nós combatemos, foi contra os seus satélites.

Naquela época, dizia-se, em política, satélites em vez de soldados, assim como no teatro se dizia, *corcel* em vez de cavalo.

- E demais - prosseguiu Billot com certa aparência de razão - ele desaprova-os, visto estar aqui no meio de nós, e se os desaprova, é por que nos aprova a nós! É para nossa felicidade e para glória dele que nós, os vencedores da Bastilha, trabalhamos.

- Infelizmente, assim é! - murmurou Gilberto, o qual, na realidade, não sabia conciliar a expressão do rosto do rei com o que necessariamente devia sentir no coração.

Quanto ao rei, no meio do sussurro

confuso da marcha, ia começando a perceber algumas palavras da discussão encetada a seu lado.

Gilberto, tendo reparado na atenção que o rei prestava à discussão, fazia quanto podia para encaminhar Billot para um terreno menos resvaladiço do que aquele em que se entranhara.

De repente parou tudo; tinham chegado a Cours-la-Reine, à entrada da antiga porta da Conference, nos Campos-Elíseos.

Ali, uma deputação de eleitores e de vereadores da câmara, presidida pelo novo juiz do povo Bailly, estava alinhada em boa ordem, com uma guarda de trezentos homens, comandada por um coronel, e uns trezentos membros, pelo menos, da Assembléia Nacional, escolhidos, como se pode supor, nas fileiras do Terceiro Estado.

Dois dos eleitores procuravam combinar as suas forças e destreza, para conservar em equilíbrio uma salva de prata dourada, sobre a qual estavam duas enormes chaves, que

eram as da cidade de Paris do tempo de Henrique IV.

Um espectáculo tão respeitável fez calar todas as conversações particulares, e todos quantos estavam presentes, tanto nos grupos, como nas fileiras, trataram de se colocar de maneira que ouvissem os discursos que iam ser recitados naquela ocasião.

O estimável sábio e honrado astrónomo Bailly, que fora feito, contra sua vontade, deputado, juiz do povo e orador, tinha preparado um extenso discurso de parabéns, cujo exórdio, conforme as mais estritas regras de retórica, era um elogio ao rei, desde que o Sr. Turgot havia subido ao poder até à tomada da Bastilha. Pouco faltava mesmo, tal é o privilégio da eloquência, que atribuísem ao rei a iniciativa dos acontecimentos que o povo com a sua pressa provocara, e, como vimos, bem contra o desejo do paço.

Bailly estava muito satisfeito do seu discurso, quando um incidente (é o próprio Bailly quem conta este caso nas suas

memórias), lhe proporcionou um novo exórdio, muito mais pitoresco do que o que ele preparara; único, demais a mais, que ficou impresso na memória do povo, sempre pronto a dar o devido valor às boas e sobretudo às bonitas frases baseadas num facto material.

Quando ia caminhando com os vereadores e eleitores, notou Bailly o muito que pesavam as chaves destinadas a serem apresentadas ao rei.

- Julgam porventura - disse ele rindo-se - que me cansarei a trazer semelhante monumento outra vez comigo para Paris, depois de o mostrar ao rei?

- Então que tenciona fazer dele? - perguntou um eleitor.

- Entregar-lho-ei ao senhor - replicou Bailly - ou deitá-lo-ei nalgum fosso ou mesmo ao pé de alguma árvore.

- Por quem é não faça tal - exclamou o eleitor scandalizado. - Não sabe que estas chaves são as mesmas que a cidade de Paris

ofereceu a Henrique IV depois do cerco? São muito preciosas e é uma antiguidade inestimável.

- Tem razão - retorquiu Bailly; - as chaves que foram oferecidas a Henrique IV, conquistador de Paris, são as mesmas que hoje oferecemos a Luís XVI, que... É verdade! - disse consigo o honrado juiz do povo - aí está assunto para uma linda antítese.

E logo pegando num lápis, escreveu por cima do discurso que tinha preparado o exórdio que segue:

“Real senhor, trago a Vossa Majestade as chaves da boa cidade de Paris. São as mesmas que foram oferecidas a Henrique IV. Aquele monarca tinha reconquistado o seu povo, hoje o povo reconquistou o seu rei.”

A frase bonita, e justa ao mesmo tempo, gravou-se no espírito dos Parisienses, e de todo o discurso de Bailly, das obras mesmo que publicou, foi a única que sobreviveu.

Quanto a Luís XVI, esse aprovou-a com um aceno de cabeça, pois bem percebia a

finura de ironia epigramática que encerrava, e que se encobria com o respeito e flores oratórias.

E pensou lá consigo:

- Maria Antonieta não se deixaria iludir por esta fingida veneração do Sr. Bailly, e daria decerto ao desastrado astrónomo uma resposta bem diversa da que eu lhe vou dar.

O resultado foi que Luís XVI, depois de ter ouvido tão distintamente o princípio do discurso do Sr. Bailly, não deu atenção alguma ao fim dele, nem tão-pouco ao do Sr. Delavigne, presidente dos eleitores, do qual não ouviu nem o princípio nem o fim.

Entretanto, depois de acabados os discursos, o rei, receando que não o julgassem sobremaneira satisfeito de tanta coisa agradável que lhe disseram, respondeu em tom muito nobre, e sem a menor alusão ao que se tinha dito, que recebia com especial agrado as congratulações da cidade de Paris e dos seus eleitores.

Em seguida mandou continuar a andar.

Contudo, antes de se pôr a caminho, despediu os seus guardas, a fim de corresponder com uma inteira confiança à quase civilidade com que a municipalidade acabava de o tratar por intermédio dos eleitores e do Sr. Bailly.

Então a carruagem, tendo ficado só no centro da massa enorme de guardas nacionais e de curiosos, começou a andar mais rapidamente.

Gilberto e o seu companheiro Billot, conservavam-se sempre à portinhola da direita.

No momento em que o coche atravessava a praça de Luís XV, ouviu-se um tiro de espingarda da parte de além do Sena, e uma nuvem de fumo branco subiu para o céu azulado, onde em breve desapareceu.

Gilberto tinha sentido um estremecimento violento, como se o tiro houvesse nele feito eco. Faltou-lhe a respiração durante um segundo, e levou a mão ao peito, aonde acabava de experimentar

uma dor.

Ao mesmo tempo ressoou um grito de aflição ao pé da carruagem real; tinha caído, ferida por uma bala abaixo do ombro direito, uma mulher.

A mesma bala tinha dado de raspão num dos botões da casaca de Gilberto, que eram de aço brunido, grandes e talhados em facetas, segundo a moda daquele tempo.

O botão tinha servido de couraça repelindo a bala; dali provinha a dor e estremecimento que Gilberto havia sentido.

Uma parte do seu colete preto e da tira da camisa tinha sido levada pela bala, a qual, assim repelida pelo botão de Gilberto, acabava de matar a desgraçada mulher, que imediatamente foi dali levada moribunda e ensangüentada.

O rei tinha ouvido o tiro, mas não tinha visto nada do que se passara.

Debruçou-se risonho para Gilberto.

- Estão gastando pólvora além, para me festejar - disse ele.

- É verdade, real senhor - respondeu Gilberto.

Entretanto, julgou mais acertado não dizer a Sua Majestade qual era o seu parecer acerca da ovação que lhe faziam.

Porém, no seu íntimo, não pôde deixar de confessar que a rainha tinha tido alguma razão nos seus receios, pois que se não fora ele, cujo vulto tapava hermeticamente a portinhola, aquela bala, que havia ressaltado no seu botão de aço, iria certamente direitinha ao rei.

Qual seria a mão que havia disparado aquele tiro tão bem dirigido?

Ninguém quis sabê-lo então; de forma que nunca se há-de saber.

Billot, descorado em consequência do que acabava de ver e com os olhos continuamente pregados no rasgão da casaca, do colete e da tira de Gilberto, obrigou Pitou a amiudar os seus gritos de “Viva o *Pai dos Franceses!*”

O acontecimento principal daquele dia

era tão grande, que este episódio em breve esqueceu.

Afinal, chegou Luís XVI em frente da municipalidade depois de haver sido saudado no Pont-Neuf por uma salva de peças de artilharia.

Sobre a fachada da casa da municipalidade havia uma inscrição de enormes letras, que eram pretas de dia, mas que apenas anoitecesse, deviam ser iluminadas e brilhar em transparente. A inscrição era devida às engenhosas lucubrações da municipalidade.

Eis o que se lia na inscrição:

“A Luís XVI, pai dos Franceses e rei de um povo livre”.

Era uma antítese muito mais importante do que a do discurso de Bailly, e que provocava gritos de admiração de todos os Parisienses reunidos no largo.

A inscrição deu na vista de Billot.

Porém, como não sabia ler, pediu a Pitou que lha lesse.

Billot fê-lo repetir, como se não tivesse ouvido da primeira vez.

Depois, quando Pitou acabou de repetir a frase sem lhe mudar uma única palavra, exclamou:

- É isso que está escrito? É exactamente isso que dizes?

- Sem dúvida - respondeu Pitou.

- A municipalidade mandou ali escrever que Sua Majestade é rei de um povo livre?

- Mandou, sim, tio Billot.

- Pois então - exclamou Billot - se a nação é livre, tem direito de oferecer o seu laço ao rei.

E dando um pulo, correu ao encontro de Luís XVI, que se estava apeando do coche em frente da escadaria do palácio municipal.

- Real senhor - disse ele - viu que o Henrique IV de bronze, que está no Pont-Neuf, tem na cabeça o laço nacional?

- E então? - disse o rei.

- Então, real senhor, se Henrique IV usa o laço tricolor, também vós o podeis usar.

- Decerto - disse Luís XVI bastante enleado - se tivesse aqui um à mão...

- Pois bem! - disse Billot levantando a voz e erguendo a mão - em nome do povo, ofereço-vos este para ser substituído pelo vosso; aceitai-o.

Bailly interpôs-se.

O rei estava bastante pálido. Ia começando a sentir a progressiva decadência. Olhou para Bailly, como para o interrogar.

- Real senhor - respondeu este inclinando-se mui respeitosamente - é o sinal distintivo adoptado por todos os Franceses.

- Nesse caso, aceito - disse o rei recebendo o laço das mãos de Billot.

E tirando o laço branco, colocou no chapéu o laço tricolor.

Uma imensa e calorosa aclamação de triunfo ressoou pela praça.

Gilberto voltou a cara para a banda, profundamente escandalizado.

Achava que o povo exigia demasiado, e que o rei não resistia suficientemente.

- Viva o rei! - gritou Billot, dando assim o sinal para uma segunda salva de aplausos.

- O rei morreu - murmurou Gilberto. - Já não há rei em França.

Uma abóbada de aço, formada por um milheiro de espadas estendidas, começava no sítio onde o rei se havia apeado da carruagem e chegava até à sala onde era esperado.

O rei passou por baixo da abóbada e desapareceu nas profundidades do palácio da municipalidade.

- Aquilo não é um arco de triunfo - disse Gilberto - são as *Forcas Caudinas*.

E dando em seguida um suspiro, exclamou:

- Ah! Que dirá a isto a rainha!

XXXVIII

O que se passava em Versalhes enquanto o rei ouvia os discursos da municipalidade

No interior da casa da municipalidade encontrou o rei um acolhimento muito lisonjeiro; chamaram-lhe Restaurador da Liberdade.

Tendo sido convidado a falar, porque a série de discursos ia-se tornando de dia para dia mais intensa, e o rei queria saber o fundo do pensamento de cada um, pôs a mão sobre o coração e disse unicamente:

- Senhores, podeis contar sempre com o meu acrisolado amor.

Enquanto ele ouvia na casa da câmara as comunicações do governo, pois a datar daquele dia houve em França um verdadeiro governo constituído ao lado do trono e da Assembléia Nacional, o povo, fora, familiarizava-se com os lindos cavalos do rei,

com a carruagem dourada, e com os lacaios e cocheiros de Sua Majestade.

Pitou, desde a entrada do rei para a municipalidade, tinha-se divertido, graças a um *luís de ouro* que lhe dera o tio Billot, a fazer, com uma imensidade de fitas azuis, brancas e vermelhas, uma colecção de laços nacionais de todos os tamanhos, com os quais enfeitava as orelhas dos cavalos, os arreios e o trem.

O público, vendo isto, e querendo imitá-lo, tinha transformado literalmente o coche de Sua Majestade num armazém de laços.

Os cocheiros e os criados da tábua haviam sido profusamente adornados de fitas.

Além disso, umas poucas de dúzias de laços sobresselentes tinham sido encaixados no interior da carruagem.

Devemos dizer, em abono da verdade, que o Sr. de Lafayette, que tinha ficado a cavalo no meio da praça, tentara repelir tão zelosos propagadores das cores nacionais,

mas não o havia conseguido.

- Oh! Oh! - disse o rei, quando saiu e reparou naquela profusão de cores.

E acenou com a mão ao Sr. de Lafayette, como para lhe dizer que se aproximasse.

O Sr. de Lafayette aproximou-se, abaixando respeitosamente a espada.

- Sr. de Lafayette - disse o rei. - Chamei-o para lhe dizer que hei por bem confirmá-lo no comando das guardas nacionais.

E tornou a subir para a carruagem no meio de uma aclamação universal.

Quanto a Gilberto, esse, não tendo já que recear pelo rei, tinha ficado na sala das sessões com os eleitores e Bailly.

As observações ainda não estavam acabadas.

Todavia, quando ouviu a imensa gritaria que saudava o rei à sua partida, chegou à janela e relanceou os olhos pela praça para vigiar o comportamento dos seus dois camponeses.

Ainda eram, ou pelo menos pareciam

ser, os melhores amigos do rei.

De repente viu Gilberto que, do cais Pelletier, desembocava a toda a pressa um cavaleiro coberto de pó, fazendo abrir caminho à multidão, que então ainda era respeitosa e dócil.

O povo, que naquele dia estava na maré de se mostrar bondoso e afável, sorria-se repetindo:

- Um oficial do rei! Um oficial do rei!

Em seguida, numerosos gritos de “viva o rei!” saudaram o oficial, e as mãos das mulheres acariciavam-lhe o cavalo, branco de espuma.

O oficial abriu caminho até à carruagem e chega à portinhola no momento em que o estribeiro acabava de a fechar depois de entrar o rei.

- Olá! É o Sr. de Charny - disse Luís XVI.

E logo, em voz baixa:

- Como está a rainha?

- Com muito cuidado, meu senhor - respondeu o oficial, metendo a cabeça quase

toda ao coche real.

- Regressa a Versalhes?

- Sim, meu senhor.

- Pois então, tranqüilize os nossos amigos; passou-se tudo muito bem.

Charny cortejou o rei, ergueu a cabeça e deu com os olhos no Sr. de Lafayette, o qual lhe acenou amigavelmente.

Charny dirigiu-se para ele e Lafayette estendeu-lhe a mão, dando isto lugar a que o oficial do rei e o cavalo fossem quase levados em braços pela multidão, do sítio onde se achavam até ao cais, onde, graças à vigilância da guarda nacional, já se iam formando ralas no trânsito de Sua Majestade.

O rei ordenou que a carruagem continuasse a andar a passo até à praça de Luís XVI, onde encontraram os guardas, que estavam esperando com bastante impaciência o seu regresso, e daquele momento em diante, tendo-se comunicado a todos a mesma impaciência, os cavalos tomaram um andamento, que foi aumentando em rapidez

à medida que se aproximavam da estrada de Versalhes.

Gilberto, da varanda da municipalidade, tinha percebido a que vinha aquele cavaleiro, se bem que não o conheceu. Imaginava a aflição em que devia estar a rainha, por isso que já haviam decorrido três horas, e não tinha sido possível expedir correio algum para Versalhes no meio daquela chusma de gente, sem excitar qualquer desconfiança ou dar a conhecer uma fraqueza.

Contudo, o que ele adivinhara era uma parte insignificante do que se tinha passado em Versalhes.

Tornaremos a conduzir para lá o leitor, visto que não queremos constrangê-lo a seguir um extenso curso de história.

A rainha recebera às três horas o último correio do rei.

Gilberto tinha tido ocasião de o expedir no momento em que o rei, depois de ter passado por baixo da abóbada de aço, entrava são e salvo no palácio da

municipalidade.

Junto da rainha estava a condessa de Charny, que se tinha levantado havia pouco da cama, onde um grave incómodo a detivera desde a véspera.

Estava ainda muito pálida, mal podia abrir os olhos, porque as pálpebras cerravam-se-lhe por si mesmas, como obedecendo ao peso de um desgosto ou de um grande pejo.

A rainha, ao avistá-la, sorriu-se para ela; porém, era um daqueles sorrisos habituais, que parecem ter sido estereotipados nos lábios dos príncipes e dos reis para com os seus familiares.

E depois, como ainda estava exaltada pela alegria que lhe causara a notícia de que nada sucedera a Luís XVI, disse para as pessoas que a cercavam:

- Mais outra boa nova. Oh! Possa o dia todo passar-se assim

- Oh! Minha senhora - disse um cortesão
- Vossa Majestade assustou-se sem motivo; os Parisienses sabem muito bem qual é a

responsabilidade que sobre eles pesa.

- Porém, minha senhora - disse outro cortesão menos crédulo - Vossa Majestade está bem certa da autenticidade das notícias?

- Oh! Isso estou! - repetiu a rainha; - a pessoa que mas enviou afiançou-me pela sua cabeça que nada sucederia ao rei; demais, creio que é nosso amigo.

- Então, se é um amigo - respondeu o cortesão inclinando-se - já o caso muda de figura.

A Sr^a. de Lamballe estava a alguma distância e aproximou-se.

- É - disse ela, interrogando Maria Antonieta - o novo médico do rei, não é verdade?

- Gilberto; sim - respondeu estouvadamente a rainha sem se lembrar que descarregava um golpe terrível em alguém que estava a seu lado.

- Gilberto! - exclamou Andréia, estremecendo como se uma víbora a houvesse mordido no coração. Gilberto,

amigo de Vossa Majestade!

Andréia, com os olhos incendiados, as mãos cerradas de cólera e de pejo, acusava altivamente a rainha pelo seu olhar e atitude.

- Mas... Entretanto... - disse a rainha significando bastante hesitação.

- Oh! Minha senhora, minha senhora! - murmurou Andréia em tom de amarga queixa.

Reinou um silêncio mortal em seguida àquele incidente misterioso.

No meio do silêncio ouviram-se passos no sobrado da sala contígua.

- É o Sr. de Charny! - disse a rainha a meia voz, como para advertir Andréia que sossegasse.

Charny ouvira e vira tudo, mas nada pudera perceber.

Notou a palidez de Andréia e o enleio de Maria Antonieta.

Não lhe competia dirigir pergunta alguma à rainha; mas Andréia era sua mulher, tinha direito de interrogá-la.

Chegou-se a ela, e com o tom do mais amigável interesse, perguntou:

- Que tem, minha senhora?

Andréia fez um esforço sobre si e respondeu:

- Nada, Sr. conde.

Charny voltou-se então para a rainha, a qual, apesar do hábito que tinha das situações equívocas, dera por algumas dez vezes princípio a um sorriso, que não pudera levar ao fim.

- Pareceu-me que duvidava da dedicação do Dr. Gilberto - disse ele para Andréia; - tem algum motivo para desconfiar da fidelidade dele?

Andréia ficou calada.

- Diga, diga - insistiu Charny.

Depois, continuando Andréia a conservar-se silenciosa, acrescentou:

- Oh! Fale! Essa delicadeza seria repreensível neste momento; lembre-se que se trata da segurança dos nossos soberanos.

- Não sei, senhor, a razão por que diz

semelhante coisa - respondeu Andréia.

- Disse... Bem ouvi... Chamo para testemunha a Sr^a. princesa... - E Charny cortejou a Sr^a. de Lamballe. - Disse muito admirada: "Oh! Esse homem! Amigo de Vossa Majestade!"

- É verdade, foi isso mesmo o que disse, minha rica - respondeu a princesa de Lamballe, com a sua costumada ingenuidade.

E chegando-se também para Andréia, acrescentou:

- Sim, é certo que sabe alguma coisa. O Sr. de Charny tem razão.

- Por piedade, minha senhora, por piedade - disse Andréia em voz tão sumida, que só a princesa pôde ouvi-la.

A princesa afastou-se.

- O caso é muito simples - disse a rainha, entendendo que seria falta de lealdade demorar por mais tempo a sua intervenção; - a Sr^a. condessa exprimia um receio, um pouco vago sem dúvida; dizia que lhe custava a persuadir-se de que um

revolucionário da América, um amigo de Lafayette, pudesse também ser nosso amigo.

- Sim, vago... - repetiu maquinalmente Andréia - muito vago.

- Era um receio semelhante ao que exprimiam estes senhores aqui presentes antes de ter falado a condessa - prosseguiu Maria Antonieta.

E indicou com os olhos os cortesãos, cujas dúvidas tinham dado origem àquela questão

Isso, porém, não bastava para convencer Charny. O enleio que notara à sua entrada fazia-lhe supor que lhe encobriam algum mistério.

Insistiu, portanto, dizendo:

- Não importa, parece-me que é dever seu não se limitar a exprimir um receio vago, e antes pelo contrário, apontar factos positivos.

- Pois quê! - disse a rainha com bastante desabrimento - ainda não se dá a questão por acabada, senhor?

- Minha senhora!...

- Não tem que dizer, bem vejo que persiste em interrogar a Sr^a. condessa de Charny.

- Desculpe-me, minha senhora - disse Charny - é pelo interesse...

- Do seu amor próprio, não é verdade? Ah! Sr. de Charny - acrescentou a rainha com uma ironia, cujo peso o conde sentiu - fale com franqueza: tem ciúmes?

- Ciúmes! - exclamou Charny corando - ciúmes de quem? Peço a Vossa Majestade que mo diga.

- De sua mulher provavelmente - redargüiu a rainha com aspereza.

- Minha senhora... - balbuciou Charny, assombrado por uma tal provocação.

- É muito natural - replicou secamente Maria Antonieta - a condessa é tão formosa, que isso não deve causar admiração.

Charny deitou à rainha um olhar destinado a adverti-la de que se ia adiantando muito.

Mas era trabalho baldado e cautela supérflua. Quando a dor imprimia a sua mordedura ardente naquela leoa ferida, nada era capaz de deter a mulher.

- Sim, concebo facilmente que tenha ciúmes, Sr. de Charny, ciúmes e cuidados; é o estado habitual de toda a alma que ama e que por consequência vive em desassossego.

- Minha senhora... - repetiu Charny.

- Eu - prosseguiu a rainha - também estou experimentando neste momento o mesmo sentimento que o senhor; estou com ciúmes e cuidado ao mesmo tempo - e acentuou a palavra ciúmes. - O rei está em Paris e longe dele parece-me que não vivo.

- Porém, minha senhora - disse Charny que não percebia o que teria dado causa àquela tempestade, que a cada instante se carregava mais de raios e coriscos - recebeu agora mesmo notícias do rei; as notícias eram boas, e por conseguinte creio que a deviam tranqüilizar.

- E o senhor, ficou porventura mais

tranquilo quando a condessa e eu lhe respondemos ainda há pouco?

Charny mordeu os beiços.

Andréia começava a erguer a cabeça, admirada do que ouvia, e assustada do que julgava perceber.

Assim como todos se tinham calado havia um instante, quando Charny lhe dirigira a primeira pergunta, também agora se calavam para deixar falar a rainha.

- Com efeito - prosseguiu esta com uma espécie de furor - é sina das pessoas que amam não se lembrarem senão do objecto da sua afeição; a essa agradável lembrança sacrificam os pobres corações desapiadadamente todos os sentimentos que neles se agitam. Oh! Meu Deus! Com que cuidado estou no rei!

- Minha senhora - atreveu-se a dizer um dos circunstantes - não tardará que cheguem mais correios.

- Oh! Por que não estou em Paris em lugar de estar aqui? Por que não estou ao pé

do rei? – disse Maria Antonieta, a qual tinha notado a perturbação de Charny desde que procurava excitar nele os mesmos ciúmes que ela estava sentindo com tamanha violência.

Charny inclinou-se.

- Se é do seu real agrado, minha senhora – disse ele – para lá vou já, e se, como Vossa Majestade receia, houver algum perigo para o rei, se tão preciosa cabeça for ameaçada, acredite, minha senhora, que não será por falta de ter exposto a minha. Vou partir sem demora.

Cortejou, com efeito, e deu um passo para sair.

- Senhor, senhor! – exclamou Andréia correndo para Charny – poupe-se!

A explosão dos temores de Andréia, era a única coisa que faltava àquela cena.

E por isso, apenas Andréia assim arrebatada involuntariamente à sua natural frieza, acabou por proferir estas palavras imprudentes e de patentear tão desusada solicitude, a rainha tornou-se horivelmente

pálida.

- Ah! Senhora - disse ela para Andréia - como é que se atreve a usurpar aqui o papel de rainha?

- Eu, minha senhora?... - balbuciou Andréia, percebendo que acabava, pela primeira vez, de deixar escapar de seus lábios o fogo que desde tanto tempo lhe devorava a alma.

- Pois quê! - prosseguiu Maria Antonieta - seu marido é criado do rei, vai ter com ele; se tem de arrostar algum perigo, é por causa do rei, e quando se trata do serviço real, recomenda ao Sr. de Charny que se poupe!

Andréia, mal ouviu estas palavras fulminantes, perdeu os sentidos, cambaleou, e teria caído no chão, se Charny, correndo para ela, não a houvesse amparado nos braços.

Um movimento de indignação, que Charny não pôde reprimir, acabou por desesperar Maria Antonieta, a qual, julgando ver apenas uma rival ofendida, procedera

como soberana injusta.

- A rainha tem razão - disse afinal Charny com esforço - a sua expansão, Sr^a. condessa, foi mal calculada; não tem marido, quando se trata do serviço do rei. E seria eu o primeiro a ordenar-lhe que poupasse a sua sensibilidade, se visse que se dignava ter algum receio por minha causa.

Depois, voltando-se para Maria Antonieta, disse com a maior frieza:

- Estou às ordens da rainha, e vou partir. Sou eu, minha senhora, quem hei-de trazer a Vossa Majestade notícias do rei, e hão-de ser boas, ou não voltarei.

Logo que acabou de proferir estas palavras, inclinou-se quase até ao chão e saiu, sem que a rainha, pasmada de terror e de cólera, ao mesmo tempo, se lembrasse de o reter.

Passado um instante, ouviu-se retinir nas pedras do pátio as ferraduras de um cavalo, que partia a galope.

A rainha permaneceu imóvel, porém

entregue a uma agitação interna, que era tanto mais terrível quanto eram grandes os esforços que fazia para a ocultar.

Os circunstantes, percebendo, ou não percebendo, a causa daquela agitação, respeitaram pelo menos, retirando-se, o descanso da soberana.

Deixaram-na sozinha.

Andréia saiu do aposento com os demais, deixando Maria Antonieta entregue aos afagos dos dois filhos, que mandara buscar e que acabavam de trazer-lhe.

XXXIX

O regresso

Tinha chegado a noite, trazendo consigo a sua comitiva de temores e de visões sinistras, quando de repente ressoaram gritos na extremidade do palácio.

A rainha estremeceu e levantou-se. Estava próxima de uma janela e abriu-a.

Quase no mesmo instante, entraram precipitadamente os camaristas arrebatados de alegria no aposento de Maria Antonieta, gritando:

- Um correio, minha senhora! Um correio!

Apenas teriam decorrido três minutos, entrava um hussardo a correr pelas antecâmaras.

Era um tenente enviado pelo Sr. de Charny. Chegava de Sèvres a toda a brida.

- E o rei? - perguntou a rainha.

- Sua Majestade estará aqui dentro de um quarto de hora - replicou o oficial mal podendo falar.

- São e salvo? - disse a rainha.

- São, salvo e risonho, minha senhora.

- Viu-o, não é assim?

- Não, minha senhora, mas foi o Sr. de Charny quem mo disse ao enviar-me para aqui.

A rainha estremeceu novamente ao ouvir aquele nome, que o acaso ligava ao nome do rei.

- Obrigada, senhor; vá descansar - disse ela para o jovem fidalgo.

O mancebo cortejou e saiu.

Ela, pegando nos dois filhos pela mão, dirigiu-se para o peristilo da entrada principal, onde já estavam agrupados os criados e os cortesãos.

A vista penetrante da rainha divisou logo, no primeiro degrau, uma senhora vestida de branco, encostada à balaustrada de pedra e sondando a escuridão com olhar

ansioso.

Era Andréia, que nem a presença da rainha pôde distrair da preocupação em que estava.

Bem evidente era que ela, sempre tão apressada em vir para o lado da rainha, ou não vira a sua ama, ou não lhe fazia conta vê-la.

Estava, portanto, escandalizada da vivacidade de Maria Antonieta, vivacidade bem cruel, que tanto a fizera padecer durante o dia.

Ou então, movida por um sentimento de poderoso interesse, espreitava a volta de Charny, a quem dera tantas demonstrações de affectuoso receio.

Foram duas punhaladas, que tornaram a rasgar no coração da rainha uma ferida, que ainda vertia sangue.

Isto fez com que ela ouvisse com distracção os parabéns que lhe davam e a alegria que manifestavam as outras damas e os cortesãos.

Chegou a esquecer por um instante o violento pesar que dela se apoderara durante toda a tarde. Dava tréguas à inquietação que em seu coração excitara a jornada do rei, a quem tantos inimigos ameaçavam.

Revestindo-se, porém, de força de ânimo, desterrou a rainha para longe de si tudo que não dissesse respeito ao legítimo affecto do seu coração. Depôs aos pés de Deus os seus ciúmes, e sacrificou a cólera e as lágrimas íntimas à santidade do juramento conjugal.

Foi Deus, sem dúvida, quem lhe enviou, para seu descanso e apoio, aquela faculdade salutar de amar o rei seu esposo de preferência a qualquer outra coisa.

Naquele momento, pelo menos, sentiu ou julgou sentir, que o orgulho da realeza elevava a rainha acima de todas as paixões terrestres, e que o amor ao rei era o seu único egoísmo.

Tinha, portanto, conseguido lançar para longe de si as vinganças triviais da mulher,

bem como os frívolos requebros da amante, quando apareceram os archotes ao fundo da avenida. Os lumes aumentavam a cada segundo, pela rapidez da corrida, quase vertiginosa.

Ouviam-se os relinchos e o resfolegar dos cavalos. O terreno tremia, no meio do silêncio da noite, debaixo do peso cadenciado dos esquadrões à desfilada.

Abriram as grades, os guardas correram às armas à entrada do rei, com mil gritos de entusiasmo. A carruagem entrou com estrondo no pátio principal.

A rainha, deslumbrada, arrebatada, fascinada, ébria ainda dos dissabores que sofrera, e dos sentimentos que de novo a agitavam, correu pelos degraus abaixo ao encontro do rei.

Luís XVI, tendo-se apeado do coche, vinha subindo a escada com quanta pressa podia, no meio dos seus oficiais, ainda comovidos pelos acontecimentos do dia e pelo triunfo que se alcançara, ao passo que no

pátio os guardas, confundidos sem cerimónia com os moços de estribeira e os criados das cavalaria, arrancavam das carruagens e dos arreios todos os laços com que o entusiasmo dos Parisienses os havia enfeitado.

O rei e a rainha encontraram-se no patamar de mármore. A rainha, soltando um grito de alegria e de amor, abraçou repetidas vezes o marido.

Soluçava, como se o encontrasse depois de ter julgado que nunca mais tornaria a vê-lo.

Estava tão entregue àquele movimento de um coração que transbordava de contentamento, que não viu o silencioso aperto de mão que Charny e Andréia tinham trocado a furto.

O aperto de mão pouco importava, mas Andréia era a primeira pessoa que estava ao subir da escada; era ela, por conseguinte, a primeira que Charny vira e em quem tocara.

A rainha, depois de ter apresentado os filhos ao rei, fez com que ele os abraçasse, e

então o delfim, vendo no chapéu do pai o novo laço, sobre o qual os archotes deitavam um reflexo cor de sangue, exclamou na sua admiração infantil:

- Olhe, papá! Já viu o que tem no seu laço? Parece sangue!

Era o vermelho das cores nacionais.

A rainha deu um grito e olhou também.

O rei estava com a cabeça baixa, como para abraçar a filha, mas, na realidade, era apenas para que não o vissem corar.

Maria Antonieta arrancou o laço com gesto de profunda aversão, sem reparar que acabava de ferir mortalmente toda uma nação, que um dia saberia vingar-se.

- Deite isso fora, senhor - disse ela desabridamente - deite isso fora!

E atirou pelos degraus da escada o laço, sobre o qual passaram os pés de toda a comitiva, que ia acompanhando o rei até aos seus aposentos.

Tão estranha transição extinguiu na rainha o entusiasmo conjugal. Procurou com

os olhos o Sr. de Charny, que se conservava no seu lugar com a submissão de um soldado.

- Agradeço-lhe, senhor - disse ela, apenas se encontraram as suas vistas, depois de alguns segundos de hesitação da parte do conde; - agradeço-lhe, desempenhou muito bem a sua promessa.

- Com quem está falando? - perguntou o rei.

- Com o senhor de Charny - respondeu ela abertamente.

- É verdade, o pobre Charny! Bem lhe custou a chegar ao pé de mim. E... Gilberto, não o vejo por aqui? - acrescentou Luís XVI.

A rainha, tornada mais prudente desde a lição que recebera de tarde, disse mudando de conversa:

- Venha cear, senhor. Sr. de Charny - prosseguiu ela - procure a Sr^a. condessa de Charny; que venha consigo também. Cearemos *em família*.

Então mostrou-se rainha. Mas suspirou

por ver que Charny, de triste que estava, se tornara alegre.

XL

Foulon

Billot não cabia em si de contente.

Tomara a Bastilha, restituíra Gilberto à liberdade e fora distinguido por Lafayette que o chamava pelo seu nome.

Finalmente, vira o enterro de Foulon.

Poucos homens eram tão detestados naquela época como Foulon; o único que neste sentido era capaz de entrar em concorrência com ele, era o genro, o Sr. Berthier de Savigny.

No dia imediato ao da tomada da Bastilha, ambos tinham escapado à sanha popular; Foulon morrera, Berthier fugira.

Uma circunstância sobretudo contribuíra poderosamente para a nenhuma popularidade de que gozava Foulon, era ter ele, por ocasião de se retirar o Sr. de Necker, aceitado o lugar do *virtuoso genebrês*, como

lhe chamavam então, e ter sido durante três dias ministro da fazenda.

E por isso também muito se havia dançado e cantado por ocasião do seu enterro.

Verdade seja que tinha havido quem se lembrasse de tirar o cadáver do caixão e de enforcá-lo; porém Billot, trepando a um colunelo, fizera um discurso sobre o respeito devido aos mortos, e o coche mortuário prosseguira no seu caminho, sem que lhe fosse feito o menor desacato.

Quanto a Pitou, esse passara a ser um herói.

Pitou era amigo dos srs. Elias e Hulin, que se dignavam encarregá-lo de lhes fazer os recados.

Era de mais a mais o confidente de Billot, que fora distinguido por Lafayette, como já dissemos, que não raro o incumbia de lhe abrir caminho com os seus alentados ombros e pulsos de Hércules.

Desde a jornada do rei a Paris, Gilberto,

tendo-se relacionado, por intervenção do Sr. de Necker, com os membros principais da Assembléia Nacional e da municipalidade, trabalhava com afinco para educar aquela revolução ainda no berço, e não se permitia uma hora de descanso.

Tinha, por conseguinte, abandonado Billot e Pitou, os quais, vendo-se por ele esquecidos, freqüentavam assiduamente as reuniões populares, onde se discutiam questões da mais transcendente política.

Finalmente, um dia que Billot, depois de gastas três horas para dar o seu parecer aos eleitores relativamente ao abastecimento de Paris, e cansado da oração, mas satisfeitíssimo no seu íntimo por ter feito de orador, repousava deliciosamente ao som monótono dos discursos dos seus sucessores, a que não prestava a menor atenção, Pitou entrou, todo espavorido, introduziu-se como uma espiga na sala das sessões do município, e num tom de voz, cuja comoção formava contraste com a habitual placidez da sua fala,

disse:

- Oh! Sr. Billot! Meu rico Sr. Billot!

- Então, que temos?

- Grande notícia!

- Alguma boa nova?

- Uma notícia gloriosa.

- Que é então?

- Sabe muito bem que eu tinha ido para o Clube das Virtudes, junto à barreira de Fontainebleau?

- Sim; e depois?

- Estavam lá dizendo uma coisa muito extraordinária.

- Que era?

- Saiba que o malvado do Foulon deu-se por morto, e até fingiu que se deixava enterrar.

- Como! Deu-se por morto? Pois quê! Fingiu que se deixava enterrar? Digo-te que morreu de veras, vi-lhe o enterro.

- Pois, Sr. Billot, o homem está vivo.

- Vivo!

- Vivo, sim, tão vivo como o senhor e eu.

- Estás doido!

- Meu rico Sr. Billot, não estou doido. O traidor Foulon, o inimigo do povo, a sanguessuga da França, o monopolista, não está morto.

- Mas se eu te digo que o enterraram depois de um ataque de apoplexia, se te repito que vi passar o enterro, e que até obstei a que o tirassem do caixão para o enforcar!

- Pois acabo agora mesmo de o ver vivo!

- Tu?

- Como o estou vendo, Sr. Billot. Diz-se que foi um criado que morreu, e o malvado mandou-lhe fazer o enterro de aristocrata. Oh! Já se descobriu tudo; foi por medo da vingança do povo, que ele procedeu assim.

- Conta-me isso, Pitou.

- Venha um instante para o vestíbulo, Sr. Billot, que lá estaremos mais à vontade.

Saíram da sala e encaminharam-se para o vestíbulo.

- Em primeiro lugar - disse Pitou - preciso saber se está por cá o Sr. Bailly.

- Está, sim; vai dizendo.

- Bom. Eu estava no Clube das Virtudes, ouvindo o discurso de um patriota. E que de erros de gramática francesa que o tal patusco cometia! Bem se via que não tinha sido educado pelo abade Fortier.

- Vamos adiante - replicou Billot - sabes muito bem que se pode ser bom patriota sem saber ler nem escrever.

- É verdade - disse Pitou, e continuou:

- De repente entra um homem esbaforido, exclamando:

“Vitória! Vitória! Foulon não morreu, Foulon ainda está vivo: descobri-o eu, achei-o!”

- Estavam todos como o senhor, não queriam acreditar. Uns diziam: “O quê! Foulon?” - “Sim.” Outros diziam: “Isso é patranha!” - “Pois sim, digam embora que é patranha!” Finalmente havia outros que diziam também: “Pois bem! Já que estavas com as mãos na massa, podias ter aproveitado a ocasião para descobrir também

Berthier, o genro dele”.

- Berthier! - exclamou Billot.

- Sim, Berthier de Savigny. Não está lembrado do nosso intendente de Compiègne, o amigo do Sr. Isidoro de Charny?

- Não há dúvida, um sujeito que tratava sempre a todos com modos desabridos, e que só era civil para com a Catarina.

- Exactamente - disse Pitou - um desavergonhado de um arrematante de impostos, a segunda sanguessuga do povo francês, a execração do género humano, a vergonha do mundo civilizado, como diz o virtuoso Loustalot.

- Então? Então? - perguntou Billot.

- É verdade - respondeu Pitou - *ad avertum festina* - isto, meu rico Sr. Billot, quer dizer: Apressa-te em contares o fim. Prossigo pois; o homem entra no Clube das Virtudes todo esbaforido, gritando: achei Foulon, achei-o!

Soltaram todos um grande grito.

- Enganava-se! - disse o cabeçudo Billot.

- Afianço-lhe que não se enganava; eu vi-o.

- Viste-lo?

- Com estes dois olhos que a terra há-de comer. Espere que eu conclua.

- Esperarei, mas estás-me fazendo arder de impaciência.

- Pois fique sabendo que eu também estou com bastante calma... Digo-lhe, pois, que ele se tinha fingido morto, e tinha mandado enterrar em seu lugar um criado. Felizmente, que a Providência estava com os olhos bem abertos.

- A Providência!... Estás brincando! - exclamou com desprezo o voltaireano Billot.

- Queria dizer a nação - replicou humildemente Pitou. - O bom cidadão, o patriota esbaforido, que trazia a notícia, tinha-o visto e conhecido em Viry, onde se conservava escondido.

- Ah! Ah!

- Apenas conheceu que era ele,

denunciou-o, e um síndico, chamado o Sr. Rappe, mandou-o prender imediatamente.

- E como se chama o honrado patriota que teve ânimo de praticar semelhante acção?

- De denunciar Foulon?

- Sim.

- Chama-se o Sr. Saint-Jean.

- Saint-Jean! É um nome de lacaios!

- Tal qual; era o lacaios do malvado Foulon. Foi bem feito, meu aristocrata! Para que tinhas tu lacaios?

- Pitou, vai-me interessando a tua narração – disse Billot chegando-se mais para o seu interlocutor.

- Obrigado ao seu favor, Sr. Billot. Assim, pois, foi denunciado e preso o Foulon, e conduzem-no para Paris; o denunciante vinha correndo adiante para trazer a notícia e receber o prémio da denúncia, de forma que, logo atrás dele, chegou Foulon à barreira.

- E foi ali que o viste?

- Sim, senhor, e assevero-lhe que vinha fazendo uma cara muito feia; tinham-lhe

posto um colar de ortigas em guisa de gravata.

- Que dizes! Ortigas, para quê?

- Porque se conta que o malvado dissera, numa ocasião, que o pão era para os homens, o feno para os cavalos, e que para o povo bastavam as ortigas.

- Pois o miserável disse isso?

- Disse-o, sim, com mil demónios!

- Bem, aí estás tu praguejando, agora.

- Ora adeus! - disse Pitou em tom desembaraçado - são coisas em que não devem reparar militares como nós! Finalmente, vinha a pé, e durante todo o trânsito não descansavam de lhe bater nas costas e na cabeça.

- Ah! Ah! - disse Billot menos entusiasmado.

- Era muito divertido - continuou Pitou; - contudo nem todos lhe podiam chegar, porque vinham para cima de dez mil pessoas a berrar atrás dele.

- E depois? - perguntou Billot, que já ia

começando a reflectir.

- Depois levaram-no a casa do presidente do distrito de Saint-Marcel, que é dos bons, como sabe.

- Sim, o Sr. Acloque.

- Acloque! É isso mesmo; esse mandou que o levassem para a casa da câmara, pois não sabia que destino lhe havia de dar, de forma que não tardará que o veja.

- Mas por que motivo és tu quem vem trazer a notícia, e não o famigerado Saint-Jean?

- É porque as minhas pernas têm mais seis polegadas de comprimento do que as dele. Saint-Jean tinha abalado primeiro do que eu, porém, alcancei-o e passei-lhe adiante. Queria avisá-lo para que avisasse também o Sr. Bailly.

- Sempre és muito feliz, Pitou!

- Ainda o hei-de ser mais amanhã.

- Como sabes tu isso?

- Porque o mesmo Saint-Jean, que denunciou o Foulon, ofereceu-se para fazer

agarrar igualmente o Berthier, que fugiu.

- Visto isso, sabe onde ele pára?

- Sabe, sim; o estimável Sr. Saint-Jean era, pelos modos, um homem em que eles depositavam toda a confiança, e recebeu muito dinheiro do sogro e do genro, que queriam corrompê-lo.

- E aceitou-lhes o dinheiro?

- Está claro; o dinheiro de um aristocrata sempre se aceita; mas, diz ele: “Um bom patriota não deve atraiçoar a nação por dinheiro”.

- Sim - murmurou Billot - mas atraiçoar os amos. Sabes que mais, Pitou, está-me parecendo que o teu Saint-Jean é um grande canalha!

- Não digo que não, mas isso não faz ao caso: o Sr. Berthier há-de ser agarrado como foi o Sr. Foulon, e hão-de ser enforcados um defronte do outro. Que feias carantonhas não hão-de eles fazer quando olharem um para o outro, hem?

- E por que motivo hão-de ser

enforcados? – perguntou Billot.

- Porque são uns malvados, que detesto.

- O Sr. Berthier, que esteve na nossa herdade, que por ocasião das suas digressões à Ilha-de-França vinha comer a nossa casa, e que mandou de Paris um par de brincos à Catarina! Oh! Não, não hão-de enforcá-lo!

- História! - disse Pitou com ferocidade; - era um aristocrata, um aliciador.

Billot olhou para Pitou com espanto. Este, ao encarar com ele, corou involuntariamente.

De repente avistou o honrado lavrador o Sr. Bailly, que passava da sala para o seu gabinete, depois de ter assistido a uma deliberação; o lavrador correu para ele e comunicou-lhe a notícia.

Mas foi então Billot quem deu com um incrédulo.

- Foulon! Foulon! -exclamou o juiz do povo – isso é uma tolice!

- Olhe, Sr. Bailly - disse o lavrador - aqui está o Pitou que acaba de o ver.

- Vi-o, sim, Sr. juiz - disse Pitou levando a mão ao peito e inclinando-se.

E contou em seguida a Bailly o mesmo que acabara de contar a Billot.

O pobre Bailly tornou-se então extremamente pálido; avaliava toda a gravidade da catástrofe.

- E o Sr. Acloque manda-o para aqui? - perguntou ele admirado.

- Manda-o, sim, Sr. juiz.

- Mas, como o manda ele?

- Oh! Não lhe dê cuidado - disse Pitou, equivocando-se sobre a causa do receio de Bailly - vem muita gente de guarda ao preso; deixe estar que não hão-de tirá-lo à escolta pelo caminho.

- Praza a Deus que o tirassem - murmurou Bailly. Depois, voltando-se para Pitou, disse:

- Muita gente... Que quer dizer nisso, meu amigo?

- Quero dizer muito povo, pois que há-de ser?

- Muito povo?

- Mais de vinte mil homens, sem contar as mulheres - disse Pitou triunfantemente.

- Que desgraçado! - exclamou Bailly. - Senhores! Srs. eleitores!

E com voz estridente e desesperada, chamou para junto de si todos os assessores.

Apenas acabou de lhes contar o caso, não se ouviram senão exclamações e gritos de aflição.

Seguiu-se a isto um silêncio de terror, durante o qual um rumor confuso, longínquo e indefinível, começou a penetrar no palácio da municipalidade, à semelhança do zumbido que se sente nos ouvidos em crises cerebrais.

- Que é aquilo? - perguntou um eleitor.

- Que há-de ser? - respondeu outro - é a bulha da multidão.

Ouviu-se de repente o rodar rápido de uma carruagem na praça; vinham dentro dela dois homens armados, que fizeram apear um terceiro, muito pálido e bastante trémulo.

Atrás da carruagem, e guiados por Saint-Jean, mais esbaforido que nunca, vinham correndo uns rapazes de doze a dezoito anos, de rostos macilentos e olhos chamejantes.

- Gritavam: “Foulon! Foulon!” e corriam quase tanto como os cavalos.

Os dois homens armados traziam contudo uma dianteira de alguns passos, e por isso tiveram tempo de empurrar Foulon para dentro do palácio da municipalidade, cujas portas se fecharam na cara dos berradores que ficaram de fora.

- Aqui o têm - disseram os homens para os eleitores, que esperavam no cimo da escada. - Safa! Que trabalho nos deu!

- Senhores! Senhores! - exclamou Foulon todo trémulo - salvem-me!

- Ai! - respondeu Bailly com um suspiro - o senhor é um grande criminoso.

- Todavia, senhor - respondeu Foulon ainda mais perturbado - espero que há-de haver uma justiça que me defenda.

Neste momento cresceu o tumulto da parte de fora.

- Escondam-no depressa - exclamou Bailly para a gente que o cercava - ou senão...

E voltando-se para Foulon, disse:

- Atenda-me: a situação é tão grave, que me parece conveniente consultá-lo. Pode ser que ainda seja tempo; quer tentar fugir pela parte de trás do palácio da municipalidade?

- Oh! Não - gritou Foulon - podem conhecer-me, e serei assassinado!

- Quer antes conservar-se entre nós? Estes senhores e eu, havemos de fazer tudo quanto humanamente for possível para o defender; não é assim, meus senhores?

- Assim o prometemos - protestaram todos os eleitores.

- Oh! Prefiro ficar com os senhores. Não me abandonem!

- Já lhe disse - respondeu Bailly com dignidade - que faremos quanto seja humanamente possível para o salvar.

Naquele instante um grande clamor

ressoou na praça, espalhou-se pelos ares e penetrou no palácio pelas janelas, que estavam abertas.

- Ouviu? Ouviu? - murmurou Foulon enfiado.

Efectivamente, a multidão desembocava uivando, e surgia, medonha, de todas as ruas que vinham dar ao palácio da municipalidade, e especialmente do cais de Le Pelletier e da rua Vanherie.

Bailly chegou a uma janela.

Os punhais, as facas, os chuços, as fouces e as espingardas luziam ao sol. Em menos de dez minutos estava a praça atulhada de gente. Era toda a comitiva de Foulon, de que Pitou falara, e que tinha engrossado com todos os curiosos que, ouvindo um grande motim, corriam à praça de Grève, como a um centro comum.

Todas aquelas vozes, que decerto eram mais de dez mil, gritavam:

- Foulon! Foulon!

Viu-se então os cem precursores

daqueles furiosos designarem a toda a chusma enraivecida a porta por onde Foulon entrara; a porta foi imediatamente ameaçada, e começaram a arrombá-la com pontapés, coronhadas e alavancas.

De repente, abriu-se de par em par.

A guarda da municipalidade apareceu, e avançou contra os agressores, os quais recuaram mal viram as baionetas, e deixaram, no primeiro susto, um grande espaço vazio diante da fachada.

A guarda tomou posição nos degraus da escadaria e conservou-se ali com firmeza.

Os oficiais, de mais a mais, em vez de ameaçarem, falavam afectuosamente à multidão, e procuravam acalmá-la com protestos.

Bailly estava com a cabeça completamente desorientada. Era a primeira vez que o pobre astrónomo se via de frente com a grande borrasca popular.

- Que havemos de fazer? - perguntou ele aos eleitores - que havemos de fazer?

- Julgá-lo! - exclamaram várias vozes.

- Não se julga ninguém quando o povo pretende intimidar os juízes - respondeu Bailly.

- Queira dizer-me - perguntou Billot - tem suficiente tropa para o defender?

- Não; temos apenas duzentos homens.

- Seria então necessário algum reforço?

- Oh! Se pudéssemos avisar o Sr. de Lafayette! - exclamou Bailly.

- Pois avise-o.

- Quem irá avisá-lo? Quem será capaz de atravessar as ondas daquela multidão?

- Eu! - replicou Billot.

E dispunha-se a sair.

Bailly deteve-o.

- Insensato! - disse ele - vê aquele oceano? Basta uma única das suas vagas para o afogar. Se deseja ir ter com o Sr. de Lafayette, saia pela parte de trás do palácio, e assim mesmo duvido muito que o consiga. Entretanto, meu caro senhor, vá.

- Bem! - respondeu simplesmente Billot.

E partiu com a velocidade de uma seta.

XLI

O sogro

Entretanto o progressivo aumento dos rumores da multidão bem mostrava que os espíritos se iam encandecendo. Já não era o ódio, era raiva, já não ameaçavam, espumavam.

Os gritos de “Fora Foulon! Morra Foulon!” cruzavam-se como os projecteis mortais num bombardeamento; a chusma de povo ia crescendo, de momento a momento, e por que assim digamos, abafara os soldados no seu posto.

E já começavam a circular e a engrossar na multidão os gritos que autorizam as violências.

Os gritos já não ameaçavam Foulon unicamente; levantavam-se também contra os eleitores que o protegiam.

- Deixaram fugir o preso! - diziam uns.

- Entremos! Entremos! - gritavam outros.

- Deitemos fogo à municipalidade!

- Para a frente! Para a frente!

Bailly percebeu que já não havia senão um recurso, visto não chegar o Sr. de Lafayette.

Era que os próprios eleitores descessem, se misturassem com os grupos e procurassem converter os mais furiosos.

- Foulon! Foulon!

Tal era o grito incessante, o bramido não interrompido daquelas ondas furiosas.

Aprontavam-se para um assalto geral, as paredes decerto não poderiam resistir.

- Senhor - disse Bailly para Foulon - se não se mostra ao povo, aquela gente toda há-de pensar que o deixamos evadir; arrombarão a porta, entrarão aqui, e se chegarem a entrar e o encontrarem, nem eu sei o que poderá suceder!

- Oh! Não julgava que fosse tão odiado - disse Foulon deixando cair os braços inertes.

E amparado por Bailly, arrastou-se até à janela.

Ressoou um grito terrível apenas o avistaram. A guarda foi dispersada, as portas arrombadas, e a torrente arrojou-se pelas escadas, pelos corredores, e pelas salas, invadindo tudo no mesmo instante.

Bailly colocou de roda do preso todos os soldados que encontrou, e começou depois a falar ao povo.

Queria fazer entender àqueles homens que assassinar alguém pode ser às vezes um acto de justiça, mas nunca é fazer justiça.

Conseguiu o seu fim depois de inauditos esforços, e de ter arriscado por mais de vinte vezes a sua própria existência.

- Sim! Sim! - gritaram os agressores - queremos que o julguem! Queremos que o julguem! Mas que o enforcem!

Estavam neste ponto da argumentação, quando o Sr. de Lafayette entrou na municipalidade, conduzido por Billot.

A vista do seu penacho tricolor, um dos

primeiros que se tinham usado, apaziguou logo a gritaria e a cólera geral.

O comandante em chefe da guarda nacional mandou abrir caminho, e repetiu mais energicamente ainda do que Bailly tudo quanto este dissera.

O seu discurso convenceu todos aqueles que puderam ouvi-lo, e ficou ganha a causa de Foulon na sala dos eleitores.

Porém da parte de fora estavam vinte mil furiosos, que não tinham ouvido o Sr. de Lafayette, e permaneciam imutáveis no seu frenesi.

- Vamos lá! - concluiu Lafayette, persuadindo-se muito naturalmente que o efeito que produzira nos indivíduos que o cercavam se estendia igualmente aos de fora; - vamos lá! Este homem deve ser julgado.

- Sim! - gritou a multidão.

- Por conseguinte, ordeno que seja levado para a cadeia - prosseguiu Lafayette.

- Para a cadeia! Para a cadeia! - berrou o povo.

O general acenou ao mesmo tempo para os guardas da municipalidade, os quais fizeram avançar o preso.

Em vista disto, entendeu a multidão que lhe iam entregar a sua presa. Nem de leve pensou que tivessem esperança de lhe disputar a posse dela.

Sentia, por assim dizer, o cheiro da carne fresca, que ia descendo a escada.

Billot fora para a janela com alguns dos eleitores, para seguir o preso com a vista, enquanto ele atravessasse a praça, escoltado pelos guardas da municipalidade.

Foulon proferia pelo caminho algumas palavras perdidas, que bem mostravam um terror profundo, mal disfarçado com protestos de confiança.

- Nobre povo! - dizia ele ao descer da escada - nada temo; estou no meio dos meus concidadãos.

Em roda dele cruzavam-se já as risadas e as injúrias; de repente apareceu fora da abóbada sombria que dava saída da escadaria

para a praça; o ar e o sol deram-lhe então no rosto apavorado.

No mesmo instante soltaram vinte mil peitos um único grito, grito de raiva, uivo de ameaça, rugido de ódio. Apenas teve lugar a explosão, foram os guardas levantados do chão, separados e dispersos; mil braços agarraram em Foulon, ergueram-no no ar e levaram-no para a esquina fatal, para debaixo do candeeiro, patíbulo ignóbil e brutal das cóleras que, convencido ou não, o povo alcunhava de justiça.

Billot, da janela, via tudo e gritava; os eleitores também estimulavam a guarda, que nada absolutamente podia fazer.

Lafayette, desesperado, saiu precipitadamente da municipalidade, mas nem pôde penetrar nas primeiras fileiras daquela chusma de gente, que se estendia, à semelhança de um lago imenso, entre ele e o candeeiro.

Os que eram simples espectadores, subindo aos colunelos para ver melhor,

agarrando-se às janelas, às sacadas dos edifícios, a todas as saliências que se lhes ofereciam, animavam com gritos terríveis a medonha efervescência dos actores.

Estes brincavam com a sua vítima, como faria um bando de tigres com uma presa indefesa.

Todos disputavam a posse de Foulon, que já não tinha forças para gritar.

Outros, tendo-lhe tirado a gravata e rasgado a casaca, ataram-lhe uma corda ao pescoço.

Finalmente, outros, trepados ao braço do candeeiro, enfiavam por ele a corda, que os companheiros estavam atando ao pescoço do ex-ministro.

Durante um instante ergueram Foulon nos braços e mostraram-no assim à multidão, com a corda ao pescoço e as mãos atadas atrás das costas.

Depois do povo ter contemplado por algum tempo bem à sua vontade o padecente, batendo estrondosas palmas, deu-se o sinal, e

Foulon, pálido e ensangüentado, foi içado à altura do braço de ferro do candeeiro, ao som de uma apupada mais terrível do que a morte.

Todos aqueles que até ali nada tinham podido ver, avistaram então o inimigo público, o homem detestado, sobranceiro às cabeças do povo.

Ouviu-se nova vozearia, que era dirigida contra os algozes. Pois Foulon havia de morrer tão depressa?

Os algozes encolheram os ombros e limitaram-se a apontar para a corda.

A corda era velha; via-se que se ia desfazendo. Os movimentos desesperados que Foulon fazia na sua agonia acabaram de quebrar o último fio; afinal partiu-se a corda, e Foulon, meio estrangulado, caiu no chão.

Aquilo era apenas o prefácio do suplício, o infeliz só tinha penetrado no vestíbulo da morte.

Todos correram para o padecente; ficaram descansados, porque já não podia

fugir; ao cair quebrara uma perna abaixo do joelho.

E todavia, algumas imprecações se ouviram; eram proferidas por gente pouco perspicaz e caluniadora; acusavam os executores, e tinham-nos em conta de homens desastrados, quando, pelo contrário, eram tão engenhosos, porque tinham escolhido a corda assim velha e gasta, na esperança de que se partisse.

Esperança esta que, como se vê, o facto justificara.

Ataram um nó na corda, e enrolaram-na de novo ao pescoço do desgraçado, que, semimorto, com os olhos espantados e a voz sufocada, procurava em volta de si, a ver se naquela cidade a que chamavam o centro do universo civilizado, não apareceria uma das baionetas daquele rei, de quem fora ministro, e que possuía cem mil, para abrir um furo naquela horda de canibais.

Mas nada divisava em volta de si, senão ódio, injúrias e morte.

- Ao menos, matem-me sem me fazer padecer tão atrozmente - gritou Foulon desesperado.

- Pois não! - respondeu uma voz - era o que faltava, abreviarmos o teu suplício, tendo tu feito durar tanto tempo o nosso!

- E demais - disse outra voz - ainda não tiveste tempo de digerir as tuas ortigas.

- Espera! Espera! - bradou outra - vamos buscar-te o teu genro Berthier; também há lugar para ele no candeeiro dali defronte.

- Veremos que cara o sogro e o genro fazem um ao outro - acrescentou ainda outra voz.

- Acabem de me matar! Acabem de me matar! - gritava o desgraçado.

Durante este tempo, Bailly e Lafayette pediam, suplicavam, procurando ao mesmo tempo romper por entre a multidão; de repente, ergueu-se Foulon de novo na extremidade da corda, que tornou a partir-se, e os rogos, as súplicas, a aflição deles, não menos dolorosas do que a do padecente,

perderam-se, extinguiram-se, confundiram-se com a risada universal que se seguiu àquela segunda queda.

Bailly e Lafayette, que eram três dias antes soberanos árbitros da vontade de seiscentos mil Parisienses, nem sequer das crianças conseguiam fazer-se obedecer. Todos murmuravam: “vêm incomodar-nos, vêm interromper o espectáculo.”

Debalde lhe prestara Billot o auxílio do seu vigor; o robusto atleta derrubara vinte homens; mas para chegar ao pé de Foulon seria necessário derrubar cinqüenta, cem ou duzentos, e já estava exausto de forças; enquanto ele parou para limpar o suor e o sangue, que lhe corriam da testa, Foulon foi levantado pela terceira vez até à roldana do lampião.

Desta vez tinham tido dó dele, tinham procurado uma corda nova.

Finalmente estava morto o condenado. Já a vítima não padecia.

Meio minuto bastou à multidão para

verificar se estava apagada a centelha da vida. O tigre matara, podia começar a devorar.

O cadáver, atirado do alto do candeeiro, nem tocou sequer no chão. Foi despedaçado antes de chegar.

Num segundo foi a cabeça separada do tronco, e em outro segundo espetada num chuço. Era moda naquela época trazer assim às costas as cabeças dos inimigos.

Bailly ficou assombrado com semelhante espectáculo. Aquela cabeça era para ele a da Medusa da antiguidade.

Lafayette, pálido e de espada em punho, afastava de si com enfado os guardas, que tentavam desculpar-se de terem sido obrigados a ceder.

Billot, batendo os pés no chão com raiva, e escouceando para a direita e para a esquerda, como um feroso cavalo na Normandia, voltou para a municipalidade, a fim de não ver nada mais do que se passava naquele largo manchado de sangue.

Quanto a Pitou, o furor de vingança popular que o animava transformara-se num movimento convulsivo, e fora assentar-se à beira do rio, fechando os olhos e tapando os ouvidos, para não ver nem ouvir mais nada.

Reinava grande consternação na casa da câmara: os eleitores já iam conhecendo que nunca conseguiriam dirigir os movimentos do povo senão no sentido que ao mesmo povo conviesse.

Eis senão quando, enquanto o povo enfurecido se divertia a arrastar pela lama o corpo decapitado de Foulon, um novo grito, uma nova trovoada retumbou do outro lado da ponte.

Apareceu um correio galopando à rédea solta. A multidão já sabia qual era a notícia que ele trazia. Adivinhara-a pela indicação dos seus mais hábeis chefes, do mesmo modo que a matilha segue o rasto da caça pela inspiração de algum cão amestrado.

O povo correu logo ao correio e cercou-o completamente; sentia que ele lhe descobrira

uma nova presa; cheirava-lhe que vinha falar do Sr. Berthier.

Assim era.

O correio, a quem interrogavam dez mil bocas ao mesmo tempo, foi obrigado a responder:

- O Sr. Berthier de Savigny foi preso em Compiègne.

Em seguida entrou na casa da câmara, para fazer a mesma comunicação a Lafayette e a Bailly.

- Bem, bem, isso já eu sabia - disse Lafayette.

- Isso já nós sabíamos - disse Bailly - e estão passadas as ordens necessárias para que ele fique bem guardado.

- Guardado lá? - exclamou o correio.

- Decerto e até mandei dois comissários com uma escolta.

- Uma escolta de duzentos e cinquenta homens, não é verdade? - disse um eleitor; - é mais que suficiente.

- Meu senhor - disse o correio - eis

justamente o que venho dizer-lhe: a escolta foi dispersa e o preso tirado pelo povo!

- Tirada pelo povo! - exclamou Lafayette. - Pois a escolta deixou que lhe tirassem o preso?

- Não a acuse, general, fez quanto pôde para o defender.

- Então que é feito do Sr. Berthier? - perguntou Bailly com ansiedade.

- Trazem-no para Paris - respondeu o correio - e neste momento está já em Bourget.

- Mas se vier até aqui - exclamou Billot - decerto está perdido!

- Depressa! Depressa! - gritou Lafayette - quinhentos homens para o Bourget! Que se demorem lá os comissários com o Sr. Berthier, que durmam lá; veremos que providências convirá dar.

- Mas quem se atreverá a encarregar-se de uma tal missão? - disse o correio, olhando atemorizado da janela para aquele mar encapelado, no qual cada onda soltava um grito de morte.

- Eu! - gritou Billot; - aquele hei-de eu salvar!

- Vai expor-se a uma morte certa - exclamou o correio; - a estrada está coalhada de gente.

- Não importa, vou já - disse o lavrador.

- É escusado - murmurou Bailly, que tinha estado à escuta. - Ouça! Ouça!

Ouviu-se então do lado da porta de Saint-Martin um rumor semelhante ao bramido do mar numa praia.

Era um rumor furioso, que se elevava acima das casas como o vapor se eleva acima das bordas de um vaso e espalhava-se pela cidade, provocando em todos os pontos nova afluência.

- Já é tarde! - disse Lafayette.

- Lá vêm eles, lá vêm eles - murmurou o correio; - não os ouve?

- Um regimento! Um regimento! - murmurou Lafayette com a generosa loucura de humanidade, que formava a parte brilhante do seu carácter.

- Com os demónios! - exclamou Bailly praguejando pela primeira vez na sua vida talvez - parece que esqueceu que o nosso exército é precisamente esse mesmo povo a quem o senhor quer combater?

E ocultou o rosto com as mãos.

Os gritos que haviam ressoado ao longe, tinham-se comunicado da multidão apinhada nas ruas, à multidão apinhada no largo, com a rapidez de um rastilho de pólvora. O bramido daquelas ondas tornara-se atroador.

Os indivíduos que ainda estavam entretidos em insultar os tristes restos do Foulon abandonaram então o seu sanguinário divertimento para correrem furiosamente ao encontro de uma nova vingança.

As ruas adjacentes ao largo vomitaram imediatamente uma grande parte daquela chusma furiosa, que se arrojou de facas na mão e com gestos ameaçadores para a rua de Saint-Martin, a encontrarem-se com a nova comitiva da morte.

XLII

O genro

Não tardou que se efectuasse a junção; a pressa era geral de ambas as partes.

Eis o que então succedeu:

Alguns dos engenhosos sujeitos que vimos na praça de Grève, levavam ao genro a cabeça do sogro, espetada num chuço.

Berthier vinha pela rua de Saint-Martin acima com o comissário; estava quase na altura de Saint-Méry.

Vinha no seu cabriole, espécie de carrinho, que naquela época era eminentemente aristocrático, e que estava mais que todos incurso na animadversão dos populares, que tantas vezes tinham tido motivo de se queixarem da rapidez com que corriam os peralvilhos ou as dançarinas, governando elles mesmo, e que arrebatados por algum cavallo feroso, esmagavam muitas

vezes o povo, e nunca deixavam de o salpicar de lama.

Berthier, no meio dos gritos, dos apupos e das ameaças, avançava passo a passo, conversando placidamente com o eleitor Rivière, um dos comissários mandados a Compiègne para o salvar, e que, tendo sido abandonado pelo seu companheiro, bastante trabalho tinha tido para se salvar a si próprio.

O povo principiara o seu ataque pelo cabriole, do qual despedaçara a cabeça, de forma que Berthier e o seu companheiro se achavam descobertos, expostos a todas as vistas e a todas as agressões.

À medida que ia passando, ouvia recordar os seus crimes, comentados e engrossados pela fúria popular.

“Tinha sido causa da carestia dos víveres em Paris”.

“Tinha mandado cortar o centeio e o trigo em verde, e com a subida do preço dos cereais realizara somas enormes”.

“Tinham-lhe encontrado uma pasta,

contendo cartas incendiárias, ordens de matança, e a prova de terem sido distribuídos dez cartuchos aos seus agentes.”

Eram monstruosos disparates, mas é sabido que o povo, quando chega ao paroxismo da cólera, dá crédito às notícias mais absurdas.

O indivíduo a quem faziam todas aquelas acusações era um homem moço ainda, de trinta a trinta e dois anos, vestido com elegância, e quase risonho no meio das pancadas e dos insultos; olhava com perfeita indiferença para os cartazes infames que lhe mostravam por todos os lados, e continuava a conversa com Rivière sem afectação.

Dois homens, a quem irritava tanta afoiteza, quiseram atemorizá-lo e fazê-lo mudar de atitude. Trepam, um por cada lado, aos estribos do cabriole, apontando ambos ao peito de Berthier as baionetas das espingardas.

Mas Berthier, que era valente até à temeridade, não se assustou por tão pouco;

continuou a conversar com o eleitor, como se aquelas duas espingardas fossem apenas um inofensivo acessório do cabriole.

A multidão, profundamente irritada com aquele desprezo, que formava tamanho contraste com o terror de Foulon, rugia em volta do carrinho e esperava com impaciência o momento de poder infligir uma dor em lugar de uma ameaça.

Foi então que Berthier fitou os olhos num objecto informe e ensangüentado, que agitavam na sua frente, e conheceu de repente que era a cabeça de seu sogro, que lhe inclinavam à altura da boca.

Queriam dar-lha a beijar.

Rivière, bastante indignado, afastou o chuçó com a mão.

Berthier agradeceu-lhe com um gesto, e nem sequer se voltou para seguir com os olhos aquele hediondo troféu, que os algozes levavam atrás do cabriole, por cima da cabeça de Berthier.

Chegaram assim à praça de Grève, e o

preso, depois de um trabalho insano que teve a guarda, que havia formado à pressa, foi entregue nas mãos dos eleitores, que se conservavam reunidos na casa da câmara.

Tão perigosa missão e terrível responsabilidade fez empalidecer novamente Lafayette e palpar o coração do juiz do povo de Paris.

A multidão, depois de ter acabado de escangalhar o cabriole, que ficara desamparado ao pé da escadaria da casa da câmara, tratou de escolher bons lugares, guardou todas as saídas, fez as suas disposições, e depois enfiou cordas novas nas roldanas dos candeeiros.

Billot, quando viu Berthier subindo mui placidamente pela escada principal da casa da câmara, chorou amargamente e arrepelou os cabelos.

Pitou deixara a beira do rio e voltara para o cais quando calculou que estaria acabado o suplício de Foulon, e assustado do que via, apesar do ódio que nutria contra

Berthier, que a seus olhos era culpado, não só de quanto o acusavam, mas também por ter dado os brincos de ouro a Catarina, acocorou-se a soluçar por detrás de um banco.

Durante este tempo, Berthier, como se nada fosse com ele, entrara para a sala grande do conselho, e conversava com os eleitores.

Conhecia a maior parte deles, e com alguns até se tratava com familiaridade.

Esses afastavam-se dele com o terror que inspira às almas tímidas o contacto de um homem impopular.

De forma que Berthier achou-se em breve quase a sós com Bailly e Lafayette.

Pediui que lhe contassem todos os pormenores do suplício de Foulon, e depois, encolhendo os ombros, disse com o seu sangue-frio, nunca desmentido:

- Sim, bem percebo, odeiam-nos, porque fomos os instrumentos de que se serviu a realleza para atormentar o povo.

- Acusam-no de grandes crimes, senhor

- disse severamente Bailly.

- Senhor - respondeu Berthier. - se tivesse cometido todos os crimes de que sou acusado, seria menos ou mais do que um homem, seria uma fera ou um demónio; mas não-de julgar-me, segundo presumo, e então brilhará a verdade.

- Sem dúvida - disse Bailly.

- Pois bem! - prosseguiu Berthier - é esse o meu único desejo. Estão de posse da minha correspondência, verão as ordens a que eu obedeci, e a responsabilidade toda recairá sobre aqueles a quem couber.

Os eleitores lançaram os olhos para a praça, donde ressoavam medonhos rumores.

Berthier entendeu a resposta.

Billot, então, rompendo por entre as pessoas que cercavam Bailly, achegou-se ao intendente, e estendendo a alentada mão, disse:

- Bons dias, Sr. de Savigny.

- Olá! És tu, Billot? - exclamou Berthier rindo-se e apertando com firmeza a mão que

o outro lhe oferecia; - pelo que vejo, vieste para Paris fazer motins, tu, meu honrado lavrador, que vendias tão bem o teu trigo nos mercados de Villers-Cotterets, de Crépy e de Soissons?

Billot, apesar das suas tendências democráticas, não pôde deixar de admirar a serenidade daquele homem, que assim gracejava quando a sua vida estava por um fio.

- Tomem assento, senhores - disse Bailly para os eleitores - vamos dar começo à instrução do processo deste réu.

- Muito bem - disse Berthier; - mas previno-os de uma coisa, e é que estou exausto de forças; há dois dias que não durmo; hoje, de Compiègne até Paris, fui empurrado, espancado e sacudido; quando pedi de comer, ofereceram-me feno, iguaria que é bem pouco nutriente; indiquem-me pois algum sítio onde possa dormir, ainda que seja só por uma hora.

Entretanto saiu Lafayette um instante,

para ver o que se passava. Voltou para a sala mais descorçoado do que até ali estivera.

- Meu caro Bailly - disse ele para o juiz do povo - a exasperação pública chegou ao seu auge; se conservarmos o Sr. Berthier aqui, expomo-nos a ser sitiados se defendermos a casa da câmara, daremos àqueles furiosos o pretexto por que eles anelam; se não defendermos a casa da câmara, ficaremos com o costume de ceder todas as vezes que nos atacarem.

Durante este tempo, Berthier assentara-se, e depois deitara-se num banco.

Dispunha-se a dormir.

Os gritos furiosos que entravam pelas janelas não o perturbavam; o seu rosto conservava a serenidade do homem, que de tudo se esquece para se entregar tão somente ao sono.

Bailly deliberava entretanto com os eleitores e Lafayette.

Billot contemplava Berthier.

Lafayette contou rapidamente os votos,

e dirigindo-se ao preso, que já ia começando a adormecer, disse:

- Senhor, faça favor de se aprontar.

Berthier soltou um suspiro; em seguida, encostando-se ao cotovelo, perguntou:

- De me aprontar para quê?

- Estes senhores resolveram que há-de ser transferido para a Abbadie.

- Pois irei para a Abbadie - disse o intendente.

- Mas - prosseguiu ele observando o enleio dos eleitores e adivinhando o que o motivava - seja *por que maneira for*, acabemos com isto.

Uma explosão de cólera e de impaciência, a custo reprimida até ali, ressoou na Grève.

- Não, senhores, não - exclamou Lafayette - não o deixaremos daqui sair neste momento.

Bailly achou no coração e no ânimo força para tomar uma resolução, desceu com dois eleitores para a praça e ordenou que se

calassem.

O povo sabia tão bem como ele o que ia dizer; como tencionava repetir o crime, nem quis ouvir a repreensão; e quando Bailly ia para abrir a boca, ergueu-se da multidão um clamor imenso, cobrindo-lhe a voz antes que ela se deixasse ouvir.

Bailly, vendo que lhe seria impossível articular uma única palavra, regressou para a casa da câmara, perseguido pelos gritos: Berthier! Berthier!

A estes gritos sobressaíam outros, semelhantes àquelas notas agudas que de espaço a espaço se ouvem nos coros de demónios de Weber ou Meyerbeer, gritando: À lanterna! À lanterna!

Lafayette, quando viu que Bailly voltava para trás, saiu também. Era moço, entusiasta e estimado. Persuadia-se que ele, amigo de Washington e de Necker, conseguiria, à primeira palavra que desse, aquilo que a recente popularidade do ancião não podia obter.

Mas foi debalde que o general do povo penetrou nos grupos mais enfurecidos; foi debalde que lhes falou em nome da justiça e da humanidade. Foi debalde também que, tendo conhecido ou fingido conhecer algum dos cabeças, lhes suplicou, apertando-lhes as mãos e detendo-lhes os passos, que não cometessem tamanha atrocidade.

Nem uma única das suas palavras foi atendida, nem uma das suas lágrimas foi vista.

Repelido de degrau em degrau, ajoelhou afinal no peristilo da casa da câmara, rogando àqueles tigres, a que chamava seus concidadãos, que não se desonrassem a si próprios, que não transformassem em mártires os criminosos, a quem a lei devia impor, com o castigo que haviam merecido, a infâmia que lhes cabia.

Como insistia, chegaram a ponto de o ameaçar; mas Lafayette lutou com as ameaças. Alguns mais enfurecidos levantaram atrevidamente as mãos para ele e

apontaram-lhe as armas.

Ele ofereceu-se aos golpes que lhe queriam descarregar, e as armas abaixaram-se.

Mas quando chegavam a ameaçar Lafayette, muito mais ameaçado estava Berthier.

Lafayette, vencido, voltou como Bailly para a casa da câmara.

Os eleitores tinham observado todos a impotência de Lafayette para com a tempestade; era a última muralha que acabava de ser derrubada.

Resolveram que a guarda da municipalidade levasse Berthier para a Abbadie.

Era mesmo que sentenciar Berthier à morte.

- Finalmente! - disse Berthier, apenas se tomou esta resolução.

E encarando com profundo desprezo todos aqueles homens, colocou-se no centro dos guardas, depois de ter agradecido por

um aceno a Bailly e Lafayette, e de ter apertado a mão a Billot.

Bailly desviou dele os olhos arrasados em lágrimas, e Lafayette o olhar cheio de indignação.

Berthier desceu a escada do palácio da municipalidade com a mesma placidez com que a subira.

No momento em que apareceu no peristilo, um clamor terrível, que ressoou na praça, fez tremer os próprios degraus de pedra em que Berthier ia firmando os pés.

Porém, ele, sempre desdenhoso e impassível, contemplava com serenidade todos aqueles olhos chamejantes, e encolhendo os ombros, proferiu estas palavras:

- Muito célebre é este povo! Para que berra ele assim?

Ainda não tinha acabado de dizer isto, e já pertencia ao povo. Sobre o peristilo mesmo foram tirá-lo do meio dos guardas. Puxaram-no com ganchos de ferro; faltaram-lhe os pés,

e caiu nos braços dos seus inimigos, que em menos de um segundo, dispersaram a escolta.

Em seguida uma onda irresistível arrastou o preso pelo caminho manchado de sangue, que Foulon tomara duas horas antes.

Já estava um homem escarranchado no candeeiro fatal, com uma corda na mão.

Porém outro homem se filara a Berthier, distribuindo, com raiva e delírio, pancadas e imprecações aos algozes.

Exclamava:

- Não quero que o agarrem! Não quero que o matem, ouviram?

Este homem era Billot, a quem a desesperação havia tornado como louco, dando-lhe a força de vinte homens.

A uns bradava:

- Eu sou um dos vencedores da Bastilha!

E alguns, conhecendo-o com efeito, afrouxavam nos seus ataques.

A outros dizia:

- Deixem que o julguem, ficarei por seu fiador; se lhe derem fuga, enforcar-me-ão em

seu lugar.

Pobre Billot, pobre homem de bem! O turbilhão arrastava-o e a Berthier, assim como o vento arrebatava juntamente, nas suas vastas espirais, uma pena e uma palha.

Caminhava sem perceber que andava e sem ver coisa alguma. Já tinha chegado.

Um raio teria sido menos rápido.

Berthier, a quem tinham levado de recuo e erguido ao ar, vendo que paravam, voltou-se, levantou os olhos, e deu com a vista no infame barão que balançava por cima da sua cabeça.

Fazendo então um esforço violento e inesperado, desenhenciou-se das mãos que o seguravam, arrancou uma espingarda a um guarda nacional, e acometeu os algozes à baionetada.

Porém, num segundo, mil golpes o feriram pela retaguarda; caiu, e mil outros golpes saídos de um círculo lhe dilaceraram o corpo.

Billot tinha desaparecido debaixo dos

pés dos assassinos.

Berthier não teve tempo de padecer. O sangue e a alma saíram-lhe ao mesmo tempo do corpo por mil feridas.

Então pôde Billot ver um espectáculo mais hediondo ainda do que quantos tinha presenciado até ali. Viu um homem introduzir a mão no peito aberto do cadáver, e tirar-lhe o coração, que, ainda fumegava.

E logo, espetando o coração na ponta do sabre, no meio da chusma de vociferadores que se arredavam para o deixar passar, foi depositá-lo na mesa do conselho, onde os eleitores celebravam as suas sessões.

Billot, apesar do seu ânimo de ferro, não pôde resistir àquela vista! Caiu para cima de um colunelo, a dez passos do fatal candeeiro.

Lafayette, quando viu aquele insulto infame, que faziam à sua autoridade, e à revolução que dirigia, ou por melhor dizer, que julgara dirigir, partiu a espada e arremessou os bocados à cabeça dos assassinos.

Pitou foi levantar o lavrador, e levou-o nos braços, sussurrando-lhe ao ouvido:

- Tio Billot! Tio Billot! Tome sentido! Se percebessem que desmaiou, seriam capazes de o considerarem como cúmplice dele, e matá-lo-iam também. E seria uma pena... Visto ser tão bom patriota!

E dizendo isto, foi-o levando consigo para ao pé do rio, ocultando-o da melhor forma que podia às vistas de alguns zelosos, que murmuravam.

XLIII

Billot vai conhecendo que nem tudo
são rosas nas revoluções

Billot, que juntamente com Pitou, tomara parte em todas as libações gloriosas, começava a notar que os cálices de amargura iam chegando.

Logo que com a fresquidão do rio voltou a si, Pitou disse-lhe:

- Sr. Billot, estou com saudades de Villers-Cotterets; e o senhor?

Estas palavras, como fresca sensação de virtude e de paz, acordaram de todo o lavrador, que recobrou vigor para abrir caminho por entre a multidão e afastar-se daquela carnificina.

- Vem comigo - disse ele para Pitou; - tens razão.

E resolveu-se a ir ter com Gilberto, que habitava em Versalhes, e sem que tivesse

voltado à presença da rainha desde a jornada do rei a Paris, estava sendo o braço direito de Necker, que entrara novamente no ministério, abandonando o romance da sua vida pela história de todos, e procurando organizar a prosperidade pela generalização da miséria.

Como de costume, Pitou acompanhou-o.

Foram ambos introduzidos no gabinete onde trabalhava o doutor.

- Doutor - disse Billot - volto para a minha herdade.

- Por quê? - perguntou Gilberto.

- Porque detesto Paris.

- Ah! Sim, percebo - disse friamente Gilberto; - está cansado.

- Estou enfastiado.

- Não gosta da revolução?

- Tomara vê-la acabada.

Gilberto sorrindo com tristeza, disse:

- Ainda agora ela começou.

- Oh! - exclamou Billot.

- Admira-se, Billot? - perguntou

Gilberto.

- O que mais me admira é o seu sangue-frio.

- Meu amigo - perguntou Gilberto a Billot - quer saber de que ele provém?

- Só pode provir de uma convicção.

- Exactamente.

- Qual é?

- Adivinhe.

- Que tudo isto há-de acabar em bem?

Gilberto sorriu ainda mais tristemente do que da primeira vez.

- Não, pelo contrário, da convicção em que estou de que tudo isto há-de acabar em mal.

Billot soltou uma exclamação.

Quanto a Pitou abriu muito os olhos; achava a argumentação pouco lógica.

- Ora vejamos - disse Billot coçando a orelha com a enorme mão - vejamos, porque me parece que não o entendo bem.

- Pegue numa cadeira, Billot - disse Gilberto - e assente-se aqui ao pé de mim.

Billot obedeceu.

- Bem perto, mais perto ainda, para que possa ouvir-me, mas de modo que mais ninguém me ouça.

- E eu, Sr. Gilberto? - perguntou timidamente Pitou, dando a entender por sinais que estava pronto a retirar-se, se Gilberto assim o desejasse.

- Tu não, deixa-te ficar - disse o doutor. - És moço ainda, ouve-me.

Pitou prestou os ouvidos tanto quanto tinha aberto os olhos, e assentou-se no chão ao pé da cadeira do tio Billot.

Era curiosíssimo o espectáculo que oferecia semelhante conciliábulo, formado por aqueles três homens no gabinete de Gilberto, ao lado de uma carteira sobrecarregada de papéis, de cartas, de impressos ainda frescos e de jornais, a quatro passos de distância de uma porta que sitiavam, sem poder transpô-la, os requerentes ou os queixosos, a quem vedava a entrada um empregado velho, quase cego e

maneta.

- Estou ouvindo - disse Billot; - explique-se, meu mestre. Como é que tudo isto há-de acabar em mal?

- Ouça. Sabe o que estou fazendo neste momento, meu amigo?

- Está escrevendo aí num papel.

- Mas qual é o sentido disto que estou escrevendo, Billot?

- Pois quer que adivinhe o que é isso, eu que nem sei ler?

Pitou ergueu timidamente a cabeça e relanceou os olhos para o papel que estava diante do doutor.

- São algarismos - disse ele.

- É verdade, são algarismos que aqui estão, os quais, depois de impressos amanhã, irão pedir ao palácio do rei, aos castelos dos fidalgos e às choupanas dos pobres a quarta parte dos seus rendimentos.

- Quê? - disse Billot.

- Oh! A minha pobre tia Angélica - murmurou Pitou - que tremenda carantonha

ela há-de fazer!

- Então, que me diz a isto, meu amigo? -
prosseguiu Gilberto. - Fazem-se revoluções,
não é assim? Mas depois, pagam-se!

- É justo - respondeu heroicamente
Billot. - Pois bem, seja assim, pagaremos.

- Muito bem! - disse Gilberto - é um
homem convicto, e não me admira a sua
resposta; mas os que não estão convencidos...

- Os que ainda o não estão?...

- Sim, que farão esses?

- Hão-de resistir - replicou Billot num
tom, que significava que ele havia de resistir
vigorosamente, se lhe exigissem a quarta
parte dos seus rendimentos para levar a cabo
uma empresa contrária às suas convicções.

- Então, haverá luta - disse Gilberto.

- Mas a maioria... - disse Billot.

- Diga o resto, meu amigo.

- A maioria aí está para impor a sua
vontade.

- Segue-se que teremos opressão.

Billot encarou Gilberto duvidando a

princípio; mas depressa um raio inteligente lhe brilhou nos olhos.

- Espere, Billot - disse o doutor; - já sei o que vai dizer-me. Os fidalgos e o clero estão de posse de tudo, não é isso?

- Certamente - respondeu Billot. - E os conventos também...

- Os conventos?

- Sim, senhor, os conventos estão cheios até mais não poderem.

- *Notum certumque* - respondeu Pitou.

- Os fidalgos não pagam impostos proporcionais ao que possuem. Assim eu, que sou um simples lavrador, pago de impostos mais do dobro do que pagam os três irmãos de Charny, meus vizinhos, que têm mais de duzentos mil francos de renda.

- Porém, diga-me uma coisa - prosseguiu Gilberto - julga acaso que os fidalgos e os eclesiásticos são menos Franceses do que o senhor?

Pitou arrebitou as orelhas para ouvir aquela proposição, que cheirava a heresia

num tempo em que o patriotismo se media pela rijeza dos cotovelos na praça de Grève.

- A pergunta parece-lhe um disparate, não é verdade, meu amigo? Não pode reconhecer que os fidalgos e os eclesiásticos, que tudo absorvem e nada restituem, sejam tão patriotas como o senhor, não é isso?

- Assim é.

- Pois está enganado, meu amigo, está enganado. São-no ainda mais, e vou provar-lho.

- Oh! Isso agora nego eu - exclamou Billot.

- Por causa dos privilégios, não é assim?

- Forte dúvida!

- Espere!

- Espero, sim.

- Pois bem, certifico-lhe, Billot, que daqui a três dias, o homem mais privilegiado de toda a França será aquele que nada possuir.

- Então, hei-de ser eu - disse gravemente Pitou.

- Não há dúvida, serás tu.

- Como assim? - perguntou o lavrador.

- Atenda-me, Billot, esses fidalgos e esses eclesiásticos, a quem acusa de egoísmo, vão começando a ser atacados da febre de patriotismo que há-de assaltar toda a França. Neste momento estão eles reunindo-se como os carneiros à borda de um fosso; hão-de deliberar; o mais atrevido será o primeiro a saltar; depois de amanhã, amanhã, esta noite talvez. E depois dele, todos os mais saltarão também.

- Que quer dizer nisso, Sr. Gilberto?

- Quero dizer que hão-de ceder das suas prerrogativas; os senhores feudais libertarão os seus camponeses, os senhores de terras abandonarão as suas rendas e foros, e o fidalgo que só tiver um pombal entregará os pombos.

- Oh! Oh! - disse Pitou estupefacto - está persuadido de que eles hão-de largar tudo isso?

- Oh! - exclamou Billot subitamente

iluminado - isso seria uma liberdade esplêndida!

- Pois bem! E depois, quando formos todos livres, que havemos de fazer?

- Eu sei! - disse Billot algum tanto perplexo. - Que havemos de fazer? Veremos então.

- Ah! Eis aí a palavra suprema - exclamou Gilberto. - Veremos!

Levantou-se com gesto sombrio, passeou silencioso durante alguns instantes, e depois, chegando-se ao primeiro dos seus interlocutores, a quem tomou a mão calosa com severidade tal que mais parecia uma ameaça, disse:

- Sim, veremos. Havemos de ver tudo, tu como eu, eu como tu e como ele. Eis aí justamente em que estava pensando há pouco, quando notou em mim o sangue-frio que tanto o surpreendeu.

- Assusta-me! Pois o povo unido, abraçando-se, ajuntando-se para a prosperidade geral, pode ser motivo para

entristecer alguém, Sr. Gilberto?

Este encolheu os ombros.

- Então - prosseguiu Billot - que me dirá o senhor de si, se hoje duvida, depois de ter preparado o caminho para a liberdade no Velho Mundo libertando o Novo?

- Billot - replicou Gilberto - acabou de proferir, sem reparar, palavras, que são a chave do enigma. São as palavras que profere Lafayette, e que ninguém talvez, começando por ele, entendeu ainda; sim, demos a liberdade ao Novo Mundo...

- O senhor? Um Francês? Foi um belo feito!

- Belíssimo, na verdade, mas há-de custar deveras caro - disse tristemente Gilberto.

- Ora adeus! O dinheiro gastou-se, estão saldadas as contas - disse Billot alegremente.

- Cego! - exclamou Gilberto - cego, que não vê naquela aurora do Ocidente o germe da ruína de nós todos, infelizmente! Mas por que hei-de acusá-lo, se o não vi também?

Billot, receio muito que, da liberdade que demos ao Novo Mundo, venha a resultar a perda do antigo.

- *Rerum novus nascitur ordo* - disse Pitou com grande presença de espírito revolucionário.

- Cala-te, criança - disse Gilberto.

- Então, era mais difícil submeter os Ingleses, do que acalmar os Franceses? - perguntou Billot.

- Novo Mundo - repetiu Gilberto - significa lugar limpo, mesa rasa; nenhuma lei, mas nenhum abuso; nem uma só idéia, mas nem um só preconceito também. Em França há trinta mil léguas quadradas para trinta milhões de homens; isto é, no caso de se repartir o terreno, apenas caberá a cada indivíduo o espaço necessário para um berço e um túmulo. Lá na América, há duzentas mil léguas quadradas para três milhões de homens; fronteiras ideais confinando com o deserto, isto é, o espaço e o mar, ou por outra, a imensidade; naquelas duzentas mil léguas,

que são navegáveis por espaço de mil léguas, há florestas virgens, das quais só Deus conhece a profundidade; quero dizer todos os elementos da vida, da civilização e de um brilhante futuro. Oh! É muito fácil, Billot, quando um homem se chama Lafayette e está afeito a manejar uma espada, quando se chama Washington e está habituado a pensar, é muito fácil, digo, combater muralhas de madeira, de terra, de pedra ou de carne humana; mas quando, em lugar de fundar, se destrói, quando se vê na antiga ordem de coisas, que se ataca, muralhas de idéias que se desmoronam, e por detrás de cujas ruínas vão refugiar-se tanta gente e tantos interesses; quando, depois de haver encontrado a idéia, se vê que, para a fazer adoptar por um povo, será talvez necessário dizimar esse povo; começando no velho, que se recorda, e acabando na criança, que poderia aprender; começando no monumento, que é a memória, e acabando no germe, que é o instinto; então, oh! Então, Billot, uma tal tarefa faz

estremecer quem vê para além do horizonte. A minha vista alcança muito longe, Billot, e por isso estremeço.

- Peço perdão, senhor - disse Billot com o seu rústico bom senso; - acusava-me ainda há pouco por não gostar da revolução, e está-ma tornando odiosa.

- Mas eu já lhe disse, porventura, que renunciava a essa empresa?

- *Errare humanum est* - murmurou Pitou - *sed perseverare diabolicum*.

E dizendo, agarrou os pés com as mãos e uniu-os a si.

- Hei-de perseverar - prosseguiu Gilberto - porque assim como vejo os obstáculos, também pressinto o fim, e o fim é esplêndido, Billot; não é somente a liberdade da França que tenho em vista, é a liberdade do mundo inteiro; não é a igualdade física, é a igualdade perante a lei; não é a fraternidade dos cidadãos, é a fraternidade de todos os povos. Hei-de perder talvez a alma, e lá me ficará o corpo - continuou ele

melancolicamente; - mas não importa: o soldado que mandam ao assalto de uma fortaleza vê os canhões, vê as balas que neles metem, vê o morrão que lhes chegam, vê mais ainda, vê a direcção em que são apontados; conhece que aquele pedaço de ferro preto há-de vir atravessar-lhe o peito, e apesar de tudo segue para diante, porque é preciso que a fortaleza seja tomada. Pois bem! Todos nós somos soldados, tio Billot. Para a frente! E deixemos que por cima dos montões dos nossos cadáveres passem um dia as gerações de que este rapaz é a guarda avançada.

- Não sei, realmente, por que motivo desespera, Sr. Gilberto, será por ter sido morto um desgraçado na praça de Grève?

- E tu por que motivo te horrorizas? Anda, Billot, mata tu também.

- Oh! Que está dizendo, Sr. Gilberto?

- É preciso ser conseqüente. Vieste ter comigo, pálido e a tremer, tu que és tão valente e tão forte, e disseste-me: estou

enfastiado. Ri-me de ti e depois de te explicar por que estavas pálido e enfastiado, és tu agora que te ris de mim.

- Fale! Mas primeiro deixe-me nutrir a esperança de voltar curado e satisfeito para os meus campos.

- Os campos... Ouve, Billot, é aí que se funda toda a nossa esperança; o campo, revolução dormente, que se agita de mil em mil anos e que ocasiona vertigens à realeza cada vez que se agita; o campo há-de agitar-se também, quando soar a hora de comprar ou de conquistar esses bens mal adquiridos de que há pouco falavas, acumulados na posse da nobreza ou do clero. Mas para incitar o campo a fazer a colheita das idéias, é necessário incitar o camponês a conquistar a terra. O homem, ao tornar-se proprietário, torna-se livre, e ao tornar-se livre, melhora de índole. A nós, pois, operários privilegiados, para quem Deus se digna erguer o véu do futuro, a nós é que pertence o trabalho terrível que, depois de ter dado ao povo a

liberdade, lhe dará a propriedade. Aqui, Billot, temos nós uma boa obra e talvez má recompensa; mas uma obra activa, poderosa, cheia de alegrias e de dores, cheia de glória e de calúnias; além, um sono frio e impotente, na expectativa de um acordar que se efectuará por influência da nossa voz, de uma aurora que há-de vir de nós. Logo que os camponeses tenham acordado, o nosso trabalho ensangüentado estará concluído, e então começará o deles.

- Qual é pois o conselho que me dá, Sr. Gilberto?

- Se queres ser útil ao teu país, à nação, a teus irmãos, ao mundo, conserva-te aqui, Billot; pega num martelo e trabalha nesta oficina de Vulcano, que forja raios para o mundo.

- Conservar-me aqui para ver matar, para chegar talvez um dia a matar também?

- Como assim? - disse Gilberto sorrindo-se tristemente - Tu matares, Billot! Que estás dizendo?

- Digo que, se ficar aqui, como o senhor me convida - exclamou Billot a tremer - o primeiro homem que vir a atar uma corda a um candeeiro, enforco-o com as minhas próprias mãos.

Gilberto, sorrindo-se, disse:

- Está bom, já me percebeste, e aí estás tu também feito matador.

- Sim, matador de malvados.

- Ora dize-me, Billot, viste matar Delosne, de Launay, Flesselles, Foulon e Berthier?

- Vi.

- Como lhes chamavam os indivíduos que os mataram?

- Malvados.

-Oh! Isso é verdade - disse Pitou - chamavam-lhes malvados.

- Sim, mas a razão está da minha parte - disse Billot.

- Terás razão se enforcares, mas se fores enforcado ninguém ta dará.

Billot, ao ouvir este argumento, abaixou

a cabeça; porém, de repente, tornando a erguê-la com altivez, disse:

- Também será capaz de sustentar que os indivíduos que assassinam homens indefesos e entregues à salvaguarda da honra pública são Franceses tão bons como eu?

- Ah! - disse Gilberto - isso é outra coisa. Sim, há em França muita casta de Franceses. Há em primeiro lugar o povo francês, a que pertence Pitou, a que pertences tu, e eu também; depois segue-se o clero e a nobreza. São pois três castas de Franceses que há em França. Cada qual é Francês debaixo do seu ponto de vista, isto é, debaixo do ponto de vista dos seus interesses, e isto não contando com o rei de França, que é Francês a seu modo. Ah! Billot, por isto vês que, na maneira diferente de serem Franceses todos estes Franceses, é que está a verdadeira revolução. Tu serás Francês de um modo, o abade Maury há-de sê-lo de outro, Mirabeau de outro, e finalmente o rei há-de ser Francês também de outro modo. Pois bem, Billot,

meu excelente amigo, homem do coração recto e espírito são, entraste agora mesmo na questão que estou tratando. Faze-me favor, Billot, de lançar os olhos para isto.

E Gilberto apresentou ao lavrador um papel impresso.

- Que é isto? - disse Billot pegando no papel.

- Lê.

- Sabe muito bem que não sei ler.

- Então dize a Pitou que leia.

Pitou levantou-se do chão, e pondo-se nos bicos dos pés, foi olhar por cima do ombro do lavrador.

- Isto não é francês - disse ele; - não é latim, e não é grego tão-pouco.

- É inglês - replicou Gilberto.

- Eu não sei inglês - disse Pitou.

- Sei eu - disse Gilberto - e vou traduzir-lhes o que está neste papel; porém, lê primeiro a assinatura.

- Pitt - disse Pitou; - que significa, Pitt?

- Vou já explicá-lo - disse Gilberto.

XLIV

Os Pitt

- Pitt - prosseguiu Gilberto - é filho de Pitt.

- É célebre! - disse Pitou - é como na Escritura Sagrada. Temos pois Pitt primeiro e Pitt segundo?

- Sim, e o Pitt primeiro, meus amigos... Reparem bem no que vou dizer-lhes...

- Estamos ouvindo - interromperam ao mesmo tempo Billot e Pitou.

- O tal Pitt primeiro foi, durante trinta anos, um inimigo jurado da França. Do fundo do seu gabinete, onde o prendia a gota, combateu com Montcalm e Vaudreuil na América, com o bailio de Suffren e d'Estaing no mar, e com Broglie e Noailles no continente. O Pitt primeiro tinha por princípio que era necessário destronar os Franceses da Europa; durante trinta anos,

tirou-nos uma a uma todas as nossas colónias, uma a uma todas as nossas feitorias, todo o litoral da índia, e mil quinhentas léguas no Canadá; depois, quando viu que a França estava arruinada em três quartas partes, suscitou-lhe o filho para arruiná-la de todo.

- Ah! Ah! - disse Billot mostrando vivo interesse; - portanto, o Pitt com quem estamos a contas...

- Exactamente - replicou Gilberto - é filho de outro Pitt com quem já as tivemos, que conhece já, tio Billot, que Pitou conhece, que o universo todo conhece; e que fez trinta anos em Maio último.

- Trinta anos?

- Como vêem, tem empregado bem o seu tempo, meus amigos. Pois já lá vão sete anos que governa em Inglaterra, e durante este tempo tem posto em prática as teorias do pai.

- Visto isso, ainda temos que o aturar por muito tempo? - disse Billot.

- Decerto, porque os Pitt têm o sopro vital muito forte. Concedam-me que lhes dê uma prova do que digo.

Pitou e Billot indicaram por um leve aceno de cabeça que estavam prestando a maior atenção.

Gilberto prosseguiu:

- Em 1778 estava o pai do nosso inimigo quase a morrer. Os médicos tinham-lhe declarado que a sua vida estava apenas por um fio, que o menor esforço quebraria. Discutia-se então no parlamento a questão de abandonar as colónias americanas à sua ânsia de independência, para pôr termo à guerra que, incitada pelos Franceses, ameaçava engolir toda a riqueza e todos os soldados da Grã-Bretanha.

“Era no momento em que Luís XVI, o nosso bom rei, este a quem a nação toda acaba de conferir o título de pai da liberdade francesa, tinha reconhecido solenemente a independência da América; ali, nos campos de batalha e nos conselhos, prevalecera a

espada e o génio dos Franceses; a Inglaterra mandou oferecer a Washington, isto é, ao chefe dos insurgentes, o reconhecimento da nacionalidade americana, se a nova nação, voltando-se contra os Franceses, quisesse aliar-se com a Inglaterra."

- Mas - disse Billot - parece-me que uma tal proposta não era airoso para quem a fazia, nem para quem a aceitasse.

- Meu caro Billot, chama-se a isto diplomacia, e no mundo político são muito admiradas as idéias dessa natureza. Pois, Billot, se bem que a coisa lhe pareça tão imoral, mau grado de Washington, que é o mais leal dos homens, pode ser que se achassem alguns Americanos dispostos a comprar a paz pelo preço da tão vergonhosa concessão à Inglaterra.

"Porém, lorde Chatam, o pai de Pitt, o doente sentenciado, o moribundo, o fantasma, que já tinha entrado no túmulo até aos joelhos, Chatam, que parecia já não ter que pedir outra coisa senão o descanso neste

mundo antes de passar a dormir o sono eterno debaixo do seu momento, fez-se conduzir ao parlamento, aonde a questão ia ser debatida.”

“Dava o braço ao filho, William Pitt, então rapaz de dezenove anos, e ao genro: ia coberto de sumptuosas vestes, irrisório invólucro da sua magreza mortal. Pálido como um espectro, com os olhos amortecidos, encobertos pelas lânguidas pálpebras, quis que o levassem para o seu banco das *Contas*, ao passo que todos os lordes, pasmados à vista de tão inesperada aparição, se inclinavam admirando-o, como faria o senado romano vendo regressar Tibério depois de morto e esquecido.”

“Escutou em silêncio, e com profunda atenção, o discurso de lorde Richmond, autor da proposta, e logo que este concluiu, levantou-se Chatam para responder.”

“Aquele homem moribundo achou então força para falar por espaço de três horas: achou fogo no coração para fazer

fulgurar os raios dos seus olhos; achou na alma sentimentos capazes de comoverem os corações de todos.”

“Verdade seja que falava contra a França, que inspirava aos seus compatriotas ódio contra ela, e que se tinha evocado todo o seu fogo e todas as suas forças, fora para arruinar e devorar um país detestado rival do seu. Opôs-se a que a América fosse reconhecida como independente, e a toda a casta de transacção; bradou: guerra, guerra! Falou como Aníbal contra Roma, como Catão contra Cartago. Declarou que o dever de todo o Inglês leal era morrer arruinado, de preferência a sofrer que uma colónia se desligasse da mãe-pátria.”

“Acabou a sua peroração, proferiu a sua derradeira ameaça e caiu como fulminado.”

“Nada mais tinha que fazer neste mundo; levaram-no em braços e quase a expirar.”

“Dali a alguns dias, já não era vivo.”

- Oh! Oh! - exclamaram a um tempo

Billot e Pitou - que homem que esse lorde Chatam era!

- Era, pois, o pai do mancebo de trinta anos que estamos tratando. Chatam morreu com setenta anos. Se o filho viver tanto como o pai, ainda temos que aturar William Pitt quarenta anos. Aí está, tio Billot, o sujeito que temos contra nós; aí está o homem que hoje governa a Grã-Bretanha; aí está o sujeito que necessariamente se não esquece dos nomes de Lameth, de Rochambeau, de Lafayette; que sabe, a estas horas, os nomes de todos os membros da Assembléia Nacional; que jurou ódio mortal a Luís XVI, autor do tratado de 1778; o homem, finalmente, que não respirará desafogado enquanto existir em França uma espingarda carregada e uma algibeira cheia. Já vai começando a perceber?

- Percebo que ele detesta muito a França. Sim, é verdade, mas ainda não entendo bem...

- Nem eu - disse Pitou.

- Pois então, leiam estas quatro palavras. E apresentou o papel a Pitou.

- É inglês - disse este.

- *Don't mind the money* - leu Gilberto.

- Ouço muito bem - replicou Pitou - mas não entendo.

- *Não faça caso do dinheiro* - tornou o doutor.

E mais adiante, renovando a mesma recomendação:

“Diga-lhes que não poupem o dinheiro e que não me dêem contas.”

- Então, andam tratando de armamentos? – perguntou Billot.

- Não, andam tratando de corromper.

- Mas a quem é dirigida essa carta?

- A toda a gente e a ninguém. Este dinheiro que eles dão, que espalham, que prodigalizam, é dado a camponeses, a operários, a miseráveis, a gente, finalmente, que há-de estragar a nossa revolução.

Billot abaixou a cabeça. Aquelas palavras explicavam muita coisa.

- Foste tu porventura quem matou de Launay, com uma coronhada, Billot?

- Não.

- Foste tu que mataste Flesselles com um tiro?

- Não.

- Ajudaste a enforcar Foulon?

- Não.

- Foste tu que puseste o coração ensangüentado de Berthier em cima da mesa dos eleitores?

- Que infâmia! - exclamou Billot. - Por muito criminoso que fosse aquele homem, ter-me-ia feito retalhar em pedaços para o salvar; e para prova do que digo, fui ferido por querer defendê-lo, e se não fosse Pitou, que me arrastou para a margem do rio...

- Oh! Isso é verdade - disse Pitou; - se não fosse eu, o tio Billot tinha-se visto atrapalhado.

- Pois bem! Afirmo-lhe, Billot, que existem muitos homens capazes de fazerem o mesmo que o senhor fez, quando sentirem que há quem os apoie, e que, abandonados aos maus exemplos, se tornam, primeiro

malvados, depois ferozes e por último frenéticos; e daí, feito o mal, já não há remédio.

- Mas, enfim - contestou Billot - admitindo que o Sr. Pitt ou, por outra, o seu dinheiro, tivesse alguma parte na morte de Flesselles, de Foulon e de Berthier, que resultado espera ele tirar disso?

Gilberto deu uma dessas risadas silenciosas, que fazem pasmar a gente simples e estremecer a gente que pensa.

- Pergunta-me qual é o resultado que ele espera tirar disso?

- Pergunto, sim.

- Eu lho digo. Gosta muito da revolução, não é assim, visto que atravessou rios de sangue para tomar a Bastilha?

- Sim, gostava dela.

- Muito bem! E agora já lhe agrada menos. Está já com saudades de Villers-Cotterets, de Pisseleux, do sossego da campina, e da sombra dos seus copados bosques.

- *Frigida Tempe* - murmurou Pitou.

- Oh! Sim, tem razão - disse Billot.

- Pois bem, tio Billot, o senhor, que é lavrador, proprietário, filho da Ilha-de-França, por conseguinte Francês velho, representa o *terceiro estado*, pertence àquilo a que chamam maioria; e diz que está enfastiado?

- Confesso que sim.

- Pois a maioria há-de enfastiar-se tanto como o senhor.

- E depois?

- Chegará um dia em que há-de estender os braços aos soldados do Sr. de Brunswich, ou do Sr. Pitt, que virão, em nome daqueles dois libertadores da França, e restituir-lhes-ão as suas sãs doutrinas.

- Nunca!

- História! Dê tempo ao tempo.

- Não se pode negar, que Flesselles, Berthier e Foulon eram uns malvados - quis objectar Pitou.

- Que dúvida! Assim como eram

malvados o Sr. de Sartines e o Sr. de Maurepas, como o eram, antes deles, o Sr. de Argenson e o Sr. Phillippeaux, como o era o Sr. Law, como o eram os Duverney, os Leblanc e os de Paris, como o foi Fouquet, como o foi Mazarin, como foram malvados Semblancey e Enguerrand de Marigny, como o Sr. de Calonne o é para o Sr. de Necker, e como o Sr. de Necker o há-de ser para o ministério que havemos de ter daqui a dois anos.

- Oh! Oh! Doutor - murmurou Billot. - O Sr. de Necker um malvado! Isso nunca!

- Assim como o senhor, meu bom Billot, há-de ser um malvado para este rapazito Pitou aqui presente, dado o caso que algum agente de Pitt lhe ensine certas teorias, debaixo da influência de um quartilho de aguardente e de dez francos por cada dia de sedição. A palavra *malvado*, meu caro Billot, é o termo que serve, em tempos de revolução, para designar o homem que pensa diferentemente de nós; estamos destinados a

ser assim chamados, por pouco ou por muito tempo; para alguns há-de durar tanto essa designação, que os seus patriotas hão-de inscrever-lha no túmulo; para outros há-de ser ainda mais duradoura, por isso que a posteridade decerto lhes ratificará o epíteto. Aí tem, caro Billot, o que eu vejo e o senhor não vê. Tio Billot, é necessário portanto que a gente de bem não se retire.

- Não tem dúvida! - disse Billot - porque ainda que a gente de bem se retirasse, a revolução não deixaria de progredir; vai seu caminho.

Um novo sorriso assomou aos lábios de Gilberto.

- Louco - disse ele - que larga a rabiça do arado, e desaparelha os cavalos, dizendo: Bom, o arado não precisa de mim, o arado abrirá o sulco por si só! Ora diga-me, meu amigo, quem foi que fez esta revolução? A gente de bem, não é assim?

- Disso se pode gabar a França; parece-me que Lafayette é homem de bem, que

Bailly é homem de bem, que o Sr. de Necker é homem de bem; parece-me, finalmente, que os srs. Elias, Hulin e Maillard, que pelejaram comigo, são gente de bem; parece-me, por último, que o senhor...

- Pois então, Billot, se a gente de bem, se o senhor, se eu, se Maillard, se Hulin, se Elias, se Necker, se Bailly, se Lafayette se abstiverem, quem há-de ficar para trabalhar? Os miseráveis, os assassinos, os malvados que lhe aponte; os agentes do Sr. Pitt?

- Responda a isso, se é capaz, tio Billot - disse Pitou convencido.

- Pois, se assim suceder - disse Billot - armar-nos-emos, e começaremos a atirar-lhes como a cães.

- Espere. Quem se há-de armar?

- Toda a gente.

- Billot, Billot, lembre-se de uma coisa, meu bom amigo, é que isto de que estamos tratando neste momento chama-se... Como se chama isto de que estamos tratando neste momento, Billot?

- Chama-se política, Sr. Gilberto.

- Muito bem! Pois em política não há crime algum absoluto; ou se é malvado ou homem de bem, conforme se ferem ou se servem os interesses daquele que nos julga. Aqueles a quem chama malvados darão dos seus crimes uma razão especiosa, e para muitas pessoas de bem, que tenham tido interesse directo ou indirecto em que fossem cometidos crimes, hão-de eles tornar-se pessoas muito de bem. Chegados a esse ponto temos de acautelar-nos. Não faltará quem pegue na rabiça e meta os cavalos ao arado. Andará então, Billot, andará então independentemente de nós.

- O quadro é medonho - disse o lavrador. - Mas se ele andar sem nós, onde irá parar?

- Só Deus o sabe! - replicou Gilberto; - por mim, não o sei.

- Pois então, se o senhor, que é um sábio, não o sabe, muito menos o posso eu saber, que sou um ignorante. Conjecturo pois...

- Que conjectura, Billot, diga?

- Conjecturo que o passo mais acertado que temos a dar, tanto Pitou como eu, é voltarmos para Pisseleux. Tornaremos para o arado, para o verdadeiro arado de ferro e madeira, com que se revolve a terra, e abandonaremos o arado de carne e osso, a que chamam povo francês, e que escouceia como cavalo manhoso. Trataremos de semear trigo em vez de derramar sangue, e viveremos em nossa casa livres, alegres e como senhores. Venha também connosco, Sr. Gilberto. Eu gosto de saber para onde vou.

- Mais um instante de atenção, meu honrado amigo - disse Gilberto; - não, não sei para onde vou, já lho disse, e torno a repetilo, entretanto, vou indo e quero continuar a caminhar. O meu dever está traçado, a minha vida pertence a Deus; porém as minhas obras são a dívida que hei-de pagar à pátria. Se a minha consciência me disser: "Prossegue, Gilberto, estás no bom caminho, prossegue!" isso me basta. Se me enganar, os homens

castigar-me-ão, mas Deus há-de absolver-me.

- Porém os homens castigam às vezes mesmo os que não se enganam. Ainda há pouco o senhor o disse.

- E repito-o. Não importa; ainda persisto, Billot. Erro ou não, continuo. Deus me livre de afirmar que o resultado não há-de provar o meu pouco valor; mas, primeiro que tudo, Billot, o Senhor disse: “Paz aos homens de boa vontade”. Sejam pois desses a quem o Senhor promete a paz. Olhe para o Sr. de Lafayette, cujo cavalo branco é já o terceiro que estafa, tanto na América como em França, sem contar com os que ainda há-de estafar; olhe para o Sr. Bailly, que vai gastando os bofes; olhe para o rei, que vai gastando a sua popularidade. Ora vamos, vamos, Billot, não sejam egoístas. Gastemo-nos também um pouco; fique comigo, Billot, fique comigo.

- Mas para quê, meu amigo, para quê, se não podemos evitar o mal?

- Billot, nunca me repita essa palavra,

porque o ficaria estimando menos. Levou pontapés, socos, coronhadas e até baionetadas, quando quis salvar Foulon e Berthier.

- Levei, e não foram poucas - respondeu o lavrador esfregando com as mãos o corpo ainda dorido.

- A mim, quase me tiraram um olho - disse Pitou intrometendo-se na conversa.

- E tudo isso para nada - acrescentou Billot; - os desgraçados sempre patearam.

- Pois bem! Meus filhos, se em vez de dez, quinze, vinte homens com o ânimo que têm, estivessem ali cem, duzentos, ou trezentos, arrancavam o desgraçado à horrível morte que lhe deram, e poupava-se uma nódoa à nação. Eis o motivo por que em lugar de consentir que parta para o campo, que está sossegado, exijo, Billot, tanto quanto me é lícito exigir do senhor alguma coisa, meu amigo, que se conserve em Paris, para poder ter aqui próximo um braço rijo e um coração recto, para poder ensaiar o meu

espírito e a minha obra na leal pedra de toque do seu bom-senso e puro patriotismo; finalmente, para que, espalhando, não ouro, visto que não o possuímos, mas o amor da pátria e do bem público, seja o meu agente junto de uma multidão de infelizes desvairados, para que seja o meu bordão quando eu escorregar, e o meu cajado quando me for preciso bater.

- Ou por outra, um cão de cego - disse Billot, com sublime simplicidade.

- Exactamente - respondeu Gilberto no mesmo tom.

- Pois bem! Aceito - retorquiu Billot; - serei o que o meu bom amigo deseja.

- Bem sei que tem de abandonar tudo, fortuna, mulher, filhos e felicidade; mas deixe estar, que o sacrifício não há-de ser por muito tempo.

- E eu - perguntou Pitou - que hei-de fazer?

- Tu - disse Gilberto olhando para o simples e robusto rapaz, que pouco brilhava

pelo lado da inteligência; - tu hás-de voltar para Pisseleux, para consolar a família de Billot e explicar-lhe qual foi a santa missão de que ele te incumbiu.

- No mesmo instante! - exclamou Pitou estremecendo de alegria só com a idéia de voltar para junto de Catarina.

- Billot - disse Gilberto - dê-lhe as suas instruções.

- Ei-las - replicou Billot.

- Estou ouvindo.

- Catarina é por mim nomeada dona da casa, entendes?

- E a Sr^a. Billot? - perguntou Pitou algum tanto admirado daquela preterição da mãe pela filha.

- Pitou - disse Gilberto, o qual tinha percebido qual era a idéia de Billot, por ver a vermelhidão que havia ligeiramente corado a fronte do chefe de família - lembra-te deste adágio árabe: ouvir é obedecer.

Pitou também corou então; tinha quase entendido, e conhecido a sua indiscrição.

- Catarina é de toda a família quem tem mais juízo - disse Billot sem cerimónia, para acentuar o seu pensamento.

Gilberto inclinou-se em sinal de aprovação.

- É tudo quanto tem a determinar-me? - perguntou o rapaz.

- Da minha parte é - respondeu Billot.

- Mas não da minha - disse Gilberto.

- Estou ouvindo - disse Pitou, dispondo-se a pôr em prática o adágio citado havia um instante por Gilberto.

- Hás-de ir com uma carta minha ao colégio de Luís-o-Grande - prosseguiu Gilberto; - darás a carta ao abade Bérardier, que há-de confiar-te o Sebastião; hás-de trazer-mo, para eu o abraçar, e depois levá-lo-ás contigo para Villers-Cotterets, onde o entregarás ao abade Fortier, para que ele não perca o seu tempo. Aos domingos e quintas-feiras, sairá a passeio contigo; acostuma-o a andar sem medo pelas planícies e pelos bosques. É melhor, para o meu sossego, e

para a sua saúde, que fique nessa terra em lugar de vir para aqui.

- Percebo muito bem - exclamou Pitou arrebatado de alegria não só por ver que lhe era restituído o seu amigo de infância, como pelas vagas aspirações de um sentimento um pouco mais adulto, que nele acordava o nome mágico de Catarina.

Levantou-se e despediu-se de Gilberto, que ficou sorrindo, e de Billot, que ficou pensativo.

Depois partiu a correr para ir buscar Sebastião Gilberto, o seu colação, a casa do abade Bérardier.

- E nós - disse Gilberto para Billot - trabalhemos.

XLV

Medeia

Às terríveis agitações morais e políticas, de que acabámos de dar conta aos nossos leitores, tinha-se seguido, em Versalhes, uma certa tranqüilidade.

O rei respirava; e se bem que se recordava de vez em quando do muito que o seu orgulho borbónico tinha sofrido naquela jornada a Paris, consolava-se com a idéia de haver reconquistado a sua popularidade.

Durante este tempo o Sr. de Necker organizava e ia perdendo imperceptivelmente a sua.

Quanto à nobreza, essa começava a preparar-se para desertar ou para resistir.

O povo vigiava e esperava.

Entretanto a rainha, reconcentrada em si, certa de ser o alvo de todos os ódios, fazia-se muito pequenina, e dissimulava-se porque

sabia muito bem que, apesar de ser o alvo de muitos ódios, era ao mesmo tempo o objecto de muitas esperanças.

Desde a jornada do rei a Paris, apenas uma ou outra vez tornara a ver Gilberto.

Uma vez, porém, encontrou-se com ele no vestíbulo que dava ingresso para o aposento do rei.

Ali, ao tempo que ele a cortejava respeitosa e, havia sido ela quem começara a conversa, dizendo-lhe:

- Bons dias, doutor; vai ao quarto do rei?

E em seguida acrescentou com um sorriso em que transluzia alguma ironia:

- Como conselheiro, ou como médico?

- Como médico, minha senhora - respondeu Gilberto; - estou hoje de serviço.

A rainha fez sinal a Gilberto para que a seguisse; Gilberto obedeceu.

Ambos entraram para uma saleta que ficava contígua aos quartos do rei.

- Então, o senhor - disse ela - enganou-me outro dia, quando me afirmou a respeito

daquela jornada do rei a Paris, que Sua Majestade não corria perigo algum.

- Eu, minha senhora! - replicou Gilberto admirado.

- Decerto; pois não dispararam um tiro contra Sua Majestade?

- Quem disse isso, minha senhora?

- Toda a gente, e especialmente as pessoas que viram cair a pobre mulher quase debaixo das rodas do coche do rei. Quem disse isso? O Sr. de Beauvau e o Sr. d'Estaing, que viram a sua casaca rasgada e a tira da camisa furada.

- Senhora!

- A bala, que apenas roçou pelo senhor, podia muito bem ter morto o rei, como matou a pobre mulher; porque afinal de contas não era o senhor nem a infeliz mulher que os assassinos queriam matar.

- Eu não creio que houvesse intenção de perpetrar um crime, real senhora - disse Gilberto com alguma hesitação.

- Embora. Porém, eu estou persuadida

de que a houve - replicou a rainha olhando fixamente para Gilberto.

- Em todo o caso, se houve crime, não é ao povo que deve ser imputado.

A rainha fitou ainda mais profundamente o seu olhar em Gilberto.

- Ah! Queira então dizer-me a quem deve ser atribuído?

- Real senhora - prosseguiu Gilberto abanando a cabeça - há algum tempo a esta parte, tenho visto e estudado o povo. Quando o povo assassina, em tempo de revolução, mata por suas mãos; é então como o tigre enfurecido, como o leão irritado. O tigre e o leão não querem medianeiros, não há agentes entre a força e a vítima, matam pelo gosto de matar, derramam sangue somente para o verem derramar; deleitam-se em tingir nele os dentes e em umedecer as garras.

- E para prova veja-se o que sucedeu a Foulon e a Berthier, não é assim? Mas Flesselles não foi morto com um tiro de pistola? Pelo menos assim o ouvi dizer;

todavia pode não ser verdade - prosseguiu a rainha com ironia - nós, às testas coroadas, estamos tão cercadas de lisonjeiros...

Gilberto encarou então também fixamente a rainha, e respondeu:

- Oh! Quanto a esse, está Vossa Majestade tão convencida como eu de que não foi o povo que o matou. Muita gente tinha empenho em que ele morresse.

A rainha reflectiu.

- O caso, doutor, é que isso que diz pode muito bem ser - replicou ela.

- Então, real senhora? - disse Gilberto inclinando-se como para perguntar a Maria Antonieta se tinha ainda mais alguma coisa a dizer-lhe.

- Entendo - disse a rainha detendo brandamente o doutor com um gesto quase amigável. - Seja como for, permita-me que lhe diga que nunca será capaz de salvar o rei tão realmente com a sua ciência, como o salvou há três dias com o seu peito.

Gilberto inclinou-se segunda vez.

Porém, como visse que a rainha se deixava ficar, ficou também.

- Não sei porque não tornei a vê-lo, senhor – disse a rainha depois de um instante de silêncio.

- Vossa Majestade já não carecia de mim – respondeu Gilberto.

- É muito modesto.

- Bem quisera não o ser, senhora.

- Por quê?

- Porque, se fosse menos modesto, seria menos tímido e por conseguinte achar-me-ia mais apto para servir os meus amigos, ou para atacar os inimigos.

- Por que motivo diz: os meus amigos, e não diz também: Os *meus* inimigos?

- Porque não tenho inimigos, ou por melhor dizer, porque, pelo menos, não quero reconhecer que os tenha.

A rainha olhou para ele com surpresa.

- Quero dizer - prosseguiu Gilberto - que os meus únicos inimigos são aqueles que me odeiam, mas eu não odeio ninguém.

- Por quê?

- Porque já não tenho amor a ninguém.

- É ambicioso, Sr. Gilberto?

- Houve um instante em que tive esperança de vir a sê-lo, real senhora.

- E...?

- E essa paixão abortou no meu coração como todas as mais.

- Ainda lhe ficou uma, contudo - disse a rainha com uma espécie de subtileza irónica.

- Em mim, senhora? Qual é?

- O... patriotismo.

Gilberto inclinou-se e respondeu:

- Oh! Isso é verdade; adoro a minha pátria e hei-de fazer por ela todos os sacrifícios.

- Ah! - disse a rainha com uma graça melancólica indefinível - houve tempo em que um bom Francês não se atreveria a exprimir esse pensamento nos termos que o senhor acabou de empregar.

- Que quer Vossa Majestade dizer? - perguntou respeitosamente Gilberto.

- Quero dizer, que no tempo de que falo, era impossível ter amor à pátria, sem o ter ao mesmo tempo ao rei e à rainha.

Gilberto corou, inclinou-se e sentiu no coração como que um choque de electricidade, que dimanava da rainha nos momentos das suas sedutoras intimidades.

- Não me responde, senhor? - disse ela.

- Senhora - replicou Gilberto - atrevo-me a afirmar que sou mais do que ninguém afecto à monarquia.

- Num tempo como este em que vivemos, senhor, não seria melhor trabalhar do que falar?

- Mas, real senhora - disse Gilberto admirado - peço a Vossa Majestade que acredite que tudo quanto ordenar o rei ou a rainha, eu...

- O fará, não é assim?

- Certamente, real senhora.

- Pois se assim fizer - disse a rainha assumindo involuntariamente um pouco do seu usual orgulho - terá apenas cumprido um

dever.

- Senhora...

- Deus, quando concedeu aos reis a onipotência - prosseguiu Maria Antonieta - isentou-os da obrigação de serem gratos para com os indivíduos que só cumprem o seu dever.

- Infelizmente, senhora - replicou Gilberto - vai chegando um tempo em que os servidores de Vossa Majestade hão-de merecer mais do que gratidão, se quiserem cumprir o seu dever, quando mais não seja.

- Que pretende dizer com isso?

- Quero dizer, que quando vierem esses dias de desordem e demolição a que aludo, debalde procurará encontrar amigos naqueles que está acostumada a considerar seus servidores. Rogue a Deus, senhora, que lhe dê outros servidores, outros apoios, outros amigos, que não sejam os que tem agora.

- Sabe de alguns?

- Sei, sim, real senhora.

- Então indique-mos.

- Eu, que estou falando a Vossa Majestade, era ontem seu inimigo.

- Meu inimigo! Por que motivo?

- Porque fez com que eu fosse encarcerado.

- E hoje?

- Hoje - respondeu Gilberto inclinando-se - sou seu servidor.

- E qual é o seu fim?

- Senhora...

- Que fim teve em vista tornando-se meu servidor? Não é do seu carácter mudar tão repentinamente de parecer, de crenças ou de afeições. É um homem profundo em se recordar, Sr. Gilberto, sabe fazer duras as suas vinganças. Ora vamos, diga-me qual é o fim dessa sua mudança.

- Senhora, ainda há pouco Vossa Majestade censurou o demasiado amor que tenho à minha pátria.

- O amor da pátria nunca é demasiado; tudo está no modo por que cada qual o entende. Eu também tenho amor à minha

pátria (Gilberto sorriu-se). Oh! Nada de falsas interpretações, senhor; a minha pátria é a França, porque a adoptei. Sou Alemã pelo sangue, mas Francesa pelo coração. Eu amo a França, mas amo-a pelo rei, amo-a pelo respeito que devo a Deus que nos sagrou. Agora o senhor...

- Eu, real senhora?

- Sim, o senhor. Adivinhei o seu modo de pensar, não é assim? O senhor difere de mim. Tem amor à França, pura e simplesmente pela França.

- Senhora - respondeu Gilberto inclinando-se - faltaria ao respeito que devo a Vossa Majestade se lhe não falasse com franqueza.

- Oh! - exclamou a rainha - que horrível época esta em que todos os homens que se prezam de honrados desligam duas coisas, que nunca se separam, dois princípios que sempre têm caminhado juntos: a França e o seu rei. Diga-me, não há uma tragédia de um dos seus poetas em que perguntam a uma

rainha abandonada por todos: “Que vos resta agora?” E em que ela responde: “Eu!...” Pois eu sou como Medeia, fico, e depois veremos.

E saiu encolerizada, deixando Gilberto estupefacto.

Acabava de erguer perante ele, com o sopro da cólera, uma ponta do véu por detrás do qual se estava tramando toda a obra da contra-revolução.

- Não há dúvida! - disse consigo Gilberto ao entrar no quarto do rei - a rainha projecta alguma coisa.

- Deixá-lo! - disse consigo a rainha ao voltar para o seu aposento - está visto que nenhum partido se pode tirar daquele homem. Tem a força, mas falta-lhe a dedicação.

Pobres príncipes! para quem a palavra dedicação é sinónimo de servilismo.

XLVI

O que queria a rainha

Gilberto voltou para junto do Sr. de Necker, depois de ter estado com o rei, a quem achou tão sossegado quanto a rainha estava agitada.

O rei estava escrevendo períodos, adicionando contas, e fazendo projectos de reformas de leis.

Aquele homem de boa índole, de olhar suave e alma recta, de quem o coração, se alguma vez errou, só o fez em consequência de preconceitos inerentes à condição régia; aquele homem, dizemos, teimava em conquistar futilidades em troca das coisas essenciais que lhe tiravam. Teimava em querer ver além do horizonte com o seu olhar míope, quando tinha o abismo ali aberto debaixo dos pés. Aquele homem causava profundo dó a Gilberto.

Quanto à rainha, o caso era diverso, e apesar da sua impassibilidade, Gilberto conhecia que ela era uma daquelas mulheres a quem se deve amar apaixonadamente ou odiar até à morte.

Maria Antonieta, depois de voltar para os seus aposentos, sentiu como que um peso imenso, que lhe oprimia dolorosamente o coração.

E, de facto, nem como mulher nem como rainha encontrava em volta de si coisa alguma sólida, nada que a ajudasse a suportar uma parte do peso que a esmagava.

Para qualquer lado que volvesse os olhos, parecia-lhe ver hesitação ou dúvida.

Os cortesãos, assustados pelo risco em que estavam os seus bens, tratavam de os reduzir a dinheiro.

Os parentes e amigos pensavam no exílio.

A mulher mais ativa da sua corte, Andréia, afastava-se gradualmente dela de corpo e alma.

O homem de mais elevados sentimentos e mais querido de todos, Charny, ferido por algum capricho, ia-se tornando frio.

Uma tal situação dava-lhe cuidados, a ela, que era o instinto e a sagacidade personificados.

Como era que aquele homem puro, aquele coração sem mácula tinha mudado de repente?

- Não, ainda não mudou - dizia consigo a rainha suspirando; - mas não tardará que mude.

Está para mudar! Convicção medonha para toda a mulher, que ama com paixão; insuportável para a mulher que ama com orgulho.

Ora, a rainha amava com paixão e orgulho ao mesmo tempo.

Eram, pois, duas feridas que lhe dilaceravam o peito.

E contudo, no momento a que estava chegada, quando acabava de conhecer o mal que fizera, e o passo errado que tinha dado,

ainda era tempo de remediar tudo.

Porém o espírito daquela mulher coroada não era nada flexível. Não podia resolver-se a ceder, nem quando conhecia que tinha cometido uma injustiça; pode ser que para com um indiferente tivesse mostrado, ou quisesse mostrar grandeza de alma, e então talvez até lhe pedisse perdão.

Mas ao homem que honrara com um affecto tão vivo e tão puro ao mesmo tempo, àquele a quem se havia dignado participar os seus ocultos pensamentos, a esse não julgava a rainha dever fazer-lhe a menor concessão.

A desgraça das rainhas que descem a ter amor a um súbdito, é amarem-no sempre como rainhas, e, nunca como mulheres.

Esta dava a si mesma tão subido valor, que lhe parecia não haver nada no mundo que pudesse pagar o seu amor, nem sequer o sangue, nem as lágrimas.

Desde o momento em que havia começado a sentir ciúmes de Andréia, principiara a diminuir moralmente.

Os seus caprichos eram uma consequência dessa inferioridade.

A cólera era a consequência dos seus caprichos.

Finalmente, a consequência da cólera eram os maus pensamentos que sempre trazem após si as más acções.

Charny não dera causa a quanto acabámos de dizer, mas era homem e percebera que Maria Antonieta tinha ciúmes da sua mulher, se bem que injustos.

De sua mulher, de quem ele nunca fizera caso.

Nada há nada tão revoltante para um coração probo e incapaz de traição como ver que o julgam susceptível de atraiçoar.

Não há coisa que chame mais a atenção sobre alguém do que os ciúmes que se mostra ter desse alguém.

Especialmente se tais ciúmes são injustos.

O indivíduo de quem se desconfia, reflecte então.

Considera alternadamente o coração ciumento e a pessoa que dá causa aos ciúmes.

Quanto maior é a alma do ciumento, maior é o perigo a que se expõe.

Com efeito, quem poderá supor que um coração grande, uma inteligência elevada e um orgulho legítimo possam inquietar-se por nada ou por pouca coisa?

Por que motivo terá ciúmes a mulher formosa? Por que motivo terá ciúmes a mulher poderosa? Por que motivo terá ciúmes a mulher de espírito? Quem poderá supor que ela se inquiete por nada ou por pouca coisa?

O ciúme não é mais que um perdigueiro, que descobre para outrem merecimentos que o caçador indiferente deixara escapar.

Charny sabia que Andréia de Taverney era uma antiga amiga da rainha, a quem esta tratava sempre muito bem, distinguindo-a entre todas. Por que lhe teria Maria Antonieta retirado a sua amizade? Por que teria ciúmes

dela?

Descortinaria ela algum segredo misterioso de formosura, que Charny não tivesse descoberto por não o ter procurado?

Então sentia ela que Charny podia lembrar-se de fazer caso daquela mulher, e que ela perderia alguma coisa se ele se lembrasse de contemplar a condessa?

Ou teria julgado que Charny lhe tivesse menos amor, se bem que nenhum motivo externo houvesse diminuído esse amor?

Nada mais fatal às pessoas ciumentas de que o conhecimento que elas dão da temperatura do coração que se empenham em conservar no mais intenso calor.

Quantas vezes sucede chegar o objecto amado a conhecer, pelas argüições que ouve acerca da sua frieza, que existe com efeito essa frieza, que ele já sentia, mas em que ainda não fizera reparo?

E quando ele repara em tal, quando sente a verdade da argüição que lhe fazem, diga-me, a minha leitora, quantas vezes o tem

visto tornar aos seus amores, quantas vezes tem avivado a chama do amortecido facho?

Oh! Que desastrados são os amantes! Verdade seja que onde há muita reflexão, quase nunca há bastante amor.

Portanto, Maria Antonieta tinha dado a conhecer a Charny, pela sua cólera e injustiça, que no fundo do seu coração já ia tendo por ela menos amor.

Apenas o soube, o conde procurou em volta de si o motivo, e diante dos seus olhos deparou-se-lhe mui naturalmente a causa dos ciúmes da rainha.

Era Andréia, a pobre Andréia desamparada, a esposa sem ser mulher.

Condoeu-se dela.

A cena que tivera lugar à sua volta de Paris dera-lhe a conhecer o segredo profundo dos ciúmes até ali ocultos a todos os olhos.

A rainha também viu que estava tudo descoberto, e como não queria abaixar-se perante Charny, empregou outro meio, que, na sua opinião, devia produzir o mesmo

resultado.

Tornou a tratar muito bem Andréia.

Admitiu-a a todos os seus passeios, a todos os seus serões; prodigalizou-lhe afagos, tornou-a um objecto de inveja para todas as outras damas.

E Andréia aceitou as carícias com admiração, mas sem reconhecimento. Havia muito que se acostumara a considerar-se a si própria como instrumento da rainha, de que esta podia fazer o uso que lhe aprouvesse; estava por conseguinte sempre pronta a cumprir os desejos da sua ama.

Porém, em compensação, como era preciso que a cólera da mulher recaísse sobre alguém, começou a rainha a tratar muito mal o conde de Charny. Não falava com ele, ou se lhe dirigia a palavra, era com aspereza; passava noites, dias, semanas até, affectando não reparar na sua presença.

Contudo, apenas ele se ausentava, entumecia-se o coração da pobre mulher; os olhos divagavam-lhe inquietos, procurando o

homem de quem se desviavam logo que o avistavam.

Se carecia do braço de alguém, se tinha uma ordem que dar, ou se queria desperdiçar um sorriso, servia-lhe o primeiro que lhe ficava próximo.

Mas o que escolhia nunca deixava de ser um homem galante e distinto.

A rainha julgava que se curaria da sua ferida, se pudesse ferir Charny.

Este tudo sofria calado. Era homem que tinha muito poder em si. Nem um único movimento de cólera ou de impaciência lhe escapava durante tão horríveis torturas.

Seguiu-se a isto um espectáculo curioso, um espectáculo que só as mulheres são capazes de oferecer e de entender.

Andréia percebeu o muito que sofria seu marido, e como tinha por ele aquele amor tão angélico que nunca concebera uma única esperança, compadeceu-se dele e deu-lho a conhecer.

Desta compaixão resultou uma

conciliação suave e misericordiosa. Tentou consolar Charny, sem lhe mostrar que sabia quanto ele precisava de consolações.

E fazia tudo isto com a delicadeza a que se pode chamar feminina, porque só as mulheres são capazes dela.

Maria Antonieta, que procurava dividir para reinar, percebeu que tinha errado o caminho, e que reunira sem querer duas almas, que ela desejava desunir por meios bem diversos.

Teve então a pobre mulher, no meio do silêncio e da solidão das noites, essas desesperações medonhas que devem dar a Deus uma idéia bem satisfatória do seu poder, por isso que soube criar entes bastante fortes para suportarem semelhantes provas.

E a rainha sucumbiria decerto ao peso de tamanhos males se a política não a preocupasse tanto. O homem que tem o corpo moído de cansaço não se queixa da dureza da cama.

Tais eram as circunstâncias em que a

rainha vivera desde o regresso do rei a Versalhes até ao dia em que se lembrou seriamente de reassumir o exercício absoluto do seu poder.

Era também porque, no seu orgulho, atribuía à sua decadência de rainha a espécie de depreciação em que caíra a mulher.

Para aquele espírito activo, pensar e proceder era tudo o mesmo. Começou pois a trabalhar sem perder um momento.

Desgraçadamente, a obra que ia empreender era a da sua perdição.

XLVII

O regimento de Flandres

Infelizmente para a rainha todos os acontecimentos que temos narrado eram acasos, a que só podia prover de remédio mão bem firme e industriosa. Bastava concentrar as forças.

A rainha, vendo que os Parisienses se haviam transformado em militares, e pareciam dispostos a fazer-lhe guerra, resolveu mostrar-lhes o que era uma guerra verdadeira.

- Até aqui têm eles tido por adversários os Inválidos da Bastilha, os Suíços mal apoiados e irresolutos; é preciso dar-lhes a conhecer o partido que se pode tirar de um ou dois bons regimentos bem realistas e bem instruídos.

“Não faltará por aí um dos tais regimentos que tenha já dispersado os

amotinadores e derramado sangue nas convulsões da guerra civil. Chamar-se-á um desses regimentos, o mais conhecido. Então os Parisienses conhecerão que o único recurso que lhes restará para se salvarem, será absterem-se completamente de hostilidades.”

Era isto depois das contendas da Assembléia com o rei por causa do *veto*. O rei lutara durante dois meses para se tornar a apoderar de um fragmento de soberania; tinha, conjuntamente com o ministério e Mirabeau, tentado neutralizar o impulso republicano, que tendia a extinguir a realeza em França.

A rainha cansara na luta, e o que mais a descorçoara fora ver que o rei tinha sucumbido.

O rei perdera no conflito todo o seu poder e o resto da sua popularidade. A rainha ficara com um sobrenome novo, ou antes com uma alcunha.

Era uma dessas palavras estranhas aos ouvidos do povo, e que por isso mesmo lhe

soam bem, um nome que ainda não era uma injúria, mas que estava destinado a ser um dia a mais ultrajante de todas. Era um dito de espírito, que mais tarde se transformou num apodo sanguinolento.

Finalmente chamavam-lhe a *senhora Veto*.

Essa alcunha, que um dia havia de chegar à Alemanha, levada nas asas das cantigas revolucionárias, devia necessariamente assustar os súbditos e os amigos daqueles que, tendo enviado para França uma rainha alemã, com razão se admirariam de que a insultassem dando-lhe o nome de *Austríaca*.

Esse epíteto acompanhara em Paris, nas danças furibundas, em dias de matança, os derradeiros gritos e as agonias hediondas das vítimas.

Maria Antonieta tinha de chamar-se dali em diante a *senhora Veto*, até ao dia em que havia de passar a chamar-se a *Viúva Capeto*.

Era já com aquela a terceira vez que

mudava de nome. Depois de lhe chamarem a *Austriaca*, tinham-lhe chamado também a *senhora Déficit*.

Ao cabo das lutas em que a rainha procurara interessar as suas amigas pela eminência do seu próprio perigo, constou-lhe que tinham sido pedidos sessenta mil passaportes à municipalidade.

Sessenta mil pessoas notáveis de Paris e de França tinham ido reunir-se, em país estrangeiro, aos amigos e parentes da rainha.

O exemplo que lhe davam causava viva impressão na soberana.

E por isso, a datar daquele momento, só cogitava numa única coisa, e era numa evasão habilmente combinada, uma evasão apoiada pela força se necessário fosse, uma evasão que devia trazer em resultado a sua salvação, porque os seus fiéis partidários que ficassem em França poderiam então dar começo à guerra civil, isto é, castigar os revolucionários.

O plano não era mau. Teria tido bom

êxito certamente, se por detrás da rainha não velasse também o seu génio mau.

Singular destino! Aquela mulher, que inspirou tamanhas dedicações, não encontrou discrição em ninguém.

Soube-se em Paris que queria fugir, ainda antes dela se persuadir de tal.

Desde o instante em que se soube, não percebeu Maria Antonieta que o seu plano se tornara impraticável.

Entretanto, um regimento famoso pelas suas simpatias realistas, o regimento de Flandres, caminhava sobre Versalhes a marchas forçadas.

Esse regimento fora pedido pela municipalidade de Versalhes, a qual, já cansada das guardas extraordinárias, e da vigilância indispensável em volta do paço, que de contínuo era ameaçado pelas distribuições de víveres, e por sucessivas sedições, carecia de uma força mais respeitável, mais imponente do que a guarda nacional e as milícias.

Quanto ao paço, esse já não tinha pequeno trabalho em defender-se a si.

O regimento de Flandres estava para chegar, como dissemos, e para que ele assumisse imediatamente a autoridade de que pretendiam revesti-lo, era preciso que um acolhimento particular atraísse para ele a atenção do povo.

O almirante d'Estaing reuniu os oficiais da guarda nacional, e de todos os corpos estacionados em Versalhes e saiu-lhe ao encontro.

O regimento deu uma entrada solene em Versalhes com a sua artilharia, munições e carros de bagagens.

De roda daquele ponto, tornado central, foi agrupar-se uma chusma de jovens fidalgos, que não pertenciam a arma alguma especial.

Escolheram entre si um uniforme para se conhecerem, juntaram-se a todos os oficiais fora dos quadros, a todos os cavaleiros de S. Luís, que o perigo, ou a previsão dele, tinha

chamado a Versalhes, e de lá espalharam-se por Paris, cujos habitantes viram então com grande espanto aqueles novos inimigos frescos, insolentes, e entumecidos com um segredo, que lhes havia de escapar logo que chegasse a ocasião.

Desde aquele momento podia o rei partir. Seria apoiado e protegido na sua jornada, e talvez que Paris, ainda ignorante e mal preparado, o tivesse deixado sair.

Porém o génio mau da *Austríaca* continuava a velar. Todos os cálculos da rainha deviam sair errados.

Liège revoltou-se contra o imperador, e a atenção que aquela revolta deu à Áustria obstou a que esta se lembrasse da rainha de França.

Esta, de mais a mais, julgou conveniente abster-se por delicadeza, em semelhante momento.

Então os acontecimentos, que já haviam recebido o primeiro impulso, continuaram a correr com medonha rapidez.

Depois da ovação feita ao regimento de Flandres, os oficiais da guarda resolveram oferecer um jantar aos oficiais daquele regimento.

O banquete foi destinado para o 1.º de Outubro, sendo convidadas as pessoas mais conspíquas da cidade.

Qual era o fim da reunião? Fraternizar com os soldados de Flandres? Por que razão não haviam de fraternizar os soldados entre si, quando os distritos e as províncias fraternizavam?

A Constituição proibia porventura que uns poucos de fidalgos fraternizassem?

O rei era ainda então senhor dos seus regimentos e só ele os comandava. O paço de Versalhes era exclusivamente propriedade sua. Tinha pois direito para receber ali quem muito bem lhe aprouvesse.

Por que razão não havia de receber em sua casa os valentes soldados e estimáveis fidalgos recém-chegados de Douail, onde se tinham *portado bem*?

Nada havia mais natural. Ninguém se lembrou de se admirar de tal, e muito menos de se assustar.

Aquele jantar, comido em comum, ia cimentar a harmonia que devia reinar entre os corpos de um exército francês destinado a defender ao mesmo tempo a liberdade e a realeza.

Demais, acaso sabia o rei o que se convencionara entre os seus oficiais?

Desde os últimos acontecimentos, tendo o rei ficado livre, graças às suas concessões, de nada se ocupava já, tinham-no aliviado do peso dos negócios. Já não queria reinar, visto haver quem reinasse por ele; mas não estava resolvido a passar dias inteiros entregue ao aborrecimento.

Enquanto os senhores da Assembléia talhavam e cerceavam à sua vontade, o rei caçava.

Enquanto os fidalgos e os bispos abandonavam, em 4 de Agosto, os seus pombais e os seus direitos feudais juntamente

com os pombos e os pergaminhos, o rei, que estava tão pronto a fazer sacrifícios como qualquer, abolia as suas capitanias da caça, mas nem por isso deixava de caçar.

Assim, pois, enquanto os senhores do regimento de Flandres estivessem a jantar com os oficiais da guarda, andaria o rei à caça, como nos mais dias, e quando voltasse, já a mesa estaria levantada.

O banquete incomodava-o tão pouco, e a sua presença causava-lhe tão pequeno estorvo, que a gente de Versalhes resolveu pedir o palácio emprestado à rainha para dar o banquete.

A rainha achou que não havia motivo para recusar hospitalidade aos soldados de Flandres.

Concedeu a sala do teatro, e deu licença para que nela se construísse um sobrado para aquele dia, a fim de que estivessem bem à larga os soldados e os seus hóspedes.

Uma rainha, quando dá hospitalidade a fidalgos franceses, dá-a sempre com

grandeza. Tinham casa de jantar; faltava a sala: a rainha concedeu-lhes a sala de Hércules.

Numa quinta-feira, que era 1.º de Outubro, como já dissemos, teve lugar o banquete, que tão cruelmente há-de ser recordado na história das imprevidências ou das cegueiras da realeza.

O rei andava à caça.

A rainha estava encerrada nos seus quartos, triste, pensativa e resolvida a não ouvir um único tinir de copos, nem o menor ruído de vozes.

Tinha o filho ao colo. Andréia estava ao pé dela. A um canto do quarto trabalhavam duas mulheres. Eram essas as únicas pessoas que a cercavam.

A pouco e pouco ia entrando para o paço a brilhante oficialidade, com penachos ondeantes e armas refulgentes. Os cavalos relinchavam presos às manjedouras das cavalariaças, as duas músicas de Flandres e as dos outros corpos enchiam o ar de harmonia.

Por fora das grades de Versalhes, uma multidão de povo, pálido, curioso, sorrateiramente inquieto, espreitava, analisava e comentava os gritos de alegria e as árias que tocavam as músicas.

Pelas portas abertas saíam em rajadas, como os tufões de uma tempestade longínqua, os murmúrios da alegria juntamente com os vapores da lauta comida.

Era grande imprudência dar assim a respirar àquele povo esfaimado o cheiro das iguarias e do vinho, e oferecer àquela triste gente um espectáculo de alegria e de esperança.

Entretanto, o banquete ia prosseguindo sem que o menor incidente tivesse perturbado a ordem; os oficiais, sóbrios a princípio e acatando o uniforme, tinham conversado a meia voz e bebido com moderação. Durante o primeiro quarto de hora, executou-se à risca o programa, que por todos fora aprovado.

Apareceu a segunda coberta na mesa.

O Sr. de Lusignan, coronel do regimento de Flandres, levantou-se e propôs quatro saúdes: ao rei, à rainha, ao delfim e à família real.

Quatro exclamações, que se repercutiram pelas abóbadas, foram como fugitivas ecoar nos ouvidos dos tristes espectadores de fora.

Levantou-se um oficial. Era talvez um homem de juízo, que previa as conseqüências de tudo aquilo, um homem sinceramente afecto àquela família real. Que acabavam de saudar com tanto estrondo.

Aquele homem notara que entre todas as saúdes havia uma de que se tinham esquecido e que seria capaz de propor.

Portanto propôs uma saúde à nação.

Houve um longo murmúrio, a que succedeu um imenso grito.

- Não! Não! - responderam em coro os circunstantes.

E a saúde proposta foi rejeitada.

O banquete acabava de se mostrar assim

no seu verdadeiro sentido, a torrente ia seguindo inalterável o seu verdadeiro curso.

Disseram então, e ainda hoje se diz, que o indivíduo que acabava de propor aquela saúde era o agente provocador da manifestação contrária. Fosse como fosse, aquelas palavras produziram um efeito desagradável. Esquecer a nação ainda se podia tolerar, mas insultá-la era muito sério, e por isso ela vingou-se.

Como, a datar daquele instante, tinham acabado as cerimónias, ao silêncio reservado haviam sucedido gritos e conversações exaltadas, tornava-se a disciplina um pudor quimérico, e mandaram portanto entrar os dragões, os alabardeiros e quantos soldados rasos havia no paço.

Circularam os vinhos, encheram-se dez vezes os copos, apareceu a sobremesa, que foi logo saqueada. A embriaguez era geral, os soldados não reparavam que estavam bebendo em companhia dos seus oficiais. Era na realidade uma festa fraternal.

Todos gritavam: Viva o rei! Viva a rainha!

Tantas flores, tantas luzes, tantos fogos, reflectindo-se nos tectos dourados, tanta idéia alegre iluminando as fronte, tantos brados de lealdade que soltaram aqueles valentes guerreiros! Era um espectáculo, que bem aprazível deveria ser à rainha, se o pudesse presenciar, e que muito deveria animar o rei.

Por que não assistiriam a semelhante festa aquele rei tão infeliz e aquela rainha tão triste?

Alguns servidores officiosos saem da sala, correm ao aposento de Maria Antonieta, contam-lhe e exageram-lhe o que viram.

Os olhos amortecidos da rainha reanimam-se então, e ela ergue-se. Ainda existe lealdade em corações Franceses.

Visto isso ainda há alguma esperança.

A rainha lança em volta de si um olhar triste e aflito.

Começam a juntar-se-lhe à porta os criados todos. Pedem, suplicam à rainha que

faça uma visita, que apareça de relance naquele banquete, onde dois mil entusiastas consagram, pelos seus vivas, o culto da monarquia.

- O rei está ausente - diz ela com tristeza
- não posso lá ir sozinha.

- Com Sua Alteza o Sr. Delfim - dizem alguns imprudentes insistindo.

- Minha senhora, minha senhora - diz-lhe uma voz ao ouvido - fique aqui, suplico-lho.

Volta-se; era o Sr. de Charny.

- Pois quê! - diz-lhe ela - não está lá em baixo com todos aqueles senhores?

- Voltei para aqui, minha senhora, porque há lá em baixo uma exaltação, cujas conseqüências podem ser mais nocivas do que Vossa Majestade pensa.

Maria Antonieta estava num dos seus dias de mau humor; resolvera fazer naquele dia precisamente o contrário de tudo quanto pudesse agradar a Charny.

Olhou desdenhosamente para o conde, e

ia já para lhe responder com alguma palavra desabrida, quando este, detendo-a com um gesto respeitoso, disse:

- Por favor, minha senhora! Espere ao menos para se aconselhar com o rei.

Julgava assim ganhar tempo.

- O rei! Aí vem o rei! - gritaram vozes. - Sua Majestade volta da caça.

Era verdade.

Maria Antonieta levantou-se e correu ao encontro do rei, que estava com o fato da caça e coberto de pó.

- Senhor - lhe disse ela - há lá em baixo um espectáculo, que muito deve regozijar o rei da França. Venha! Venha!

E dizendo isto, dá-lhe o braço e arrasta-o consigo, sem olhar para Charny, que fica cravando as unhas no peito como um furioso.

Leva o filho pela mão esquerda, e desce; é precedida por uma onda de cortesãos e outra empurra-a; chega à porta da sala da Ópera no momento em que se despejavam os copos pela vigésima vez aos gritos de: Viva o

rei! Viva a rainha!

XLVIII

O banquete

No momento em que a rainha apareceu com o rei e o seu filho, sobre o tablado da Ópera, imensa aclamação, parecida com a explosão de uma mina, irrompeu do banquete e ressoou pelos camarotes.

Os soldados embriagados, os oficiais delirantes, levantavam ao ar os chapéus e as espadas gritando: Viva o rei! Viva a rainha! Viva o delfim!

A música começou a tocar: *Ó Ricardo! Ó meu rei!*

A alusão que esta ária continha torna-se por tal forma transparente, acompanhava tão bem o pensamento de todos, traduzia tão fielmente o espírito do banquete, que todos os circunstantes, assim que a música começou a tocar, entoaram a letra.

A rainha, entusiasmada, esquecia que

estava no meio de homens ébrios, o rei, surpreendido, percebia muito bem, com o seu bom senso habitual, que não era ali o seu lugar, e que estava caminhando em sentido oposto à sua consciência; porém, fraco como era, e lisonjeado de encontrar naquela reunião uma popularidade e um zelo, que não estava acostumado a achar no povo, ia cedendo gradualmente à embriaguez real.

Charny, que só bebera água durante todo o jantar, acompanhou a tremer o rei e a rainha; tinha esperado que tudo aquilo se passasse sem que eles estivessem presentes, e então pouco importava; podia-se negar e desmentir tudo, ao passo que a presença do rei e da rainha tornava a cena histórica.

Porém, o seu terror aumentou mais ainda quando viu que seu irmão Jorge se aproximava da rainha, e animado por um sorriso dela, lhe dirigia uma palavra.

Estava demasiado longe para poder ouvir, porém pelos gestos percebeu que era uma súplica que Jorge dirigia a Maria

Antonieta.

Apenas acabou de falar, a rainha fez um sinal de consentimento, e de repente, tirou o laço que trazia na touca e entregou-o ao mancebo.

Charny arrepiou-se, estendeu os braços e por pouco não soltou um grito.

O laço que a rainha oferecia ao seu imprudente cavaleiro nem sequer era o laço branco, o laço francês; era o laço preto, o laço austríaco, o laço inimigo.

Desta vez, o que a rainha acabava de praticar era mais do que imprudência, era uma traição.

E todavia, estavam tão loucos todos aqueles pobres fanáticos, a quem Deus queria perder, que apenas Jorge de Charny lhes apresentou o laço preto, os que tinham o laço branco atiraram-no fora, e os que tinham o laço tricolor calcaram-no aos pés.

Chegaram então a tal ponto os transportes, que os augustos hóspedes do regimento de Flandres tiveram de voltar para

os seus aposentos, único recurso que lhes restava para se livrarem de serem sufocados pelos abraços ou de calcarem aos pés as pessoas que perante eles ajoelhavam.

Tudo isto não teria sido mais do que uma loucura francesa, que os Franceses sempre estão prontos a desculpar, se a orgia se houvesse limitado ao entusiasmo; porém o entusiasmo foi em breve ultrapassado.

Não era justo que os bons realistas, ao mesmo tempo que acariciavam o rei, agatanhassem um pouco a nação, aquela nação, em nome da qual causavam tanto desgosto ao rei? Por isso a música tocava:

Quem poderá afligir o objecto amado?

Foi ao som dessa copla que o rei, a rainha e o delfim saíram da sala.

Apenas eles voltaram costas, os convivas, animando-se mutuamente, transformaram a sala do banquete numa cidade tomada de assalto.

A um sinal que deu o Sr. de Perseval, ajudante de ordens do Sr. d'Estaing, os clarins tocaram à carga.

À carga contra quem? Contra o inimigo ausente.

Contra o povo.

A carga, música tão grata, ao ouvido francês, que produziu a ilusão de fazer considerar a sala do teatro de Versalhes como um campo de batalha e as lindas damas, que observavam dos camarotes aquele espectáculo tão aprazível aos seus corações, como outros tantos inimigos!

Ressoou o grito de: ao assalto! proferido por cem vozes, e logo começou a escalada dos camarotes. Verdade seja que as disposições em que estavam os sitiantes eram tão pouco para temer, que os sitiados lhes estenderam as mãos.

O primeiro que subiu à galeria foi um granadeiro do regimento de Flandres. O Sr. de Perseval tirou um hábito do peito e condecorou-o.

É verdade que era um hábito de Limbourg, um desses hábitos que a bem dizer nenhuma importância têm.

E tudo isto tinha lugar à sombra do laço austríaco, com vociferações contra o laço nacional.

Alguns clamores surdos escapavam sinistramente por um ou outro lado.

Porém estes rumores, abafados pela gritaria dos que cantavam, pelos vivas dos sitiantes e pelo estrondo das trombetas refluíram ameaçadores até aos ouvidos do povo, que escutava à porta, admirado a princípio, e depois indignado.

Soube-se então fora, primeiro no largo, depois pelas ruas, que o laço preto fora substituído pelo laço branco, e o laço tricolor calcado aos pés.

Soube-se também que um valente oficial da guarda nacional, que tinha querido conservar o seu laço tricolor apesar das ameaças, havia sido gravemente ferido nos próprios aposentos do rei.

Depois, repetia-se vagamente que um único oficial, imóvel, triste e de pé, à entrada daquela imensa sala, transformada em circo, onde se revolviam todos aqueles furiosos, observara e escutara tudo, mostrando que tinha um coração leal e que era soldado intrépido, submetendo-se à onnipotência da maioria, tomando sobre si as culpas dos outros, e aceitando a responsabilidade de todos os excessos cometidos pelo exército, representado naquele dia funesto pelos oficiais do regimento de Flandres; porém, não houve quem proferisse o nome daquele homem, único que mostrara ter juízo entre tantos loucos; e ainda que o houvesse, nunca ninguém acreditaria que o conde de Charny, o valido da rainha, fosse justamente aquele, que, aliás sempre pronto a morrer por ela, maior desgosto tivera com o que ela praticara.

Quanto a Maria Antonieta, tinha voltado aos seus aposentos verdadeiramente deslumbrada pela magia daquela cena.

Não tardou que lá a fosse assaltar a chusma dos cortesãos e dos adúladores.

- Veja - lhe diziam eles - veja qual é o verdadeiro espírito das suas tropas; veja-as, quando lhes falam da fúria popular pelas idéias anárquicas; veja se essa fúria será capaz de lutar com o feroz ardor dos militares franceses pelas idéias monárquicas.

E como estas palavras correspondiam aos desejos ocultos da rainha, esta deixava-se embalar por quimeras, sem sequer reparar em que Charny ficara longe dela.

Entretanto, os rumores foram cessando gradualmente; o sono do espírito apagou todos os fogos-fátuos, todas as fantasmagorias da embriaguez. O rei foi fazer uma visita à rainha quando estava para se deitar, e disse-lhe estas palavras, que tinham o cunho de profunda prudência:

- Amanhã veremos.

O imprudente, com tais palavras, que, para qualquer outra pessoa que não fosse aquela a quem eram dirigidas, seriam um

conselho sisudo, acabava de avivar na rainha a fonte quase estancada de resistência e de provocação.

- Com efeito - murmurou ela logo que ele saiu - aquela chama, abafada no paço até agora, vai espalhar-se por Versalhes esta noite, e causará amanhã um incendido em toda a França. Todos aqueles soldados e oficiais, que me deram esta noite tão ardentes penhores de dedicação, vão ser chamados traidores e rebeldes à nação. Os assassinos da pátria hão-de chamar aos chefes destes aristocratas, subalternos dos estipendiados de Pitt e de Coburgo, satélites do poder dos bárbaros, dos selvagens do Norte.

“Cada uma daquelas cabeças que arvorou o laço preto vai ser pelos ferozes assassinos sentenciada a figurar no candeeiro da praça de Grève”.

“Cada um daqueles peitos, donde saía tão lealmente o grito de: Viva a rainha! Será rasgado, na primeira sedição que houver, pelas facas ignóbeis e pelos infames chuços.”

“E serei eu ainda, eu, sempre eu, quem terá sido a causa de tudo isso! Serei quem condenará à morte tantos servidores valentes, que junto de mim, soberana inviolável, pouparão por hipocrisia, e longe insultarão por ódio!”

“Oh! Não, antes quero assumir a responsabilidade do erro que cometi do que ser a tal ponto ingrata para com os meus únicos, os meus derradeiros amigos, do que ser a tal ponto cobarde e desalmada. Foi por minha causa que tudo aquilo se fez: expor-me-ei portanto às iras. Veremos até onde chegará o ódio, veremos até que degrau do meu trono se atreverá a subir a onda impura.”

A rainha, depois de ter passado uma noite assim animada por aquela insónia carregada de sombrios conselhos, percebeu que o resultado do dia seguinte não era duvidoso.

Chegou afinal o dia seguinte, anuviado de remorsos, repleto de murmúrios.

No dia seguinte, a guarda nacional, a quem a rainha acabava de distribuir as bandeiras, foi de cabeça baixa e olhar oblíquo, agradecer a Sua Majestade.

Facilmente se podia adivinhar pela atitude daqueles homens que não aprovavam nada do que se fizera, antes, pelo contrário, teriam desaprovado tudo, se a tanto se atrevessem.

Tinham formado parte do cortejo, tinham ido ao encontro do regimento de Flandres, tinham recebido e aceitado convites para o banquete. Contudo, como eram mais cidadãos do que soldados, tinham sido eles que, durante a orgia, haviam aventurado as observações surdas, que ninguém atendera.

Essas observações, no dia seguinte, eram uma acusação, uma censura.

Quando foram ao palácio agradecer à rainha, acompanhava-os uma grande multidão de povo.

Era que, em vista da gravidade das circunstâncias, a cerimónia tornava-se

imponente.

O resultado dera a conhecer o que se poderia esperar de parte a parte.

Por outro lado, os soldados e os oficiais, que na véspera tinham ficado comprometidos, desejando saber até que ponto seriam apoiados pela rainha na sua imprudente demonstração, colocaram-se em frente daquele povo escandalizado e insultado no dia antecedente, para ouvirem as primeiras palavras oficiais saídas do paço.

Todo o peso da contra-revolução ficava desde então suspenso sobre a cabeça da rainha unicamente.

Todavia, ainda estava na sua mão declinar de si semelhante responsabilidade, e evitar tamanha desgraça.

Porém, ela, soberba como os mais soberbos da sua raça, correndo o seu olhar claro, límpido e afoito, pelas pessoas que a cercavam, tanto amigas como inimigas, e dirigindo-se com voz sonora aos oficiais da guarda nacional, disse:

- Senhores, muito folgo de lhes haver dado as bandeiras. A nação e o exército devem ter ao rei o mesmo amor que nós temos à nação e ao exército.

“Causou-nos muita satisfação o dia de ontem.”

A estas palavras, que ela acentuou com toda a firmeza, ouviu-se um murmúrio na multidão, e os militares romperam em estrondosos aplausos.

- Ela apoia-nos - disseram estes.

- Ela traiçoa-nos - disseram aqueles.

Visto isso, pobre rainha, aquela noite fatal do 1.º de Outubro não era uma surpresa! Visto isso, infeliz mulher, não tens nenhuns remorsos do dia de ontem, não estás arrependida do que fizeste?

Charny, colocado no centro de um grupo, ouviu, dando um profundo e pesaroso suspiro, aquela justificação, ou antes aquela glorificação da orgia dos oficiais da guarda.

A rainha, quando desviou a vista da multidão, encontrou os olhos do mancebo, e

demorou o olhar na fisionomia do amante, a fim de ver a impressão que causara.

- Então, não sou destemida? - queria ela dizer.

- Ai! Minha senhora, tem mais de louca do que de destemida - respondeu o semblante triste e carregado do conde.

XLIX

As mulheres também entram em cena

Ao passo que a corte, em Versalhes, fazia tão heróicas negações ao povo, os habitantes de Paris, entusiasmavam-se contra a corte; a diferença estava em que o entusiasmo da capital corria as ruas.

Os cavaleiros do povo divagam cobertos de andrajos, com uma das mãos postas no punho de um sabre ou na coronha de uma pistola, e comprimindo com a outra as algibeiras despejadas e os estômagos vazios.

Infelizmente, enquanto em Versalhes se bebia em demasia, em Paris não havia bastante que comer.

Muito vinho nas mesas de Versalhes.

Escassez de farinha nas padarias de Paris.

Acontecimentos singulares! Triste

cegueira, que ainda hoje, que estamos afeitos a presenciar tantas quedas de tronos, arrancará um sorriso de dó aos homens políticos.

Fazer uma contra-revolução e provocar à guerra com a gente esfaimada!

Ah! Dirá a história, obrigada a transformar-se em filósofo materialista, nunca o povo, se bate mais cruelmente do que quando não tem jantado.

Era bem fácil, todavia, dar pão ao povo, e decerto, lhe teria parecido menos amargo o pão de Versalhes.

Mas as farinhas de Corbeil não chegavam. Corbeil ficava tão longe de Versalhes! Qual das pessoas que cercavam o rei ou a rainha se teria lembrado de Corbeil?

Desgraçadamente, em conseqüência daquele esquecimento da corte, o espectro chamado fome, que adormece a tanto custo e acorda tão facilmente, fora vagar pálido e inquieto pelas ruas de Paris. Escutava a todas as esquinas; recrutava a sua comitiva de

vagabundos e malfeitores, e ia espreitar com o rosto sinistro pelas vidraças dos ricos e dos funcionários públicos.

Os homens recordavam-se das sedições, que tanto sangue haviam custado, da tomada da Bastilha, da morte de Foulon, de Berthier, de Flesselles e outros; receavam que lhes chamassem outra vez assassinos, e por isso esperavam.

Porém, as mulheres, que até então nada tinham feito senão sofrer, e que sofriam de um tríplice sofrimento por causa dos filhos que choravam injustamente ou por não terem consciência do motivo que os fazia chorar; por causa das crianças, que diziam às mães: “Por que não nos dá pão?” por causa dos maridos, que saíam de casa sombrios e voltavam ainda mais taciturnos; finalmente, por causa de si próprias, pois estavam sendo um eco doloroso dos sofrimentos conjugais e maternos; as mulheres, dizíamos, ansiavam por tirar também a sua desforra; queriam servir a pátria à sua moda.

E demais, não eram porventura as mulheres que tinham promovido a cena do 1.º de Outubro em Versalhes?

Era portanto às mulheres a quem competia provocar a sublevação de 5 de Outubro em Paris.

Gilberto e Billot estavam no largo do Palais-Royal, no café de Foy. Era nesse café que se faziam as moções. De repente, abre-se a porta do café e entra uma mulher toda espavorida. Denuncia os laços brancos e pretos que de Versalhes já passavam para Paris, e proclama o perigo público.

Lembrados estarão os leitores do que Charny dissera à rainha:

- Minha senhora, quando as mulheres entrarem em cena, então é que haverá verdadeiramente motivo de receio.

Era este também o parecer de Gilberto.

E por isso, apenas viu que as mulheres tomavam parte na festa, voltou-se para Billot e só proferiu estas palavras:

- À casa da câmara!

Depois da conferência que tinha tido lugar entre Billot, Gilberto e Pitou, e em resultado da qual este regressara para Villers-Cotterets com o pequeno Sebastião Gilberto, Billot obedecia à menor palavra, gesto ou aceno de Gilberto, porque tinha entendido que, se em si estava a força, em Gilberto estava a inteligência.

Saíram ambos apressadamente do café, cortaram em diagonal pelo jardim do Palais-Royal, atravessaram o pátio das Fontes, e chegaram à rua de Saint-Honoré.

Na altura do terreiro público, encontraram uma rapariga que vinha desembocando da rua de Bourdonnais, a tocar tambor desabridamente.

Gilberto parou admirado e perguntou:

- Que é aquilo?

- Então, não vê, doutor? - respondeu Billot; - é uma rapariga bonita que vai rufando muito sofrivelmente.

- Perdeu o juízo naturalmente - disse um homem do povo que ia passando.

- Sempre está bem pálida! - observou Billot, denunciando certo interesse e curiosidade que lhe inspirava a rapariga.

- Pergunte-lhe o que quer - disse Gilberto.

- Olá! Linda menina! - gritou Billot - por que motivo anda assim a tocar tambor?

- Porque tenho fome! - respondeu a rapariga com voz aguda e estridente.

E prosseguiu no seu caminho, continuando sempre a rufar no tambor.

Gilberto tinha ouvido.

- Oh! Oh! - disse ele - agora é que o caso se vai tornando medonho.

E olhou mais atentamente para as mulheres que seguiam a rapariga do tambor.

Iam todas pálidas, cambaleando e como desesperadas.

Havia entre elas algumas, que tinham passado trinta horas sem comer.

Daquele grupo de mulheres partia de tempos a tempos um grito, que a sua mesma fraqueza tornava ameaçador, porque se

conhecia que era um grito saído de bocas esfaimadas.

- Vamos a Versalhes! - bradavam elas; - vamos a Versalhes!

Pelo caminho adiante acenavam a todas as mulheres que avistavam às portas das casas, e chamavam quantas apareciam às janelas.

Passou uma carruagem, levando dentro duas senhoras, que deitaram as cabeças de fora dos postigos e desataram a rir.

A escolta do tambor parou. Umas vinte mulheres correram às portinholas da carruagem, fizeram apelar as duas senhoras e obrigaram-nas a acompanhar o grupo, apesar das suas recriminações e de uma resistência, a que logo puseram termo duas ou três vigorosas bordoadas.

Atrás das mulheres, que avançavam muito vagarosamente, em consequência do trabalho de recrutamento que iam fazendo pelo caminho adiante, seguia um homem com as mãos metidas nos bolsos.

Este homem, de rosto pálido e macilento, de corpo alto e delgado, trajava casaca cinzenta, véstia e calções pretos; levava um chapéu pequeno de três bicos, posto obliquamente na cabeça.

A espada, demasiado comprida, com o andar batia-lhe de encontro às pernas magras, mas nervosas.

Seguia as mulheres, observando, escutando, devorando tudo com os olhos penetrantes sombreados por densas sobrancelhas pretas.

- Olé! - disse Billot - aquela cara não me é desconhecida; tenho-a encontrado em todas as sedições populares.

- É o meirinho Maillard - disse Gilberto.

- Ah! Sim, é ele mesmo; é o que passou depois de mim pela tábua da Bastilha, porém, foi mais destro do que eu, porque não caiu no fosso.

Maillard desapareceu com as mulheres ao voltar da rua.

Billot estava com muita vontade de

acompanhar Maillard, porém Gilberto conseguiu levá-lo consigo para a casa da câmara.

Afinal de contas sempre era ali que iam parar as sedições, ou fossem de homens ou de mulheres. Em vez de seguir a corrente do rio, iam direitos à sua nascente.

Na casa da câmara já sabiam o que se passava em Paris. Mas pouca importância tinham dado ao acontecimento. Com efeito, que importava ao fleumático Bailly e ao aristocrata Lafayette que uma mulher tivesse tido a lembrança de tocar tambor? Era uma antecipação do Entrudo, e nada mais.

Mas quando em seguimento da mulher, que tocava tambor, viram aparecer mais duas ou três mil mulheres, quando viram avançar pelos flancos daquela multidão, que de minuto para minuto ia aumentando, um bando não menos considerável de homens, que sorriam de um modo sinistro e traziam em descanso as suas armas hediondas; quando perceberam que os homens riam

antecipadamente do mal que as mulheres iam fazer, mal tanto mais irremediável por isso que muito bem sabiam que a força pública não se lhe oporia antes dele feito, e que a força legal não o castigaria depois, começaram então a avaliar a terrível gravidade daquela situação.

Os homens sorriam porque estimavam ver praticar pela mais inofensiva metade do género humano as maldades que eles se não tinham atrevido a executar.

Ao cabo de meia hora, estavam umas dez mil mulheres reunidas na praça de Grève.

Essas mulheres, vendo-se em número suficiente, começaram a deliberar de mãos nas ilhargas.

A deliberação não foi muito plácida; as que deliberavam eram pela maior parte parteiras, regateiras, ou mulheres públicas. Muitas delas eram realistas, e longe de se lembrarem de fazer mal ao rei e à rainha, ter-se-iam exposto a morrer por eles. O alarido

ocasionado por tão singular discussão era tal que ouvido por quem estivesse do outro lado do rio, nas torres silenciosas de Nossa Senhora, as quais, depois de terem presenciado tantos acontecimentos, estavam para ver outros ainda mais curiosos.

O resultado da deliberação foi o seguinte:

“Comecemos por deitar fogo à casa da câmara, onde se fabrica tanta papelada, que só dá em resultado fazer-nos jejuar contra vontade.”

Naquela mesma ocasião estavam tratando, na casa da câmara, de julgar um padeiro, que tinha vendido pão com falta de peso.

Já se vê que, quanto mais caro está o pão, melhor é uma operação deste género; porém, quanto mais lucrativa é, mais perigosa se torna. Por consequência, os assinantes do candeeiro já estavam à espera do padeiro com uma corda nova.

A guarda da casa da câmara queria

salvar o desgraçado, e fazia todos os esforços possíveis para o conseguir.

Mas havia já algum tempo, como se tem visto, que o resultado não correspondia às suas disposições filantrópicas.

As mulheres acometeram a guarda, dispersaram-na, invadiram a municipalidade e deram logo começo ao saque.

Queriam atirar ao Sena tudo quanto encontrassem e queimar imediatamente aquilo que não pudessem transportar.

Assim pois, os homens à água, e fogo ao edifício.

Era uma grande obra.

Na casa da câmara havia um pouco de tudo.

Havia em primeiro lugar trezentos eleitores.

Havia os administradores dos bairros.

Havia os substitutos destes.

- Levar-nos-á muito tempo a atirar com toda esta gente à água - disse uma mulher de juízo, que parecia estar com muita pressa.

- Mas eles merecem-no bem - observou outra.

- Sim, mas falta-nos o tempo.

- Pois então larguemos o fogo a tudo! - disse outra - é o método mais simples.

Foram logo em procura de archotes, e à busca de fogo; e entretanto divertiam-se provisoriamente a enforcar um abade, que era o abade Lefèvre d'Ormesson.

Felizmente acudiu o homem de casaca cinzenta. Cortou a corda, o abade caiu de uma altura de dezessete palmos, torceu um pé, e fugiu a coxear ao som das gargalhadas de todas aquelas fúrias.

Ninguém se opôs à retirada do abade, porque os archotes já estavam acesos nas mãos das incendiárias, que se dirigiam para o arquivo dali a dez minutos.

O homem da casaca cinzenta corre de repente pela escada acima e arranca os tições e os archotes das mãos das mulheres; as que lhe resistem são açoitadas com os mesmos archotes, e enquanto o fogo lhes vai pegando

nas saias, apaga ele o que já ia pegando nos papéis.

Quem era aquele homem, que assim se opunha à vontade terrível de dez mil criaturas furiosas?

Por que se deixavam elas governar por aquele homem? O abade Lefèvre ficou meio estrangulado; é preciso que esse homem seja enforcado, que se o enforcarem não haverá quem se lhes oponha.

Logo após estas reflexões, ouviu-se um som frenético ameaçando-o com a morte: à ameaça seguiu-se logo a acção.

As mulheres cercaram o homem da casaca cinzenta e deitaram-lhe uma corda ao pescoço.

Porém Billot acudiu então, e prestou a Maillard o mesmo serviço que Maillard prestara ao abade.

Agarrou-se à corda e cortou-a em dois ou três sítios com uma navalha de boa têmpera e bem afiada, que servia naquele momento ao dono para cortar cordas, mas

que em ocasião de apuro, e manejada pelo seu braço vigoroso, poderia muito bem servir-lhe para outro fim.

E ao mesmo tempo que cortava a corda em quatro pedaços, exclamava Billot:

- Que é isso, desgraçadas? Não conhecem um dos vencedores da Bastilha? O que passou por cima da água para ir buscar a capitulação, enquanto eu fiquei a chafurdar no fosso? Porventura já não conhecem o Sr. Maillard?

As mulheres todas detiveram-se apenas ouviram aquele nome, tão conhecido e tão temido de todos. Olharam umas para as outras e limparam a testa.

A tarefa fora árdua, e apesar de se estar no mês de Outubro, não era para estranhar que fizesse suar bastante quem a desempenhara.

- Um vencedor da Bastilha! O Sr. Maillard de mais a mais! O Sr. Maillard, que é meirinho do Châtelet. Viva o Sr. Maillard!

As ameaças transformaram-se logo em

festas; abraçaram Maillard e gritaram:

- Viva Maillard!

Maillard trocou com Billot um aperto de mão e um olhar.

O aperto de mão queria dizer: Somos amigos!

O olhar significava: Se alguma vez lhe for preciso meu préstimo, conte comigo.

Maillard reassumiu para com as mulheres uma influência tanto maior, por isso que bem sentiam a necessidade em que estavam de obter dele que lhes perdoasse o excesso em que haviam rompido.

Porém, Maillard era um velho marinheiro popular, conhecia perfeitamente aquele mar dos arrabaldes, que se enfurece com um sopro e se aplaca com uma palavra.

Sabia como se deve falar àquelas ondas populares, quando dão tempo para se lhes falar.

Demais, a ocasião era propícia para que todos o ouvissem, porque todos estavam calados em volta dele.

Maillard não quer que as mulheres de Paris destruam a municipalidade, isto é, o único poder que as protege; não quer que aniquilem os registros do estado civil, por onde se prova que nem todos os seus filhos são bastardos.

As palavras de Maillard, desusadas, estridentes e zombeteiras, produzem o devido efeito.

Ninguém será morto; não se deitará o fogo a coisa alguma.

Mas querem ir a Versalhes.

Lá é que está o mal; é lá que se passam as noites de orgias, enquanto em Paris se morre de fome. É Versalhes que devora tudo. Em Paris há escassez de trigo e de farinha, porque as farinhas em lugar de ficarem em Paris, vão em direitura de Courbeille para Versalhes.

Já assim não sucederia se o *padeiro*, a *padeira* e o *moço da padaria* estivessem em Paris.

Era com essas alcunhas que designavam

o rei, a rainha e o delfim, distribuidores naturais do pão do povo.

Irão pois a Versalhes.

Visto acharem-se as mulheres organizadas por companhias, visto terem espingardas, artilharia e pólvora, e as que não levam espingardas nem pólvora irem armadas de chuços e de forcados, terão um general.

Por que não? A guarda nacional também tem o seu.

Lafayette é o general dos homens.

Maillard será o general das mulheres.

O Sr. de Lafayette está à testa daqueles mandriões dos granadeiros, que parecem um exército de reserva, visto que tão pouco fazem quando há tanto que fazer.

Maillard será o comandante do exército activo.

Maillard aceita sem rir, e sem pestanejar sequer.

Maillard está feito comandante das mulheres de Paris.

A campanha não durará muito, mas há-de ser decisiva.

L

O general Maillard

Maillard estava realmente à frente de um exército.

Tinha espingardas, a muitas das quais faltavam os gatilhos ou os fuzis, mas a nenhuma faltava a baioneta.

A pólvora ia nos lenços, nas toucas, nas algibeiras, patronas improvisadas por entre as quais passeavam os artilheiros com os morrões acesos.

Foi certamente um milagre não haver uma explosão, que atirasse o exército pelo ar naquela célebre jornada.

Maillard apreciava num relance as disposições do seu exército. Vê que não lhe será possível contê-lo onde está, nem obrigá-lo a permanecer em Paris, e que o único partido que lhe resta é conduzi-lo a Versalhes, e uma vez chegado lá, tratar de

evitar o mal que pudesse lembrar-se de praticar.

Maillard resolve-se a desempenhar tão difícil e heróica tarefa.

Em conseqüência desta resolução, Maillard desce e pega no tambor que estava suspenso ao pescoço da rapariga.

Esta, meio morta de fome, já não podia com ele. Largou o tambor, escorregou da parede a que se encostara, e caiu com a cabeça sobre um colunelo.

Triste travesseiro!... O travesseiro da fome!...

Maillard perguntou-lhe o nome. Chamava-se Madalena Chambry, e esculpia ornatos de madeira para as igrejas. Mas quem se lembrava então de dotar as igrejas com aqueles lindos móveis de madeira, aquelas formosas estátuas, ou aqueles primorosos baixos-relevos, obras-primas do século XV?

Como lhe faltasse este recurso, tornara-se ramalheteira no Palais-Royal.

Mas quem compra flores, quando não

há dinheiro para pão?

As flores, estrelas que brilham no céu da paz e da abundância, murcham com o vento das tempestades e das revoluções.

Madalena Chambry, não tendo para quem esculpir as suas obras de carvalho, não achando venda às suas rosas, jasmins e açucenas, pegou num tambor e tocou aquele horrível rebate de fome.

A mulher que reuniu aquela triste deputação acompanhá-la-á também a Versalhes; porém como está fraca para poder ir a pé, será levada num carro.

Logo que cheguem a Versalhes, pedirão licença para que ela entre no paço, com mais doze mulheres; será a oradora esfaimada, que irá advogar junto do rei a causa dos famintos.

Todas aprovam esta idéia de Maillard.

Assim, pois, Maillard, com uma só palavra, modificou todas as disposições hostis.

Ninguém sabia o motivo por que ia a Versalhes, nem, tão-pouco o que lá ia fazer.

Agora já se sabe; dirigem-se a Versalhes para que uma deputação de doze mulheres, com Madalena Chambry à frente, se apresente ao rei a suplicar-lhe, *em nome da fome*, que se compadeça do seu povo.

Acham-se reunidas cerca de sete mil mulheres.

Põem-se a caminho, e vão seguindo pelo cais adiante.

Porém, ao chegarem às Tulherias, ouve-se grande berreiro.

Maillard trepa a um colonelo para ficar sobranceiro ao seu exército.

- Que pretendem? - perguntou ele.

- Queremos atravessar as Tulherias.

- É impossível - responde Maillard.

- Por que é impossível? - bradam sete mil vozes.

- Porque as Tulherias são a casa e o jardim do rei, e se as atravessarmos sem sua licença, é o mesmo que insultá-lo, é mais ainda, é um atentado cometido na pessoa do rei contra a liberdade de todos.

- Muito bem! - responderam as mulheres
- peça então licença ao guarda-portão.

Maillard aproximou-se deste, e com o chapéu na mão, disse:

- Meu amigo, permite-me que estas senhoras atravessem as Tulherias? Passaremos pelo corredor de abóbada, e nenhum dano se fará às plantas nem às árvores do jardim.

A única resposta do guarda-portão foi puxar pela comprida espada e atirar-se a Maillard.

Este puxa pela sua, mais curta um pé, e apara-lhe o primeiro bote. Durante este tempo aproxima-se uma mulher do guarda-portão, e dando-lhe com um cabo de vassoura na cabeça, estende-o aos pés de Maillard.

Ao mesmo tempo outra mulher dispõe-se a abrir-lhe o estômago com uma baioneta.

Maillard torna a embainhar a espada, mete a do guarda-portão debaixo de um braço, agarra com o outro a espingarda da

mulher, apanha do chão o chapéu, que lhe caíra durante a luta, põe-o na cabeça, e prossegue o seu caminho através das Tulherias, onde, conforme prometera, nenhum estrago se fez.

Deixemo-las continuar no seu caminho pela alameda da rainha, e dirigirem-se para Sèvres, onde se separam em dois bandos, e vejamos o que se passava em Paris.

Aquelas sete mil mulheres não tinham tentado afogar os eleitores, enforcar o abade Lefèvre e Maillard, e largar fogo à casa da câmara, sem causarem algum reboliço.

Lafayette, apenas soubera daquele alvoroço, cuja notícia se espalhara logo pelos bairros mais afastados da capital, acudira imediatamente.

Andava passando uma espécie de revista no Campo de Marte.

Estava a cavalo desde as oito horas da manhã, e chegou ao largo da casa da câmara quando dava meio-dia.

As caricaturas daquele tempo figuravam

Lafayette como um centauro. O corpo era o do famoso cavalo branco, que se tornara proverbial.

A cabeça era a do comandante da guarda nacional.

Desde o princípio da revolução, Lafayette falava a cavalo, comia a cavalo e comandava a cavalo.

Até lhe sucedia muitas vezes dormir a cavalo.

E por isso, quando se lhe oferecia ocasião de dormir na cama, ferrava bem no sono.

Quando Lafayette chegou ao cais Pelletier, deteve-o um homem montado num excelente cavalo de corridas.

O homem era Gilberto, que partia para Versalhes. Ia prevenir o rei do que sucedera, e pôr-se à sua disposição.

Contou tudo a Lafayette em duas palavras.

Daí cada um deles prosseguiu o seu caminho.

Lafayette dirigiu-se para a casa da câmara, e Gilberto para Versalhes; porém, como as mulheres iam seguindo a margem direita do Sena, este tomou pela margem esquerda.

O largo da municipalidade, logo que as mulheres o haviam evacuado, enchera-se de homens.

Os homens ali reunidos eram guardas nacionais assoldados ou não assoldados, e soldados antigos da guarda francesa, que, tendo passado para as fileiras do povo, haviam perdido os seus privilégios de guardas do rei, privilégios herdados pelos guardas e pelos Suíços.

Ao motim que faziam as mulheres sucedera a bulha dos sinos, que tocavam a rebate, e a dos tambores tocando a generala.

Lafayette atravessou aquela turbamulta, apeou-se ao pé da escadaria, e sem fazer caso dos aplausos misturados de ameaças, que a sua presença excitava, foi ditar uma carta dirigida ao rei, acerca da insurreição que se

dera naquela manhã.

Estava na sexta linha da carta quando se abriu com violência a porta da secretaria.

Lafayette ergueu os olhos. Uma deputação de granadeiros pedia para ser atendida pelo general.

Lafayette fez sinal à deputação de que podia entrar.

Entrou efectivamente.

Um granadeiro que fora encarregado de falar em nome dos outros chegou-se ao pé da mesa e disse em voz firme:

- Meu general, vimos aqui deputados por dez companhias de granadeiros. Não o temos em conta de traidor, mas estamos persuadidos de que o governo nos está atraindo. Já é tempo que tudo isto acabe; nós não podemos calar as nossas baionetas contra mulheres que nos pedem pão. A comissão dos víveres prevarica, ou é inábil; em que qualquer dos dois casos é preciso substituí-la por outra. O povo está desgraçado, a origem do mal existe em

Versalhes. É necessário ir buscar o rei e trazê-lo para Paris; é necessário exterminar o regimento de Flandres e os guardas reais, que se atreveram a calcar aos pés o laço nacional. Se o rei não tem força para poder com a coroa, que abdique. Proclamaremos o filho. Nomear-se-á um conselho de regência, e tudo caminhará às mil maravilhas.

Lafayette olhou com espanto para o orador. Tinha presenciado sedições, tinha lamentado assassínios, mas era esta a primeira vez que o sopro revolucionário lhe açoutava na realidade o rosto.

Aquela facilidade que o povo mostrava de passar sem o rei causava-lhe mais do que admiração, fazia-o pasmar.

- Pois quê! - exclamou ele - projectam porventura declarar guerra ao rei e ainda obrigá-lo a abandonar-nos.

- Meu general - respondeu o orador - nós estimamos e respeitamos o rei. Sentiríamos muito se ele nos deixasse, por lhe termos muito amor, mas dado o caso que ele

nos deixe, fica-nos o delfim.

- Senhores, senhores - disse Lafayette - reparem no que fazem; isso é tocar na coroa, e eu não devo consentir em tal.

- Meu general - replicou o guarda nacional inclinando-se - estamos prontos a derramar pelo senhor até à última pinga de sangue; mas o povo está desgraçado, a origem do mal existe em Versalhes, e é preciso ir buscar o rei e trazê-lo para Paris; o povo assim o quer.

Lafayette conheceu que lhe era indispensável sacrificar-se pessoalmente. Nunca na sua vida recuara em lances desta natureza.

Desceu ao largo da municipalidade e quis falar ao povo; porém os gritos: “a Versalhes! A Versalhes!” abafaram-lhe a voz.

De repente ouviu-se um grande rumor para a banda da rua de La Vannerie. Era Bailly, que se dirigia também para a casa da câmara.

À vista de Bailly os gritos de: “Pão! Pão!

A Versalhes! A Versalhes!” ressoaram por todos os lados.

Lafayette, a pé, perdido entre a multidão, sentiu que a onda ia subindo cada vez mais e não tardaria a submergi-lo.

Rompeu pelo meio do apertão para chegar onde estava o cavalo, com ardor igual ao do náufrago, que corta as ondas para chegar a um rochedo.

Alcançou-o afinal, saltou para a sela e quis aproximar-se do peristilo; mas o caminho estava completamente obstruído entre ele e a casa da câmara; tinham brotado do chão muralhas de homens.

- Irra, general! - gritaram os homens - há-de ficar connosco.

Ao mesmo tempo bradavam todos à uma: “a Versalhes! a Versalhes!”

Lafayette parou, hesitando. Não há dúvida alguma; acompanhando-os a Versalhes, podia prestar um grande serviço ao rei; mas teria acaso a força necessária para domar aquela multidão, que o impelia para

Versalhes? Poderia dominar aquelas vagas, que acabavam de o erguer do chão, e contra as quais sentia que lutava pela própria salvação?

De repente um homem com uma carta na mão, desceu os degraus do peristilo, abriu caminho por entre o povo, e tanto trabalhou com os pés e com as mãos, e sobretudo com os cotovelos, que chegou ao pé de Lafayette.

O recém-chegado era o incansável Billot.

- Aqui tem, general - disse ele; - é um ofício que lhe enviam os Trezentos.

Era assim que chamavam aos eleitores.

Lafayette rasgou o sobrescrito e começou a ler para si, mas vinte mil vozes gritaram ao mesmo tempo:

- O ofício! O ofício!

Não teve remédio senão ler o ofício em voz alta. Fez sinal para que se calassem, e no mesmo instante, como por milagre, seguiu-se àquele grande tumulto um completo silêncio, e Lafayette leu o ofício seguinte, sem que ninguém soltasse uma única palavra:

“Tomando em consideração as actuais circunstâncias e o desejo do povo, e atendendo a que não é possível deixar de anuir ao mesmo desejo, segundo se depreende da *representação* do Sr. comandante geral, a Assembléia Nacional autoriza o dito senhor, e até lhe ordena que marche para Versalhes.”

“Quatro comissários do município o acompanharão.”

O pobre Lafayette não tinha *representado coisa nenhuma* aos senhores eleitores; mas a estes não se lhes dava de repartir com ele a responsabilidade dos acontecimentos que se iam passar. Todavia o povo ficou persuadido de que o general tinha realmente *representado* e como a representação do seu comandante estava em harmonia com o voto geral, gritaram todos os circunstantes: Viva Lafayette!

Então Lafayette, empalidecendo, repetiu também: A Versalhes!

Seguiram-no quinze mil homens com um entusiasmo mais silencioso, porém ao mesmo tempo mais terrível do que o das mulheres que o tinham precedido como guarda avançada.

Toda aquela gente devia encontrar-se em Versalhes, para pedir ao rei as migalhas de pão, que tinham caído da mesa do banquete da oficialidade dos corpos, durante a orgia da noite de 1 para 2 de Outubro.

LI

Versalhes

Na forma do costume, ignoravam completamente em Versalhes o que se estava passando em Paris.

A rainha ficara descansada com as cenas que descrevemos, e de que se mostrara tão satisfeita no dia imediato.

Já tinha um exército, já tinha sectários, já tinha contado os seus inimigos: desejava travar a luta.

Não estava ainda por vingar a afronta que sofrera em 14 de Julho? E aquela jornada do rei a Paris, donde regressara com um laço tricolor no chapéu, não era necessário fazê-la esquecer à corte e esquecê-la ela mesma?

Pobre mulher! Mal pensava ela na jornada que ia ser obrigada a fazer.

Desde a sua altercação com Charny, nunca mais lhe falara. Afectava tratar

Andréia com a antiga amizade, que por um instante lhe esfriara no coração, e que para sempre se apagara no da sua rival.

Quanto a Charny, não se voltava nem olhava para ele senão quando tinha forçosamente que dirigir-lhe a palavra por motivos de serviço, ou para lhe dar alguma ordem.

O desvalimento porém não abrangia a família toda, porque na manhã do mesmo dia em que os Parisienses deviam sair de Paris para irem a Versalhes, esteve a rainha a conversar afectuosamente com o jovem Jorge de Charny, que era o segundo dos três irmãos, e o que lhe dera, ao contrário do mais velho, do conde Olivier, conselhos bélicos, quando se soube a notícia da tomada da Bastilha.

Naquela manhã, pela volta das nove horas, ia atravessando a galeria o jovem oficial a que nos referimos, para comunicar ao monteiro-mor que o rei tencionava ir à caça. Nessa ocasião foi visto por Maria

Antonieta, que, acompanhada por Andréia, saía da capela onde fora ouvir missa.

- Onde vai assim de corrida? - perguntou a rainha.

- Deixei de correr apenas vi Vossa Majestade - respondeu Jorge; - aqui fiquei parado, esperando humildemente a honra que acaba de me fazer dirigindo-me a palavra.

- Parece-me que isso não obsta a que me responda e me diga onde ia?

- Senhora - replicou Jorge - fui nomeado para fazer parte da escolta do rei; hoje Sua Majestade quer ir à caça, e vou saber do monteiro-mor quais são os sítios onde se há-de fazer alto.

- Ah! O rei também hoje vai à caça - disse a rainha, observando as nuvens densas e escuras que se amontoavam na direcção de Paris ; - faz mal. O tempo parece não estar muito seguro, não é assim, Andréia?

- É, sim, minha senhora - respondeu tristemente a jovem condessa.

- Não é esta também a sua opinião, senhor?

- É, sim, minha senhora mas o rei assim o quer.

- Cumprida seja pois a vontade do rei, nos bosques e nas estradas - respondeu a rainha com a jovialidade que nela era usual, e que nem os pesares de coração nem os acontecimentos políticos combinados conseguiram fazer-lhe perder.

Depois, voltando-se para Andréia, disse, baixando a voz um pouco:

- Ao menos deixemos-lhe isto.

E logo, em voz alta para Jorge:

- Sabe dizer-me, para que lado vai o rei à caça?

- Vai aos bosques de Meudon, minha senhora.

- Está bom, acompanhe-o, e guarde-o bem.

Naquele instante entrara o conde de Charny. Sorriu-se ternamente para Andréia, e abanando a cabeça aventurou-se a dizer à

rainha:

- Dessa recomendação há-de meu irmão recordar-se, minha senhora, não quando o rei estiver entregue aos seus folgares, senão quando o vir ameaçado de algum perigo.

Ao som daquela voz, que acabava de lhe ferir o ouvido sem que os seus olhos a tivessem advertido da presença de Charny, Maria Antonieta estremeceu, e voltando-se, disse em tom desabrido e desdenhoso:

- Muito me admiraria que essas palavras não fossem proferidas pelo Sr. Olivier de Charny.

- Por que motivo, minha senhora? – perguntou respeitosamente o conde.

- Porque são uma profecia de desgraça, senhor.

Andréia descorou ao ver o conde empalidecer.

Este inclinou-se sem responder.

Mas como a esposa olhasse para ele, admirada de o ver tão sofredor, disse:

- É realmente forte infelicidade a minha,

pois *já* não sei falar a Sua Majestade sem a ofender.

O *já* era acentuado como os actores acentuam em cena as sílabas mais importantes.

O ouvido da rainha era tão fino que não podia escapar-lhe a intenção com que Charny dissera aquelas palavras.

- *Já!* - disse ela vivamente - *já!* Que significa *já*?

- Vejo que tornei a exprimir-me mal - disse simplesmente o Sr. de Charny

E trocou com Andréia um olhar, que desta vez foi surpreendido pela rainha.

Empalideceu também, e logo, apertando os dentes encolerizada, exclamou:

- As palavras são sempre más - retorquiu a rainha - quando a intenção não é boa.

- O ouvido costuma ser hostil - retorquiu Charny - quando é hostil o pensamento.

E depois desta réplica, mais exacta do que respeitosa, ficou calado.

- Esperarei para responder - disse a rainha - que o Sr. de Charny seja mais feliz nos seus ataques.

- E eu - respondeu Charny - esperarei para atacar que a rainha seja mais feliz do que tem sido, há algum tempo a esta parte, na escolha dos seus servidores.

Andréia tomou com vivacidade a mão do marido, e dispôs-se a sair com ele. Um olhar da rainha deteve-a. Vira aquele movimento.

- Mas, afinal, que tinha a dizer-me o *seu marido*? - perguntou a rainha.

- Queria dizer a Vossa Majestade, que tinha sido mandado ontem a Paris pelo rei, e que encontrara a capital seriamente alvoroçada.

- Outra vez! - disse a rainha - e por que motivo? Os Parisienses já tomaram a Bastilha e estão tratando de a demolir. Que mais querem eles? Responda, Sr. de Charny.

- É verdade, minha senhora - respondeu o conde; - mas como não podem comer as

pedras, queixam-se de que têm fome.

- Têm fome! Têm fome! - exclamou a rainha. - Que querem que façamos a isso?

- Houve tempo, minha senhora - disse Charny - em que a rainha era a primeira que se compadecia das dores públicas e procurava suavizá-las. Houve tempo em que subia às águas-furtadas dos pobres, e em que as orações dos pobres se elevavam das águas-furtadas até à presença do Omnipotente.

- Sim - respondeu amargamente a rainha - e bom pago tive da minha compaixão pelas desgraças alheias. Um dos meus maiores desgostos foi originado por ter subido a uma das tais águas-furtadas.

- Porque Vossa Majestade se enganou uma vez - disse Charny - porque prodigalizou as suas graças e favores a uma miserável criatura, quererá medir a humanidade toda pelo nível de uma infame? Ah! Minha senhora, como todos a amavam naquele tempo!

A rainha deitou um olhar de fogo a

Charny.

- Finalmente - disse ela - que se passava ontem em Paris? Diga-me unicamente as coisas que presenciou, senhor; quero confiar na verdade das suas palavras.

- Que presenciei, minha senhora? Vi parte da população apinhada nos cais, esperando inutilmente pela chegada das farinhas; vi outra parte amontoada, às portas das padarias, esperando inutilmente que lhe vendessem pão; vi um povo esfaimado; maridos que olhavam tristemente para as mulheres, e mães que contemplavam em lágrimas os filhos; vi punhos fechados e ameaçadores, dirigidos para o lado de Versalhes. Ai, minha senhora, são estes os perigos de que falei em tempo, e não tardará que se nos ofereça ocasião de morrermos todos por Vossa Majestade, felicidade esta que tanto meu irmão como eu, somos os primeiros a reclamar.

A rainha voltou as costas a Charny num movimento de impaciência, e foi encostar a

testa, que apesar de pálida, tinha a arder, ao vidro de uma janela que deitava para o pátio de mármore.

Apenas ali chegou, viram-na sobressaltar-se.

- Andréia - disse ela - venha aqui ver quem é aquele cavaleiro que chegou agora mesmo; parece ser portador de notícias urgentíssimas.

Andréia chegou à janela, mas quase imediatamente deu um passo atrás e mudou de cor.

- Ah! Minha senhora! - disse ela fazendo um gesto de despeito.

Charny aproximou-se vivamente da janela; não lhe escapara nada do que acabava de se passar.

- Aquele cavaleiro - disse ele olhando sucessivamente para a rainha e para Andréia - é o doutor Gilberto.

- Ah! É verdade - disse a rainha de um modo tal, que Andréia não pôde perceber se a rainha a havia atraído à janela em

conseqüência de um dos acessos de vingança feminina, de que era acometida às vezes a pobre Maria Antonieta, ou se tinha sido porque os seus olhos, enfraquecidos pelas vigílias e pelas lágrimas, já não conheciam, em certa distância, nem as pessoas que desejavam conhecer.

No mesmo instante apoderou-se sepulcral silêncio dos três actores principais desta cena, os quais apenas com os olhos continuavam a interrogar ou a responder.

Era com efeito Gilberto, que chegava trazendo as sinistras novas que Charny vaticinara.

Contudo, conquanto se tivesse apeado apressadamente do cavalo, e logo subisse rapidamente a escada, se bem que as três cabeças inquietas da rainha, de Andréia e de Charny se voltassem para a porta que ficava fronteira à escada, e pela qual devia ter entrado o doutor, a porta não se abriu.

Os três personagens tiveram então alguns minutos de ansiosa espera.

De repente, abriu-se a porta do lado oposto, e entrando um oficial, disse:

- Senhora, o Dr. Gilberto, que vinha para comunicar ao rei negócios importantes e urgentes, solicita a honra de ser recebido por Vossa Majestade, visto que o rei partiu há uma hora para Meudon.

- Que entre! - disse a rainha, fitando na porta um olhar firme e severo, enquanto Andréia, como se devesse naturalmente encontrar um apoio no marido, recuava para ir encostar-se ao braço do conde.

Gilberto apareceu no limiar da porta.

LII

O dia 5 de Outubro

Gilberto olhou de relance para os diferentes personagens que acabámos de apresentar em cena, e caminhando respeitosamente para Maria Antonieta, disse:

- A rainha dá licença que, na ausência do seu augusto esposo, lhe comunique as notícias de que sou portador?

- Fale, senhor - disse Maria Antonieta. - Mal o vi chegar tão rapidamente, chamei todas as minhas forças em meu auxílio, porque logo desconfiei que me trazia alguma triste notícia.

- Preferiria acaso a rainha que a deixassem surpreender? Vossa Majestade, assim avisada, irá ao encontro do perigo com o espírito são e o juízo seguro que a distinguem, e talvez consiga fazê-lo recuar.

- Diga-me, pois, qual é esse perigo?

- Minha senhora, saíram de Paris sete ou oito mil mulheres, e dirigem-se armadas para Versalhes.

- Sete ou oito mil mulheres! - exclamou a rainha em tom de desprezo.

- Sim, minha senhora, mas como se têm demorado pelo caminho, talvez sejam quinze ou vinte mil quando cheguem aqui.

- E que vêm aqui fazer?

- Têm fome, e vêm pedir pão ao rei.

A rainha voltou-se para Charny.

- Infelizmente, minha senhora, disse o conde, verificou-se o que eu tinha previsto.

- Que se há-de fazer? - perguntou Maria Antonieta.

- Avisar o rei em primeiro lugar - disse Gilberto.

A rainha, voltando-se com vivacidade, exclamou:

- O rei! Oh! Não! De que serve expô-lo ao perigo?

Maria Antonieta soltou este grito do íntimo da alma. Era a expressão completa do

valor da rainha, da sua consciência de uma força inteiramente pessoal, e ao mesmo tempo, de uma fraqueza que ela nem devia achar no marido nem revelar a estranhos.

Mas Charny era porventura algum estranho? Gilberto era um estranho?

Bem pelo contrário, aqueles dois homens pareciam ter sido escolhidos pela Providência, o primeiro para defender a rainha, quanto ao segundo para defender o rei.

Charny respondeu ao mesmo tempo à rainha e a Gilberto; estava inteiramente senhor de si, porque sacrificara o seu orgulho.

- Minha senhora - disse ele - o Sr. doutor tem razão, é preciso avisar o rei. O rei ainda tem simpatias, apresentar-se-á às mulheres, falar-lhes-á e conseguirá desarmá-las.

- Mas - perguntou a rainha - quem se encarregará de ir avisar o rei? Semelhante empresa é arriscada, porque a estrada decerto está já cortada.

- O rei está nos bosques de Meudon?

- Está, e se, como é provável, as estradas...

- Digne-se Vossa Majestade não ver em mim mais do que um homem de guerra - interrompeu simplesmente Charny. - Um soldado é feito para ser morto.

E acabando de proferir estas palavras, não esperou pela resposta, nem ouviu o suspiro que a elas se seguiu: desceu rapidamente, montou a cavalo e partiu a toda a brida na direcção de Meudon, acompanhado de dois cavaleiros unicamente.

Apenas o conde desaparecera, respondendo com um derradeiro aceno ao adeus que Andréia lhe dizia da janela, um rumor longínquo, parecido com o bramir das ondas num dia de tempestade, feriu os ouvidos da rainha. O rumor parecia sair das árvores mais distantes da estrada de Paris, que daquela sala se avistava por entre o nevoeiro até às últimas casas de Versalhes.

Não tardou que o horizonte se tornasse

ameaçador à vista, como o estava sendo aos ouvidos; uma chuva branca e penetrante começou a listrar a tinta cinzenta da neblina.

E contudo, apesar das ameaças da atmosfera, Versalhes ia-se enchendo de gente.

Entravam emissários uns após outros no paço. Cada um deles dava notícias de uma coluna numerosa que vinha de Paris, e quantos se recordavam das alegrias e fáceis triunfos dos dias antecedentes, sentiam no coração, uns como que um remorso, outros como que um terror.

Os soldados, inquietos, olhando uns para os outros, chegavam-se vagarosamente às armas. Os oficiais, semelhantes a homens embriagados, que tentam sacudir os efeitos do vinho, desmoralizados pela visível perturbação dos soldados e pelos murmúrios da multidão, respiravam a custo naquela atmosfera carregada de desgraças que lhes haviam de ser atribuídas.

Os guardas reais, cerca de trezentos homens, montaram a cavalo friamente, e com

a hesitação que se apodera dos militares quando sabem que vão arrostar com um inimigo, cuja maneira de atacar ignoram.

O que haviam de fazer contra mulheres, que tinham saído da capital armadas e ameaçadoras, mas que chegavam desarmadas e sem poder sequer erguer os braços, a poder de cansaço e de fome!

Contudo, para o que desse e viesse, entraram em forma, desembainharam os sabres e esperaram.

Afinal apareceram as mulheres; chegavam por duas estradas. Tinham-se separado a meio caminho; umas haviam tomado por Saint-Cloud, as outras por Sèvres.

Antes de se separarem, tinham repartido entre si oito pães: era quanto haviam encontrado em Sèvres.

Trinta e dois arráteis de pão para sete mil pessoas!

Quando chegaram a Versalhes, mal se podiam arrastar, mais de três quartas partes

delas tinham deixado as armas espalhadas pela estrada. Maillard conseguira que as que ainda as conservavam, as abandonassem nas primeiras casas da cidade.

Depois, quando entraram nesta, disse-lhes:

- Ora vamos! Para que ninguém duvide de que somos amigos da realeza, cantemos: Viva Henrique IV!

E elas, com voz desfalecida, mal tendo alento para pedir pão, entoaram o hino real.

Foi portanto grande admiração no paço, quando, em vez de gritos e ameaças, ouviram cantar, e sobretudo quando viram as cantoras cambaleando, porque a fome assemelha-se à embriaguez, e encostando às grades douradas os rostos macilentos, pálidos, ávidos, sujos, a escorrer em água e suor, apresentando assim milhares de caras medonhas, sobrepostas umas às outras, e cujo número parecia duplicado à primeira vista pelo número das mãos que se agarravam aos varões de ferro.

Do centro daqueles grupos fantásticos ressoavam de quando em quando uivos lúgubres; do meio daquelas caras agonizantes saíam relâmpagos.

De tempos a tempos também, todas aquelas mãos abandonavam o varão de ferro a que estavam agarradas, e pelos intervalos, estendiam-se na direcção do paço.

Umas abertas e a tremer, pediam.

Outras fechadas e erguidas, ameaçavam.

Oh! Era na realidade um sombrio quadro!

Chuva no ar e lama na terra, era quanto se via.

Fome e ameaças, era o que diziam os gritos dos sitiante.

Comiseração e dúvida, era a disposição em que os defensores estavam.

Enquanto não chegava Luís XVI, a rainha, cheia de fogo e de resolução, mandou organizar a defesa do paço, os cortesãos, os oficiais e os altos funcionários, foram-se agrupando a pouco e pouco em volta dela.

Entre eles avistou a rainha o Sr. de Saint-Priest, ministro de Paris, e dirigindo-se a ele, disse:

- Vá ver o que pretende essa gente.

O Sr. de Saint-Priest desceu, atravessou o pátio e chegando-se à grade, perguntou às mulheres:

- Que pretendem?

- Pão! Pão! Pão! - respondem ao mesmo tempo mais de mil vozes.

- Pão! - redargue o Sr. de Saint-Priest com impaciência.

- Quando tinham um amo só nunca lhes faltou o pão, agora que têm mil e duzentos, vejam a que ponto chegaram!

E o Sr. de Saint-Priest, depois de ordenar que conservassem a grade fechada, retirou-se ao som dos gritos proferidos por tanta boca faminta.

Mas estava para chegar uma deputação, para a qual não haveria remédio senão abrir a grade.

Maillard tinha-se apresentado na

Assembléia Nacional, em nome das mulheres, e conseguira daquele corpo que o seu presidente, acompanhado de uma deputação de doze mulheres, fosse fazer uma representação ao rei.

No momento em que a deputação saía da casa da câmara, com Mounier à sua frente, entrava o rei a galope por uma porta traseira do paço.

Charny encontrara-o no bosque de Meudon.

- Ah! É o conde - perguntara-lhe o rei. - É a mim que procura?

- Sim, meu senhor.

- Que novidades temos? Vem tão apressado!

- Meu senhor, estão a estas horas dez mil mulheres em Versalhes, que vêm de Paris e pedem pão.

O rei encolheu os ombros, mas mais por um sentimento de compaixão do que de desprezo.

- Ah! - disse ele - se eu tivesse pão que

dar-lhes, não esperaria que viessem a Versalhes para mo pedirem.

E sem mais reflexões, mas deitando sempre um olhar pesaroso para o lado donde se afastava a montaria, que era obrigado a interromper, disse:

- Voltemos então para Versalhes.

E tinha regressado efectivamente para Versalhes.

Acabava de chegar, como já dissemos, quando se ouviu um grande alarido na praça de armas.

- Que é aquilo? - perguntou o rei.

- Real senhor - exclamou Gilberto, entrando, pálido como um defunto - são os guardas de Vossa Majestade, que, comandados pelo Sr. Jorge de Charny, deram uma carga contra o presidente da Assembléia Nacional e a deputação que ele traz à sua presença.

- É impossível! - exclamou o rei.

- Vossa Majestade não ouve os gritos da gente que estão assassinando? Veja, veja,

como todos fogem!

- Mande abrir as portas - gritou o rei. -
Quero receber a deputação.

- Porém, real senhor!... - exclamou a rainha.

- Mande abrir - repetiu Luís XVI. - Os paços reais são lugares de asilo.

- Ah! - disse a rainha - será assim, mas não para os reis!

LIII

O anoitecer do dia 5 de Outubro

Charny e Gilberto correram pela escada abaixo.

- Em nome do rei! - gritou o segundo.

- Em nome da rainha! - bradou o primeiro.

E ambos acrescentaram:

- Abram as portas.

A prontidão com que esta ordem foi executada não evitou que o presidente da Assembléia Nacional fosse deitado por terra no pátio e pisado pelos cavalos.

Ao lado dele tinham sido feridas duas mulheres da deputação.

Gilberto e Charny acudiram logo. Aqueles dois homens, um dos quais saíra da classe mais elevada da sociedade, e o outro da classe mais ínfima, encontravam-se no mesmo caminho.

Um deles queria salvar a rainha por amor dela mesma, o outro salvar o rei por amor da realeza.

Apenas se abriram as grades, arrojaram-se as mulheres para dentro do pátio; meteram-se pelas fileiras dos guardas reais e pelas do regimento de Flandres; ameaçavam, pediam, suplicavam. Como se poderia resistir a mulheres, que imploravam aos homens em nome das suas mães e irmãs?

- Abram caminho, senhores, deixem passar a deputação! - gritou Gilberto.

Todos se arredaram para deixarem passar Mounier com as infelizes mulheres que ele ia apresentar ao rei.

O rei, avisado, por Charny que fora adiante, esperava a deputação na sala contígua à capela.

Mounier era quem havia de falar em nome da Assembléia.

Madalena Chambry, a ramalheteira que tocara a rebate, fora escolhida para falar em nome das mulheres.

Mounier disse algumas palavras ao rei, e apresentou-lhe a jovem ramalheteira.

Esta deu um passo para a frente, quis falar, mas só pôde proferir estas palavras:

- Real senhor, pão!

E caiu desmaiada.

- Acudam-lhe! - gritou o rei - acudam-lhe!

Andréia apressou-se em oferecer ao rei um frasquinho de sais.

- Ai minha senhora! - disse Charny para a rainha em tom de censura.

A rainha descorou e recolheu-se ao seu aposento, dizendo:

- Preparem o estado, o rei e eu vamos partir para Rambouillet.

Durante este tempo a pobre rapariga tornava a si, e vendo-se nos braços do rei, que lhe estava dando o frasco de sais a cheirar, soltou um grito de pejo e quis beijar-lhe a mão.

- Minha linda menina - disse-lhe ele - consinta que a abrace, que bem o merece pela

sua formosura.

- Oh! Real senhor, visto ter tão bom coração - disse a rapariga - assine quanto antes a ordem.

- Que ordem? - perguntou o rei.

- A ordem para mandar vir os trigos, a fim de pôr termo à escassez do pão.

- Minha filha - replicou o rei - estou pronto a assinar a ordem que me pede, mas, na verdade, receio muito que de bem pouco lhe sirva.

O rei assentou-se a uma mesa e ia a começar a escrever, quando de repente se ouviu um tiro isolado, a que logo se seguiu uma descarga de fuzilaria.

- Ah! Meu Deus! Meu Deus! - exclamou o rei - que mais teremos? Vá ver o que é, Sr. Gilberto.

Tinham dado segunda descarga contra outro grupo de mulheres, e fora essa carga que motivara o tiro isolado e a descarga que se lhe seguira.

O tiro isolado tinha sido dado por um

homem do povo, e quebrara um braço ao Sr. Savonnières, tenente da guarda real, no momento em que ele levantava a mão para bater num soldado, ainda moço, que se arrumara de encontro a uma guarita, onde, com os braços estendidos e desarmados, protegia uma mulher, que estava de joelhos atrás dele.

Os guardas reais tinham retribuído o tiro de espingarda com cinco ou seis tiros de clavina.

Duas balas haviam acertado; caíra morta uma mulher, e outra ficara gravemente ferida.

O povo tornou a fazer fogo, e dois guardas foram derrubados dos cavalos.

No mesmo instante ouviram-se vozes gritando: “lugar! Lugar!” Eram os homens do bairro de Santo António, que chegavam, puxando três peças de artilharia, que assestaram em frente da grade.

Felizmente a chuva caía a cântaros, e debalde chegaram os morrões aos ouvidos

das peças; a pólvora estava molhada e não se incendiava.

Naquele momento, alguém disse estas palavras em voz baixa ao ouvido de Gilberto:

- O Sr. de Lafayette vem aí, e já a estas horas há-de estar a meia légua de Versalhes.

Gilberto procurou inutilmente quem dera aquele aviso; fosse quem fosse, o aviso era bom.

Olhou em volta de si, viu um cavalo sem cavaleiro. Era de um dos guardas que tinham sido mortos.

Montou imediatamente, e partiu a galope na direcção de Paris.

O outro cavalo, que estava também sem cavaleiro, quis segui-lo; mas apenas teria dado vinte passos pelo largo fora, detiveram-no pela rédea. Gilberto julgou que lhe tinham adivinhado o seu projecto e que queriam persegui-lo. Olhou para trás, sem contudo cessar de correr.

Ninguém curava dele; estavam com fome. Queriam comer e para isso iam matar o

cavalo às facadas.

O cavalo caiu, e num abrir e fechar de olhos foi retalhado em vinte pedaços.

Entretanto, tinham ido dizer ao rei, da mesma forma que a Gilberto: o Sr. de Lafayette vem aí.

O rei acabava de assinar a Mounier o auto de aceitação dos *Direitos do homem*, e a Madalena Chambry uma ordem para mandar entrar os cereais.

Apenas obtiveram aquele decreto e aquela ordem, que, no entender de todos, deviam acalmar os espíritos, Maillard, Madalena Chambry e grande número de mulheres, puseram-se a caminho para Paris.

À saída da cidade encontraram Lafayette, que, tendo já sido prevenido por Gilberto, chegava a marche-marche à frente da guarda nacional.

- Viva o rei! - gritaram Maillard e as mulheres, levantando ao ar os decretos de que eram portadores.

- Então que perigo era esse de que

estava ameaçada Sua Majestade, segundo me disse? – perguntou Lafayette admirado.

- Venha, venha, general - exclamou Gilberto instando com ele. - À vista o avaliará.

Lafayette seguiu para a frente com a mesma pressa.

A guarda nacional entrou finalmente em Versalhes a toque de caixa.

Apenas ressoaram em Versalhes os primeiros rufos de tambor, sentiu o rei que alguém lhe tocava respeitosamente no braço.

Voltou-se; era Andréia.

- Ah! É a condessa! Onde está a rainha?

- Real senhor, a rainha manda suplicar-lhe que não espere pelos Parisienses e se retire daqui. Facilmente abrirá caminho por toda a parte à frente da sua guarda e dos soldados do regimento de Flandres.

- É este também o seu parecer, Sr. de Charny? - perguntou o rei.

- É, sim, meu senhor, se logo em seguida atravessar a fronteira, quando não...

- É melhor ficar.

O rei abanou a cabeça.

Ficou, não porque tivesse ânimo para ficar, senão porque não tinha força para partir.

Murmurou para consigo: “Um rei fugitivo! Um rei fugitivo!”

Depois, virando-se para Andréia:

- Vá dizer à rainha que parta só.

Andréia saiu para ir levar a resposta.

Passados cinco minutos, entrou a rainha e veio colocar-se ao lado do rei.

- Que vem aqui fazer, senhora? - perguntou Luís XVI.

- Morrer com Vossa Majestade - respondeu a rainha.

- Ah! - murmurou o conde de Charny - ei-la verdadeiramente bela.

A rainha estremeceu; tinha ouvido.

- Parece-me, com efeito, que muito melhor seria para mim morrer do que viver - disse ela olhando para o conde.

Naquele momento marchava a guarda

nacional mesmo por baixo das janelas do paço.

Gilberto entrou com vivacidade.

- Real senhor - disse ele para o rei - Vossa Majestade nada receie, o Sr. Lafayette está lá em baixo.

O rei não gostava do Sr. de Lafayette, mas limitava-se a não gostar dele.

Porém a rainha já não era assim, odiava-o francamente, e não disfarçava o ódio que lhe tinha.

Resultou daí que Gilberto não obteve resposta alguma àquela notícia, que julgava ser das mais felizes em lance tal.

Porém, Gilberto não era homem a quem intimidasse o régio silêncio.

- Vossa Majestade ouviu? - disse ele ao rei com firmeza. - O Sr. de Lafayette está lá em baixo, e manda dizer que fica às ordens de Vossa Majestade.

A rainha permaneceu calada.

O rei fazendo um esforço, disse:

- Vá alguém dizer-lhe que lhe agradeço,

e convidem-no em meu nome a subir.

Um oficial inclinou-se e saiu.

A rainha deu três passos para trás.

O rei, porém, deteve-a com um gesto quase imperativo.

Charny e Gilberto conservaram-se ao pé do rei.

Os outros todos recuaram como a rainha, e foram colocar-se por detrás dela.

Ouviram-se passos de uma pessoa só, e em seguida assomou o Sr. de Lafayette à entrada da porta.

No meio do silêncio, que se fez apenas o avistaram, uma voz pertencente ao grupo da rainha soltou estas duas palavras:

- Chega Cromwell!

Lafayette sorriu-se e respondeu:

- Cromwell não entraria desacompanhado em casa de Carlos I.

Luís XVI voltou-se para os amigos desastrados, que assim tornavam seu inimigo um homem que vinha acudir-lhe.

Em seguida voltando-se para Charny,

disse:

- Conde, eu fico. Visto estar aqui o Sr. de Lafayette nada tenho já que recear. Mande retirar as tropas para Rambouillet. A guarda nacional tomará posição nos fossos exteriores, e os guardas nos do castelo.

Depois, voltando-se para Lafayette:

- Venha comigo, general, preciso primeiro conversar com o senhor.

E como Gilberto desse um passo para se retirar, acrescentou:

- Venha também, doutor, desejo que assista à conferência.

Passou adiante de Lafayette e de Gilberto, e entrou num gabinete, para onde eles o acompanharam.

A rainha seguiu-os com a vista, e assim que se fechou a porta, murmurou:

- Ah! Era hoje que devíamos ter fugido. Hoje, ainda era tempo; amanhã, talvez já seja tarde.

E saiu também para voltar para o seu aposento.

Entretanto um grande clarão semelhante ao reflexo de um incêndio, alumiava as vidraças do paço.

Era produzido por uma fogueira imensa, de roda da qual o povo estava assando os quartos do cavalo que tinha matado.

LIV

A noite de 5 para 6 de Outubro

A noite passou-se sem novidade; a Assembléia conservou-se reunida em sessão até às três horas da madrugada.

Às três horas, antes de se separarem os seus membros, a mesa ordenou a dois meirinhos que fossem rondar Versalhes, examinar as vizinhanças do paço, e dar uma volta pela tapada.

Tudo estava, ou parecia estar sossegado.

A rainha quisera sair, pela volta da meia-noite, pela cancela de Trianon, porém a guarda nacional tinha-se oposto a que passasse.

Maria Antonieta alegara, como motivo para dar aquele passo, o receio com que estava, e tinham-lhe respondido que estava mais segura em Versalhes do que em nenhuma outra parte.

Tinha-se retirado, por conseguinte, para os seus quartos particulares, e ficara efectivamente descansada vendo que ali velavam os mais fiéis dos seus guardas.

Logo à porta encontrara Jorge de Charny. Estava armado, e encostado à espingarda curta de que usavam os guardas reais e os dragões. Era aquilo contra as regras estabelecidas: os guardas, no interior do paço, só faziam sentinela com os sabres.

A rainha chegou-se a ele e disse:

- Ah! É o barão?

- Sou eu, minha senhora.

- Sempre fiel.

- Cumpro o meu dever.

- Quem o pôs aqui de sentinela?

- Meu irmão, minha senhora.

- Onde está seu irmão?

- Junto do rei.

- Por que ficou junto do rei?

- Porque é o chefe da família, e como tal compete-lhe morrer pelo rei, que é o chefe do Estado.

- Sim - disse Maria Antonieta com certa amargura - ao passo que ao senhor só lhe compete morrer pela rainha.

- Será para mim uma grande honra, minha senhora - disse o mancebo inclinándose - se Deus um dia permitir que eu cumpra esse dever.

A rainha deu um passo para se retirar, porém uma desconfiança lhe punha o coração.

Parou, e virando um pouco a cabeça, perguntou:

- E... a condessa, que é feito dela?

- A condessa, minha senhora, recolheu-se haverá dez minutos, e mandou fazer uma cama para si na antecâmara de Vossa Majestade.

A rainha mordeu os lábios.

Por qualquer ponto que se procurasse aquela família de Charny, nunca se lhe podia notar a mais leve falta de cumprimento dos seus deveres.

- Agradeço-lhe, senhor - disse a rainha

fazendo-lhe um aceno encantador com a cabeça e com a mão ao mesmo tempo - agradeço-lhe a vigilância com que guarda a rainha. Também agradecerá em meu nome a seu irmão por ter ficado de guarda ao rei.

E acabando de proferir estas palavras, entrou para os seus aposentos. Na antecâmara encontrou Andréia, que ainda não se tinha deitado e estava de pé, esperando-a respeitosamente.

Não pôde conter-se que não lhe estendesse a mão.

- Acabo agora mesmo de agradecer a seu cunhado Jorge, condessa - disse ela. - Encarreguei-o de agradecer a seu marido, e agradeço à condessa também.

Andréia fez uma mesura, e recuou para deixar passar a rainha, que entrou para o seu quarto de dormir.

A rainha não disse que a acompanhasse; aquela dedicação, na qual bem se conhecia que não tinha parte alguma o affecto, mas que se oferecia a arrostar até com a morte, apesar

de tanta frieza, incomodava-a.

Assim, pois, como já dissemos, até às três horas da madrugada não tinha havido novidade.

Gilberto saíra do paço com o Sr. de Lafayette, e como se conservasse a cavalo durante doze horas consecutivas, estava a cair de cansaço. À porta do paço encontrara Billot, que acompanhara a guarda nacional, porque, tendo visto partir Gilberto, lembrou-se de que este poderia precisar dele, e por isso procurara-o como o cão procura o dono quando o deixa em casa.

Até às três horas, repetimos, não houvera novidade.

A própria Assembléia ficara descansada, e, em vista das partes que tinham dado os meirinhos, levantaram sessão.

Todos esperavam que o sossego não fosse perturbado, mas enganaram-se.

Em quase todos os movimentos populares que precedem as grandes revoluções, há um tempo de espera, durante

o qual todos se persuadem que tudo está acabado e se pode dormir descansado.

É uma ilusão.

Por detrás dos homens que operam os primeiros movimentos, estão os que esperam que esses movimentos se tenham efectuado, e que os seus autores, fatigados ou satisfeitos, não querendo ir mais adiante, se entreguem ao repouso.

É então que esses homens desconhecidos, agentes misteriosos de paixões fatais, saem por entre as trevas, apoderam-se do movimento no ponto em que foi abandonado, e levando-o aos últimos limites, espantam ao acordar os que lhes abriram o caminho e retiraram a meio da obra, julgando haverem alcançado o seu fim e concluído a sua empresa.

Naquela noite terrível houve dois impulsos muito diferentes, dados por dois bandos que chegaram a Versalhes, um de tarde, o outro de madrugada.

O primeiro fora ali porque tinha fome,

pedia pão.

O segundo fora ali por ódio, e pedia vingança.

Sabemos quem capitaneava o primeiro bando: Maillard e Lafayette.

Quem se pusera, porém, à frente do segundo? A história ninguém indica; mas à falta da história, a tradição designa: Marat!

Este personagem já é nosso conhecido. Vimo-lo quando se fizeram as festas por ocasião do casamento de Maria Antonieta, amputando pernas e braços na praça de Luís XV. Vimo-lo no largo da municipalidade, empurrando os cidadãos para a praça da Bastilha.

E encontramos-lo por fim agora, encoberto com as sombras da noite, e semelhante aos lobos que andam de rojo em volta dos apriscos das ovelhas à espera que o pastor adormeça para empreenderem a sua obra de sangue.

Verrière!

Este mencionamo-lo agora pela primeira

vez. Era um anão disforme, um corcunda hediondo, empoleirado em duas pernas desproporcionadas. A cada tempestade que revolvía o fundo da sociedade, via-se surgir com a espuma aquele gnomo ensangüentado, que se agitava à superfície. Por duas ou três vezes, nas épocas terríveis, viu-o passar o povo de Paris, acororado num cavalo preto, e parecendo uma figura do Apocalipse ou um desses demónios impossíveis, saídos do imaginoso pincel de Callot, para tentarem Santo António.

Um dia, num clube, trepou a uma mesa, atacou, ameaçou e acusou Danton. Era na época em que já começava a vacilar a popularidade do homem de 2 de Setembro. Danton, em presença daquela agressão mordaz, sentiu-se perdido, como o leão, que avista a dois dedos das suas fauces a cabeça horrível de uma serpente. Olhou em volta de si, procurando uma arma ou um apoio. Lobrigou, por felicidade sua, outro corcunda. Pegou nele por baixo dos braços, e

levantando-o do chão, pô-lo em cima da mesa em frente do seu colega, e disse:

- Meu amigo, responda a esse senhor; cedo da palavra em seu favor.

Todos desataram a rir, e Danton ficou salvo, daquela vez pelo menos.

Havia, pois, segundo a tradição, Marat, Verrière e além destes os seguintes:

O duque d'Aiguillon, isto é, o inimigo mais encarniçado da rainha.

O duque d'Aiguillon, disfarçado com trajos de mulher!

Quem espalhou isto? Todos.

O abade Dellile e o abade Maury, dois eclesiásticos que tão pouco se pareciam um com outro.

Foi ao primeiro que se atribuiu este verso célebre:

*Cobarde como homem; como mulher
assassina*

Quanto ao abade Maury, esse fez mais.

Quinze dias depois dos acontecimentos que estamos narrando, o duque d'Aiguillon encontrou-se com ele no terraço dos Feuillants, e fez todos os possíveis para lhe falar.

- Passa-fora, marafona! - disse o abade Maury.

E afastou-se majestosamente do duque.

Ora, diz-se que foram aqueles três homens que chegaram a Versalhes pelas quatro horas da manhã.

Capitaneavam o segundo bando a que nos referimos.

Compunha-se este dos indivíduos que saem a campo depois dos que pelejam para vencer.

Eram os que só aparecem para saquear e matar.

Na tomada da Bastilha houvera alguns assassínios, mas não se apresentara ocasião de roubar.

Na ida a Versalhes apresentava-se o ensejo de uma bonita desforra.

Pelas cinco horas e meia da madrugada o real palácio estremeceu no meio do seu sono.

Disparara-se um tiro de espingarda no pátio de mármore.

Quinhentos a seiscentos homens tinham-se apresentado subitamente em frente da cancela de ferro, e excitando-se, animando-se, empurrando-se uns aos outros, tinham conseguido trepar pelas grades, acabando por arrombar a cancela.

Foi quando o tiro de espingarda da sentinela deu rebate.

Um dos agressores caiu morto. O cadáver ensangüentado ficou estendido no chão.

O tiro dividiu o grupo de rapinantes, alguns dos quais levavam a mira na baixela de prata do paço, e outros, quem sabe? Talvez na coroa dos reis.

A onda, assim separada como por um imenso golpe de machado, formou dois grupos.

Um dos grupos foi acometer o aposento da rainha, o outro subiu para a capela, isto é, para os aposentos do rei.

Sigamos em primeiro lugar o que subiu aos aposentos do rei.

Já viram crescer as ondas nas grandes marés, não é assim? Pois as ondas populares crescem da mesma forma, com a única diferença de que avançam sempre e nunca recuam.

A guarda toda do rei constava naquele momento da sentinela que estava à porta, e de um oficial que saíra da antecâmara, armado de uma alabarda, que acabava de tirar das mãos de um archeiro, que fugira assustado.

- Quem vem lá? - bradou a sentinela - quem vem lá?

E como ninguém respondesse, e a onda continuasse a subir, bradou terceira vez:

- Quem vem lá?

E meteu a espingarda à cara.

O oficial calculou logo o reboço que

iria causar um tiro disparado no interior do paço; levantou a arma da sentinela, arremessou-se ao encontro dos agressores, e atravessando a alabarda na largura da escada, gritou:

- Senhores! Senhores! Que vem aqui fazer? Que pretendem?

- Nada, nada - responderam várias vozes em tom de mofa. - Ora vamos, deixem-nos passar; nós somos muito amigos de Sua Majestade.

- São muito amigos de Sua Majestade, e vêm guerreá-lo?

A única resposta a esta observação foi uma risada.

Um dos homens agarrou no cabo da alabarda, que o oficial não quis largar. O homem, para obrigá-lo a largá-la, mordeu-lhe a mão.

O oficial arrancou a alabarda ao seu adversário, empunhou-a fortemente, e descarregando o ferro com toda a ânsia sobre a cabeça do seu inimigo, abriu-lhe o crânio.

A violência da pancada quebrou a alabarda pelo meio.

O oficial ficou assim com duas armas em vez de uma só, um pau e um punhal.

Fez girar o pau como um sarilho, dando ao mesmo tempo ferroadas com o punhal. Entretanto a sentinela tornara a abrir a porta da antecâmara e chamara por socorro.

Tinham saído cinco ou seis guardas reais.

- Senhores, senhores - gritou a sentinela - acudam ao Sr. de Charny, acudam depressa.

Os sabres desembainhados brilharam um instante ao clarão do candeeiro, que ardia no alto da escada, e começaram a acutilar furiosamente os sitiantes para a direita e para a esquerda de Charny.

Ouviram-se logo gritos de dor, começou a correr sangue, e a onda recuou rolando pelos degraus da escada, descobrindo as lajes tintas de vermelho e escorregadias.

A porta da antecâmara abriu-se terceira

vez, e a sentinela gritou:

- Voltem para dentro, senhores, é o rei que assim o determina.

Os guardas aproveitaram-se do instante de confusão que tinham ocasionado na multidão. Correram para a porta. Charny foi o último que entrou. Depois dele passar, fechou-se a porta e correram dois grandes fechos.

Mais de mil pancadas desabaram ao mesmo tempo de encontro à porta, mas, pela parte de dentro, tinham amontoado bancos, mesas e cadeiras. Durante dez minutos ainda poderia resistir.

Dez minutos! Nesses dez minutos podia chegar algum auxílio.

Vejamos agora o que se passava no lado dos quartos da rainha.

O segundo grupo encaminhara-se para os quartos particulares; mas ali era a escada muito estreita e apenas poderiam passar duas pessoas de frente pelo corredor.

Era ali que estava de guarda Jorge de

Charny.

Depois do terceiro “quem vem lá”, que não teve resposta, disparou a espingarda.

Ao estrondo do tiro abriu-se a porta da câmara da Rainha.

Andréia deitou fora da porta o rosto pálido, mas sereno, e perguntou:

- Que é?

- Minha senhora - gritou Jorge - salve Sua Majestade! É contra a sua vida que esta gente quer atentar. Estou aqui só contra mil. Mas não importa, hei-de resistir todo o tempo que puder; apresse-se, apresse-se!

E como os agressores avançavam para ele, puxou a porta para si, gritando:

- Corram os fechos! Ainda hei-de viver tempo bastante para dar lugar a que a rainha se levante e fuja.

Dizendo isto, voltou-se e atravessou com a baioneta os dois primeiros que encontrou no corredor.

A rainha tinha ouvido tudo, e quando Andréia lhe entrou no quarto achou-a já de

pé.

Duas das suas criadas, as Sr^{as}. Hogué e Thibaul, estavam-na vestindo à pressa.

Assim mesmo, meio vestida, as duas criadas foram-na empurrando suavemente para um corredor oculto, que ia dar ao quarto do rei, ao passo que Andréia, sempre com a mesma serenidade, e sem curar do próprio perigo, ia fechando e aferrolhando, uma após outra, todas as portas por onde passou em seguimento de Maria Antonieta.

A manhã

Um homem esperava pela rainha nos limites dos dois aposentos.

Esse homem era Charny, todo ensangüentado.

- Onde está o rei? - exclamou Maria Antonieta, reparando no sangue que tingia o vestuário do mancebo.

- O rei? O senhor prometeu-me que salvaria o rei.

Charny, relanceando os olhos para as portas que a rainha tinha deixado abertas para vir da sua câmara até à sala do dossel, onde estavam reunidos naquele momento a princesa real, o delfim e alguns guardas, ia para indagar onde parava Andréia, quando encontrou o olhar da rainha.

Aquele olhar reprimiu as palavras que ele ia proferir.

Mas os olhos da rainha sabiam ler no coração de Charny.

Não foi preciso que ele falasse; Maria Antonieta adivinhou-lhe o pensamento.

- Ela vem aí já; esteja descansado.

E correu para o delfim, a quem se abraçou.

Efectivamente, Andréia acabava de fechar a última porta, e entrava também na sala do dossel.

Andréia e Charny não trocaram palavra.

O sorriso de um correspondeu ao sorriso do outro, e nada mais.

Coisa singular! Aqueles dois corações, que durante tanto tempo se haviam conservado apartados, começavam a ter palpitações que se correspondiam.

Entretanto, a rainha olhava em volta de si; e como se estimasse poder notar uma falta em Charny, perguntou :

- O rei? Onde está o rei?

- O rei anda em procura de Vossa Majestade - respondeu Charny placidamente;

- foi ao aposento de Vossa Majestade por um corredor, enquanto Vossa Majestade vinha para aqui por outro.

Naquele instante ouviu-se um grande alarido na sala contígua.

Eram os assassinos que gritavam: Fora a Austríaca! Fora a Messalina! Fora a *Veto*! É preciso esganá-la, é preciso enforcá-la!

Ao mesmo tempo ouviram-se dois tiros de pistola, e duas balas furaram a porta em diferentes alturas.

Uma das balas passou a alguns linhas da cabeça do delfim e foi cravar-se num alisar.

- Oh! Meu Deus! Meu Deus! - exclamou a rainha caindo de joelhos - vamos aqui morrer todos!

Os cinco ou seis guardas, a um aceno de Charny, fizeram então trincheira dos seus corpos, para defenderem a rainha e os dois infantes.

Naquele momento apareceu o rei, com os olhos arrasados de lágrimas e o rosto pálido; vinha chamando pela rainha como

esta chamara por ele.

Logo que a viu, deitou-lhe os braços ao pescoço.

- Salvo! Salvo! - exclamou a rainha.

- Por ele, minha senhora - respondeu o rei apontando para Charny; - e a senhora também está salva, não é assim?

- Salvou-me o irmão do conde - replicou a rainha.

- Senhor - disse Luís XVI para o conde - devemos muito à sua família: é uma dívida tão grande que nunca poderemos solvê-la.

A rainha encontrou o olhar de Andréia e desviou dela a vista, corando.

Começavam a ouvir-se os encontros que os agressores davam à porta.

- Vamos, senhores - disse Charny - é preciso resistir aqui por espaço de uma hora. Somos sete, e decerto levarão uma hora para nos matar a todos, se nos defendermos bem. É impossível que dentro de uma hora não acuda alguém a Suas Majestades.

E acabando de proferir estas palavras,

Charny agarrou num grande armário, que estava a um canto do gabinete real.

Todos imitaram o exemplo, e em breve se levantou um montão de móveis, por entre os quais os guardas deixaram seteiras para atirarem.

A rainha abraçou-se aos dois filhos, e erguendo as mãos acima das cabeças deles, começou a orar.

Os dois meninos reprimiam os gemidos e as lágrimas.

O rei entrou no gabinete, que ficava junto à sala do dossel, para queimar alguns papéis preciosos que desejava subtrair aos agressores.

Estes, cada vez se encarniçavam mais de encontro à porta.

A cada instante vinha dentro um fragmento, que cedia a um golpe de machado ou à força de uma alavanca.

Pelas aberturas assim praticadas entravam os ferros vermelhos dos chuços, ou os triângulos ensangüentados das baionetas,

procurando espalhar a morte.

Ao mesmo tempo as balas furavam o painel da porta acima da barricada, e iam abrir sulcos no estuque do tecto dourado.

Afinal resvalou um banco estofado do alto do armário, o qual também desabou. Um painel da porta, que encobria o armário, abriu-se ante eles como uma voragem, e logo começaram a entrar pela abertura, em lugar de baionetas e chuços, braços ensangüentados agarrando-se aos buracos que de um instante para outro se tornavam maiores.

Os guardas reais tinham gasto até ao último cartucho, e não tinha sido inutilmente, pois através da abertura da porta via-se o sobrado da galeria juncado de mortos e de feridos.

O rei voltou a ouvir os gritos das mulheres, as quais se persuadiam que estavam já a ver entrar a morte por aquela abertura.

- Real senhor - disse Charny - vá

encerrar-se com a rainha no gabinete mais afastado, feche pela parte de dentro todas as portas e coloque dois de nós atrás de cada uma. Eu peço para ficar de guarda à última. Afianço-lhe que assim ganharemos duas horas; eles gastaram uns quarenta minutos para arrombar esta.

O rei hesitava; parecia-lhe uma humilhação fugir assim de quarto em quarto, entrincheirando-se por detrás de cada tabique.

Se não estivesse com a rainha, não teria recuado um passo.

E a rainha, se não tivesse os filhos consigo, mostraria a mesma firmeza que o rei.

Mas, ai de nós! Pobres humanos! Reis ou súbditos, todos nós temos no coração uma abertura oculta, por onde se escoa a audácia e entra o terror.

O rei ia portanto dar ordem para que todos se recolhessem ao gabinete mais distante, quando de repente se retiraram os braços, desapareceram os chuços e as

baionetas, e findaram os gritos e as ameaças.

Houve um momento de silêncio, durante o qual todos ficaram de boca aberta, aplicando o ouvido, e reprimindo o fôlego.

Ouviu-se em seguida o passo cadenciado de uma tropa regular.

- É a guarda nacional! - exclamou Charny.

- Sr. de Charny! Sr. de Charny! - gritou uma voz.

E ao mesmo tempo assomou ao buraco da porta o rosto bem conhecido de Billot.

- Billot! - gritou Charny; - é o senhor, meu amigo?

- Sim, sou eu. O rei e a rainha onde estão?

- Acolá.

- Sãos e salvos?

- Sim.

- Louvado seja Deus! Sr. Gilberto! Sr. Gilberto, venha por aqui!

Ao nome de Gilberto, dois corações de mulher estremeceram de modo bem diverso.

O coração da rainha e o coração de Andréia.

Charny voltou-se instintivamente, e viu que Andréia e a rainha mudavam de cor ao ouvirem aquele nome.

Abanou a cabeça e suspirou.

Os guardas correram a dispersar os destroços da barricada.

Neste momento, ouviu-se a voz de Lafayette, que gritava:

- Senhores da guarda nacional parisiense, dei ontem à noite a minha palavra a Sua Majestade que não se faria mal algum às pessoas que pertencem à casa real. Se deixarem matar os guardas reais, far-me-ão faltar à minha palavra de honra, e assim me tornarão indigno de continuar a ser seu chefe.

Assim que a porta se abriu, as duas primeiras pessoas que apareceram foram o general Lafayette e Gilberto, e um pouco para a esquerda Billot, o qual não cabia em si de contente pela parte que tinha tomado no livramento do rei. Fora Billot quem tinha ido

acordar Lafayette.

Por detrás de Lafayette, de Gilberto e de Billot, estava o capitão Gondran, comandante da companhia do centro de Saint-Phillippe-du-Roule.

A princesa Adelaide foi a primeira que correu ao encontro de Lafayette, e deitando-lhe os braços ao pescoço com o agradecimento do susto, exclamou:

- Ah! Foi o senhor quem nos salvou!

Lafayette adiantou-se respeitosamente para transpor o limiar da sala do dossel, porém, um oficial deteve-o, dizendo:

- Peço perdão, mas diga-me se tem foro para entrar aqui?

- Se não tem - disse o rei, estendendo a mão para Lafayette - dou-lho eu.

- Viva o rei! Viva a rainha! - gritou Billot.

O rei voltou-se.

- Aquela voz é minha conhecida - disse ele sorrindo-se.

- Tendes suma bondade, real senhor - respondeu o honrado lavrador. - Sim, sim, é a

mesma voz que vitoriou a Vossa Majestade quando foi de jornada a Paris. Ah! Melhor fora que tivesse ficado em Paris, em vez de voltar para aqui!

A rainha carregou o sobrolho.

- Sim - disse ela - foi pena não ficar com os Parisienses, que tão amáveis são!

- Então, senhor? - perguntou o rei a Lafayette.

- Parece-me que seria conveniente que Vossa Majestade aparecesse na varanda.

O rei interrogou Gilberto com os olhos, e em seguida foi direito à janela, abriu-a sem hesitação e apareceu na sacada.

Ressoou logo um grito imenso e unânime:

- Viva o rei!

A este primeiro grito, seguiu-se um segundo:

- O rei para Paris!

Entre estes dois gritos, e cobrindo-os de vez em quando, algumas vozes estridentes bradavam:

- A rainha! A rainha!

A este grito, todos se arrepiaram; o rei empalideceu, bem como Charny, e até o próprio Gilberto.

A rainha ergueu a cabeça.

Pálida, também, com os lábios cerrados, e encrespando a testa, Maria Antonieta conservava-se junto da janela. A princesa real estava encostada a ela. Tinha adiante de si o delfim, e a sua mão, branca como um mármore, descansava sobre a cabeça loura do menino.

- A rainha! A rainha! - continuaram a bradar dentre a multidão.

- O povo deseja vê-la, minha senhora - disse Lafayette.

- Oh! Não vá à janela, minha mãe! - exclamou a princesa real banhada em lágrimas e deitando o braço em volta do pescoço da rainha.

A rainha olhou para Lafayette.

- Não tenha receio algum, minha senhora - disse ele.

- Pois quê! Assim sozinha? - perguntou a rainha.

Lafayette sorriu-se e desprendendo os dois meninos dos braços da mãe, mui respeitosamente e com aquelas maneiras encantadoras que soube conservar até à velhice, empurrou-os a eles primeiro para a sacada.

Depois, oferecendo a mão à rainha, disse:

- Queira Vossa Majestade fiar-se em mim, que eu respondo por tudo.

E conduziu, em seguida, a rainha para a varanda.

Era um espectáculo terrível e bem próprio para causar vertigens, o que apresentava aquele pátio de mármore, transformado num mar humano, em que as ondas se agitavam e bramiam.

À vista da rainha, um grito imenso saiu de toda aquela multidão; ninguém poderia dizer se era um grito de ameaça ou um grito de alegria.

Lafayette beijou a mão da rainha; então rebentaram os aplausos.

É porque na tão nobre nação francesa até nas veias mais plebéias existe sangue cavaleiroso.

A rainha suspirou.

- Que povo tão célebre! - disse ela.

E de repente, estremecendo:

- E os meus guardas, senhor, os meus guardas, que me salvaram a vida, nada pode fazer em favor deles?

- Envie-me um, minha senhora - disse Lafayette.

- Sr. de Charny! Sr. de Charny! - gritou a rainha.

Porém Charny deu um passo atrás; percebera o que lhe queriam.

Não estava disposto a fazer confissão pública de delito por causa da noite do 1.º de Outubro.

Como não estava criminoso, não carecia de amnistia.

Andréia também sentira a mesma

impressão, e por isso estendera a mão para o conde de Charny, a fim de o deter.

A mão dela encontrou-se com a do conde, e apertavam-se mutuamente.

A rainha viu o movimento, apesar do muito que tinha que ver naquela ocasião.

Os olhos chamejaram-lhe e com o peito arquejante e a voz trémula, disse para outro guarda:

- Aproxime-se!

O guarda obedeceu.

Não tinha para hesitar os mesmos motivos que Charny.

O Sr. de Lafayette puxou o guarda para a varanda, pregou-lhe no chapéu o seu próprio laço tricolor e abraçou-o.

- Viva Lafayette! Vivam os guardas reais! – gritaram cinqüenta mil vozes.

Algumas vozes deixaram ouvir um estrondo surdo semelhante ao último ronco de uma tempestade, que vai abrandando.

Mas foram imediatamente cobertas por uma aclamação universal.

- Mas, para evitar nova trovoadas, real senhor, ainda terá que fazer um último sacrifício.

- Sim - disse o rei em tom pensativo - abandonar Versalhes, não é verdade?

- Para ir residir em Paris, sim, real senhor.

- Senhor - replicou o rei - pode participar ao povo que à uma hora da tarde partiremos para Paris, a rainha, eu e os meus filhos.

E voltando-se para a rainha, disse:

- Vá para o seu aposento, minha senhora, e apronte-se para partirmos.

Esta ordem do rei pareceu recordar a Charny algum acontecimento importante de que se esquecera.

Deitou a correr diante da rainha.

- Que vai fazer para os lados dos meus quartos, senhor? - perguntou a rainha com dureza - não tem lá que ver.

- Desejo bem deveras que assim seja, minha senhora - respondeu Charny - e fique descansada, que se realmente não tiver lá que

ver, não me demorarei tempo bastante para que a minha presença possa desagradar a Vossa Majestade.

A rainha seguiu-o; o sobrado estava todo manchado de rastros de sangue. Maria Antonieta viu-os, fechou os olhos, e procurando um braço para se encostar, agarrou no de Charny, e caminhou assim como cega alguns passos.

De repente sentiu que o corpo todo de Charny tremia como arrepiado.

- Que é, senhor? - perguntou ela abrindo os olhos.

E logo em seguida, exclamou:

- Um cadáver! Um cadáver!

- Vossa Majestade há-de desculpar-me se lhe deixo o braço - disse ele. - Encontrei o que vinha procurar aos quartos de Vossa Majestade: o cadáver de meu irmão Jorge.

Era com efeito o corpo do infeliz mancebo, à quem o irmão ordenara que afrontasse a morte para defender a vida preciosa da rainha.

Tinha obedecido pontualmente.

Morte de Jorge de Charny

Os factos que acabámos de referir têm sido relatados por cem modos diversos, pois decerto são dos mais importantes daquelle grande período de 1786 a 1795, a que chamam a Revolução Francesa.

Ainda há-de haver quem relate estes acontecimentos de outros cem modos mais; mas desde já podemos afirmar que ninguém será capaz de o fazer mais imparcialmente do que nós.

Mas depois de todas estas narrações, compreendendo a nossa, ainda haverá outro tanto por fazer, porque a história nunca é completa. De cem mil testemunhas, cada um tem a sua versão; de cem mil pormenores diferentes, tem cada um deles o seu interesse e a sua poesia, por isso mesmo que são diferentes.

Mas para que servirão as narrações todas, por muito verídicas que sejam?

Deu-se alguma vez o caso de uma lição política aproveitar a um homem político?

Quando foi que as lágrimas, as narrações e o sangue dos reis tiveram o poder da simples gota de água, que gasta as pedras?

Nunca. As rainhas têm chorado, os reis têm sido trucidados sem que em tempo algum os seus sucessores aproveitassem com as lições fornecidas pela fortuna. Os homens zelosos em todo o tempo prodigalizaram a sua dedicação sem que dela tirem proveito aqueles a quem a fatalidade destinou para a desventura.

Vimos ainda há pouco a rainha quase tropeçando no cadáver de um desses homens, que os reis, que se retiram, deixam cobertos de sangue e estirados no caminho, que seguiram depois da sua queda.

Algumas horas depois do grito de terror que à rainha soltara, e no momento em que, acompanhada do rei e de seus filhos,

abandonava Versalhes, onde nunca mais havia de entrar, eis o que se passava num patiozinho interno, úmido ainda da chuva, que o vento áspero do outono começava a enxugar.

Um homem vestido de preto debruçava-se sobre um cadáver.

Outro homem, que vestia o uniforme dos guardas reais, estava ajoelhado do lado oposto do mesmo cadáver.

Três passos distante deles, conservava-se de pé, com as mãos postas e os olhos espantados, um terceiro companheiro.

O defunto era um mancebo de vinte e dois para vinte e três anos, cujo sangue parecia ter escorrido todo pelas imensas feridas que tinha na cabeça e no peito.

O peito, retalhado e tornado já de brancura lívida, parecia arquejar ainda com o gesto desdenhoso de uma defesa desesperada.

A boca meio aberta, e a cabeça deitada para trás com a expressão de dor e de cólera,

traziam à lembrança esta bela imagem romana:

“E a vida deserta com prolongado gemido para a morada das sombras.”

O homem vestido de preto era Gilberto.

O homem uniformizado era o conde de Charny.

O homem que se conservava de pé, era Billot.

O cadáver era o do barão Jorge de Charny. Gilberto, debruçado sobre o cadáver, observava-o com aquela fixidade sublime que, dirigida a um moribundo, detém a vida próxima a fugir, e a um defunto, parece querer chamar a alma, que já se desprende.

- Frio, inteiriçado! Está morto, não há dúvida nenhuma - disse ele afinal.

O conde de Charny soltou um rouco gemido, e apertando nos braços aquele corpo inanimado, rompeu em soluços tão sentidos que o médico estremeceu, e Billot foi esconder-se no mais afastado e sombrio canto do pátio.

O conde ergueu-se de repente, pegou no cadáver, encostou-o à parede, e foi-se retirando devagar, olhando sempre para trás, a ver se o irmão não se reanimaria para o seguir.

Gilberto ficou com um joelho em terra, e a cabeça encostada à mão, pensativo, espantado e imóvel.

Billot saiu então do seu canto escuro, e foi ter com Gilberto. Já não ouvia os soluços do conde, que lhe haviam dilacerado o coração.

- Ah! Sr. Gilberto - disse ele - aqui está afinal de contas o que é a guerra civil, e vai acontecendo o que me vaticinou; a coisa porém vai-se efectuando mais depressa do que eu pensava, e de que o senhor mesmo esperava. Vi os *malvados* assassinares marotos, agora vejo que os mesmos *malvados* assassinam a gente de bem.

“Vi matar Flesselles, de Launay, Foulon e Berthier; tremeu-me o corpo e tive horror de ver o que os outros praticavam”!

“E contudo os homens a quem matavam eram todos uns patifes”.

“Foi então, Sr. Gilberto, que me vaticinou que viria um dia em que também haviam de ser assassinados os homens de bem”.

“Mataram o Sr. barão de Charny. Agora já não tremo, choro; já não me horrorizo de ver o que os mais praticam, tenho medo de mim.”

- Billot! - exclamou Gilberto.

Porém Billot prosseguiu, sem lhe dar atenção:

- Aqui está um pobre mancebo, a quem assassinaram, Sr. Gilberto; era soldado, combateu; ele não assassinava, e todavia foi assassinado.

Billot soltou um suspiro, que parecia sair-lhe do íntimo do peito.

- Pobre rapaz! - acrescentou - conheci-o ainda criança; costumava vê-lo passar quando ia de Boursonne para Villers-Cotterets montado no seu cavaleiro ruço:

levava pão aos pobres mandado pela mãe.

“Era uma bonita criança, com as faces brancas e rosadas, os olhos azuis muito rasgados, e sempre risonho”.

“E coisa célebre, apesar de o estar vendo aí estendido, coberto de sangue e desfigurado, parece-me que não é um cadáver que tenho diante dos meus olhos, mas a criança de outro tempo, com um cestinho enfiado no braço esquerdo e uma bolsa na mão direita”.

“Ai, Sr. Gilberto, parece-me que basta, e não tenho vontade de ver mais, porque me vaticinou que há-de chegar um dia em que hei-de vê-lo morrer ao senhor também, e então”...

Gilberto, abanando levemente a cabeça, disse:

- Billot, tranquilize-se, que a minha hora final não chegou ainda.

- Embora, mas é chegada a minha, doutor. Tenho além as minhas searas, que apodrecerão, as minhas terras, que ficarão

por cultivar, uma família, a quem estimo, e a que tenho dez vezes mais apego ainda desde que estou vendo este cadáver, cuja morte a família chora neste momento.

- Que quer dizer com isso, meu caro Billot? Parece-lhe, porventura, que me induziria a ter dó do senhor?

- Oh! Não! - respondeu ingenuamente Billot; - pesam-me as desgraças que estou presenciando, e por isso me lastimo; mas como das lamentações não se tira resultado nenhum, tenciono ajudar-me e consolar-me à minha moda.

- Isso quer dizer quê?...

- Quer dizer que estou com vontade de voltar para o meu casal, Sr. Gilberto.

- Outra vez, Billot?

- Ah! Sr. Gilberto, afigura-se-me que estou ouvindo uma voz que me chama de lá.

- Tome sentido, Billot, essa voz está-lhe aconselhando uma deserção.

- Não sou soldado, para se dizer que deserto, Sr. Gilberto - disse ele.

- Se desse um tal passo, Billot, a sua deserção seria muito mais criminosa do que a do soldado.

- Explique-me o que disse, doutor.

- Pois quê! Veio a Paris pára demolir e foge quando o edifício está para abater?

- Fujo para não esmagar os meus amigos.

- Ou antes para não ser esmagado.

- Eh! Eh! - disse Billot - não é proibido que a gente se lembre também de si.

- Aí está um bonito cálculo! Como se as pedras não rolassem e quando rolam, não fossem esmagar em distância os medrosos que fogem!

- Ah! O Sr. Gilberto bem sabe que não sou nenhum medroso.

- Então fique, Billot, que ainda preciso do amigo - disse o doutor, pondo-lhe a mão no ombro.

- Também a minha família precisa de mim.

- Billot, Billot, parecia-me que tinha

concordado comigo em que não existe família para o homem que ama a sua pátria.

- Quisera saber se seria capaz de me repetir o que acaba de dizer, se o seu filho Sebastião estivesse onde está aquele pobre rapaz.

E dizendo isto apontava para o cadáver.

- Billot - respondeu estoicamente Gilberto - dia virá em que meu filho Sebastião me veja como eu estou vendo aquele cadáver.

- Tanto pior para ele, se então se mostrar tão frio como o doutor.

- Tenho fé que há-de ser melhor do que eu, e mais firme ainda, porque hei-de sempre dar-lhe exemplos de firmeza.

- Visto isso, quer que a criança se acostume a ver derramar sangue, que adquira, desde a mais tenra idade, o hábito dos incêndios, das forcas, das sedições e dos ataques nocturnos; que veja insultar rainhas e ameaçar reis; e quando chegar a ser forte como uma espada e frio como ela, quer que

lhe tenha então amor e respeito?

- Nada, não quero que ele veja tudo isso, Billot, e aí está o motivo por que o tornei a mandar para Villers-Cotterets; passo este de que estou quase arrependido hoje.

- Como assim, está hoje arrependido de o haver para lá mandado?

- Estou.

- E por que razão somente hoje lhe veio o arrependimento?

- Porque hoje teria ele visto pôr em prática o axioma do leão e do rato, que para ele não passa de uma fábula.

- Que quer isso dizer, Sr. Gilberto?

- Quer dizer que teria visto um pobre lavrador, que o acaso trouxe a Paris, um bom e honrado homem que não sabe ler nem escrever, que nunca se persuadiu de que a sua vida pudesse influir em bem ou em mal sobre destinos tão elevados, que ele mal se atrevia a medi-los com a vista. Quer dizer que teria visto esse homem (que já em outra época quis deixar Paris como quer agora)

contribuir hoje eficazmente para salvar um rei, uma rainha, e dois príncipes.

Billot, olhando para Gilberto com os olhos muito espantados, perguntou:

- Como assim, Sr. Gilberto?

- Como assim, sublime ignorante, eu lhe conto: acordando mal ouviu a primeira bulha, adivinhando que aquele rumor era uma tempestade próxima a desabar sobre Versalhes, e indo a correr chamar o Sr. de Lafayette, que estava dormindo.

- Não é para admirar; havia doze horas que ele andava a cavalo e vinte e quatro que se não deitava.

- Conduzindo-o depois ao paço - prosseguiu Gilberto - e arremessando-se no meio dos assassinos, a gritar: "Para a retaguarda, miseráveis; aqui vem o vingador!"

- Ora essa! - exclamou Billot; - é verdade, eu fiz tudo isso!

- Pois bem, Billot, já vê que houve uma grande compensação, meu amigo; se não

livrou este mancebo de ser assassinado, obstou talvez a que assassinassem o rei, a rainha e os dois príncipes! Ingrato, que se lembra de abandonar o serviço da pátria, no momento em que ela o remunera.

- Mas quem há-de saber o que fiz, se eu mesmo não tinha conhecimento de tal?

- O senhor e eu, Billot, não é quanto basta?

Billot reflectiu um instante, e depois, estendendo a mão calosa ao doutor, disse:

- Tem razão, Sr. Gilberto; mas, como sabe, o homem é uma criatura fraca, egoísta e versátil; só o Sr. Gilberto é forte, generoso e constante. Quem o tornou assim?

- O infortúnio! - replicou Gilberto com um sorriso, em que havia mais tristeza do que num suspiro de dor.

- É célebre - redargüiu Billot - sempre julguei que o infortúnio tornasse o homem perverso.

- Aos fracos, decerto.

- E se eu viesse a ser infeliz e depois me

tornasse perverso?

- Poderá talvez ser infeliz, mas nunca há-de ser perverso, Billot.

- Está certo disso?

- Respondo por si.

- Então... - disse Billot com um suspiro.

- Então? - repetiu Gilberto.

- Então, fico; mas sinto que por mais de uma vez ainda hei-de tornar a fraquejar assim.

- E sempre que fraquejar, Billot, encontrar-me-á a seu lado para o amparar.

- Pois seja assim - suspirou o lavrador.

Depois, deitando um derradeiro olhar para o cadáver do barão de Charny, que os criados se dispunham a levar numa maca, exclamou:

- Sempre era uma criança bem galante aquele pobre Jorge de Charny, montado no seu cavalinho ruço, com um cesto enfiado no braço esquerdo e uma bolsa na mão direita!

LVII

Partida, jornada e chegada de Pitou e de Sebastião Gilberto

Vimos em que circunstâncias tinha sido resolvida a partida de Pitou com Sebastião, muito anteriormente à época em que nos achamos.

Sendo nossa tenção abandonar momentaneamente os principais personagens da nossa história para seguirmos os dois jovens viajantes, esperamos que os nossos leitores nos concederão licença para lhes relatarmos algumas particularidades concernentes à sua partida, ao caminho que seguiram e à sua chegada a Villers-Cotterets, onde Pitou se persuadia que a saída de ambos devia ter deixado um grande vácuo.

Gilberto incumbiu Pitou de ir buscar Sebastião e de lho trazer. Para esse fim meteram Pitou numa carruagem de aluguer,

e assim como Sebastião tinha sido entregue ao cuidado de Pitou, foi Pitou entregue ao cuidado do cocheiro.

Ao cabo de uma hora, o coche tornou a trazer Pitou, e este trazia consigo Sebastião.

Gilberto e Billot estavam à espera deles num quarto que tinham alugado na rua de Saint-Honoré, um pouco acima da Assunção.

Gilberto explicou então ao filho que naquela mesma tarde havia de partir com Pitou, e perguntou-lhe se estimaria tornar a ver os frondosos bosques, de que tanto gostava.

- Sim, meu pai - respondeu a criança - contanto que vá ver-me a Villers-Cotterets, ou que eu o venha ver a Paris.

- Vai descansado, meu filho - disse Gilberto beijando-o na testa. - Sabes muito bem que não posso passar sem te ver.

Quanto a Pitou, esse corou de prazer só com a idéia de que partia naquela mesma tarde.

Exultou de contente quando Gilberto lhe

pôs numa das mãos as duas mãos de Sebastião, e na outra uns dez luíses de quarenta e oito francos cada um.

Uma larga série de recomendações, quase todas higiénicas, que fez o doutor, foi ouvida religiosamente.

Sebastião abaixava os olhos úmidos de lágrimas.

Pitou pesava e fazia tinir os luíses no imenso bolso.

Gilberto entregou uma carta a Pitou, assim revestido das funções de aio.

A carta era para o abade Fortier.

Logo que o doutor acabou de falar, tomou Billot a palavra.

- O Sr. Gilberto - disse ele - confiou ao teu cuidado a moral de Sebastião; eu confio-te o físico. Tens os pulsos rijos; serve-te deles sempre que for preciso.

- Sim - replicou Pitou - e bem sabe que tenho também um sabre.

- Não abuses dele - retorqui Billot.

- Serei clemente - disse Pitou - *clemens*

ero.

- Pois sê *herói*, se quiseses - replicou Billot, que nada percebia de latim.

- Agora - disse Gilberto - só me resta indicar-lhes o modo como hão-de viajar, tanto Sebastião como tu.

- Oh! - exclamou Pitou - há apenas dezoito léguas de Paris a Villers-Cotterets; conversaremos todo o caminho.

Sebastião olhou para o pai como para lhe perguntar se seria muito divertido conversar durante dezoito léguas, com o seu amigo Pitou.

Pitou interceptou o olhar do mancebo.

- Falaremos em latim - disse ele - e todos nos tomarão por uns sábios.

Era este o sonho da inocente criatura.

Quantos outros com dez luíses na mão, teriam dito:

- Compraremos bolos.

Gilberto hesitou um momento.

Olhou para Pitou e depois para Billot.

- Entendo muito bem - disse este último.

- Está em dúvida se Pitou será capaz de servir de guia, e hesita em confiar dele o seu filho.

- Oh! - disse Gilberto - não é dele que eu o confio.

- Então de quem é?

Gilberto ergueu os olhos para o céu; mas era demasiado voltaireano para se atrever a responder.

- De Deus!

E não disse mais nada.

Resolveram por conseguinte, sem alterar coisa nenhuma no plano de Pitou, que prometia ao jovem Gilberto uma jornada cheia de distrações, que não o havia de fatigar, que os dois viajantes se poriam a caminho no dia seguinte pela manhã.

Gilberto teria podido mandar o filho para Villers-Cotterets numa das carruagens públicas, que já naquela época faziam o serviço de Paris até à fronteira, ou na sua própria carruagem; mas já vimos quanto o doutor temia que o jovem Sebastião pudesse

entregar-se ao isolamento, e nada há tão próprio para isolar as pessoas de génio pensativo como a bulha do rodar de uma carruagem.

Foi pois acompanhar os dois rapazes até ao Bourget, e ali, apontando-lhes para a estrada guarnecida de duas fileiras de árvores, e em que dava de chapa um sol brilhante, abriu os braços e disse-lhes:

- Vão!

Pitou partiu logo, levando consigo Sebastião, o qual por bastantes vezes se voltou para fazer a acção de mandar beijos a Gilberto, que se conservava de pé, com os braços cruzados, no sítio em que se tinha separado do filho, seguindo-o com a vista, como teria seguido um sonho.

Pitou empertigava-se ostentando todo o comprimento da sua elevada estatura. Ufanava-se da confiança que nele tinha sido depositada por um personagem tão importante como o Sr. Gilberto, médico da câmara do rei.

Pitou ia com tenção de se desempenhar escrupulosamente das suas obrigações, que eram ao mesmo tempo de aio e de aia.

Todavia, era com a maior confiança em si próprio que conduzia o pequeno Sebastião; viajava sossegadamente, atravessando as aldeias cheias de movimento e de susto desde os acontecimentos de Paris, que estavam, como os nossos leitores se lembrarão, ainda muito recentes, porque, se bem que já narrássemos os sucessos ocorridos até 5 e 6 de Outubro, era, como dissemos, pelos fins de Julho ou o princípio de Agosto que Pitou e Sebastião tinham deixado Paris.

Pitou conservara o seu capacete e o enorme sabre. Fora quanto ganhara com os acontecimentos de 13 e 14 de Julho; mas esse duplo troféu bastava à sua ambição, e ao passo que lhe dava um ar arrogante, contribuía para a sua segurança.

Contudo, o ar arrogante, para que muito concorriam indubitavelmente o capacete e o sabre de cavalaria, tinha-o Pitou conquistado

independentemente deles.

Quem presenciara a tomada da Bastilha, e até tomara parte nela, devia ter conservado necessariamente certa aparência heróica.

Pitou, de mais a mais, tornara-se algum tanto letrado.

Quem ouvira as moções da casa da câmara, os discursos do Sr. Bailly e as proclamações do Sr. Lafayette, não podia deixar de ter seus vislumbres de orador, sobretudo, havendo já estudado os *Conciones* latinos, que a eloquência francesa do século XVIII copiava com sofrível exactidão.

Munido dessas duas poderosas armas, que sabia associar a dois punhos vigorosos, uma rara amenidade de sorriso e um apetite dos mais interessantes, ia Pitou muito agradavelmente jornadeando caminho de Villers-Cotterets.

Para os curiosos de política, tinha sempre notícias prontas e em caso de necessidade, inventava-as, conforme aprendera em Paris, onde, naquela época, se

fabricavam boatos com suma facilidade.

Contava-lhes que o Sr. Berthier tinha deixado escondidos imensos tesouros, que a municipalidade desenterraria qualquer dia. Que o Sr. de Lafayette, o protótipo de toda a glória, o orgulho da França provinciana, já não era para os Parisienses mais do que um boneco de engonços meio usado, cujo cavalo branco servia de tema aos fazedores de trocadilhos! Que o Sr. Bailly, a quem Lafayette honrava com a sua profunda amizade, bem como as demais pessoas da sua família, era um aristocrata, e que as más línguas ainda diziam mais alguma coisa.

Pitou, quando contava tudo isto, excitava tempestades de cólera, mas não se assustava porque possuía o *quos ego* de todas aquelas borrascas; referia-lhes anedotas inéditas a respeito da Austríaca.

Graças a tão inesgotável estro, alcançou uma série não interrompida de excelente jantares até Vauciennes, última aldeia no caminho de Villers-Cotterets.

Como Sebastião, ao contrário dele, comia pouco ou nada, como não falava, e era uma criança pálida e fraca, todos tomavam interesse por Sebastião, admirando ao mesmo tempo a vigilante paternidade de Pitou, que acariciava e tratava com o maior desvelo o menino, comendo de mais a mais o quinhão que lhe pertencia sem que parecesse ter outra coisa em vista senão o ser-lhe agradável.

Apenas chegados que foram a Vauciennes, Pitou pareceu hesitar, olhou para Sebastião e este olhou para Pitou.

Pitou coçou a cabeça. Era o seu costume quando estava perplexo.

Sebastião já tinha bastante conhecimento de Pitou para não ignorar esta circunstância.

- Então! Que é isso, Pitou? - perguntou Sebastião.

- É que, se te fosse indiferente e não estivesses muito cansado, em vez de seguirmos por esta estrada em direitura, poderíamos ir ter a Villers-Cotterets por Haramont.

E o honrado Pitou corou ao exprimir este desejo, como poderia ter corado Catarina ao exprimir um desejo menos inocente.

Sebastião entendeu-o.

- Ah! Sim - disse ele - foi ali que morreu a nossa pobre mãe, Pitou.

- Vem, meu irmão, vem.

Pitou apertou Sebastião contra o peito, quase a ponto de o afogar, e pegando na mão do menino, meteu por um caminho de atalho, paralelo ao vale de Wuala; com tanta rapidez que, ao cabo de uns cem passos, o pobre Sebastião viu-se obrigado a dizer-lhe:

- Mais devagar, Pitou, mais devagar!

Pitou parou; não tinha percebido que esfalfava o pequeno, por ser aquele o seu passo ordinário quando caminhava só.

Viu então Sebastião pálido e mal podendo respirar.

Levantou-o nos braços como S. Cristóvão fez a Jesus, e assim o foi levando ao colo.

Daquele modo pôde Pitou andar com

quanta pressa quis.

Como não era a primeira vez que Pitou pegava em Sebastião ao colo, Sebastião deixou-se pegar.

Chegaram desta forma a Largny. Ali, como Sebastião sentisse arquejar o peito de Pitou, declarou-lhe que já estava suficientemente descansado e pronto para caminhar com a celeridade que lhe aprouvesse.

Pitou mostrou a sua magnanimidade moderando o passo.

Dali a meia hora estava Pitou à entrada da aldeia de Haramont, “linda terra que o vira nascer”, como diz o romance de um grande poeta, romance cuja música vale decerto muito mais do que as palavras.

Logo que chegaram ali, os dois rapazes olharam em redor de si para reconhecerem a localidade.

A primeira coisa que lhes deu na vista foi o crucifixo que a piedade popular coloca usualmente à entrada das aldeias.

Mesmo em Haramont sentiram-se as conseqüências da singular tendência que Paris revelava para o ateísmo. Os pregos que seguravam na cruz o braço direito e os pés do Cristo tinham-se partido comidos de ferrugem. O Cristo pendia, retido unicamente pelo braço esquerdo, e a ninguém ocorrera a idéia piedosa de tornar a colocar o símbolo daquela liberdade, igualdade e fraternidade, que tanto apregoavam, no lugar em que o tinham posto os Judeus.

Pitou não era beato, mas conservava as suas tradições da infância. Aquele Cristo assim esquecido causou-lhe um aperto do coração. Procurou numa sebe um junco, destes que são delgados e rijos como um arame, pôs no chão o capacete e o sabre, trepou pela cruz, atou o braço direito do Divino Mártir à travessa, beijou-lhe os pés e desceu.

Durante este tempo Sebastião orava de joelhos ao pé da cruz. Por quem orava ele? Quem sabe!

Pode ser que fosse por aquela visão da sua meninice, que esperava tornar a encontrar à sombra das árvores copadas das florestas, por aquela mãe, que não conhecia, mas que nunca pode ser estranha ao nosso ser, porque, ainda que não nos sustente durante nove meses com o seu leite, sempre nos tem sustentado durante nove meses com o seu sangue.

Pitou, assim que acabou aquela acção santa, tornou a pôr o capacete na cabeça e afivelou o sabre à cinta.

Sebastião, logo que acabou de orar, benzeu-se e tornou a dar a mão a Pitou.

Entraram então ambos na aldeia, e foram direitos à choupana onde nascera Pitou, e Sebastião fora criado.

Pitou conhecia Haramont como os seus dedos, mas apesar disso não pôde dar com a choupana. Teve de pedir informações; mostraram-lhe uma casinhola de pedra e cal com telhado de ardósias.

O jardim da casinha era cercado por um

muro.

A tia Angélica vendera a casa da irmã, e o novo senhorio, usando do seu direito, deitara tudo abaixo. As paredes velhas rebocadas com terra, a porta carunchosa com uma goteira aberta, as janelas carcomidas com os caixilhos guarnecidos em parte de vidros, e em parte de folhas de papel em que brilhava, debaixo da forma de riscas, a escrita do inexperiente Pitou, o telhado de colmo com o seu musgo esverdeado e as plantas bravas que ali nasciam e florescia, tudo desaparecera.

O novo senhorio deitara tudo abaixo. Tudo!

A porta estava fechada, e pela parte de fora, um enorme cão preto, ao ver gente estranha, arreganhara os dentes para Pitou.

- Anda cá - disse Pitou com os olhos rasos de lágrimas; - anda cá, Sebastião; vamos a um sítio onde estou certo que não terá havido mudança alguma.

E Pitou levou consigo Sebastião ao

cemitério, onde estava enterrada a sua mãe.

O pobre rapaz dizia bem; ali nenhuma mudança tinha havido; porém a erva crescera com a força com que sempre cresce nos cemitérios, e esta circunstância podia obstar a que ele atinasse com a sepultura da mãe.

Felizmente, uma estaca de chorão crescera ao mesmo tempo que a erva, e no espaço de três ou quatro anos a estaca tornara-se numa árvore. Pitou caminhou direito à árvore, e beijou a terra que ela assombreava, com a mesma piedade instintiva com que beijara os pés do Cristo.

Quando se ergueu, roçaram-lhe pelo rosto os ramos do chorão, que o vento agitava.

Estendeu então os braços, reuniu os ramos e apertou-os de encontro ao coração.

Figurou-se-lhe que era o cabelo de sua mãe que ele beijava pela derradeira vez.

A estação que os dois rapazes ali tinham feito fora demorada, e o dia já estava bastante adiantado.

Não tiveram remédio senão separarem-se daquela sepultura, único objecto de que o pobre Pitou parecia ter conservado recordações.

Ao apartar-se dali, Pitou teve por um instante a idéia de arrancar um raminho do chorão para pôr no capacete, mas quando ia para o partir, deteve-se.

Parecia-lhe que iria causar uma dor à pobre mãe se partisse um ramo de árvore, cujas raízes envolviam talvez o caixão de pinho já desconjuntado em que o cadáver descansava.

Tornou a beijar a terra, agarrou na mão de Sebastião e afastou-se.

Quase toda a gente da aldeia estava pelos campos ou no bosque, por conseguinte poucas pessoas tinham visto Pitou, e dessas poucas nenhuma o conhecera, assim disfarçado como estava com o capacete e com o imenso sabre.

Encaminhou-se, pois, para Villers-Cotterets pela linda estrada que atravessa a

floresta numa extensão de três quartos de légua, sem que objecto algum vivo ou animado se lembrasse de o distrair da sua dor.

Sebastião Gilberto acompanhava-o tão pensativo e mudo como ele.

Chegaram finalmente a Villers-Cotterets pela volta das cinco horas da tarde.

LVIII

De como Pitou, amaldiçoado e expulso pela tia por causa de um barbarismo e três solecismos, foi novamente amaldiçoado e expulso por ela por causa de um galo com arroz

Pitou chegou naturalmente a Villers-Cotterets pelo lado da quinta chamado dos Faisões; atravessou a sala de dança, deserta durante a semana, e aonde três semanas antes conduziria Catarina.

Que de acontecimentos não tinham ocorrido para Pitou e para a França durante aquelas três semanas!

Depois, metendo pela comprida rua de limoeiros, chegou ao pátio do castelo, e foi bater à porta traseira do colégio do abade Fortier.

Havia já três anos que Pitou deixara Haramont, ao passo que havia só três

semanas que deixara Villers-Cotterets; era portanto bem natural que não o conhecessem em Haramont, e que o conhecessem em Villers-Cotterets.

Num instante se espalhou pela cidade a notícia da chegada de Pitou com o jovem Sebastião Gilberto, que tinham entrado pela porta travessa do abade Fortier; também se soube logo que Sebastião vinha pouco mais ou menos como partira, mas que Pitou trazia capacete e um sabre muito comprido.

Portanto, o povo reuniu-se em frente do portão, porque pensou, e com razão, que se Pitou se tinha introduzido em casa do abade Fortier pela porta pequena da casa, havia de sair pela rua de Soissons.

Era o seu caminho para ir ao Pleux.

De facto, Pitou só se demorou em casa do abade Fortier o tempo necessário para entregar nas mãos da irmã deste a carta do doutor, Sebastião Gilberto, e cinco moedas de dois luíses para pagamento da mesada.

A irmã do abade Fortier, na primeira

impressão, assustou-se de ver entrar pela porta do jardim aquele arrogante soldado, mas não tardou em reconhecer sob o capacete de dragão aquele rosto sereno e honrado, o que a tranqüilizou mais alguma coisa.

Finalmente, a vista das cinco moedas de dois luíses acabou de dissipar-lhe os receios.

O receio da pobre rapariga era portanto mais fácil de explicar, por quanto o abade tinha saído para levar os seus discípulos a passeio, e a pobre rapariga achava-se inteiramente só.

Pitou, depois de entregar a carta e o dinheiro, abraçou Sebastião, e saiu carregando o capacete na cabeça com arrogância militar.

Sebastião derramara algumas lágrimas ao separar-se de Pitou, posto que a separação não devesse ser longa, e que a companhia deste não fosse das mais divertidas; mas a jovialidade, a bondade e os contínuos obséquios do rapaz tinham tocado no coração do filho de Gilberto. Pitou era uma espécie

dos grandes e meigos cães da Terra Nova, que chegam muitas vezes a enfadar, mas que nos desarmam por fim a cólera lambendo-nos as mãos.

Uma coisa mitigava o pesar de Sebastião, e era a promessa que Pitou lhe fizera de o ir ver repetidas vezes. Uma coisa mitigava o desgosto de Pitou, e era o ter-lhe Sebastião agradecido essa promessa.

Agora sigamos um pouco o nosso herói de casa do abade Fortier para a da tia Angélica, situada, como o leitor não ignora, na extremidade do Pleux.

Ao sair de casa do abade Fortier, Pitou encontrou umas vinte pessoas que o esperavam. O seu novo traje, cuja descrição já tinha corrido toda a vila, era conhecido portanto das pessoas que ali estavam reunidas. Ao vê-lo voltar assim de Paris, onde naquele momento se estava combatendo, todos pensavam que Pitou se tinha batido, e queriam saber novidades.

Pitou deu as apetecidas novidades com

a sua importância ordinária, contou a tomada da Bastilha, as façanhas de Billot, e dos srs. Maillard, Helie e Hulin; o modo como Billot caíra nos fossos da fortaleza, e como ele de lá o tirara; finalmente, como se tinha salvo o Dr. Gilberto, que havia oito ou dez dias fazia parte dos prisioneiros.

Os ouvintes sabiam já pouco mais ou menos tudo que lhes contava Pitou, mas tinham lido aqueles detalhes nas gazetas do tempo, e por mais interessante que seja um jornalista no que escreve, sempre o é menos do que uma testemunha ocular, que narra, que se pode interromper e continuar a sua narração, e que pode ser interrogada e responder ao que se lhe pergunta.

Ora Pitou repetia o que já tinha dito, respondia, dava todos os detalhes, sofrendo todas as interrupções com suma paciência, e respondendo a tudo com a maior complacência.

O resultado foi que depois de coisa de uma hora de pormenores fornecidos à porta

do abade Fortier na rua Soissons, que estava cheia de curiosos, um dos presentes, vendo manifestarem-se alguns sinais de impaciência no rosto de Pitou, teve a lembrança de dizer:

- Mas este pobre Pitou deve estar cansado, e nós estamos aqui a demorá-lo de pé, em vez de o deixarmos entrar em casa da tia Angélica. Pobre velhinha, como há-de ficar contente por tornar a vê-lo!

- Não é que esteja cansado - respondeu Pitou - mas estou com fome. Eu nunca estou cansado, agora com fome estou sempre!

À vista daquela sincera declaração, a multidão, que respeitava as necessidades de Pitou, abriu-lhe respeitosamente caminho.

Pitou, seguido de alguns curiosos mais renitentes do que os outros, pôde então dirigir-se para o Pleux, isto é, para casa da tia Angélica.

A tia Angélica estava ausente, provavelmente de visita em casa dalguma vizinha, e tinha a porta fechada.

Em vista disto, diferentes pessoas

ofereceram a Pitou que fosse tomar a casa delas a refeição de que carecia, mas Pitou recusou com altivez.

- Mas bem vês, meu caro Pitou - lhe disseram diferentes amigos - que a porta está fechada.

- A porta de uma tia não pode conservar-se fechada diante de um sobrinho submisso e esfaimado - disse solenemente Pitou.

E puxando pelo comprido sabre, cuja vista fez tremer as mulheres e as crianças, meteu a ponta entre a lingüeta e a chapa da fechadura, carregou-lhe com força, e abriu-se a porta, com grande admiração dos circunstantes, que não puseram em dúvida as façanhas de Pitou, logo que o viram expor-se tão corajosamente à cólera da velha tia.

O interior da casa era exactamente o mesmo do tempo de Pitou: a célebre cadeira de couro ocupava como rainha o centro do quarto; mais duas ou três cadeiras ou escabelos quebrados formavam a corte

estropiada da grande cadeira; ao fundo da casa ficava uma arca de guardar pão, e à direita o armário e a chaminé.

Pitou entrou em casa com o sorriso nos lábios; nada tinha contra aqueles móveis velhos; bem pelo contrário, eram seus amigos da infância. Verdade é que eles eram quase tão duros como a tia Angélica, mas ao menos quando se abriam, encontrava-se-lhes alguma coisa boa ao passo que, se se abrisse a tia Angélica, encontrar-se-ia interiormente mais seca e pior do que era exteriormente.

Pitou deu imediatamente uma prova do que avançamos às pessoas que o tinham acompanhado, e que, vendo o que se passava, olhavam de fora, morrendo por saber o que se passaria quando voltasse a tia Angélica.

Além disso, era fácil ver que todas aquelas pessoas estavam dominadas de simpatia por Pitou.

Dissemos que Pitou tinha fome, fome tal que se lhe conhecia na alteração das feições.

Por isso não perdeu tempo, e dirigiu-se

logo à arca do pão e ao armário.

Antigamente, - dizemos antigamente, posto que só tenham decorrido três semanas depois da partida de Pitou, porque, segundo é nossa opinião, o tempo mede-se, não pela duração, mas pelos acontecimentos nele ocorridos; - antigamente Pitou, a não ser impelido por algum espírito maligno, ou por uma fome irresistível, potências ambas infernais, e que muito se assemelham, - antigamente Pitou ter-se-ia assentado no limiar da porta fechada, e teria esperado submissamente a volta da tia Angélica; quando ela voltasse, cumprimentá-la-ia com meigo sorriso; arredando-se depois, dar-lhe-ia lugar para passar; depois de ela entrar, entraria ele, e depois de entrar iria buscar o pão e a faca, para que lhe partissem o seu quinhão; em seguida, tendo-lhe sido já cortado o seu quinhão de pão, lançaria um olhar de cobiça, um simples olhar úmido e magnético, pelo menos ele assim o julgava, magnético a ponto de atrair o queijo ou a

iguaria colocada no armário.

Electricidade, que raras vezes produzia o seu resultado, mas que o produzia algumas vezes.

Porém agora Pitou, já homem feito, não procedia deste modo; abriu placidamente a arca do pão, tirou do bolso a sua navalha larga, pegou no pão, e cortou angularmente um pedaço, que podia pesar um quilo.

Depois, sem nada perder da sua serenidade, foi logo abrir o armário.

Sempre se lhe figurou por alguns momentos que ouvia ralar a tia Angélica; mas o armário rangeu nos gonzos, e este som, que tinha toda a força da realidade, abafou o outro, que não era mais do que influência da imaginação.

No tempo em que Pitou fazia parte da casa, a avarenta tia fortificava-se com munições de sobresselente; era o queijo de Marolles, ou a magra talhada de toucinho, cercada pelas verdes folhas de uma enorme couve; mas depois que aquele fabuloso

gastrônomo tinha saído da terra, a tia, apesar da sua avareza, cozinhava certos pratos, que duravam uma semana, e que não deixavam de ter seu valor.

Umas vezes era uma peça de vaca, rodeada de cenouras e cebolas cozinhadas na gordura que ficava da véspera; outras um bocado de carneiro com saborosas batatas do tamanho de cabeças de crianças, ou do comprimento de uma abóbora; algumas vezes era uma perna de vitela, adubada com cebolinhas ou enfeitada com chalotas avinagradas; outras vezes era uma gigantesca omeleta feita na frigideira grande, e ou coberta de salsa, ou entremeada de fatias de toucinho, cada uma das quais era suficiente para o jantar da velha, mesmo nos seus dias de apetite.

Durante a semana a tia Angélica debicava naquelas iguarias discretamente, não entrando pelo precioso acepipe, senão segundo a estrita necessidade do momento.

Todos os dias a velha se regozijava de

ser a única consumidora de tão boas coisas, e durante aquela feliz semana, pensava tantas vezes no seu sobrinho Ângelo Pitou, quantas vezes metia a mão no prato e levava à boca o bocado que comia.

Pitou foi feliz.

Chegava num dia (era segunda-feira) em que a tia Angélica tinha mandado cozer em arroz um velho capão, o qual cozera tanto que de magro que estava, os ossos separaram-se da carne e esta tornara-se quase tenra.

Era um prato soberbo; ostentava-se em funda escudela, negra por fora, mas lustrosa e cheia de atractivos para quem a visse.

A carne nadava no arroz, como pequenas ilhas no centro de um lago, e a crista do galo elevava-se entre os gordurosos olhos do caldo, como o píncaro de Ceuta no estreito de Gibraltar.

Pitou nem sequer teve a delicadeza de soltar uma exclamação de alegria ao ver aquela maravilha.

Estragado pela cozinha de Paris, o ingrato esquecia já que nunca uma tal magnificência ocupara o armário da tia Angélica.

Tinha na mão direita o pedaço de pão.

Com a esquerda agarrou no vastíssimo prato e conservou-o em equilíbrio pela pressão do dedo polegar, que enterrou até à primeira falange, na gordura compacta, que exalava excelente cheiro.

Naquele momento figurou-se a Pitou que se interpunha uma sombra entre ele e a claridade, que entrava pela porta.

Voltou-se sorrindo, porque Pitou era uma dessas criaturas sinceras, em quem a satisfação do coração transluz no rosto.

Aquela sombra era o corpo da tia Angélica.

Da tia Angélica mais avarenta, mais intratável e mais seca do que nunca.

Antigamente, vemo-nos obrigados a recorrer de contínuo à mesma figura, quer dizer à mesma comparação, visto que só essa

comparação pode exprimir o nosso pensamento; antigamente Pitou, ao ver a tia Angélica, teria deixado cair o prato no chão, e quando a tia Angélica se curvasse desesperada para apanhar os restos do galo, e os grãos de arroz, ter-lhe-ia saltado por cima da cabeça e fugido com o seu quinhão de pão debaixo do braço.

Mas Pitou já não era o mesmo; o capacete e o sabre alteraram-lhe menos o físico do que a frequência dos grandes filósofos da época lhe alterara o moral.

Em vez de fugir espavorido diante da tia, chegou-se para ela com gracioso sorriso, estendeu-lhe os braços, e apesar de ela procurar fugir-lhe com o corpo, abraçou-a com as duas antenas, a que dava o nome de braços, apertando a velha contra o peito, ao passo que as mãos, uma com o pão e a navalha, e a outra com o prato, o galo e o arroz, ficavam cruzadas por detrás das costas da velha.

Logo que concluiu este acto de

nepotismo, considerado por ele como um dever imposto pela sua condição, e que era obrigado a cumprir, respirou com toda a força dos seus pulmões, exclamando ao mesmo tempo:

- Pois é verdade, tia Angélica, aqui tem o pobre Pitou.

Ao sentir o abraço, a que não estava acostumada, a velha julgou que Pitou, apanhado por ela em flagrante delito, a quisera abafar, como Hércules abafou Anteu.

Portanto, também pela sua parte respirou quando se viu livre daqueles perigosos braços.

Mas o que a velha podia ter notado era que Pitou não tinha manifestado a sua opinião ao ver o galo.

Portanto, Pitou não só era um ingrato, era também malcriado.

Houve porém uma coisa, que tirou por modo bem diferente o fôlego à tia Angélica, e foi que, antigamente, quando ela se ostentava na sua poltrona de couro, Pitou nem sequer

se atrevia a assentar-se em qualquer das cadeiras quebradas, ou dos escabelos coxos que a rodeavam: ao passo que naquele momento, depois de a ter abraçado, assentara-se à vontade na poltrona, pusera o prato nos joelhos e começara a entrar por ele.

Na destra poderosa, como diz a Escritura, sustentava um pedaço de pão da grossura de três dedos e do comprimento de seis polegadas, verdadeira vassoura, com que varria o arroz do prato, ao passo que pela sua parte a navalha, para lhe não ficar atrás, empurrava a carne para cima do pão.

Sábria e desapiedada manobra, que deu em resultado, no fim de alguns minutos, fazer aparecer o fundo azul e branco da escudela como aparecem na baixa-mar as argolas e as pedras dos diques, depois da retirada da água.

Pintar a terrível perplexidade da tia Angélica, pintar o seu desespero, é coisa a que há que renunciar.

Julgou por um momento poder gritar.

Mas não pôde.

Pitou sorriu com ar tão fascinador, que o grito expirou nos lábios da tia Angélica.

Então fez também a diligência por sorrir, esperando desse modo esconjurar a fera chamada fome, que habitava naquele momento as entranhas do sobrinho.

Mas o provérbio tem razão; as entranhas esfaimadas de Pitou conservaram-se mudas e surdas.

A tia depois de sorrir, chorou.

Isto incomodou alguma coisa Pitou, mas não o impediu de comer.

- Ora, minha tia - exclamou ele - que bondade a sua! Chorar assim de alegria pela minha chegada! Obrigado, boa tia, obrigado!

E continuou a comer.

Decididamente, a revolução francesa desnaturara completamente aquele homem.

Devorou três quartas partes do galo, e deixou um pouco de arroz no fundo do prato, dizendo ao mesmo tempo:

- A tiazinha gosta mais de arroz, não é

assim? É mais tenro para os seus dentes; aqui lhe deixo o arroz.

Ao ouvir aquela atenção do sobrinho, atenção que tomou provavelmente por uma chufa, a tia Angélica ficou quase sufocada. Avançou resolutamente para o rapaz, e tirou-lhe o prato das mãos, proferindo uma blasfêmia, que vinte anos depois ficaria admiravelmente na boca de um granadeiro da velha guarda.

Pitou soltou um suspiro, e disse:

- Oh! A minha tia tem saudades do seu galo, não é assim?

- Malvado! - exclamou a tia Angélica - parece-me que queres mangar comigo.

Pitou levantou-se, e continuou com dignidade:

- Minha tia, nunca foi tenção minha deixar de pagar; tenho dinheiro. Se a tia quiser, pagarei a minha hospedagem em sua casa, com a condição de me ficar o direito salvo de fazer eu a conta.

- Patife! - exclamou a tia Angélica.

- Ora vejamos; suponhamos que o que comi valia quatro *sous*, é um jantar que devo, quatro *sous* de arroz e dois *sous* de pão, total seis *sous*.

- Seis *sous*! - exclamou a tia - seis *sous*! Mas só de arroz eram oito *sous*, e de pão seis!

- Também eu não contei o galo, tiazinha, - disse Pitou - porque é da sua capoeira. É amigo velho, logo o conheci pela crista.

- Pois apesar disso valia bem bom dinheiro.

- Tinha nove anos. Fui eu que o furtei debaixo das asas maternas para lho trazer, e ainda ele não era maior que a palma da mão! Por tal sinal, que a minha tia me bateu, por não ter trazido com ele algum milho para lhe dar a comer no dia seguinte. A menina Catarina deu-me o milho. O galo portanto era propriedade minha; comendo-o, estava no meu direito.

A tia, cega de cólera, lançou àquele revolucionário um olhar fulminante.

Já não tinha voz.

- Sai daqui! - balbuciou ela.

- Já? Deste modo? Depois de ter jantado, sem me dar tempo sequer para fazer a digestão? Isso não é delicado, minha tia.

- Sai, já to disse!

Pitou, que se tornara a assentar, pôs-se outra vez em pé, e notando com a mais viva satisfação que o seu estômago não levaria nem mais um grão de arroz, exclamou com toda a dignidade:

- A tia é uma má parenta! Quer mostrar-me que tenho de si os mesmos motivos de queixa que tinha antigamente; está cruel e avarenta como dantes. Pois bem! Não quero que a tia vá dizer por toda a parte que sou um homem que tudo lhe consome.

Tomou posição no limiar da porta, e com uma voz de estentor, que podia ser ouvida não só pelos curiosos, que tinham acompanhado Pitou, como também pelos indiferentes, que passassem a quinhentos passos de distância, exclamou:

- Tomo esta honrada gente por

testemunha de que acabo de chegar de Paris a pé, depois de ter tomado a Bastilha; que estava cansado, tinha fome e assentei-me; que comi em casa de minha tia, e que esta me lança grosseiramente em rosto a comida que tomei; finalmente, de que me vi obrigado a retirar-me.

E Pitou empregou todo o patético neste exórdio, para que os vizinhos comesçassem a murmurar contra a velha.

- Um pobre viajante - prosseguiu Pitou - que acaba de andar nove léguas a pé, um rapaz probo, honrado com a confiança do Sr. Billot e do Sr. Gilberto; que trouxe Sebastião Gilberto para casa do abade Fortier; um vencedor da Bastilha, um amigo do Sr. Bailly e do general Lafayette. Tomo-os por testemunhas de que fui expulso.

Os murmúrios tomavam corpo.

- E como não sou um mendigo - continuou ele; - como, quando me lançam em rosto o pão que me dão, costumo pagá-lo, aí fica um escudo em paga do que comi em casa

da minha tia.

Dizendo estas palavras, Pitou tirou com arrogância um escudo do bolso, e atirou com ele para cima da mesa, donde, aos olhos de todos, foi saltar para dentro do prato, onde ficou meio enterrado no arroz.

Esta acção final derrotou a velha; abaixou a cabeça sob o peso da reprovação geral, exprimida por prolongado sussurro; vinte braços se dirigiram então a Pitou, que saiu da cabana sacudindo as botas no limiar da porta, e desapareceu, escoltado por uma multidão de gente, que lhe oferecia cama e mesa, felizes por hospedarem de graça um vencedor da Bastilha, um amigo de Bailly e do general Lafayette.

A tia pegou no escudo, limpou-o e guardou-o na sua bolsa, onde devia esperar, em companhia de outros muitos, a sua permutação num velho luís.

Mas ao guardar o escudo, que lhe entrara em casa de um modo tão esquisito, a velha suspirou, e pensou que talvez Pitou

tivesse direito de comer tudo, visto pagar tão bem.

LIX

Pitou revolucionário

Pitou, depois de ter cumprido os primeiros deveres da obediência, quis satisfazer as primeiras necessidades do seu coração.

É grato obedecer quando as ordens do que manda realizam todas as simpatias secretas do que obedece.

Seguiu depois a pequena viela, que vai do Pleux à rua de Lounet, a qual forma, com a sua dupla linha de arvoredo, como que uma tarja verde àquele lado da cidade, e atravessou o campo para chegar mais depressa à herdade de Pisseleux.

Mas em breve afrouxou o passo, porque cada passada lhe trazia uma recordação.

Quando voltamos à cidade ou à aldeia, em que nascemos, caminhamos sobre a nossa mocidade, e sobre os nossos dias passados,

que se estendem, segundo diz um poeta inglês, como um tapete verde debaixo dos nossos pés, para festejarem o viajante que regressa.

A cada passo se encontra uma memória numa pulsação do coração. Aqui sofremos, ali fomos felizes, aqui soluçámos de dor, ali coramos de alegria. Pitou, que não era um analista, viu-se obrigado a ser homem: foi todo o caminho a recordar-se do passado, e chegou com a alma cheia de sensações à herdade da tia Billot.

Quando avistou a cem passos de distância as pontas agudas dos telhados, quando mediu com a vista os olmos seculares, que se dobram para verem de cima fumegar as chaminés cobertas de musgo, quando ouviu ao longe o rumor do gado, que vive e fala, dos cães, que rosnam, dos carros que rodam, endireitou o capacete, ajustou o sabre à cinta e tratou de tomar um garbo gentil, como convém a um namorado ou a um militar.

De princípio ninguém o conheceu, prova de ter conseguido quanto queria.

Um criado, que levava os cavalos à água, ouviu rumor, voltou-se, e através dos ramos de um salgueiro, avistou Pitou, ou para melhor dizer, um capacete e um sabre.

Ficou estupefacto.

Pitou ao passar junto dele, chamou-o:

- Olá! Barnaut! Bons dias, Barnaut!

O criado, admirado por ver que aquele homem de capacete e sabre lhe sabia o nome, tirou o chapéu e largou as rédeas dos cavalos.

Pitou passou para diante sorrindo-se.

Mas o criado não ficou sossegado, porque o sorriso benévolo de Pitou perdeu-se debaixo do capacete.

Estava-se então em sobressalto no campo, por se terem espalhado boatos aterradores, falava-se de ladrões, que deitavam abaixo as matas e cortavam as searas ainda verdes.

Que significaria a chegada daquele soldado? Seria um ataque ou um socorro?

A tia Billot, num lance de olhos, mediu Pitou desde os pés até à cabeça; perguntava a si mesma o que queriam dizer umas calças tão camponesas com um capacete tão brilhante, e escusado é dizê-lo, nas suas suposições tanto se inclinava ao temor como à esperança.

O soldado, quem quer que fosse, entrou desembaraçadamente na cozinha.

A tia Billot deu dois passos para o recém-chegado.

Pitou, pela sua parte, para lhe não ficar atrás em cortesia, tirou o capacete.

- Ângelo Pitou! - exclamou ela. - Ângelo aqui!

- Bons dias, tia Billot - respondeu Pitou.

- Ângelo! Oh! Meu Deus, quem tal havia de adivinhar! Então tu sentaste praça?

- Sentar praça! Ora essa! - respondeu Pitou.

E sorriu-se com ar de superioridade.

Depois começou a olhar em volta de si, procurando o que ali não via.

A tia Billot sorriu-se; logo adivinhou o que procuravam os olhos de Pitou, e por isso disse-lhe com simplicidade:

- Procuras a Catarina?

- Para lhe fazer os meus cumprimentos, tia Billot - respondeu Pitou.

- Está enxugando a roupa. Ora vamos, assenta-te, homem; olha para mim, fala-me.

- De boa vontade - disse Pitou. - Bons dias, bons dias, bons dias, Sr^a. Billot.

E Pitou tomou uma cadeira.

Agruparam-se logo em torno dele, às portas, e pelos degraus das escadas, todas as criadas e trabalhadores, atraídos pelo que lhes contara o moço da cavalaria.

E cada pessoa que de novo chegava dizia em voz baixa:

- É Pitou...

- É verdade! É ele!

- Ora esta!

Pitou lançou um olhar benévolo a todos os seus camaradas, e o seu sorriso correspondeu para o maior número a um

afago.

- Vens de Paris, Ângelo? - prosseguiu a dona da casa mostrando a maior curiosidade.

- Direitinho, Sr^a. Billot.

- Como está o teu patrão?

- Perfeitamente, Sr^a. Billot.

- Como está Paris?

- Pessimamente, Sr^a. Billot.

- Ah!

O círculo dos ouvintes estreitou-se cada vez mais.

- E o rei? - perguntou a lavradora.

Pitou abanou a cabeça e deu um estalo com a língua, que humilhava a monarquia.

- E a rainha?

Pitou desta vez não respondeu absolutamente nada.

- Oh! - exclamou a Sr^a. Billot.

- Oh! - repetiu o resto da assembléia.

- Vamos, continua - disse a lavradora.

- Com a fortuna! Interroguem-me - respondeu Pitou, que tinha empenho em não contar na ausência de Catarina tudo o que ele

sabia de interessante.

- Por que tens tu um capacete? -
perguntou a Sr^a. Billot.

- É um troféu - respondeu Pitou.

- E que vem a ser um troféu, meu rapaz?
- perguntou a boa mulher.

- Ah! É verdade, Sr^a. Billot - disse Pitou
com um sorriso protector - é verdade que não
pode saber o que é um troféu. Troféu é uma
insígnia, mas é também um triunfo, quando
se vence um inimigo.

- Então tu venceste um inimigo?

- Um! - exclamou Pitou com desdém. -
Oh! Minha boa Sr^a. Billot, então não sabe que
nós tomámos a Bastilha, o Sr. Billot e eu?

Aquelas palavras mágicas electrizaram o
auditório. Pitou sentia a respiração dos
espectadores por cima da cabeça, e as mãos
deles nas costas da cadeira.

- Anda, conta, conta para aí o que fez o
meu homem - disse a Sr^a. Billot, ativa e
trémula ao mesmo tempo.

Pitou tornou a olhar para ver se

Catarina chegara, e não a viu.

Pareceu-lhe injurioso que, para ouvir notícias frescas, trazidas por tal correio, a menina Billot se não dignasse deixar a sua roupa.

Pitou abanou a cabeça e começava a mostrar-se descontente.

- A história é muito comprida.

- E estás talvez com fome? - -perguntou a tia Billot.

- Pode muito bem ser que assim seja.

- E com sede?

- Não direi que não.

No mesmo momento criados e criadas porfiavam em servir Pitou, de sorte que este achou imediatamente debaixo das mãos copo, pão, carne e frutos de toda a espécie, antes de ter tido tempo de pensar na importância do seu pedido.

Pitou tinha o estômago quente, como se costuma dizer no campo, isto é, digeriria depressa; mas, por mais breve que digerisse, não era possível ter já dado conta do galo da

tia Angélica, cujo último bocado ainda não havia meia hora ele engolira.

As poucas palavras que dissera não lhe fizeram ganhar tanto tempo como esperava, tal foi a rapidez com que o serviram.

Viu que era forçoso fazer um esforço sobrenatural, e pôs-se a comer.

Mas, por melhor que fosse a sua vontade de satisfazer a curiosidade dos circunstantes, viu-se obrigado a parar um momento depois.

- Que tens tu? - perguntou a Sr^a. Billot.

- Ora! Tenho que...

- Tragam de beber a Pitou.

- Cá tenho cidra, Sr^a. Billot.

- Mas talvez gostes mais de aguardente?

- Aguardente?

- Sim, estarás costumado a bebê-la em Paris.

A boa mulher supunha que durante os seus doze dias de ausência Pitou tinha tido tempo de se corromper.

Pitou rejeitou com altivez tal suposição,

dizendo:

- Aguardente, aguardente para mim!

Isso nunca.

- Então fala.

- Se falo agora - disse Pitou - logo terei de recomeçar, para a menina Catarina ouvir, e isso é uma grande estopada.

Correram logo duas ou três pessoas para a casa de lavar a roupa em busca de Catarina.

Mas enquanto todos corriam para o mesmo lado, Pitou voltou maquinalmente os olhos para a escada, que conduzia ao primeiro andar, e tendo o vento aberto uma porta, pôde ver Catarina, que estava a uma janela olhando para o campo.

Catarina olhava para o lado da floresta, isto é, para o lado de Boursonne.

Estava tão absorta na sua contemplação, que não deu por coisa nenhuma do que se passara, nem o movimento ocorrido no interior da casa lhe chamara a atenção, que toda estava empregada no que se passava exteriormente.

- Ah! Ah! - disse ele suspirando - para o lado da floresta, para o lado de Boursonne, para o lado do Sr. Isidoro de Charny! Sim, deve ser isso.

E soltou segundo suspiro, mais sentido do que o primeiro.

Neste momento voltavam os mensageiros não só da casa de lavar a roupa, mas de todos os sítios onde era possível que Catarina estivesse.

- Então? - perguntou a Sr^a. Billot.

- Não vimos a menina.

- Catarina! Ó Catarina! - gritou a Sr^a. Billot.

A donzela nada ouvia.

Pitou atreveu-se então a falar e disse:

- Sr^a. Billot, eu bem sei porque não encontraram a menina Catarina na casa da roupa.

- Então por que foi?

- Ora! Porque não estava lá.

- Então sabes onde ela está?

- Sei.

- Onde está?

- Está lá em cima.

E tomando pela mão a lavradora, fez-lhe subir os três ou quatro degraus da escada, mostrando-lhe Catarina assentada no parapeito da janela, no centro das flores e da hera que a ornavam.

- Está-se penteando - disse a boa mulher.

- Ah! Não, ela já está penteada - respondeu melancolicamente Pitou.

A lavradora não prestou atenção à melancolia de Pitou, e começou em voz forte a chamar.

- Catarina! Catarina!

A rapariga estremeceu por se ver assim surpreendida, fechou rapidamente a janela e respondeu:

- Que é?

- Então, vens daí, Catarina? - exclamou a Sr^a. Billot, não presumindo o efeito que iam produzir as suas palavras. - Está aqui o Ângelo, que chegou de Paris.

Pitou escutou com ansiedade a resposta,

que ia dar Catarina.

- Sim? - disse Catarina friamente.

Tão friamente que dilacerou o coração ao pobre Pitou.

Depois desceu a escada com a fleuma que os alemães revelam nos quadros de Van Ostade e de Brawer.

- É verdade - disse ela quando chegou abaixo - é ele.

Pitou inclinou-se vermelho e trémulo.

- Traz um capacete - disse uma criada ao ouvido da ama.

Pitou ouviu o dito e estudou o efeito que ele produzia no rosto de Catarina.

Formoso rosto, um pouco pálido talvez, mas ainda cheio e aveludado.

Mas Catarina não manifestou admiração nenhuma pelo capacete de Pitou, e disse:

- Ah! Ele tem um capacete? Para quê?

Desta vez a indignação venceu o coração do honrado mancebo, que disse com altivez:

- Tenho um capacete e um sabre, porque me bati e matei dragões e Suíços; e se duvida,

menina Catarina, pergunte-o a seu pai; aí tem a explicação, Catarina estava tão preocupada, que pareceu não ouvir senão a última parte da resposta de Pitou.

- Como está meu pai? - perguntou ela - e por que não veio com o senhor? Serão más as notícias de Paris?

- São péssimas - disse Pitou.

- Julguei que tudo se tinha arranjado - replicou a filha do lavrador.

- É verdade; mas tornou a desarranjar-se - respondeu Pitou.

- Porventura não vieram a um acordo o rei e o povo, sendo Necker novamente chamado?

- Trata-se agora bem de Necker - disse Pitou com importância.

- E contudo, isso satisfaz o povo, não?

- Ficou tão satisfeito, que está resolvido a fazer justiça por suas mãos, e a matar todos os seus inimigos.

- Todos os seus inimigos! - exclamou Catarina admirada. - Quem são os inimigos

do povo?

- Os aristocratas - respondeu Pitou.

Catarina empalideceu.

- Mas quem são os aristocratas? - perguntou ela.

- Ora! São os que têm grandes terras, belos castelos e produzem no país a guerra civil, os que tudo têm, ao passo que nós nada possuímos.

- E que mais? - perguntou Catarina com impaciência.

- Os que têm belos cavalos e lindas carruagens, ao passo que nós andamos a pé.

- Meu Deus! - exclamou a donzela, empalidecendo a ponto de se tornar lívida.

Pitou notou-lhe aquela alteração nas feições.

- Chamo aristocratas a algumas pessoas do seu conhecimento, menina Catarina.

- Do meu conhecimento?

- Do nosso conhecimento? - disse a mãe Billot.

- Mas então quem são? - insistiu

Catarina.

- O Sr. Berthier de Savigny, por exemplo.

- O Sr. Berthier de Savigny?

- Que lhe deu os brincos de ouro, que trazia no dia em que dançava com o Sr. Isidoro.

- E então?

- Então! Vi trincarem-lhe o coração!

Um grito terrível escapou de todos os peitos. Catarina caiu da cadeira que tinha puxado para si.

- Viste isso? - perguntou a mãe de Billot, trémula de horror.

- E o Sr. Billot também o viu.

- Oh! Meu Deus!

- É verdade - prosseguiu Pitou; - a estas horas devem já ter assassinado ou queimado todos os aristocratas de Paris e de Versalhes.

- É horrível! - murmurou Catarina.

- Horrível por quê? Não creio que seja aristocrata, Sr^a. Billot.

- Sr. Pitou - disse Catarina com uma

energia sinistra - parece-me que não era tão feroz antes de partir para Paris.

- E não o sou ainda hoje - disse Pitou com um gesto abalado; - mas...

- Mas então não se gabe dos crimes que cometem os Parisienses, visto que não é Parisiense nem cometeu esses crimes.

- Estive tão longe de os cometer - disse Pitou - que tanto eu como o Sr. Billot corremos o risco de ser assassinados por querermos defender o Sr. Berthier.

- Oh! Meu bom pai! Meu honrado pai! Bem te reconheço nessa generosa acção! - exclamou Catarina exaltada.

- Meu honrado marido! - disse a mãe Billot com os olhos úmidos. - Então que fez ele?

Pitou contou a terrível cena da praça de Grève, o desespero de Billot, e o seu desejo de voltar para Villers-Cotterets.

- Por que não voltou então? - perguntou Catarina num tom que tocou profundamente o coração de Pitou, como um desses

presságios sinistros, que os adivinhos sabem fazer penetrar tão profundamente no coração.

A Sr^a. Billot juntou as mãos.

- Porque o Sr. Gilberto não quis.

- Então o Sr. Gilberto quer que matem meu marido? - disse a Sr^a. Billot soluçando.

- Quer que se perca a casa de meu pai? - acrescentou Catarina no mesmo tom de sombria melancolia.

- Oh! não - disse Pitou. - O Sr. Billot e o Sr. Gilberto lá combinaram um com o outro. O Sr. Billot ficará ainda algum tempo em Paris, para acabar com a revolução.

- Sós! Como assim? - perguntou a mãe Billot.

- Não, mas com os srs. de Lafayette e Bailly.

- Ah! - disse com admiração a lavradora - visto que os srs. de Lafayette e Bailly estão com ele...

- Quando pensa em voltar? - perguntou Catarina.

- Oh! Quanto a isso, minha menina,

nada sei.

- E tu para que voltaste?

- Vim trazer o Sebastião Gilberto ao abade Fortier, e as ordens do Sr. Billot.

Pitou ao proferir estas palavras, levantou-se, não sem certa dignidade diplomática, que foi compreendida, senão pelos criados, ao menos pelos amos.

A Sr^a. Billot também se pôs de pé e despediu a sua gente.

Catarina, que ficou assentada, procurou penetrar até ao íntimo de alma o pensamento de Pitou, antes dele lhe sair dos lábios.

- Que virá dizer-me? - perguntou ela a si mesma.

A Sr^a. Billot abdica

As duas mulheres reuniram toda a sua atenção para ouvir as ordens daquele pai de família tão prezado. Pitou não ignorava quão árdua era a sua tarefa; tinha visto a mãe Billot e Catarina nos momentos do trabalho; conhecia o hábito de mandar de uma, e a altiva independência da outra.

Catarina, rapariga tão meiga, tão laboriosa e que tanta bondade, tinha tomado, mesmo por causa de todas estas suas qualidades, um grande ascendente sobre toda a gente do casal; e o que é o espírito de dominar senão uma vontade firme de não obedecer?

Pitou, expondo o objecto da sua missão, bem sabia o prazer que ia dar a uma e o grande pesar que ia causar à outra.

A mãe Billot, reduzida a um papel

secundário, parecia-lhe uma coisa anómala e absurda. Isto ia aumentar Catarina em relação a Pitou, e Catarina não precisava de tal nas actuais circunstâncias.

Mas Pitou representava agora no casal um dos heróis de Homero, uma boca, uma memória, e não uma inteligência. Expressiu-se nestes termos:

- Sr^a. Billot, o desejo do Sr. Billot é que se incomode o menos possível.

- Que quer isso dizer? - perguntou a boa mulher admirada.

- Que quer dizer incomodar-se menos? - perguntou a menina Catarina.

- Quer dizer - respondeu Pitou - que a administração de um casal como o seu é um governo cheio de cuidados e de trabalhos; que têm que se fazer compras...

- E então? - perguntou a boa mulher.

- Pagamentos...

- E então?

- Lavouras...

- Que mais?

- Colheitas...

- Quem diz o contrário?

- Ninguém, por certo, Sr^a. Billot; mas para fazer esses negócios é preciso viajar.

- E para que tenho eu um cavalo?

- Para pagar é necessário questionar.

- Oh! Tenho boas goelas.

- Para lavar...

- Não estou porventura costumada a dirigir esses trabalhos?

- E para a colheita? Oh! Isso é que tem que fazer; é preciso cozinhar para os trabalhadores, ajudar os carreiros...

- Nada disso me mete medo, uma vez que se trata dos bens de meu marido - exclamou a honrada lavradora.

- Mas, Sr^a. Billot... Finalmente...

- Finalmente, o quê?

- Tanto trabalho... e... já alguma idade...

- Ah! - exclamou a Sr^a. Billot olhando para Pitou de revés.

- Vamos, ajude-me, Sr^a. Catarina - disse o pobre rapaz, vendo que lhe diminuía as

forças à proporção que a situação se ia tornando difícil.

- Não sei o que é necessário fazer para o ajudar.

- Pois bem, aí vai - replicou Pitou - o Sr. Billot não escolheu a senhora para ter tão grande trabalho.

- Então quem escolheu? - interrompeu a Sr^a. Billot tremendo ao mesmo tempo de admiração e respeito.

- Escolheu uma pessoa mais forte do que ele e do que a senhora; escolheu a menina Catarina.

- Minha filha Catarina para governar a casa! - exclamou a mãe num tom de desconfiança e de inexplicável ciúme.

- Debaixo das suas ordens, minha mãe - disse logo Catarina, corando.

- Não é isso, não é isso - insistiu Pitou, que, tendo-se resolvido a falar, estava decidido a dizer tudo; - desempenharei à risca a comissão de que me encarregaram. O Sr. Billot delega e autoriza a menina Catarina

para o substituir e representar em todos os trabalhos e negócios da sua casa.

Cada uma destas palavras, proferidas em tom de verdade, penetrava no coração da lavradora: e tão boa era a sua índole, que em vez de excitar nela um ciúme dos mais violentos e cólera ardente, a certeza da sua demissão veio encontrá-la mais resignada, mais obediente e mais compenetrada da infalibilidade do seu marido.

Porventura podia Billot enganar-se? Podia a boa mulher deixar de obedecer?

Estes dois argumentos puseram termo à resistência.

Olhou para a filha, em cujos olhos só viu modéstia, a confiança, a boa vontade de desempenhar bem as funções de que a encarregavam, finalmente, a amizade e o respeito inalteráveis. Cedeu absolutamente.

- O Sr. Billot tem razão - disse ela - a Catarina é moça e tem boa cabeça, chega até a ser cabeçuda.

- Sim, sim - disse Pitou, julgando que

lisonjeava o amor próprio de Catarina, ao passo que lhe fazia um epigrama.

- Catarina - prosseguiu a mãe Billot - andará melhor pela estrada do que eu ; pode, ainda, correr dias inteiros atrás dos trabalhadores. Há-de vender melhor e comprar com mais segurança. É rapariga e há-de fazer-se obedecer!

Catarina sorriu.

- Ora bem! - continuou a boa mulher, sem precisar sequer de abafar um suspiro - vai agora Catarina percorrer esses campos, vai dispor da bolsa, e vamos vê-la sempre a caminho; finalmente, vou ver minha filha transformada em rapaz...

Pitou, ao ouvir isto, disse com ar de importância:

- Não tem que lhe dar cuidado a menina Catarina; aqui estou eu, e acompanhá-la-ei por toda a parte.

Este gracioso oferecimento, com que Ângelo contava provavelmente para produzir efeito, atraíu-lhe um olhar

extraordinário de Catarina, que o deixou interdito.

A donzela corou, não como coram as meninas que ouvem uma coisa que lhes agrada, mas tomando uma cor avermelhada, que reproduz por um duplo sintoma a dupla operação da alma, sua primitiva causa, e indica ao mesmo tempo cólera e impaciência, o desejo de falar e a necessidade de ficar calada.

Pitou não era homem de sociedade; não conhecia estas diferenças.

Percebendo contudo que a vermelhidão de Catarina não indicava uma perfeita aquiescência, acrescentou com um sorriso de amabilidade, que deixou ver através dos grosseiros lábios os seus fortes dentes:

- Quê! Pois fica calada, menina Catarina?

- Então não repara, Sr. Pitou, que acaba de dizer uma tolice?

- Uma tolice! - exclamou o apaixonado mancebo.

- Ora esta! - exclamou a mãe Billot - tinha que ver a minha Catarina de ordenança ao lado!

- Mas enfim, nos bosques!... - disse Pitou com um ar tão consciencioso, que seria crime rir da exclamação.

- Também isso entrará nas ordens do meu marido? - prosseguiu a Sr^a. Billot, que mostrava também certas tendências para o epigrama.

- Oh! - acrescentou Catarina - isso seria um ofício de preguiçoso, que meu pai não pode ter aconselhado ao Sr. Pitou, e que o Sr. Pitou não aceitaria de meu pai.

Pitou olhava espantado ora para Catarina, ora para a mãe Billot; via cair por terra todo o edifício, que a sua fantasia levantara.

Catarina compreendeu a dolorosa decepção de Pitou, e disse:

- Sr. Pitou, foi em Paris que viu as meninas comprometerem-se desse modo, andando sempre com rapazes ao lado?

- Mas a senhora não é uma menina - balbuciou Pitou - porque é a dona da casa.

- Vamos, temos conversado já de mais - interrompeu arrebatadamente a mãe Billot - a dona da casa tem muito que fazer. Vem daí, Catarina, vou entregar-te o governo da casa, conforme as ordens de teu pai.

Então começou à vista de Pitou, estupefacto, imóvel, uma cerimónia, que não deixava de ter certa grandeza e poesia, no meio da sua rústica simplicidade.

A Sr^a. Billot puxou por um molho de chaves, e foi-as entregando a uma e uma a Catarina, apresentando-lhe ao mesmo tempo uma relação da roupa, garrafas, móveis e provisões. Conduziu depois a filha à velha carteira marchetada, do ano de 1738 ou 1740, na qual havia um segredo, onde o pai Billot guardava os seus papéis, os luíses de ouro, e todos os tesouros e arquivos de família.

Catarina deixou-se investir com toda a gravidade da onnipotência nos segredos da casa; interrogou a mãe com sagacidade,

reflectiu a cada resposta que ela lhe dava, e parecia, logo que recebia algumas instruções, gravá-las bem na memória e na razão, como uma alma reservada para as necessidades de uma luta.

Depois do exame dos objectos, a mãe Billot passou aos animais, de que se fez recenseamento exacto.

Carneiros são e doentes, ovelhas, cabras, galinhas, pombos, cavalos, bois e vacas.

Isto porém não foi mais do que uma formalidade.

A donzela há muito que tinha a administração especial daquele ramo de comércio.

Ninguém melhor do que Catarina conhecia as galinhas pelo seu rude cacarejar, os cordeiros, que se familiarizavam com ela logo ao cabo de um mês, os pombos, que a conheciam tão bem, que muitas vezes a rodeavam em vôos, e outras vezes pousavam-lhe nos ombros, depois de lhe

terem volteado aos pés com aquele estranho movimento de um lado para outro, que caracteriza o urso nas suas meditações.

Os cavalos relinchavam quando Catarina se chegava para eles. Só ela sabia fazer obedecer os mais fogosos. Um deles, potro criado no casal, e que se tornara um garanhão indomável, quebrava tudo na cavalaria para ir ter com Catarina, e procurar-lhe nas mãos ou nos bolsos a côdea de pão duro, que estava certo de aí encontrar.

Nada mais belo, e que mais provocasse um sorriso do que ver aquela rapariga loura, com os seus grandes olhos azuis, alvo pescoço, braços roliços e mãos rosadas, quando ela vinha com o avental cheio de grãos, e se aproximava de um terreiro, que existia próximo de um charco, terreiro cujo solo era tão rijo que produzia som ao caírem nele o milho, que ela lhe lançava aos punhados.

Ver-se-iam então todos os pintos, pombos e cordeiros correrem livres do lado

do charco; os bicos das aves iam marchetando o chão; a língua rosada das cabrinhas ia fazendo desaparecer o trigo mourisco, que estala ao trincar-se. Aquela eira enegrecida pelas camadas de grãos, ficava dentro em dois minutos tão branca e asseada como o prato de louça do ceifeiro, quando tem acabado o seu jantar.

Há certas criaturas humanas, que têm nos olhos a fascinação que seduz, ou a fascinação que subjuga; duas sensações tão poderosas para os animais, que estes nem pensam em resistir-lhe.

Quem não tem visto touros indómitos contemplarem melancolicamente por alguns minutos uma criança que lhes sorri, sem compreender o perigo que a ameaça? O touro tem piedade.

Quem não tem visto esse mesmo touro lançar um olhar traiçoeiro e aterrado a um campino robusto, que o encara fixo e o retém com uma ameaça muda? O animal curva a cabeça e parece preparar-se para o combate,

mas tem os pés presos ao chão, estremece, sente uma vertigem, tem medo.

Catarina exercia uma destas duas influências sobre quanto a cercava. Era ao mesmo tempo tão tranqüila e tão firme, havia nela tanta placidez e tanta vontade, tão pouca desconfiança e tão pouco medo, que o animal em frente dela não tinha sequer a tentação de um mau pensamento. O atractivo daquela virgem era irresistível, e homem algum do lugar se riria falando de Catarina; nenhum rapaz tinha a seu respeito qualquer pensamento reservado; os que a amavam desejavam-na para mulher, os que não a amavam, para irmã.

Pitou com a cabeça baixa, as mãos pendentes, sem uma única idéia, ia seguindo maquinalmente a rapariga e a mãe na execução do recenseamento.

Ainda ninguém lhe dirigira a palavra; estava ali como um guarda da tragédia, e o seu capacete não concorria pouco para que representasse ao vivo essa extravagante

figura.

Passou-se em seguida a revista dos trabalhadores e criados.

A mãe Billot mandou-os formar todos em semicírculo, e colocando-se à frente, disse:

- Meus filhos, seu amo ainda não veio de Paris, mas escolheu quem fizesse as suas vezes.

“É minha filha Catarina, que é moça e forte. Eu já estou velha e tenho a cabeça fraca. O patrão teve razão. Agora a patroa é Catarina. É ela quem recebe e dispende o dinheiro. Serei a primeira a receber as suas ordens e a executá-las; os que lhe desobedecerem com ela se hão-de haver.”

Catarina não acrescentou uma única palavra, e abraçou a mãe com ternura.

O efeito deste beijo foi maior do que o de muitas frases. A mãe Billot chorou e Ângelo comoveu-se.

A nova patroa foi aclamada por todos os criados.

Catarina entrou logo no exercício do seu

cargo e distribuiu os trabalhos. Cada um recebeu as suas ordens, e partiu para as executar com a boa vontade, que se emprega no princípio de um reinado.

Ângelo, que ficara só, achou-se naturalmente ao pé de Catarina, e perguntou-lhe:

- E eu?

- Não tenho ordens nenhuma que dar-lhe.

- Como? Vou então ficar sem fazer nada?

- Então que quer fazer?

- O que fazia antes de partir.

- Antes de partir era recebido por minha mãe.

- Mas a senhora, que é agora a dona da casa, dê-me trabalho.

- Não tenho trabalho para o senhor.

- Por quê?

- Porque é um sábio, um homem lá da corte, a quem não convém estes trabalhos rústicos.

- Será possível? - exclamou Pitou.

Catarina fez um sinal, que queria dizer:

- É como lhe digo.

- Eu! Um sábio! - repetiu Pitou.

- Certamente.

- Mas, Sr^a. Catarina, não vê que tenho braços robustos para o trabalho?

- Não importa!

- Finalmente, menina Catarina, porque é que, com o pretexto de eu ser um sábio, me quer fazer morrer de fome? - disse o pobre rapaz desesperado. - Ignora então que o filósofo Epicteto foi servir para ter que comer? Que o fabulista Esopo ganhava o pão com o suor do seu rosto? E contudo eram homens mais sábios do que eu.

- Então que quer? É como lhe disse.

- Mas o Sr. Billot tinha-me tomado como sendo de sua casa, e mandou-me de Paris para aqui para continuar a sê-lo.

- Pode ser; mas meu pai podia obrigá-lo a trabalhos, que eu, a filha, não ousaria impor-lhe.

- Mas não nos imponha, menina Catarina.

- Isso é bom; mas é que então ficava aqui na ociosidade, e isso é que eu não posso consentir. Meu pai tinha direito de fazer, como directo senhor, o que me não é permitido a mim, como sua mandatária. Eu administro-lhe a sua fazenda, e é necessário que ela lhe renda.

- Mas, uma vez que eu trabalhe, serei rendoso; bem vê, menina Catarina, que anda num círculo vicioso.

- Está zombando! - disse Catarina, que não compreendia as grandes frases de Pitou. - Que vem a ser um círculo vicioso?

- Menina, um círculo vicioso é um argumento falso. Não, deixe-me ficar no casal e encarregue-me das jeiras que quiser. Verá então se sou um sábio e um mandrião. Demais, tem livros para escriturar, relações que pôr em ordem. A aritmética é o meu forte.

- No meu entender, não é uma ocupação

bastante para um homem - respondeu Catarina.

- Então não sirvo para nada?! - exclamou Pitou.

- Continue a viver aqui - respondeu Catarina adoçando-se - pensarei, e veremos então.

- Pedir tempo para pensar se me deve conservar aqui! Mas que lhe fiz eu, menina Catarina? Ah! Antigamente não era assim.

Catarina encolheu insensivelmente os ombros.

Não tinha razões fortes para responder a Pitou, e contudo era manifesto que começava a importuná-la a insistência dele.

Por isso, interrompendo a conversação, disse:

- Basta de falar nisto, Sr. Pitou, vou a La Ferté-Milon.

- Então corro a selar o seu cavalo, menina Catarina.

- Por modo nenhum; pelo contrário, fique aqui.

- Não quer que a acompanhe?

- Fique - disse Catarina em tom imperioso.

Pitou ficou como se o tivessem pregado no lugar em que estava, e abaixou a cabeça contendo uma lágrima, que lhe escaldava as pálpebras.

Catarina deixou Pitou onde estava, saiu, e deu ordem a um criado para que selasse o cavalo.

- Ai, menina Catarina, acha-me mudado, mas a menina é que o está, e bem diferentemente do que eu.

O que decide Pitou a abandonar o casal e a voltar para Haramont, sua única e verdadeira pátria

Entretanto a mãe Billot, resignada às funções de primeira criada, tinha novamente metido mãos à obra, sem afectação, sem azedume, com a melhor vontade. O movimento, por um momento interrompido em toda a hierarquia agrícola, começou de novo, imitando o interior da colméia zumbidora e laboriosa.

Enquanto se aparelhava o cavalo de Catarina, esta voltou a casa, lançou um olhar de revés a Pitou, cujo corpo ficou imóvel, mas que voltou a cabeça como um cata-vento, seguindo os movimentos da donzela, até esta entrar no quarto.

- Que iria Catarina fazer ao quarto? -

perguntou Pitou a si mesmo.

Pobre Pitou! Que ia ela fazer! Ia-se enfeitar, pôr uma touca branca e calçar por certo umas meias mais finas.

Depois de ter concluído este suplemento do seu vestuário, tendo sentido o cavalo, que de impaciência batia com as patas no chão, tornou a entrar, abraçou a mãe e partiu.

Pitou, desocupado, pouco tranqüilizado com o olhar, meio indiferente, meio misericordioso, que Catarina lhe lançara ao partir, não pôde resolver-se a permanecer naquela perplexidade.

Depois que tornara a ver Catarina, parecia-lhe que a vida desta lhe era absolutamente necessária.

Além disso, no fundo daquele espírito pesado e indolente, agitava-se uma coisa, como que uma desconfiança, que ia e voltava com a regularidade da pêndula de um relógio.

É próprio dos espíritos ingênuos perceberem tudo por uma gradação igual.

Estas naturezas indolentes não são menos sensíveis do que outras, a única diferença está em que só sentem, mas não analisam.

A análise é o hábito de gozar e de sofrer: é necessário ter adquirido certo hábito de sentir, pleno poder distinguir o borbulhar das sensações no fundo desse abismo, a que chamamos coração humano.

Não há velhos ingênuos.

Pitou, quando ouviu os passos do cavalo que se afastava, correu à porta.

Viu então Catarina seguir uma azinhaga, que conduzia do casal à estrada de La Ferté-Milon, e que ia dar às faldas de uma pequena montanha, cujo cume se perde na floresta.

Do limiar da porta enviou à formosa donzela um adeus repassado de saudade e de humilhação.

Porém, mal enviara aquele adeus com a mão e o coração, Pitou reflectiu numa coisa.

Catarina podia proibir-lhe que a acompanhasse, mas não podia impedir-lhe

que a seguisse.

Catarina podia muito bem dizer a Pitou: não quero vê-lo, mas nunca por nunca podia dizer-lhe: proíbo-o que me veja.

Pitou reflectiu pois que, visto que não tinha que fazer, nada se opunha a que seguisse escondido pela mata o mesmo caminho, que Catarina seguia. Desse modo, sem ser visto, podia vê-la de longe através das árvores.

Do casal a La Ferté-Milon apenas havia légua e meia de caminho. Ora, légua e meia para ir, e légua e meia para voltar, que era isso para Pitou?

Além disso, Catarina dirigia-se à estrada por um caminho, que fazia um ângulo com a floresta. Seguindo uma linha recta, Pitou economizava um quarto de légua. Restavam-lhe pois duas léguas e meia para ir a La Ferté-Milon e voltar.

Duas léguas e meia não passavam de um almoço para um homem, que parecia ter excedido o *Petit-Poucet*, ou ter calçado as

botas, que o mesmo *Petit-Poucet* furtara ao papão.

Logo que Pitou formou na sua mente este projecto, passou a dar-lhe execução.

Enquanto Catarina se dirigia para a estrada, Pitou, curvado por entre o centeio, dirigia-se para as árvores.

Num momento ganhou a floresta, e logo que lá se achou, saltou o fosso da floresta, e começou a correr por entre as árvores, com menos graça, mas não com menos rapidez do que um cabrito espantado.

Correu assim durante um quarto de hora, até que alcançou a abertura que fazia a estrada.

Chegado aí, parou e encostou-se a um grande carvalho, que o ocultava inteiramente detrás do rugoso tronco. Estava bem certo de ter tomado a dianteira a Catarina.

Todavia esperou dez minutos, um quarto de hora, e não viu ninguém.

Teria ela esquecido alguma coisa em casa, e teria lá voltado? Era possível.

Tomando as maiores precauções, Pitou chegou-se à estrada, estendeu a cabeça por detrás de uma antiga faia, que nascera mesmo no fosso, e que era, metade da floresta e metade da estrada, olhou para a planície de que a direitura do caminho lhe permitia avistar larga extensão, mas não viu ninguém.

Catarina tinha certamente esquecido alguma coisa, e voltara a casa.

Pitou pôs-se de novo a caminho. Ou ela ainda lá não tinha chegado, e havia de vê-la entrar, ou já tinha chegado, e vê-la-ia sair.

Pitou abriu o compasso que formava as suas compridas pernas, e começou a medir o espaço que o separava da planície.

Caminhava por um dos lados da estrada, coberto de areia, que lhe oferecia melhor piso aos pés, quando parou de repente.

O cavalo de Catarina caminhava a furto-passo.

O cavalo, continuando no mesmo passo, deixara a estrada para tomar uma azinhaga,

em cuja entrada se lia num poste o seguinte letreiro:

Azinhaga de Boursonne.

Pitou levantou os olhos, e na extremidade do caminho, avistou a grande distância, e quase sumidos no horizonte azulado da floresta, o cavalo branco, e a casaquinha encarnada de Catarina.

Era a distância muito grande, como dissemos, mas bem sabem que para Pitou não havia distâncias.

- Ah! - exclamou Pitou, correndo de novo pela floresta - não é a La Ferté-Milon que ela vai, é a Boursonne!

“Não me engano. Ela disse mais de dez vezes que ia a La Ferté-Milon, e fizeram-lhe encomendas para lá. Até a mãe Billot falou de La Ferté-Milon.”

E enquanto dizia isto, Pitou corria sempre, corria cada vez mais, corria como um andarilho.

Excitado pela dúvida, primeiro grau do ciúme, Pitou não era um simples bípede,

parecia uma dessas máquinas com asas, como Dédalo em particular, e em geral como todos os mecânicos da antiguidade as idearam tão bem, e as executaram desgraçadamente tão mal.

Pitou parecia, a ponto de se confundir, um desses bonecos de palha, com os braços de cana, que o vento faz voitar nas barracas dos vendilhões de brinquedos para crianças.

Braços, pernas, cabeça, tudo mexe, tudo se volta, tudo voa.

As imensas pernas de Pitou formavam ângulos de cinco pés de largo na sua maior abertura: as mãos, semelhantes a duas pás encabadas em paus, cortavam o ar como dois remos. A cabeça, que toda era boca, ventas e olhos, absorvia o ar, que expelia depois em sopros ardentes.

Não há cavalo que fosse capaz de correr com tal frenesi.

Não há leão que pudesse ter aquela feroz vontade de alcançar a sua presa.

Pitou tinha que andar mais de meia

légua, quando avistou Catarina, para alcançá-la; ainda ela não tinha andado um quarto de légua, já ele tinha galgado a meia légua.

Por conseguinte a sua carreira adquirira o dobro da velocidade de um cavalo a trote.

Finalmente, conseguiu alcançar uma linha paralela à dela.

Já não estavam então a mais de quinhentos passos da extrema oposta da floresta. A abertura que ele avistava através das árvores era Boursonne.

Era tempo, porque começava já a faltarlhe a respiração.

Não era simplesmente para ver Catarina que Pitou a seguia; era para a vigiar.

Catarina mentira. Com que fim?

Fosse qual fosse; para retomar sobre ela certa superioridade, era necessário surpreendê-la em flagrante delito de mentira.

Pitou meteu-se com a cabeça curvada por entre os fetos e abrolhos, abrindo caminho com o capacete, e fazendo uso do sabre quando era necessário.

Todavia, como Catarina agora só ia a passo, de tempos a tempos ouvia a bulha do mato, que Pitou ia cortando, o que fazia que tanto o cavalo como a dona se pusessem à escuta.

Então Pitou, que não perdia Catarina de vista, parava e continha a respiração; deste modo desvanecia qualquer suspeita.

Contudo aquilo não podia durar muito tempo, e de facto não durou.

Pitou ouviu de repente relinchar o cavalo de Catarina, que foi logo correspondido por outro cavalo.

Não podia ainda avistar-se o segundo cavalo que tinha relinchado.

Mas fosse qual fosse, Catarina tocou logo o *Cadete* com a sua varinha de salgueiro, e o *Cadete*, que tinha bufado por um momento, tornou a meter a trote rasgado.

No fim de cinco minutos, graças àquela maior celeridade, encontrou-se Catarina com um cavaleiro, que corria para ela com o mesmo ardor.

O movimento de Catarina fora tão rápido e inesperado, que o pobre Pitou ficara imóvel, em pé, no mesmo lugar, pondo-se somente nos bicos dos pés para ver até mais longe.

Mas estava distante de mais para que pudesse ver alguma coisa.

Por isso não viu; o que sentiu como uma comoção eléctrica, foi a alegria e a vermelhidão da donzela, o movimento que lhe agitou todo o corpo, o brilho dos olhos, tão meigos, tão serenos de ordinário, e agora tão vivos.

Também não viu quem fosse o cavaleiro a ponto de lhe distinguir as feições; mas, reconhecendo pelo todo, pelo fato de caça de veludo verde, pelo chapéu de cordão largo, pelo meneio de cabeça livre e gracioso, que aquele indivíduo devia pertencer à classe mais elevada da sociedade, ocorreu-lhe logo ao pensamento o gentil mancebo, que com tanta graça dançava em Villers-Cotterets. O coração, a boca, todas as fibras das entranhas

de Pitou estremeceram a um tempo, e murmurou o nome de Isidoro de Charny.

Efectivamente era ele mesmo.

Pitou soltou um suspiro, que mais parecia um rugido, e embrenhando-se de novo no mato, chegou a distância de vinte passos dos dois mancebos, muito ocupados então um com o outro para que lhes importasse se a bulha, que ouviam, era causada por um quadrúpede, se por algum bípede, que se escondia no mato.

O mancebo, contudo, voltou-se para o lado de Pitou, pôs-se em pé nos estribos, e lançou um olhar vago em volta de si.

No mesmo instante, Pitou, para escapar à investigação, deitou-se no chão de barriga para baixo.

E depois foi rojando como uma serpente coisa de dez passos, e, chegando ao alcance das vozes, escutou.

- Bons dias, Sr. Isidoro - dizia Catarina.

- Sr. Isidoro! - murmurou Pitou. - Eu bem o sabia.

Sentiu então sobre o triste coração o peso enorme de um cavalo e de um cavaleiro, que o calcavam aos pés.

Sentiu então por todo o corpo a grande fadiga de todo o trabalho, que a dúvida, a desconfiança e o ciúme lhe faziam ter havia uma hora.

Os dois jovens, assim que se acharam face a face, largaram as rédeas, e apertaram-se as mãos; estavam de pé e trémulos, sorrindo-se em silêncio, enquanto os dois cavalos, costumados provavelmente um ao outro, se afagavam com os focinhos, e raspavam a relva com as patas.

- Demorou-se hoje, Sr. Isidoro - disse Catarina rompendo o silêncio.

- Hoje! - disse Pitou consigo - parece que nos outros dias não se tem demorado.

- A culpa não foi minha, querida Catarina - replicou o mancebo; - reteve-me uma carta de meu irmão, que recebi esta manhã, e a que devia responder pelo mesmo correio. Mas não sirva isso de dúvida,

amanhã serei mais exacto.

Catarina sorriu-se, e Isidoro apertou com mais ternura a mão que lhe abandonavam.

Ai! Aqueles apertos de mãos, eram outros tantos espinhos que faziam verter sangue ao coração do pobre Pitou.

- Então, tem notícias frescas de Paris? - perguntou ela.

- Tenho.

- Também eu - disse ela sorrindo-se. - Não me disse outro dia, que quando acontecia a mesma coisa a duas pessoas que se amam se chama a isso simpatia?

- Exactamente; e como teve as notícias, minha bela Catarina?

- Pelo Pitou.

- Quem é o Pitou? - perguntou o jovem nobre em tom livre e jovial, que mudou em carmesim a vermelhidão, que já tingia as faces de Pitou.

- Ora, bem sabe quem é o Pitou; é aquele pobre rapazito, que meu pai recolheu em casa

e que aos domingos me dava o braço.

- Ah! Sim - respondeu o mancebo; - é um que tem uns joelhos que parecem uns guardanapos dobrados em nó?

Catarina pôs-se a rir. Pitou sentiu-se humilhado, desesperado. Olhou para os joelhos, que na verdade justificavam a comparação, apoiando-se nas mãos e levantando o corpo, depois tornou a deixar-se cair de barriga para baixo, soltando um suspiro.

- Ora vamos - disse Catarina - não abocanhe muito o meu pobre Pitou. Sabe o que ele ainda há pouco me propunha?

- Não! Conte-me isso, minha querida Catarina.

- Queria acompanhar-me a La Ferté-Milon.

- Aonde não vai!

- Não, porque bem sabia que me esperava aqui; e contudo fui eu que quase estive à sua espera.

- Oh! Sabe, Catarina, que acaba de

proferir uma frase de rainha?

- Sim! Por certo que não o supunha.

- Por que não aceitou o oferecimento de tão gentil cavaleiro? Ter-se-ia divertido.

- Nem sempre, talvez - respondeu Catarina, rindo-se desdenhosamente.

- Tem razão, Catarina - disse Isidoro fixando na gentil camponesa os olhos, que o amor fazia cintilar.

E escondeu o rosto corado da donzela estreitando-a entre os braços.

Pitou fechou os olhos para não ver, mas esquecera-lhe tapar as orelhas para não ouvir o som de um beijo que lhe chegou aos ouvidos.

Pitou agarrou os cabelos com desespero, como faz o empestado no primeiro plano do quadro de Gros, que representa Bonaparte visitando os empestados de Jaffa.

Quando Pitou voltou a si, os dois jovens tinham largado os cavalos a passo, e afastavam-se lentamente.

As últimas palavras que Pitou pôde

ouvir foram as seguintes:

- Sim, tem razão, Sr. Isidoro, passeemos uma hora; as pernas do meu cavalo me farão recobrar essa hora; e o meu cavalo é um excelente animal que nada conta.

Foi quanto viu e quanto ouviu; desapareceu a visão, um véu negro lhe toldou a alma, como ia cobrindo a natureza, e embrenhando-se na mata, o pobre mancebo deu livre curso à sincera expansão da sua dor.

A frescura da noite fê-lo voltar a si.

- Não voltarei ao casal - disse ele consigo - sentir-me-ia lá humilhado, corrido; comeria lá o pão de uma mulher, que ama outro homem, e um homem, força é confessá-lo, mais formoso, mais rico, mais elegante do que eu. Não, o meu lugar já não é em Pisseleux; é em Haramont, na minha pátria, onde talvez encontre gente que não repare que tenho os joelhos como nós de guardanapos.

Dito isto, Pitou esfregou as compridas

pernas, e dirigiu-se para Haramont, onde, sem que ele o suspeitasse, o tinha precedido a sua reputação e a do seu capacete e sabre, e onde o esperava, senão a fortuna, pelo menos um destino glorioso.

Mas sabido está que não é próprio da humanidade ser perfeitamente feliz.

Pitou orador

Entretanto, Pitou, chegou a Villers-Cotterets pelas dez horas da noite, depois de ter de lá partido às seis, e de nesse intervalo ter dado a grande volta, que tentamos descrever, compreendeu que, por mais triste que fosse, mais valia ficar na estalagem do Delfim e deitar-se numa cama, do que dormir à luz das estrelas debaixo de alguma faia ou carvalho da floresta.

Quanto a dormir em qualquer casa de Haramont, chegando lá às dez horas e meia da noite, não havia que pensar; todas as luzes estariam de há muito apagadas e todas as portas fechadas.

Portanto, parou à porta da estalagem do Delfim, onde, mediante uma peça de trinta *sous*, lhe deram uma boa cama, um pão de quatro libras, um pedaço de queijo e um

pichel de cidra.

Pitou estava ao mesmo tempo cansado e apaixonado, esfalfado e desesperado; resultou daí entre o físico e o moral uma luta, em que o moral, vencedor a princípio, sucumbiu pouco depois.

Quer dizer, que das onze horas às duas da manhã, Pitou gemeu, suspirou, revolveu-se na cama sem poder dormir; mas, às duas horas da manhã, vencido pelo cansaço, fechou os olhos, para só os tornar a abrir às sete horas.

Assim como às dez horas e meia da noite toda a gente em Haramont se acha deitada, do mesmo modo às sete da manhã, em Villers-Cotterets, toda a população está levantada.

Pitou, ao sair da estalagem do Delfim, viu de novo o seu capacete e o seu sabre atraírem a atenção pública.

Por isso, logo que andou uns cem passos, achou-se no centro de um ajuntamento.

Decididamente Pitou tinha alcançado grande popularidade no país.

Poucos viajantes têm tal fortuna. O sol que, como se diz, quando nasce é para todos, nem sempre nasce com luz favorável para os que voltam à sua pátria com desejo de serem aí profetas.

Mas também, nem todos têm uma tia impertinente e avarenta a ponto de se tornar feroz, como era a tia Angélica; nem todos os Gargântuas capazes de engolir um galo com arroz podem oferecer um escudosito aos representantes da vítima.

Mas o que ainda menos acontece aos sujeitos que regressam à sua terra e cuja origem e tradições remontam à Odisséia, é voltarem com um capacete na cabeça e um sabre ao lado, principalmente quando o resto do vestuário nada tem de militar.

Porque importa confessá-lo, o capacete e o sabre eram o que principalmente recomendavam Pitou à atenção dos seus concidadãos.

Sem os dissabores amorosos, que tinham afligido Pitou no seu regresso, vê-se que por compensação tivera toda a casta de felicidades.

Assim, alguns habitantes de Villers-Cotterets, que na véspera tinham acompanhado Pitou da porta do abade Fortier na rua de Soissons, à porta da tia Angélica no Pleux, resolveram, para continuar a ovação, conduzir Pitou triunfantemente de Villers-Cotterets até Haramont.

E como se resolveu assim o fizeram, e os habitantes de Haramont, ao ver isto, começaram a apreciar o seu compatriota pelo seu justo valor.

Mas é forçoso dizer que a terra estava já disposta para receber a semente. A primeira passagem de Pitou por mais rápida que fosse, deixara recordações em todos os espíritos; o capacete e o sabre gravaram-se na memória de quantos o tinham visto no estado de aparição luminosa.

Por conseqüência, os habitantes de Haramont, vendo-se favorecidos pelo segundo regresso de Pitou, que já não esperavam, manifestaram-lhe todos os sinais de consideração, suplicando-lhe que houvesse por bem largar o seu trem de guerra, e assentar a sua tenda guerreira sob as quatro tílias, que ornavam a praça da aldeia, como na Tessália pediam a Marte nos aniversários dos seus grandes triunfos.

Pitou dignou-se com tanta maior facilidade anuir a tal pedido, quanto a sua intenção era fixar o seu domicílio na Tessália. Aceitou pois o abrigo de um quarto, que um belicoso da aldeia lhe alugou mobiliado.

A mobília compunha-se de uma barra de tábuas soltas, com uma esteira e um colchão, duas cadeiras, uma mesa e uma bilha. Tudo isto foi avaliado pelo proprietário em seis libras por ano, isto é, no preço de dois pratos de galo com arroz.

Ajustado este preço, Pitou tomou posse do domicílio, pagando vinho aos que o

havam acompanhado, e como estes acontecimentos, juntamente com a cidra, lhe tinham subido à cabeça, fez-lhes um discurso no limiar da sua porta.

O discurso de Pitou era um grande acontecimento, e por isso Haramont em peso fazia círculo em volta da casa que ele habitava.

Pitou tinha o seu tanto ou quanto de letrado, sabia empregar lindas frases; sabia as oito palavras com que naquele tempo os arranjadores das nações, como lhes chamava Homero, punham em grande movimento as massas populares.

De Lafayette a Pitou ia uma grande distância, mas também que distância não vai de Haramont a Paris!

Moralmente falando, já se entende.

Pitou debutou por um exórdio, que deixaria satisfeito o próprio abade Fortier, por mais difícil que fosse.

- Cidadãos - disse ele - concidadãos, é doce pronunciar esta palavra, que já repeti a

outros Franceses, pois todos os Franceses são irmãos; mas aqui parece-me dirigi-la a verdadeiros irmãos, pois vejo uma família em todos os meus compatriotas de Haramont.

As mulheres, e algumas havia no auditório, e não eram as mais dispostas em favor dele, visto que Pitou ainda tinha os joelhos muito grossos e as barrigas das pernas muito pequenas para prevenir em seu favor à primeira vista, as mulheres, ao ouvirem a palavra *família*, pensaram naquele pobre Pitou, órfão, naquele pobre abandonado que, depois da morte da mãe, tinha vivido sem meios de subsistência. Aquela palavra família, proferida por aquele mancebo, que não a tinha, tocou em algumas delas essa fibra sensível, que faz soltar o pranto.

Concluído o exórdio, Ângelo começou a narração, essa segunda parte do discurso.

Contou a sua viagem a Paris, os tumultos dos bustos, a tomada da Bastilha e a vingança do povo; tocou de leve na parte,

que ele próprio tomara no combate da praça do Palais-Royal e do bairro de Santo António; mas quanto menos se elogiava, mais se engrandecia aos olhos dos seus compatriotas, e no fim da narração era grande como o zimbório do hospital dos Inválidos, e a sua espada era tão alta como a torre da igreja de Haramont.

Concluída a narração, Pitou passou à confirmação, operação delicada em que Cícero reconhecia o verdadeiro orador.

Provou que as paixões populares tinham sido justamente excitadas pelos monopolistas. Disse duas palavras dos srs. Pitt pai e filho; explicou a revolução pelos privilégios concedidos à nobreza e ao clero; finalmente, convidou o povo de Haramont a fazer em particular o que o povo francês tinha feito em geral, isto é, a reunir-se contra o inimigo comum.

Por fim passou da confirmação à peroração, por um desses movimentos sublimes, que são comuns aos grandes

oradores.

Deixou cair o sabre, e ao levantá-lo, tirou-o casualmente da bainha.

Isto deu-lhe assunto a uma moção incendiária, em que chamava às armas os habitantes da comuna, à imitação dos Parisienses revoltados.

Os Haramonteses, entusiasmados, responderam energicamente.

A revolução foi então proclamada e aclamada na aldeia.

Os de Villers-Cotterets, que tinham assistido à sessão, partiram com o coração inchado pelo fermento patriótico, cantando no tom mais aterrador para os aristocratas, e com o furor mais Selvagem:

Viva Henrique quarto!

Viva esse rei valente!

Rouget de l'Isle ainda não tinha composto a *Marselhesa*, e os federados de 90 ainda não tinham ressuscitado o antigo

estribilho popular: *Ça ira*, visto que se estava então no ano da graça de 1789.

Pitou julgou só ter feito um discurso, e fizera uma revolução.

Voltou para casa, regalou-se com um pedaço de pão de rala, e o resto do seu queijo da estalagem do Delfim, resto que ele cuidadosamente trouxera dentro do capacete, depois foi comprar um pouco de fio de arame, fez laços e redes para caça, e quando anoiteceu foi armá-los na floresta.

Nessa mesma noite apanhou um coelho e um láparo.

Pitou bem desejava armar às lebres, mas não viu sinal delas, o que lhe foi explicado por este antigo axioma de caçador.

“Cães e gatos, lebres e coelhos, não vivem juntos”.

Era necessário andar três ou quatro léguas para ir a um sítio abundante em lebres; mas estava algum tanto cansado. As pernas, na véspera, fizeram quanto podiam fazer num dia, além de andarem umas quinze

léguas, tinham agüentado, durante as últimas quatro ou cinco léguas, um homem acabrunhado pela dor, e nada é tão pesado para umas pernas compridas.

Pela uma hora da manhã, voltou a casa com a primeira caça, esperando fazer segunda pela madrugada.

Deitou-se, conservando em si um resto tão amargo daquela dor, que na véspera tanto lhe fatigara as pernas, que não pôde dormir mais do que seis horas seguidas naquele feroz colchão, a que o próprio dono dava o nome de enxerga.

Ângelo Pitou dormiu pois desde a uma hora até às sete da manhã. O sol veio surpreendê-lo com a fresta aberta e dormindo ainda.

Por aquela fresta aberta estavam-no vendo dormir trinta ou quarenta habitantes de Haramont.

Despertou, pois, como Turenne quando estava deitado no reparo da peça, sorriu-se para os seus compatriotas, e perguntou-lhes

com toda a graça porque o procuravam em tão grande número e tão cedo.

Um deles tomou a palavra.

Referimos fielmente este diálogo. Era um rachador chamado Cláudio Tellier.

- Ângelo Pitou - disse ele - reflectimos toda a noite; os cidadãos devem na verdade, como no-lo disseste ontem, armar-se para defender a liberdade.

- Assim o disse - respondeu Pitou em tom firme, significando que estava pronto a tomar a responsabilidade do que tinha dito.

- A única dificuldade é que para nos armarmos falta-nos o principal.

- Que é? - perguntou Pitou com curiosidade.

- As armas.

- Ah! Também é verdade - disse Pitou.

- Todavia reflectimos madura e suficientemente sobre o caso, e decidimos armar-nos, dê por onde der.

- Quando me fui embora - disse Pitou - havia em Haramont cinco espingardas, três

de munição, uma de caça de um só cano, e outra de dois.

- Já não há senão quatro - respondeu o orador; a espingarda de caça rebentou haverá um mês, por estar muito velha.

- Era a espingarda de Désiré Maniquet - disse Pitou.

- É verdade, e por tal sinal que me levou dois dedos quando rebentou - disse Désiré Maniquet, levantando acima da cabeça a mão mutilada; - ora, como esta desgraça me aconteceu na coutada desse aristocrata a que chamam o Sr. de Longpré, os aristocratas hão-de pagar-mo.

Pitou curvou a cabeça em sinal de que aprovava tão justa vingança.

- Portanto, temos só quatro espingardas - continuou Cláudio Tellier.

- Pois bem, com quatro espingardas - disse Pitou já têm para armar cinco homens.

- Como assim?

- Sim, o quinto homem arma-se com um chuço. Assim é que se faz em Paris; por cada

quatro homens armados de espingardas há sempre um armado de chuço. São muito cómodos e servem para espetar as cabeças que se cortam.

- Oh! Oh! - exclamou uma voz grossa e folgazã - espero que não teremos de cortar cabeças.

- Não - disse Pitou com gravidade - se soubermos rejeitar o ouro dos srs. Pitt pai e filho. Mas voltemos às espingardas; é necessário não sair da questão, como diz o Sr. Bailly. Quantos homens há em Haramont em estado de pegar em armas? Porventura já os contaram?

- Já.

- Quantos são?

- Trinta e dois.

- Faltam-nos portanto vinte e oito espingardas.

- Isso nunca se poderá arranjar - disse o homem gordo de rosto jovial.

- Veremos, Bonifácio - disse Pitou.

- Veremos! Como?

- Sim, digo veremos, porque o sei.

- Então que sabes tu?

- Sei que se podem arranjar.

- Podem arranjar-se?

- Sim, o povo parisiense também não tinha armas, mas o Sr. Marat, que é um médico muito sábio, mas muito feio, disse ao povo parisiense onde as havia, e o povo parisiense foi ao sítio indicado pelo Sr. Marat e encontrou-as.

- Que sítio lhe indicou o Sr. Marat? - perguntou Désiré Maniquet.

- Indicou-lhe os Inválidos.

- Sim, mas nós não temos Inválidos em Haramont.

- Pois eu sei de um sítio onde há mais de cem espingardas - disse Pitou.

- Onde é?

- Numa das salas do colégio do abade Fortier.

- Pois o abade Fortier tem cem espingardas? Então o tratante do padreca quer armar os seus meninos do coro? - disse

Cláudio Tellier.

Pitou não tinha grande afeição ao abade Fortier, todavia aquele dito insolente contra o seu antigo mestre chocou-o profundamente, e disse:

- Cláudio, Cláudio!

- Então! Que temos?

- Eu não disse que as espingardas eram do abade Fortier.

- Estão em casa dele, são suas.

- Esse dilema é falso, Cláudio. Estou em casa de Sebastião Godinet, e contudo a casa de Sebastião Godinet não é minha.

- É verdade - disse Sebastião, respondendo sem que fosse necessário Pitou invocar o seu testemunho.

- Portanto, as espingardas não são do abade Fortier - disse Pitou.

- Então de quem são?

- São da comuna.

- Se são da comuna, como estão em casa do abade Fortier?

- Estão em casa do abade Fortier porque

a casa é da comuna, que lha dá para morar, para dizer missa e ensinar gratuitamente os filhos dos cidadãos pobres. Ora, como a casa do abade Fortier pertence à comuna, esta tem o direito de reservar na casa, que lhe pertence, um quarto para guardar as espingardas. Não é assim?

- É verdade - exclamou o auditório - a comuna tem esse direito.

- Muito bem; mas como poderemos arranjar essas espingardas, dizê lá?

A pergunta atrapalhou Pitou, que se pôs a coçar na cabeça.

- Sim, diz depressa - exclamou outro indivíduo - que temos de ir trabalhar.

Pitou respirou; este último interlocutor acabava de lhe mostrar uma saída.

- Trabalhar! - exclamou Pitou. - Fala em armar-se para defender a pátria, e pensa em trabalhar!

E Pitou fechou esta frase com tal sorriso de ironia e desprezo, que os Haramonteses olharam uns para os outros humilhados.

- Nós estamos prontos a sacrificar alguns dias para sermos livres, se isso for absolutamente necessário - disse um deles.

- Para se ser livre não basta sacrificar um dia, é necessário sacrificar todos os seus dias.

- Então quando se trabalha pela liberdade, descansa a gente - disse Bonifácio.

- Bonifácio - replicou Pitou com ar de Lafayette irritado - quem não sabe desprezar os preconceitos nunca pode vir a ser livre.

- Pela minha parte - disse Bonifácio - nada me agrada tanto como não trabalhar. Mas que há-de a gente fazer para comer?

- Pois é preciso comer?

- Em Haramont é, ainda se come. Porventura em Paris já se não come?

- Come-se depois de se terem vencido os tiranos - respondeu Pitou. - Comeu-se porventura no dia 14 de Julho? Pensava alguém em comer nesse dia? Não, não havia tempo para isso.

- Ah! Ah! - exclamaram os mais entusiastas - devia ser bela a tomada da

Bastilha!

- Comer! - prosseguiu Pitou com desdém. - Ainda se fosse beber, não digo que não. Fazia muito calor e a pólvora é salgada.

- Então que se bebia?

- Que se bebia? Água, vinho e aguardente. As mulheres é que se tinham encarregado de cuidar disso.

- As mulheres?

- Sim, soberbas mulheres, que fizeram bandeiras com os aventais...

- Deveras?! - exclamaram os ouvintes maravilhados.

- Mas enfim - insistiu o céptico - no dia seguinte haviam de comer?

- Não digo que não - respondeu Pitou.

- Logo - disse Bonifácio triunfante - se comeram, deviam ter trabalhado?

- Sr. Bonifácio - replicou Pitou - fala dessas coisas sem as conhecer. Paris não é uma aldeia. Não se compõe de aldeões rotineiros, escravos dos hábitos da barriga, *obedientia ventri*, como dizemos em latim, nós

os sábios. Não, Paris, como diz o Sr. de Mirabeau, é a cabeça das nações, é um cérebro que pensa por todo o resto do mundo. Um cérebro é uma coisa que não come nunca, senhor.

- É verdade - pensaram os ouvintes.

- E contudo - disse Pitou - o cérebro que não come, não deixa por isso de se sustentar.

- Então como se sustenta? - perguntou Bonifácio.

- Invisivelmente, com os alimentos do corpo.

Neste ponto os Haramonteses cessaram de compreender.

- Explica-nos isso, Pitou - disse o Bonifácio.

- É bem fácil - disse Pitou. - Paris é o cérebro, como já disse; as províncias são os membros, as províncias trabalharão, comerão, beberão, e Paris pensará.

- Então deixo a província e vou para Paris - disse o céptico Bonifácio. - Querem vocês vir comigo?

Parte do auditório começou a rir, e mostrava querer unir-se ao partido de Bonifácio.

Pitou, vendo que aquele chocarreiro ia desacreditá-lo, apressou-se em dizer:

- Pois vai, e se aí encontrares uma figura tão ridícula como a tua, comprar-te-ei láparos como este a luís cada um.

E com uma das mãos Pitou mostrou o láparo que tinha apanhado, enquanto com a outra fazia chocalhar e tinir os poucos luíses, que lhe restavam da munificência de Gilberto.

Pitou teve então também ocasião de fazer rir, mas Bonifácio corou e ficou corrido.

- Olha, Pitou, fazes bem em nos chamares ridículos.

- *Ridículo tu és* - disse majestosamente Pitou.

- Mas olha para ti primeiro - disse Bonifácio.

- Debalde olharia para mim - respondeu Pitou; - poderia ver em mim uma coisa tão

feia como tu, mas nunca tão estúpida.

Mal Pitou proferiu estas palavras, Bonifácio (um Haramontês é quase um Picardo) deu-lhe um murro, que Pitou evitou destramente e retribuiu com um pontapé, inteiramente parisiense.

Este primeiro pontapé foi seguido de outro, que deitou por terra o céptico.

Pitou inclinou-se para o adversário, como para dar à vitória as mais fatais conseqüências, e todos corriam já em socorro de Bonifácio, quando Pitou, pondo-se de pé, exclamou:

- Fica sabendo que os vencedores da Bastilha não se batem a soco. Tenho um sabre, pega noutro, e acabemos com isto.

E assim dizendo, desembainhou a espada, esquecendo-se, ou antes não se esquecendo, que não havia em Haramont senão a sua espada, e a do guarda campestre, que tinha um côvado menos do que a dele.

Verdade é que para restabelecer o equilíbrio, pôs o capacete na cabeça.

Aquela grandeza de alma electrizou a assembléia: todos convieram logo em que Bonifácio era um patife, um velhaco, um maroto indigno de tomar parte na discussão dos negócios públicos.

Por conseguinte foi logo expulso.

- Vejam a imagem das revoluções de Paris – disse então Pitou. - Como muito bem disse o Sr. Prudhomme, ou Loustalot; parece-me que foi o virtuoso Loustalot... Foi ele, foi, estou bem certo.

“Os grandes só nos parecem grandes porque estamos de joelhos; levantemo-nos.”

Esta citação não tinha analogia nenhuma com a situação, mas foi por isso mesmo que ela produziu um efeito prodigioso.

O céptico Bonifácio, que estava dali a vinte passos ficou comovido, e foi humildemente dizer a Pitou:

- Não nos deves querer mal por não conhecermos a liberdade tão bem como tu.

- Não é a liberdade - disse Pitou - são os direitos do homem.

Este palavrão foi outra bordoadada com que Pitou deixou o auditório atordoadado.

- Decididamente, Pitou - disse Bonifácio
- és um sábio, e prestamos-te homenagem.

Pitou inclinou-se.

- Sim - disse ele - a educação e a experiência colocaram-me acima de vocês, e se há pouco te falei com mais dureza, foi pela amizade que te tenho.

Os aplausos rebentaram de todos os lados. Pitou viu que se podia afoitar, e continuou:

- Acabaste de falar em trabalho. Sabem porventura que é o trabalho? Para vocês o trabalho consiste em rachar lenha, ceifar, apanhar o fruto da faia, atar molhos, colocar pedras umas sobre outras, e ligá-las com argamassa... Aí está em que para vocês consiste o trabalho. Na sua opinião eu não trabalho. Pois estão enganados; só, trabalho mais do que todos, pois medito na sua emancipação, e penso na sua liberdade e igualdade. Um só dos meus momentos vale

mais do que cem dos seus dias de trabalho. Os bois que puxam o arado fazem todos uma e a mesma coisa, mas o homem que pensa excede todas as forças da matéria. Eu só, valho tanto como vocês todos.

“Por exemplo, vejam o Sr. Lafayette; é um homem magro, louro, pouco mais alto do que Cláudio Tellier; tem o nariz agudo, as pernas pequenas e os braços como as travessas desta cadeira; quanto às mãos e aos pés, isso nem é bom falar neles, melhor fora não os ter. Pois esse homem tem dois mundos às suas costas, ainda mais um do que Atlas, e as suas mãos pequeninas quebraram os ferros da América e da França...”

“Ora, se os seus braços puderam fazer tal, uns braços como travessas de cadeira, imaginem o que poderão fazer os meus!”

E Pitou mostrou os seus braços, nodosos como troncos de azevinho.

Com este paralelo fechou o seu discurso, certo de ter produzido, sem concluir coisa nenhuma, imenso efeito.

E produzira-o efectivamente.

LXIII

Pitou conspirador

A maior parte das coisas que sucedem ao homem, e que para ele são grandes honras ou grandes felicidades, são quase sempre resultado de ter querido ou ter desprezado muito.

Se se aplicar esta máxima aos acontecimentos e aos homens da história, ver-se-á que não só tem muito peso, senão também muita verdade.

Sem recorrer a provas, contentar-nos-emos em applicá-la a Ângelo Pitou, nosso homem e nosso assunto.

Efectivamente, Pitou, se nos é permitido retrogradar um pouco e voltar à ferida que recebera no coração, depois da sua descoberta na floresta, sentira-se cheio de profundo desprezo pelas coisas deste mundo.

Ele, que esperara ver florescer no peito

essa planta rara e preciosa chamada amor; que regressara ao seu país de elmo e espada, orgulhoso de associar Marte com Vénus, como dizia o seu ilustre patrício Demoustier nas suas *Cartas a Emília sobre a mitologia*, achou-se bem pesaroso e bem infeliz por ver que em Villers-Cotterets e seus subúrbios não faltavam namorados.

Ele, que tomara tão activa parte na cruzada dos Parisienses contra os fidalgos, achava-se bem mesquinho na presença da nobreza da aldeia, representada pelo Sr. Isidoro de Charny.

Um moço tão guapo, um homem capaz de agradar logo à primeira vista, um cavaleiro que usava calções de peles e vestia de veludo, fazia-o considerar no seu pouco valor.

Como seria possível travar luta com semelhante homem?

Com um homem que trazia botas de montar e esporas, com um homem cujo irmão era ainda tratado por muita gente como

fidalgo!

Como poderia lutar contra semelhante rival! Como poderia deixar de sentir ao mesmo tempo a vergonha e a admiração, dois sentimentos que, no coração do ciumento, formam um duplo suplício, suplício tão horroroso, que ainda se não sabe se um ciumento prefere um rival que valha mais ou menos do que ele!

Pitou conhecia pois o ciúme, ferida incurável, fértil em dores, ignoradas até então ao peito singelo e honrado do nosso herói; o ciúme, vegetação fenomenal e venenosa, que brota sem semente num terreno onde até então ninguém vira medrar más paixões, nem sequer as do amor-próprio, essa erva ruim, que cresce nos mais estéreis terrenos.

Um coração assim revoltado precisa de mui profunda filosofia para voltar ao seu habitual sossego.

E foi ele, filósofo, ele, que no dia imediato àquele em que experimentara tão terrível sensação, pensava em ir declarar

guerra aos coelhos e às lebres do Sr. duque de Orleans, e no seguinte em fazer as magníficas arengas que relatámos.

Tinha o seu coração a dureza da pederneira, de cujo choque se tira uma faísca, ou simplesmente a branda resistência da esponja, que tem a faculdade de absorver as lágrimas e de amolecer sem se ferir no choque contra as desventuras?

É o que o futuro nos há-de ensinar. Vamos narrando.

Recebida a sua visita, terminadas as suas arengas, Pitou, obrigado pelo apetite a descer a cuidados ínfimos, preparou e comeu o láparo, sentindo muito que não fosse uma lebre.

E de feito, se em lugar do láparo fosse uma lebre, Pitou não a comia, vendia-a.

E o negócio não seria mau. Uma lebre valia, conforme o tamanho, de dezoito a vinte e quatro soldos, e apesar de ainda possuir os luíses dados pelo Dr. Gilberto, Pitou, que, sem ser avarento como a tia Angélica,

herdara da mãe um carácter económico, teria aumentado com os dezoito soldos o seu tesouro, que desse modo cresceria em vez de minguar.

Porque Pitou reflectia que um homem não precisa de sustentar-se ora com três libras ora com dezoito soldos. Nem todos são Luculos, e Pitou pensava que com os dezoito soldos da sua lebre teria vivido uma semana.

Ora, durante essa semana, supondo que logo no primeiro dia apanhasse uma lebre, não teria deixado de apanhar três durante os sete dias ou antes durante as sete noites seguintes. Em uma semana teria pois ganho o sustento de um mês.

Deste modo, quarenta e oito lebres chegariam para viver um ano; tudo mais era ganho.

Pitou fazia este cálculo económico comendo o láparo, que, em vez de lhe produzir dezoito soldos, lhe custava um de manteiga e outro de toucinho. Quanto às cebolas, essas tinha-as ele apanhado no

território comunal.

Depois de cear, dormir ou andar, diz o adágio. Depois de comer, Pitou fora à floresta procurar um bonito cantinho para dormir.

Está sabido que, quando o desventurado não falava em política e se achava só com as suas meditações, não lhe saía do pensamento a imagem do Sr. Isidoro galanteando com a menina Catarina.

Os carvalhos e as faias tremiam com os seus suspiros; a natureza, que sempre sorri aos estômagos satisfeitos, fazia uma excepção a favor de Pitou, a quem parecia ver nela um vasto deserto negro, em que só havia coelhos, lebres e cabritos.

Uma vez escondido debaixo das grandes árvores da sua terra natal, Pitou, inspirando-se com a sombra e a frescura, firmou-se na sua heróica resolução, que era desaparecer aos olhos de Catarina, deixá-la livre, não se afligir demasiado com as preferências, não se deixar humilhar pela comparação mais abaixo do que convinha.

Era um cruel esforço o não tornar a ver a menina Catarina, mas um homem devia ser homem.

E demais, não era exactamente essa a questão.

O caso não era precisamente deixar de ver a menina Catarina, o caso era não ser visto por ela.

Ora, quem impedia que de tempos a tempos o amante importuno, escondendo-se cautelosamente, não visse a formosa menina? Nada.

De Haramont a Pisseleux qual era a distância? Apenas légua e meia, isto é, algumas pernadas, nada mais.

Seria tão baixo da parte de Pitou procurar Catarina depois do que vira, quão hábil seria continuar a saber o que ela fazia, graças a um exercício, que favoravelmente contribuía para a saúde de Pitou.

E daí, a parte da floresta situada por detrás de Pisseleux, e que se estende até Boursonne, abundava em lebres.

Pitou iria de noite armar as redes, e de manhã, do alto de algum outeiro, correria com a vista a planície e espreitaria os passos da menina Catarina. Estava no seu direito; e diremos mais, até certo ponto era seu dever fazê-lo, munido como estava de plenos poderes pelo tio Billot.

Assim tranqüilizado por si e contra si, julgou Pitou que podia cessar de suspirar. Jantou alguma coisa que trouxera, e quando veio a noite, armou uma dúzia de pequenas redes e deitou-se sobre o mato ainda quente do sol do dia.

Ali, dormiu como um homem desesperado, isto é, um sono como o da morte.

A frescura da noite despertou-o; foi visitar as redes, que nada tinham apanhado ainda; mas Pitou geralmente contava só com a caça da madrugada; como porém sentisse a cabeça um pouco pesada, resolveu recolher a casa, formando tenção de voltar no dia seguinte.

Mas esse dia, que para ele decorrera tão vazio de acontecimentos e de intrigas, passara-o a meditar e a fazer combinações.

E durante o mesmo dia que Ângelo Pitou passara a meditar, podia-se ver os rachadores de lenha encostarem-se aos machados, os malhadores ficarem com o malho erguido, e os marceneiros pararem com a plaina sobre a tábua lisa. É que todos meditavam.

De todos esses momentos perdidos, a causa era Pitou, que tinha sido o sopro da discórdia lançado no meio dos leves rumores, que começavam a soar confusamente.

E ele, autor disso tudo, nem de tal se lembrava.

Mas, na hora em que se encaminhou para o seu domicílio, apesar de já terem dado dez horas (geralmente a essa hora já não se via luz nenhuma, nem se encontrava gente acordada na aldeia), viu um movimento fora do usual em torno da sua habitação, eram grupos sentados, grupos em pé, grupos

passeando.

A atitude de cada um desses grupos tinha uma significação fora do comum.

Pitou, sem saber porquê, imaginou que essa gente falava dele.

Quando passou pela rua, sentiram um choque eléctrico, e apontaram para ele.

- Que terá esta gente? - disse Pitou consigo; - não trago o meu capacete!

E entrou modestamente na sua casa depois de ter cortejado várias pessoas.

Ainda bem não tinha fechado a mal unida porta da sua habitação, quando lhe pareceu que alguém batia.

Pitou não acendia luz para se deitar; a luz era luxo de mais para um homem que, tendo só uma cama, não corria perigo de se enganar em se deitar noutra, e que não tendo livros, não podia ler.

Mas o que é certo é que lhe batiam à porta.

Abriu-a.

- Ah! Não tens luz, Pitou?

- Não - respondeu Pitou. - Para quê?

- Para ver.

- Oh! Vejo bem às escuras.

E como prova do que dizia, acrescentou:

- Boa noite, Cláudio, boa noite, Désiré.

Dois homens, dois mancebos de Haramont entraram-lhe familiarmente no quarto.

- Bem - disseram estes - aqui estamos, Pitou.

- Agradeço a visita; que querem de mim, meus amigos?

- Vem para a claridade - disse Cláudio.

- Para qual claridade, se não há luar?

- Para a do céu.

- Queres falar-me?

- Quero, precisamos falar-te.

E Cláudio pronunciou significativamente estas palavras.

- Então vamos a isso - disse Pitou.

E saíram todos.

Assim caminharam até à primeira encruzilhada do bosque, onde pararam, sem

que Ângelo Pitou soubesse ainda o que queriam dele.

- Então que há? - perguntou Pitou vendo que os seus dois companheiros estacavam.

- Olha, Ângelo - disse Cláudio - estamos aqui o Désiré Maniquet e eu, que governamos esta terra; queres ser dos nossos?

- Para quê?

- Ah! Aí está, é para...

- Para... - interrompeu Pitou empertigando-se - para quê?

- Para conspirar - murmurou Cláudio Tellier ao ouvido de Pitou.

- Ah! Ah! Como em Paris - disse Pitou em tom zombeteiro.

O facto é que ele tinha medo da tal palavra, e até do eco, mesmo ali no meio da floresta.

- Vamos, explica-te - disse afinal.

- Eis o caso. Aproxima-te, Désiré, tu que és em corpo e alma um caçador furtivo e que conheces todos os rumores do dia e da noite da planície e da floresta, vê se nos seguiram

ou se nos escutam.

Désiré fez um sinal com a cabeça e descreveu um círculo em torno de Pitou e de Cláudio, círculo tão silencioso como o do lobo que anda em torno de um curral.

Depois voltou.

- Podes falar - disse ele - estamos sós.

- Meus filhos - disse Cláudio - todos os departamentos da França, segundo nos disseste, Pitou, querem estar em armas como a guarda nacional.

- É verdade - respondeu Pitou.

- Pois bem, por que motivo seria Haramont exceptuado?

- Mas tu mesmo o disseste ontem, Cláudio - respondeu Pitou - quando propus que nos armássemos: Haramont não está em armas, porque não há lá espingardas.

- Oh! As espingardas, isso pouco cuidado nos dá, porque sabes onde as há.

- Eu? - disse Pitou, que conhecia os intentos de Cláudio e compreendia o perigo.

- Pois bem - prosseguiu Cláudio -

formamos hoje consulta todos os mancebos e patriotas desta terra.

- Bom.

- Somos trinta e três.

- É a terça parte de um cento menos um

- acrescentou Pitou.

- Sabes o exercício? - perguntou Cláudio.

- Pudera! - disse Pitou, que nem sabia braço armas.

- Bem. E sabes a manobra?

- Vi manobrar dez vezes o general Lafayette com quarenta mil homens - respondeu Pitou desdenhosamente.

- Muito bem - disse Désiré que se enfastiava de não falar, e que sem ser exigente, queria dizer também alguma coisa.

- Então, queres comandar-nos? - perguntou Cláudio.

- Eu! - bradou Pitou surpreendido.

- Tu mesmo.

E os dois conspiradores olharam fitamente para Pitou.

- Oh! Tu hesitas - disse Cláudio.

- Mas...

- Não és então um bom patriota? - disse Désiré.

- Ora essa!

- Temes alguma coisa?

- Eu! Um conquistador da Bastilha, um homem condecorado!

- És condecorado?

- Hei-de sê-lo quando estiverem cunhadas as medalhas. O Sr. Billot prometeu-me que ia receber a minha em meu nome.

- Hás-de ser condecorado! Teremos um chefe condecorado! - bradou Cláudio com transporte.

- Vamos, aceitas? - perguntou Désiré.

- Aceitas? - perguntou Cláudio.

- Pois sim, aceito - respondeu Pitou levado pelo seu entusiasmo, e talvez também por um sentimento que nele se despertava chamado o orgulho.

- Está tratado! - bradou Cláudio - desde o dia de amanhã és nosso comandante.

- Que hei-de eu comandar?

- O exército.
- E as espingardas?
- Sabes onde existem.
- Ah! Sim, em casa do abade Fortier.
- Certamente.

- Mas o abade Fortier é capaz de mas recusar.

- Pois bem, farás como os patriotas fizeram nos Inválidos, hás-de conquistá-las.

- Eu só?

- Com as nossas assinaturas, e além disso, sendo preciso, apareceremos e levantaremos Villers-Cotterets.

Pitou abanou a cabeça, e disse:

- O abade Fortier é cabeçudo.

- Ora adeus! Eras o seu discípulo predilecto, e por isso não tas recusará.

- Bem se vê que pouco o conhecem - disse Pitou suspirando.

- Como! Julgas que o velho recusaria?

- Recusaria ainda que fosse a um esquadrão do Real-Alemão; é um teimoso, *injustum et tenacem*... É verdade - disse Pitou

interrompendo-se - vocês não sabem latim.

Mas os dois Haramonteses não se deixaram deslumbrar pela citação.

- Pois senhores - disse Désiré - escolhemos um belo chefe, Cláudio; de tudo se assusta o nosso amigo Pitou.

Cláudio abanou a cabeça.

Pitou conheceu que acabava de comprometer a sua alta posição, e lembrando-se de que a fortuna protege os audaciosos, disse:

- Pois bem, veremos.

- Então, encarregas-te das espingardas?

- Encarrego-me... De experimentar.

Um murmúrio de satisfação substituiu o leve murmúrio de reprovação que se erguera.

- Oh! Oh! - pensou Pitou - já esta gente me quer levar antes de que eu seja seu chefe.

- Experimentar - disse Cláudio. - Oh! Oh! Isso não basta.

- Se não basta - respondeu Pitou - faze tu melhor, cedo-te o comando; vai tu roçar-te pelo abade Fortier, e dize-me que tal é.

- Valia bem a pena - disse Maniquet com certo ar de desdém - vir de Paris de espada e elmo para ter medo de um abade.

- Uma espada e um elmo não são uma couraça, e ainda que o fossem, o abade Fortier saberia achar o ponto em que ela é falível.

Cláudio e Désiré pareceram compreender esta observação.

- Vamos, Pitou, meu filho - disse Cláudio.

(Meu filho é termo que exprime amizade e está em uso naquela terra.)

- Pois bem! Sim - disse Pitou; - mas, com os diabos! Quero obediência.

- Tu verás como seremos obedientes - disse Cláudio piscando os olhos para Désiré.

- Mas - disse Désiré - não esqueças as espingardas.

- Está dito - respondeu Cláudio - encarrega-te das espingardas.

- Está tratado - disse Pitou muito inquieto, mas a quem apesar disto a ambição

começava a aconselhar grandes audácias.

- Prometes?

- Juro!

Pitou estendeu a mão, os seus companheiros fizeram o mesmo, e aí está como à luz das estrelas, na margem de uma floresta, se declarou a insurreição no departamento de Aisne, pelos três Haramonteses, plagiários inocentes de Guilherme Tell e seus companheiros.

O facto é que Pitou entrevia, através das suas penas, a felicidade de se mostrar gloriosamente revestido com as insígnias de comandante da guarda nacional, as quais lhe pareciam ser de natureza a imprimir, se não remorsos, pelo menos reflexões à menina Catarina.

Assim, sagrado pela vontade dos seus eleitores, Pitou regressou a casa pensando nos meios de alcançar armamento para os seus trinta e três guardas nacionais.

LXIV

Onde se vêem representados o princípio monárquico pelo abade Fortier e o revolucionário por Pitou

Foi tal a preocupação que em Pitou causou naquela noite a honra que lhe coube, que se esqueceu de ir passar revista aos seus laços de apanhar lebres.

No dia seguinte pôs o capacete, armou-se com o sabre e meteu-se a caminho para Villers-Cotterets.

Davam seis horas da manhã no relógio da vila, quando Pitou chegou ao largo do Castelo, e bateu brandamente à portinha do jardim do abade Fortier.

Pitou bateu com a força necessária para tranqüilizar a sua consciência, mas tão frouxamente, que do interior da casa não era

possível ouvirem-no.

Estava persuadido de que alcançaria daquele modo uma espera de um quarto de hora, durante o qual poderia adornar com algumas flores oratórias o discurso que tinha preparado para o abade Fortier.

Portanto, foi grande a sua admiração quando viu a porta abrir-se, apesar de ter batido tão de manso; o seu espanto, porém, cessou quando conheceu que fora Sebastião Gilberto quem lha abria.

O pequeno andava a passear no jardim, e estudando a sua lição ao sol, ou antes fingindo que estudava, porque o livro aberto pendia-lhe da mão, e o seu pensamento só se ocupava de quanto neste mundo amava.

Sebastião deu um grito de alegria logo que avistou Pitou.

Abraçaram-se, e as primeiras palavras do rapazinho, foram estas:

- Tivestes notícias de Paris?
- Não, e tu? - perguntou Pitou.
- Eu já as tive; meu pai escreveu-me uma

carta muito bonita.

- Ah! - disse Pitou.

- E em que vem um recado para ti.

E tirando a carta da algibeira, apresentou-a a Pitou.

“P. S. Billot recomenda muito a Pitou que não caustique nem estorve a gente da herdade.”

- Oh! - suspirou Pitou - aí está uma recomendação bem escusada. Já não tenho a quem importunar nem a quem distrair na herdade.

Depois acrescentou devagarinho e com um suspiro ainda mais sentido:

- Ao Sr. Isidoro é que deveriam ser dirigidas essas palavras.

E tornando logo a si e restituindo a carta a Sebastião, perguntou-lhe:

- Onde está o abade?

O pequeno aplicou o ouvido, e se bem que a largura toda do pátio e parte do jardim

o separavam da escada, que rangia debaixo dos pés do respeitável eclesiástico:

- Olha, lá vem ele descendo.

Pitou passou do jardim para o pátio, mas só então sentiu o andar pesado do abade.

O estimável mestre de meninos vinha descendo a escada e lendo um periódico ao mesmo tempo.

As suas fiéis disciplinas pendiam-lhe ao lado como a espada à cinta de um capitão.

O abade, com o nariz pregado no papel, porque sabia de cor o número dos degraus e quantas saliências ou cavidades tinha a sua velha casa, foi bater de encontro a Ângelo Pitou, que acabava de assumir o garbo mais majestoso que lhe fora possível para se apresentar ao seu adversário político.

E antes que prossigamos, diremos acerca da situação algumas palavras, que se tornariam fastidiosas noutra página, mas que nesta encontram muito naturalmente o seu lugar.

Servirão para explicar como era que

existiam em poder do abade Fortier as trinta ou quarenta espingardas, objecto da cobiça de Pitou e dos seus dois cúmplices, Cláudio e Désiré.

O abade Fortier, que, como já tivemos ocasião de dizer aos nossos leitores, era o antigo capelão do castelo, tornara-se com o andar dos tempos e sobretudo com a incansável fixidade dos eclesiásticos em geral, o único superintendente daquilo que na linguagem da economia teatral se denomina “os acessórios da casa”.

Além dos vasos sagrados, da biblioteca e do reposte, tinha recebido em depósito todo o antigo trem de caça do duque de Orleans Luís Filipe, pai de Filipe, cognominado depois *Igualdade*. Alguns objectos daquele trem datavam dos reinados de Luís XIII e de Henrique III. Os utensílios todos reunidos tinham sido por ele dispostos artisticamente numa galeria do castelo, que para esse fim lhe fora cedida. E para lhes dar um aspecto mais pitoresco, tinha formado com eles estrelas,

que se compunham de broquéis, chuços, punhais, adagas e mosquetes com embutidos do tempo da Liga.

A porta da galeria estava formidavelmente defendida por duas peçazinhas de artilharia de bronze prateado, que tinham sido dadas de presente por Luís XIV ao infante seu irmão.

Além de tudo isto, umas cinqüenta espingardas curtas, que José Filipe trouxera como troféus de combate de Ouessant, tinham sido por ele dadas à municipalidade, e a municipalidade, que tinha concedido, como já dissemos, uma habitação gratuita ao abade Fortier, mandara arrecadar aquelas espingardas, que para nada lhe serviam, num quarto da casa colegial.

Tal era o tesouro a que estava de guarda o dragão chamado Fortier, e que o Jasão, a que chamavam Ângelo Pitou, ameaçava agora.

Não era para admirar, vista a celebridade de que gozava na terra o arsenal

do castelo, que houvesse quem desejasse adquiri-lo sem despesa.

Mas, como já dissemos, o abade, qual dragão vigilante, não parecia disposto a entregar facilmente, nas mãos de nenhum Jasão, os pomos de ouro das suas Hespérides.

Isto posto, tornemos a Pitou.

Cortejou mui graciosamente o abade Fortier, acompanhando a sua cortesia de certo tossir, que tinha por fim despertar a atenção das pessoas distraídas ou preocupadas.

O abade Fortier desviou os olhos do periódico.

- Olá, é o Pitou! - disse ele.

- Para o servir no que presta, Sr. abade - disse cortesmente Ângelo.

O abade dobrou o periódico, ou por melhor fechou-o como se fora uma carteira, pois naquela época abençoada os periódicos eram apenas uns livrinhos.

Dobrado o periódico, entalou-o no cinto, do lado oposto ao das disciplinas.

- Ah! Sim; mas a grande desgraça é que na realidade - disse o abade em tom de escárnio - para nada me possas servir.

- Oh! Sr. abade!

- Ouviste, hipócrita?

- Oh! Senhor abade!

- Percebeste, revolucionário?

- Está bom; mesmo antes de eu ter falado, já está enfadado comigo. Começa muito mal, Sr. abade.

Sebastião, sabedor de tudo quanto o abade Fortier tinha dito a respeito de Pitou havia dois dias a todas as pessoas com quem falava, preferiu não presenciar a questão, que não podia deixar de ter lugar entre o seu amigo e o seu mestre, e eclipsou-se.

Pitou viu desaparecer Sebastião com algum pesar. Não era um aliado muito vigoroso, mas era uma criança da mesma comunhão política que ele.

E por isso, assim que ele transpôs o limiar da porta, soltou um suspiro, e voltando-se para o abade, perguntou :

- Ora diga-me, Sr. abade, por que motivo me chama revolucionário? Fui eu, porventura, quem deu causa a que se fizesse a revolução?

- Viveste com os indivíduos que a fizeram.

- Sr. abade - replicou Ângelo Pitou com suprema dignidade - cada qual pode pensar como muito bem lhe parecer.

- Olé!

- *Est penès hominem arbitrium ratio.*

- Que é isso! - exclamou o abade - pois tu sabes latim, meu pedante?

- Sei o pouco que me ensinou - respondeu Pitou com modéstia.

- Sim, revisto, correcto, aumentado e embelezado com barbarismos!

- Ora essa! - Sr. abade - barbarismos! Quem há que os não cometa?

- Brejeiro! - disse o abade visivelmente ofendido da tendência que o espírito de Pitou parecia ter para generalizar a asserção - julgas acaso que também cometo barbarismos?

- Cometê-los-ia aos olhos de um homem qualquer que soubesse melhor o latim do que o senhor.

- Então não querem ver! - exclamou o abade encolerizado, posto que um tanto impressionado por aquele raciocínio, que não era destituído de certa força.

E com gesto melancólico prosseguiu:

- Eis em duas palavras o sistema destes malvados: destroem e aviltam tudo em proveito de quem? Nem eles mesmo o sabem. Vamos lá, Sr. caranguejo, fale com o coração nas mãos. Conhece alguém que saiba melhor latim do que eu?

- Não, mas pode haver quem o saiba, apesar de não me constar; eu não conheço toda a gente.

- Creio-o bem, com a breca!

Pitou persignou-se.

- Que estás fazendo, libertino?

- Benzi-me, Sr. abade, porque praguejou.

- Ora diga-me, seu patife, veio a minha casa para zombar de mim?

- Zombar do senhor! - repetiu Pitou.

- Bem, agora já entendes o que quero dizer?

- Entendo, sim, Sr. abade. Ah! Graças ao senhor, ainda sei alguma coisa de gramática; a palavra *zombar* é o infinito presente impessoal do verbo activo *zombar*, e significa *escarnecer, mofar, motejar, não falar sério*, etc.

O abade Fortier ficou estupefacto, e um instante depois replicou:

- Ah! Grandíssimo tratante, vejo que ainda por lá aprendeste mais alguma coisa, também sabes ser atrevido.

- Não, senhor - disse Pitou com fingida modéstia.

- Por que é que no tempo em que estavas na minha casa nunca terias tido a lembrança de me responder assim?

- Porque no tempo em que vivia com o Sr. abade, só tratava de me embrutecer; porque era tal o seu despotismo, que recalrava na minha inteligência e na minha memória tudo isto que a liberdade fez depois

desenvolver em mim. Sim, a liberdade, percebeu? - insistiu Pitou entusiasmando-se; - a liberdade!

- Ah! Desavergonhado!

- Sr. abade - disse Pitou em certo tom de advertência, que não era de todo isenta de ameaça; Sr. abade, não me insulte. *Contumelia non argumentum*, disse um orador, o insulto não é razão.

- Então não se persuade o garoto que preciso que me traduza o seu latim! - exclamou o abade enfurecido.

- Este latim não é meu, Sr. abade, é de Cícero, quero dizer, de um homem que decerto notaria no seu modo de falar tantos barbarismos quantos o senhor nota no meu.

- Penso que não esperas - disse o abade Fortier abalado pela base - que encete uma discussão contigo?

- Por que não, se da discussão pode nascer a verdade? *Abstrusum versis silicum*.

- É verdade! - exclamou o abade Fortier - é verdade! O tratante andou na escola dos

revolucionários.

- Não pode ser, pois afirma que os revolucionários são uns imbecis e uns ignorantes.

- Afirmei, sim, e sustento o que disse.

- Então raciocina erradamente, Sr. abade, e o seu silogismo é mal posto.

- Mal posto! Pois eu estabeleci mal um silogismo?

- Não padece dúvida, Sr. abade; Pitou discorre e fala bem; Pitou andou na escola dos revolucionários, logo os revolucionários discorrem e falam bem. Não se pode tirar outra conclusão.

- Animal! Bruto! Pateta!

- Não me moleste com palavras, Sr. abade. *Objurgatio imbellem animum arguit*; a cólera revela fraqueza.

O abade encolheu os ombros.

- Responda-me - disse Pitou.

- Tu afirmas que os revolucionários falam e discorrem bem. Aponta-me, desses desgraçados, um único que saiba ler e

escrever?

- Aqui estou eu - respondeu Pitou afoitamente.

- Ler, pode ser, e ainda sabe Deus como!
Mas escrever?

- Escrever, sim! - repetiu Pitou.

- Sim, escrever sem ortografia.

- Pode ver.

- Queres apostar que não és capaz de escrever uma página toda que eu te ditar sem cometeres quatro erros?

- E o senhor quer também apostar que não é capaz de escrever meia página, ditando eu, sem cometer dois erros?

- Oh! Era o que faltava ver!

- Pois bem, vamos lá! Hei-de procurar participios e verbos reflexivos. Passarei a temperar tudo isto com certos *ques* meus conhecidos e está ganha a aposta.

- Se eu tivesse tempo... - disse o abade.

- Havia de perder.

- Pitou, Pitou, lembra-te do adágio:
Pitoueus Angelus asinus est.

- Ora adeus, Sr. Fortier! Adágios, há-os aplicáveis a toda a gente. Quer saber o que me cantaram ao ouvido os canaviais de Wuala, quando eu ia passando?

- Não se me dava de o saber, mestre Midas.

- *Fortierus abbas fortè fortis.*

- Senhor! - exclamou o abade.

- Tradução livre: O abade Fortier nem todos os dias é da mesma força.

- Felizmente - retorquiu o abade; - não basta só acusar, é preciso provar a acusação.

- Ah! Sr. abade, isso é fácilimo. Diga-me que ensina aos seus discípulos?

- Mas...

- Atenda à minha pergunta. Que ensina aos seus discípulos?

- O que sei.

- Bom! Note que respondeu: o que sei.

- O que sei, sim - disse o abade já menos afoito, porque percebia que aquele singular lutador aprendera durante a sua ausência botes desconhecidos. - Sim, foi isso mesmo

que eu disse, e depois?

- Pois bem, visto ensinar aos seus discípulos o que sabe, diga-me o que é que sabe?

- Sei latim, francês, grego, História, geografia, aritmética, álgebra, astronomia, botânica e numismática.

- Ainda sabe mais alguma coisa? – perguntou Pitou.

- Decerto.

- Então diga.

- Desenho.

- Continue.

- Architectura.

- Continue.

- Mecânica.

- É um ramo da matemática, mas não importa, continue.

- Ora diga-me, qual é a conclusão que pretendes tirar?

- É simplesmente esta: fez uma extensa relação de tudo quanto sabe, enumere as coisas que ignora.

O abade estremeceu.

- Ah! - disse Pitou - bem vejo que para isso é necessário que o ajude; não sabe alemão, nem hebraico, nem árabe, nem sânscrito, que são quatro línguas-mães. Não falo já nas subdivisões, que não têm número. Não sabe história natural, nem química, nem física.

- Sr. Pitou...

- Não me interrompa; não sabe física, nem trigonometria rectilínea; não tem conhecimentos de medicina, nem de acústica, nem de navegação; ignora tudo quanto diz respeito às ciências ginásticas.

- Que foi isso que disseste?

- Disse ginástica, do latim *gymnaza exercœ*, derivado do grego *gymnas*, nu, porque os atletas exercitavam-se nus.

- Ainda assim, fui eu quem te ensinei tudo isso! - exclamou Fortier quase consolado da vitória do seu discípulo.

- É verdade.

- Vejo com gosto que o confessas.

- E com gratidão, Sr. abade. Dizíamos pois que ignorava...

- Basta! É certo que ignoro mais do que sei.

- Portanto, deve concordar que há muitos homens que sabem mais do que o senhor?

- Pode ser.

- É assim mesmo, e quanto mais o homem vai aprendendo, mais conhece que nada sabe. Este dito é de Cícero.

- Conclui.

- Vou concluir.

- Vejamos a conclusão que há-de ser fresca.

- Concluo que, em virtude da sua ignorância relativa, devia mostrar mais indulgência para com a ciência relativa dos outros homens. Isto constitui uma dupla virtude: *virtus duplex*, que era, segundo afirmam, a que possuía Fénelon, o qual sabia pelo menos tanto como o senhor; é a caridade cristã da humanidade.

O abade soltou um grito de cólera.

- Serpente! - bradou ele - tu és uma serpente!

- Insulta-me e não me responde! Assim respondeu um dos sábios da Grécia a um dito semelhante a esse. Repetir-lho-ia em grego, mas já lhe disse o mesmo, pouco mais ou menos, em latim.

- Muito bem - disse o abade - aí está mais um efeito das doutrinas revolucionárias.

- Qual é?

- Fizeram-te persuadir de que eras meu igual.

- Ainda que me fizessem ter essa persuasão, não o julgo por isso autorizado a cometer um erro de gramática.

- O quê?

- Digo, meu mestre, que acaba de cometer um erro de gramática.

- Ah! Deveras! Qual?

- Ei-lo. Disse: as doutrinas revolucionárias fizeram-te persuadir de que *eras* meu igual.

- E então?

- Então! *Eras* está no imperfeito.

- Não há dúvida.

- Pois devia estar no tempo presente.

- Ah! - disse o abade corando.

- Verta-me essa frase para latim, e então verá o enorme solecismo que resultará do verbo empregado no tempo imperfeito!

- Pitou! Pitou! - exclamou o abade julgando pressentir uma origem sobrenatural àquela erudição - qual foi o demónio que te inspirou todos esses ataques contra um velho e contra a Igreja?

- Sr. abade - replicou Pitou algum tanto comovido pela expressão de pesar com que estas palavras tinham sido proferidas; - não foi o demónio que me inspirou, nem eu o quero atacar; mas o senhor trata-me sempre por tolo, e esquece-se de que todos os homens são iguais.

O abade encolerizou-se novamente, e disse:

- Nunca hei-de tolerar que na minha

presença se profiram blasfêmias dessa natureza. Tu! Tu igual de um homem que Deus e o trabalho gastaram sessenta anos para formar! Isso nunca! nunca!

- Pois vá perguntar ao Sr. de Lafayette quem proclamou os direitos do homem.

- Sim, citas-me como autoridade aquele ruim súbdito do rei, facho de todas as discórdias que tem havido, como um traidor que é!

- Hem! - exclamou Pitou com muito espanto - o Sr. de Lafayette um ruim súbdito do rei! Um facho de discórdias! Um traidor! O senhor é que diz blasfêmias. Pelo que vejo, tem vivido dentro de alguma boceta durante estes últimos três meses? Ignora portanto que esse ruim súbdito do rei é o único que o serve de todo o coração? Que esse facho de discórdia é o penhor da paz pública? Que esse traidor é o melhor dos Franceses?

- Oh! - exclamou o abade - como poderia eu nunca persuadir-me que a autoridade real houvesse de chegar a tal grau de abjecção,

que um biltre como este (e designava Pitou) invocaria o nome de Lafayette, como antigamente se invocava o de Aristides ou o de Fócion?

- Ainda bem que o povo não pode ouvir-nos, Sr. abade - disse imprudentemente Pitou.

- Ah! - exclamou o abade triunfante - aí está! Descobres-te, finalmente, ameaçando-me! O povo! Sim, o povo! Os que assassinam cobardemente os oficiais do rei, os que rasgaram as entranhas das suas vítimas! Sim, o povo do Sr. de Lafayette, do Sr. Bailly e do Sr. Pitou! Então por que não vais já denunciar-me aos revolucionários de Villers-Cotterets? Por que me não arrastas para o Pleux? Por que não arregaças as mangas para me pendurares num candeeiro? Vamos, Pitou, *macete animo*, Pitou! *Sursum! sursum!* Pitou. Vamos, vamos, onde está a corda? Onde está a forca? O carrasco está aí: *Macete animo, generoso Pitoué!*

- *Sic itur ad astra* - pronunciou Pitou por entre dentes, com a simples tenção de acabar

o verso, e sem reparar que acabava de fazer um trocadilho, próprio de um canibal.

Porém a exasperação do abade Fortier logo lho deu a conhecer.

- Ah! Ah! - vociferou este último. - Ah! É esse o teu modo de pensar. Ah! É assim que eu hei-de ir aos astros? Ah! Tens destinada uma força para mim?

- Não disse semelhante coisa - gritou Pitou, começando a assustar-se com a face que a discussão ia tomando.

- Ah! Prometes-me o céu do infeliz Foulon, e do desgraçado Berthier?

- Não disse tal, Sr. abade.

- Ah! Já tens o braço pronto, carrasco, *carnifex*; foste tu, que trepaste ao candeeiro da praça da Municipalidade, e içaste as vítimas com os teus nojentos braços de aranha, não é assim? Foste tu, malvado?

Pitou rugiu de cólera e de indignação.

- Sim, foste tu, que bem te conheço - prosseguiu o abade num transporte de adivinhação que o tornava parecido com Joad

- bem te conheço! Catilina, foste tu!

- Sabe que mais, Sr. abade - soltou Pitou

- está-me dizendo coisas odiosas! Por fim de contas está-me insultando!

- Sim, insulto-te!

- Pois se continuar, hei-de queixar-me à Assembléia Nacional! Ah! Que já é demais...

O abade deu uma risada sinistramente irónica.

- Pois denuncia-me - disse ele.

- E previno-o de que os maus cidadãos que insultam os bons são castigados.

- Vamos para o candeeiro!

- O senhor é um mau cidadão.

- Venha a corda! A corda!

O abade calou-se por um momento, e depois exclamou num movimento de indignação:

- Ah! É verdade! Ah! O capacete, o capacete, é ele! Não sofre dúvida. O homem que arrancou do peito de Berthier o coração ainda quente, o antropófago que o foi depositar a escorrer sangue sobre a mesa dos

eleitores, tinha um capacete; és tu, monstro; foge, foge, foge!

E a cada um destes *foge* proferido com gesto trágico, dava o abade um passo para a frente, e Pitou um passo para trás.

Ao ouvir esta acusação, da qual, como o leitor sabe, Pitou estava inocente, o pobre rapaz arremessou para longe de si o capacete que tanto se ufanava de usar, e foi amolgar-se de encontro às pedras.

- Vês, desgraçado! - exclamou o abade - confessas que foste tu.

E tomou a atitude de Lekain na tragédia *Orosmano*, no momento em que, tendo achado o bilhete, faz a acusação a Zaira.

- Ora vamos - disse Pitou, a quem uma tal acusação tinha feito sair fora de si - está exagerando, Sr. abade Fortier.

- Estou exagerando! Isso quer dizer que só ajudaste a enforcar e a esfaquear. Pobre criança!

- Sr. abade, sabe muito bem que não fui eu e que foi Pitt.

- Qual Pitt?

- Pitt segundo, filho de Pitt primeiro, de lorde Chatam, que distribuiu dinheiro, dizendo: Gastem-no, e não me dêem contas. Se entendesse inglês, dir-lhe-ia isto em inglês, mas não o entende.

- E tu entendes?

- Ensinou-mo o Sr. Gilberto.

- Em três semanas? Miserável impostor!

Pitou conheceu que ia caminhando errado.

- Atenda-me, Sr. abade - disse ele - em nada mais o contestarei, é senhor das suas idéias.

- Deveras!

- É muito justo.

- Estás convencido disso? O Sr. Pitou dá licença que eu tenha idéias? Obrigado, Sr. Pitou.

- Bom, lá torna a enfadar-se. Bem vê que se isto assim continuar não poderei dizer-lhe o motivo por que vim a sua casa.

- Desgraçado! Visto isso, tinhas algum

motivo para aqui vir? Eras deputado, talvez?

E o abade desatou a rir com ironia.

- Sr. abade - disse Pitou, a quem o mesmo abade acabava de colocar no terreno em que ele desejava ver-se desde o princípio da discussão; - Sr. abade, sabe muito bem quanto respeitei sempre o seu carácter.

- Ah! Sim, bem o mostras.

- E o muito que sempre admirei a sua ciência - acrescentou Pitou.

- Víbora! - exclamou o abade.

- Eu! - disse Pitou. - Oh! Que aleive!

- Vamos lá, dize o que tens a pedir-mo. Queres que torne a tornar-te para casa? Oh! Não, não, não quero os meus inocentes discípulos contaminados dessa peçonha tão nociva, que já não perdes. Virias infeccionar as minhas tenras plantas: *Infecit pabula tabo*.

- Porém, Sr. abade...

- Não, não me peças isso, se precisas muito ter de comer, pois imagino que os ferozes carrascos de Paris comem como a gente de bem (e como eles comem, meu

Deus!), e se exiges que te atire com uma ração de carne crua, dar-ta-ei. Porém, há-de ser à porta, nas *sportulae*, do mesmo modo que os Romanos davam de comer aos seus cães.

- Sr. abade - respondeu Pitou empertigando-se não lhe peço de comer; tenho meios de subsistência, graças a Deus, não quero ser pesado a ninguém.

- Ah! - disse o abade muito admirado.

- Vou vivendo como posso sem mendigar, e da indústria que a Natureza me deu. Vivo do meu trabalho, e direi mais, estou tão longe de ser pesado aos meus concidadãos, que muitos deles me elegeram para seu chefe.

- Hem! - disse o abade com tal admiração e ao mesmo tempo tal susto, que parecia ter pisado um áspide.

- Sim, sim, elegeram-me para seu chefe - repetiu Pitou.

- Chefe de quê? - perguntou o abade.

- Chefe de uma companhia de homens livres - respondeu Pitou.

- Ah! Meu Deus! - exclamou o abade - o pobre rapaz está doido!

- Chefe da guarda nacional de Haramont - concluiu Pitou com afectada modéstia.

O abade debruçou-se para Pitou, a fim de ler-lhe nas feições a confirmação das palavras que acabava de proferir.

- Pois também há guarda nacional em Haramont? - bradou ele.

- Há, sim, Sr. abade.

- E o chefe és tu?

- Sou, sim, Sr. abade.

- Tu?

- Sim, senhor.

O abade torceu os braços e levantou-os para o céu, como o sumo-sacerdote Fineu.

- Abominação e desolação! - murmurou ele.

- Não ignora por certo, Sr. abade - disse Pitou com placidez - que a guarda nacional é uma instituição destinada a proteger a vida, a liberdade e as propriedades dos cidadãos.

- Oh! Oh! - prosseguiu o ancião todo entregue ao desespero.

- E muito convém - disse Pitou continuando - dar toda a força a uma tal instituição, especialmente nos campos, por causa das quadrilhas de salteadores.

- Das quadrilhas como essa de que tu és chefe! - exclamou o abade - das quadrilhas de rapinantes, de incendiários e de assassinos!

- Oh! Peço que não confunda as espécies, meu caro Sr. abade; espero ter ocasião de mostrar-lhe os meus soldados, e então confessará que são os mais honrados cidadãos...

- Cala-te! Cala-te!

- Imagine, pelo contrário, Sr. abade, que somos seus protectores naturais, e a prova do que digo está em eu ter vindo procurá-lo.

- Para quê? - perguntou o abade.

- Ah! Eu lho digo já - replicou Pitou coçando na cabeça e examinando o sítio onde tinha ido cair o capacete, a fim de ver se, para ir apanhar aquela parte essencial do seu traje

militar, não lhe seria preciso afastar-se demasiadamente da sua linha de retirada.

O capacete tinha apenas caído a alguns passos do portão que dava para Soissons.

- Perguntei-te por que tinhas aqui vindo? - repetiu o abade.

- Pois bem! - disse Pitou, recuando dois passos na direcção do capacete - eis aqui o objecto da minha missão. Conceda-me licença, Sr. abade, para que o patenteie à sua sagacidade.

- Ah! Temos exórdio?! Muito bonito! - resmungou o abade.

Porém o abade, executando uma manobra semelhante, o que não deixava de dar algum cuidado a Pitou, à medida que este dava dois passos na direcção do capacete, dava ele também, no intuito de conservar as distâncias, dois passos para Pitou.

- Ora pois - disse Pitou começando a cobrar ânimo por estar já próximo da sua arma defensiva - todo o soldado carece necessariamente de uma espingarda, e é isso

que nos falta.

- Ah! Não têm espingardas! - exclamou o abade pulando de contente. - Ah! Eles não têm espingardas! São soldados sem espingardas! Ora aí estão uns ótimos soldados!

- Porém, Sr. abade - tornou Pitou dando mais dois passos para o capacete - quem não tem espingardas trata de alcançá-las.

- Sim - disse o abade - e andas então em procura delas?

Pitou já tinha chegado ao alcance do capacete, e como estava entretido na operação de o puxar para si com o pé, tardou em responder ao abade.

-Andas então em procura de armas? - repetiu este.

Pitou apanhou o capacete.

- Ando, sim, Sr. abade.

- E onde esperas encontrá-las?

- Em sua casa - disse Pitou, carregando o capacete na cabeça.

- Espingardas em minha casa! -

exclamou o abade.

- Na sua casa, sim, senhor, não são poucas as que possui.

- Ah! O meu museu! - gritou o abade. - Vens aqui para roubar o meu museu! Pois as couraças dos nossos antigos cavaleiros haviam de ir parar às costas de semelhantes marotos? Sr. Pitou, repito-lhe o que ainda há pouco lhe disse, está doido. As espadas dos Espanhóis de Almanza, os chuços dos Suíços de Marignan para armar o Sr. Pitou e os seus sócios! Ah! Ah! Ah!

O abade deu uma gargalhada tão desdenhosa e ameaçadora, que Pitou sentiu como um calafrio a correr-lhe nas veias.

- Não, Sr. abade - disse ele - não queremos os chuços dos Suíços de Marignan, nem as espadas dos Espanhóis de Almanza; não que essas armas para nada nos serviriam.

- Ainda bem que o confessas.

- Não, Sr. abade, não são essas as armas que pretendemos.

- Então quais?

- Queremos aquelas óptimas espingardas de marinha, Sr. abade, que eu tantas vezes limpei, a título de penitência, por não saber as minhas lições, no tempo em que tinha a honra de estudar debaixo das suas vistas, *dum me Galatea tenebat* - acrescentou Pitou com gracioso sorriso.

- Deveras? - disse o abade sentindo que se lhe eriçavam as farripas ao ver o sorriso de Pitou; - deveras? Queres as minhas espingardas de marinha?

- Ou por outra as únicas que não têm valor histórico e que são susceptíveis de bom serviço.

- Ah! - disse o abade, levando a mão ao cabo das disciplinas, como um militar a levaria aos copos da espada; - ah! Até que afinal se descobriu o traidor.

- Sr. abade - disse Pitou, passando do tom de ameaça ao de súplica - conceda-nos as trinta espingardas de marinha.

- Arreda! - gritou o abade dando um passo para Pitou.

- E ficará assim com a glória - disse Pitou, dando também um passo à retaguarda - com a glória de haver contribuído para livrar o país dos seus opressores.

- Pois eu havia de fornecer armas contra mim e contra os meus! - exclamou o abade; - dar por minhas mãos as espingardas que hão-de servir para atirarem contra mim?

E dizendo isto tirou as disciplinas da cinta.

- Nunca! Nunca!

A estas palavras o abade brandiu as disciplinas por cima da cabeça.

- Sr. abade, o seu nome será publicado no jornal do Sr. Prudhomme.

- O meu nome no jornal do Sr. Prudhomme! - bradou o abade.

- Seguido de uma menção honrosa do seu civismo.

- Antes uma golilha e as galés!

- Pois quê, recusa - insistiu Pitou frouxamente.

- Recuso e ordeno-te que saias já daqui.

E, dizendo isto, o abade apontou-lhe para a porta.

- Note - disse Pitou - que essa recusa há-de produzir mau efeito; será acusado de falta de patriotismo e de traição. Sr. abade, por quem é, rogo-lhe que se não exponha a tal.

- Faze de mim um mártir, Nero; é isso mesmo o que te peço! - exclamou o abade com os olhos chamejantes, e parecendo mais um executor do que um padecente.

Foi tal o efeito que isto produziu em Pitou, que começou a retirada, dando um passo atrás e dizendo:

- Sr. abade, sou um deputado pacífico, um embaixador encarregado de palavras conciliadoras, vinha...

- Vinhas roubar as minhas armas, como os teus cúmplices roubaram as dos Inválidos.

- Do que lhes resultou em Paris uma imensidade de elogios - disse Pitou.

- E aqui há-de resultar para ti uma boa sova de disciplinas - disse o abade.

- O Sr. Fortier - disse Pitou, conhecendo

o instrumento com que noutro tempo tivera relações tão íntimas - não há-de violar assim o direito das gentes.

- Já to digo, miserável, espera!

- Sr. abade, estou debaixo da protecção do meu carácter de embaixador.

- Espera!

- Sr. abade! Sr. abade!

Pitou chegara à porta da rua, que estava fechada, fazendo sempre frente, ao seu temível adversário; vendo-se assim encurralado, era preciso travar o combate ou fugir.

Porém, para fugir tinha de abrir a porta, e para a abrir, era-lhe necessário voltar-se.

Ora, se se voltasse, Pitou oferecia desarmado aos açoites do abade uma parte da sua pessoa que não julgava suficientemente protegida nem com uma couraça.

- Ah! Tu queres as minhas espingardas!... Ah! Vens dizer-me: As suas espingardas ou a vida!...

- Sr. abade - replicou Pitou - bem pelo contrário, não lhe disse semelhante coisa.

- Pois bem, tu sabes onde estão as minhas espingardas, mata-me para te apossares delas. Passa por cima do meu cadáver e vai buscá-las.

- Sou incapaz de cometer uma tal acção, Sr. abade.

E Pitou, com a mão na tranqueta da porta, e os olhos fitos no braço que o abade tinha erguido, já não calculava qual seria o número de espingardas que poderia conter o arsenal do abade, senão qual seria o número de açoites que estariam suspensos nas correias das disciplinas.

- Visto isso, Sr. abade, não quer entregar-me as espingardas?

- Não, não quero dar-tas.

- Uma vez... Não quer?

- Não.

- Duas vezes?

- Não.

- Três vezes?

- Não! Não! Não!

- Pois então - retorquiu Pitou - fique com elas!

E fazendo um movimento rápido, voltou-se e enfiou-se pela porta, que estava já entreaberta.

Todavia, apesar da rapidez do movimento, as inteligentes disciplinas abaixaram-se, silvando, e abrangeram tão vigorosamente a parte inferior do espinhaço de Pitou, que o vencedor da Bastilha, com toda a sua valentia, não pôde reprimir um grito de dor.

A este grito saíram à rua vários vizinhos, e viram, com grande estupefacção, Pitou fugir a toda a velocidade com o capacete e o sabre, e o abade Fortier, de pé no limiar do portão e brandindo as disciplinas, como o anjo exterminador brandiu a sua espada de fogo.

Pitou diplomata

Acabamos de ver como Pitou caiu do alto das suas esperanças.

A queda era grande. Satanás, depois de fulminado, rolou do céu para o inferno, não mediu maior espaço. E ainda assim, Satanás, quando caiu no inferno era rei, ao passo que Pitou, fulminado pelo abade Fortier, tinha ficado simplesmente Pitou.

Como havia ele de tornar a apresentar-se agora aos seus mandatários? Como se atreveria a dizer-lhes, depois de haver mostrado tanta confiança no bom êxito da sua missão, que o seu chefe era um gabarola, um fanfarrão, que, apesar do capacete que trazia na cabeça e do sabre que tinha à cinta, sofria que um velho abade o corresse a açoites?

Ter-se gabado de conseguir o que

pretendiam do abade Fortier, e deixar malograr a tentativa, era grande erro.

Pitou assentou-se no declive do primeiro fosso que encontrou, encostou a cabeça às mãos e reflectiu profundamente.

Tinha-se persuadido que faria a boca doce ao abade Fortier falando grego e latim. Tinha imaginado ingenuamente que lhe seria fácil corromper o Cérbero com o mel de um bolo de *lindas expressões*, e eis senão quando, o bolo saíra amargo, e o Cérbero mordera a mão sem engolir o bolo. Estavam pois transtornados todos os seus planos.

Era evidente que o abade Fortier era homem de profundo amor-próprio, circunstância com que Pitou não contara, porque a exasperação do abade fora motivada mais pelo erro de gramática que Pitou lhe notara, do que por quererem tirar-lhe do arsenal as trinta espingardas.

É sabido que os rapazes, quando são dotados de boa índole, cometem sempre o erro de julgarem que todos os homens são

perfeitos.

O abade Fortier, além de realista ferrenho, era sobretudo um filólogo orgulhoso.

Pitou já se arrependia amargamente de haver despertado nele, por causa do rei Luís XVI o do verbo *ser*, a dupla cólera de que fora vítima. Conhecia-lhe o génio, e por isso devia tê-lo poupado. Era nisso que realmente consistia o seu erro, e lastimava-se, como sempre sucede, quando já não tinha remédio.

Restava-lhe agora cogitar o que deveria ter feito.

Deveria ter empregado toda a eloquência para provar ao abade Fortier que era realista, e sobretudo não lhe ter reparado nos erros de gramática.

Deveria ter-lhe prometido que aquela força armada seria um exército auxiliar do rei.

E especialmente, não devia ter feito reflexão alguma acerca daquele desgraçado verbo *ser*, que o abade empregara num tempo

incompetente.

E então o abade não teria deixado de abrir-lhe os seus tesouros e os seus arsenais para obter a favor da monarquia o auxílio de tropa tão valente e do seu heróico chefe.

A esta falsidade dá-se o nome de diplomacia. Pitou, depois de se haver consultado a si, procurou recordar-se das histórias da antiguidade.

Lembrou-se de Filipe de Macedónia, que faltou a tanto juramento, e a quem chamam um grande homem.

De Bruto, que se fingiu estúpido para iludir os seus inimigos e a quem chamam um grande homem.

Mas em oposição a estes, recordou-se de Aristides, que não admitia os meios injustos, e a quem chamam também um grande homem.

Este argumento fê-lo cismar.

Porém, depois de reflectir, achou que Aristides tinha sido muito feliz por viver num tempo em que os Persas eram tão

estúpidos que bastava a boa-fé para os vencer.

E depois, reflectindo ainda mais, lembrou-se que, afinal de contas, Aristides fora desterrado, e esse desterro, apesar de injusto, fez pender a balança a favor de Filipe de Macedónia, de Bruto e de Temístocles.

Passando em seguida aos exemplos modernos, perguntou Pitou a si mesmo que teriam feito os srs. Gilberto, Bailly, Lameth e Barnave, ou o Sr. Mirabeau, se qualquer deles fosse Pitou, e Luís XVI estivesse no lugar do abade Fortier?

Que passos teriam dado para conseguir que o rei armasse trezentos ou quinhentos mil homens de guardas nacionais em França?

Fariam o contrário do que Pitou acabava de praticar.

Teriam feito persuadir a Luís XVI de que o maior desejo dos Franceses era salvar e conservar o pai dos Franceses, e para que o pudessem salvar eficazmente era preciso que ele lhe entregasse trezentas ou quinhentas mil

espingardas.

E o Sr. de Mirabeau não teria deixado de conseguir o seu fim.

Recordando-se também do adágio que diz: *“quem quer alguma coisa do demónio deve dar-lhe o tratamento de alteza”*, Pitou concluía de tudo isto que não passava de um quadrúpede, e que para poder voltar para junto dos seus eleitores com alguma glória, deveria ter praticado precisamente o contrário do que fizera.

Escavando então o novo veio, resolveu alcançar, por manha ou por força, as armas que supusera poder obter pela persuasão.

Apresentou-se-lhe um meio.

Era um ardil.

Podia introduzir-se no museu do abade, e furtar ou tirar as armas do arsenal.

Com a ajuda dos companheiros, poderia Pitou efectuar a mudança; ou, indo ele sozinho, poderia fazer o roubo.

O roubo! A palavra soava mal aos honrados ouvidos de Pitou.

E quanto à mudança, havia decerto ainda em França bastante gente acostumada às antigas leis para lhe dar o nome de extorsão ou de roubo à mão armada.

Todas estas considerações fizeram com que Pitou hesitasse em adoptar os dois meios que acabamos de citar.

De mais a mais, estava comprometido o seu amor próprio e julgava do seu brio não recorrer a ninguém para sair-se airoso das dificuldades em que se achava.

Tornou pois a cismar no caso, e sentiu uma certa admiração ao ver a nova direcção que tomavam as especulações do seu espírito.

Como Arquimedes, exclamou por fim: *Eureka!* Palavra que em linguagem vulgar significa: *Achei!*

Aí vai o meio que Pitou acabava de achar no seu próprio arsenal:

O Sr. de Lafayette era o comandante geral das guardas nacionais de França.

Haramont era situada em França.

Em Haramont havia uma guarda

nacional.

Logo, o Sr. de Lafayette também era comandante geral dos guardas nacionais de Haramont.

O Sr. de Lafayette não podia portanto tolerar que os milicianos de Haramont tivessem falta de armas, visto que os milicianos das outras terras já estavam armados ou iam sê-lo.

Para chegar ao Sr. de Lafayette havia Gilberto, para chegar a Gilberto havia o tio Billot.

Pitou resolveu escrever uma carta a Billot.

Como Billot não sabia ler, era o Sr. Gilberto quem havia de abrir a carta, e assim chegava muito naturalmente ao segundo intermediário.

Depois de haver tomado esta deliberação, Pitou esperou que anoitecesse, voltou misteriosamente a Haramont e pegou na pena.

Contudo, apesar de todas as cautelas

que tomara para voltar incógnito, tinha sido visto por Cláudio Tellier e Désiré Maniquet.

Retiraram-se ambos misteriosamente, levando um dedo à boca, e apontando com os olhos para a carta.

Pitou nadava em cheio na grande corrente da política prática.

Vamos transcrever em seguida as palavras que se continham na folha de papel branco, que tanto efeito havia produzido em Cláudio e Désiré.

“Meu caro Sr. Billot”.

“A causa da revolução vai progredindo na nossa terra; os aristocratas vão perdendo terreno, e os patriotas avançam”.

“Os habitantes de Haramont alistaram-se no serviço activo da guarda nacional”.

“Porém não têm armas”.

“Há contudo um meio de as conseguir. Alguns particulares conservam em seu poder certas porções de armas de guerra, que poderiam muito bem passar para o serviço da

nação, poupando assim ao tesouro grandes despesas.”

“Queira o Sr. general de Lafayette ordenar que esses depósitos ilegais de armas de guerra sejam postos à disposição das comunas na proporção dos homens que for preciso armar, e pela parte que me toca, obrigo-me a fazer entrar nos arsenais de Haramont trinta espingardas pelo menos.”

“É este o único meio de opor uma barreira aos tramas contra-revolucionários dos aristocratas e dos inimigos da nação”.

“Vosso concidadão e muito humilde servo”.

“Ângelo Pitou.”

Quando chegou ao fim deste arrazoado, Pitou reparou que se esquecera de dizer ao lavrador alguma coisa relativamente à sua casa e família.

Tratava-o muito à laia de Bruto, mas também se contasse a Billot alguns pormenores acerca de Catarina, expunha-se a

mentir ou a dilacerar o coração do pai, e abria novamente as feridas que ainda lhe vertiam sangue na alma.

Abafou um suspiro, e escreveu como *post-scriptum*:

“A Sr^a. Billot, a menina Catarina e toda a família passam sem novidade, e recomendam-se muito à lembrança do Sr. Billot.”

Desta forma, não se comprometia Pitou nem a si, nem a ninguém.

O comandante das forças de Haramont, mostrando aos iniciados o ofício que ia partir para Paris, limitou-se a dizer-lhes:

- Ei-lo aqui!

E foi deitar a carta na caixa do correio.

A resposta não se demorou muito.

Dali a dois dias, chegou a Haramont um expresso a cavalo, que perguntou pelo Sr. Ângelo Pitou.

Houve logo grande rumor no lugar, e os

milicianos todos deram evidentes e significativos sinais da ansiedade em que estavam.

O correio vinha montado num cavalo branco coberto de espuma.

Imagine-se o efeito que produziu, e que sobressalto e palpar de coração não causaria a Pitou.

Este aproximou-se a tremer, e mudou de cor ao pegar no maço que lhe apresentou, sorrindo-se, o oficial encarregado dos despachos.

Era a resposta do Sr. Billot, escrita pela letra de Gilberto.

Billot recomendava a Pitou que moderasse o seu patriotismo, e remetia-lhe uma ordem do Sr. general Lafayette, referendada pelo ministro da guerra para armar a guarda nacional de Haramont.

Aproveitava para lha enviar, a ida de um oficial que havia sido incumbido de armar, em nome do general Lafayette, a guarda nacional de Laon e da Soissons.

A ordem era concebida nestes termos:

“Todos os indivíduos que possuírem mais de uma espingarda e um terçado, serão obrigados a pôr as demais à disposição dos chefes dos corpos de cada departamento”.

“A presente determinação terá execução em todo o território da província.”

Pitou, corando de alegria, agradeceu ao oficial, que tornou a sorrir e marchou imediatamente para o seu destino.

Portanto Pitou chegara ao cúmulo das honras; recebia directamente despachos do general Lafayette e dos ministros.

E estes despachos serviam às mil maravilhas para o bom êxito dos planos e das ambições de Pitou.

A descrição do efeito que produziu esta visita nos eleitores de Pitou seria trabalho impossível. Desde já declaramos que não nos atrevemos a empreendê-lo.

Todavia, ao ver aqueles rostos

comovidos e de olhos brilhantes, o alvoroço da população, e o respeito profundo com que todos começaram logo a tratar Ângelo Pitou, o observador mais incrédulo não poderia deixar de confessar que o nosso herói estava destinado a ser um grande personagem.

Os eleitores pediram todos sucessivamente licença para ver e apalpar o selo do ministério, favor este que Pitou lhes concedeu benignamente.

E apenas se viu só com os iniciados, disse:

- Cidadãos, os meus planos, conforme tinha previsto, não falharam. Escrevi ao general Lafayette, ponderando-lhe o desejo que haviam manifestado de se constituírem em guarda nacional, e a escolha que de mim haviam feito para seu comandante. Leiam o sobrescrito do ofício, que me dirigiu o ministro.

E apresentou-lhes o despacho, nas costas do qual se lia:

*Ao Sr. Ângelo Pitou,
Comandante da guarda nacional de
Haramont*

- Fui pois - prosseguiu Pitou - aceito e reconhecido pelo general Lafayette como comandante da guarda nacional. Por conseguinte, ficam igualmente reconhecidos e aceitos como guardas nacionais pelo general Lafayette e pelo ministro da guerra.

Um imenso grito de contentamento e de admiração fez tremer as paredes do pardieiro em que Pitou habitava.

- Pelo que respeita ás armas, tenho um meio para as haver.

Tratem quanto antes de eleger um tenente e um sargento. Essas duas autoridades acompanhar-me-ão nos passos que tenho a dar.

Os circunstantes olharam uns para os outros como perplexos.

- Qual é o seu parecer, Pitou? - perguntou Maniquet.

- Com isso nada tenho - replicou Pitou com certa dignidade - e não devo por forma alguma influir nas eleições; vão reunir-se fora das minhas vistas; nomeiem os dois chefes que designei, mas escolham-nos bons. É quanto tenho a dizer-lhes. Vão!

Conservou-se absorto na sua glória, enquanto os eleitores disputavam entre si, lá fora, uma parcela do poder militar que devia reger Haramont.

A eleição durou uma hora. Ficaram afinal nomeados o tenente e o sargento: a escolha recaiu, para sargento, em Cláudio Tellier, e para tenente, em Desiré Maniquet. Voltaram então à presença de Ângelo Pitou, que os reconheceu e aclamou.

Depois, assim que findou a cerimónia, disse:

- Agora, senhores, é preciso não perdermos um momento.

- Sim, sim, vamos já aprender o exercício! - exclamou um dos mais entusiastas.

- Esperem um instante - retorquiu Pitou
- antes de começarmos com o exercício,
procuremos primeiro as espingardas.

- É muito justo - disseram os chefes.

- Mas enquanto não vêm as espingardas,
não poderemos estudar com paus?

- É preciso fazermos as coisas
militarmente - respondeu Pitou, querendo
refrear o ardor geral, por isso que não se
sentia habilitado a dar lições de uma arte que
nada sabia ainda. - Que cena grotesca não
seria a que representassem soldados
aprendendo o exercício de fogo com paus?
Não comecemos por ser ridículos.

- É assim - responderam todos. -
Venham as espingardas!

- Acompanhem-me, pois, tenente e
sargento - disse ele para os seus inferiores - e
vocês esperem aqui por nós.

Respeitoso assenso foi a resposta
unânime.

- Ainda temos seis horas de dia. É de
sobejo para irmos a Villers-Cotterets tratar do

nosso negócio e voltarmos.

- Em frente, dobrado, marche! - bradou Pitou.

O estado-maior do exército de Haramont pôs-se logo a caminho.

Porém, quando Pitou tornou a ler a carta de Billot, para ficar bem certo de que não era um sonho tamanha ventura, achou nela esta frase de Gilberto, que lhe tinha escapado.

“Por que motivo se esqueceu Pitou de dar notícias de Sebastião ao Sr. Gilberto?

Por que razão não escreve Sebastião ao seu pai?”

LXVI

Pitou triunfa

O abade Fortier, coitado, estava longe de supor qual fosse o crédito de que Ângelo Pitou gozava para com os chefes do governo, e que tempestade lhe tinha preparada a sua profunda diplomacia.

Estava entretido em demonstrar a Sebastião que as más companhias são a perdição de toda a virtude e de toda a inocência, e que Paris é uma voragem, onde até os próprios anjos se corromperiam se, a exemplo dos que se extraviaram na estrada de Gomorra, não subissem prontamente para o céu; e encarando pelo lado trágico a visita de Pitou, anjo decaído, aconselhava a Sebastião, com toda a eloquência de que era susceptível, que se conservasse bom e verdadeiro realista.

Devemos, todavia, observar que as

palavras “bom e verdadeiro realista” estavam longe de ter para o abade Fortier a mesma significação que lhes dava o insigne doutor Gilberto.

O bom do abade esquecia que, vista aquela diferença na maneira de entender as mesmas palavras, a sua propaganda era uma acção má, porque estava diligenciando armar, se bem que involuntariamente, o espírito do filho contra o do pai.

Contudo, forçoso é confessarmos que não encontrava nele as melhores disposições.

Coisa singular! Na idade em que as crianças ainda são a branda argila de que fala o poeta, na idade em que sempre costumam conservar a marca de qualquer cunho que nelas se estampe, já Sebastião era homem pela resolução e pela tenacidade das idéias.

Quem poderia ver nele o filho do sangue aristocrático, a quem tamanho horror causava um plebeu?

Ou seria aquilo realmente o resultado da aristocracia do plebeu, que em Gilberto

chegava ao estoicismo?

O abade Fortier não era capaz de sondar semelhante mistério: sabia que o doutor era um patriota um tanto exaltado, e com a ingenuidade própria de um eclesiástico, procurava reformar-lhe o filho, para bem do rei e de Deus.

Todavia, Sebastião, apesar da atenção com que o ouvia, não fazia caso dos conselhos; pensava nas vagas visões de outra era, que havia algum tempo tinham tornado a persegui-lo por entre as árvores frondosas da tapada de Villers-Cotterets, quando o abade Fortier levava os seus discípulos a passeio para o sítio da Pedra-Clouise, do monte de Saint-Hubert, ou da Tour-Aumont; alucinações que formavam para ele como que uma segunda vida a par da vida natural, uma vida mentida de felicidades poéticas junto do indolente prosaísmo dos dias passados nos estudos e no colégio.

De repente, o portão da rua de Soissons, empurrado com certa violência, abriu-se por

si mesmo e franqueou a entrada a uns poucos de homens.

Era o *maire* da vila de Villers-Cotterets, acompanhado pelo seu substituto e pelo escrivão da *mairie*.

Por detrás deles apareciam dois chapéus de soldados da polícia e mais além viam-se cinco ou seis cabeças de curiosos.

O abade, assustado, caminhou logo para o *maire*.

- Então que novidade temos, Sr. Longpré? - perguntou ele.

- Sr. abade - respondeu este com gravidade - já teve conhecimento do novo decreto do ministro da guerra?

- Não, Sr. *maire*.

- Então tenha o incómodo de o ler.

O abade pegou no despacho e leu-o.

Ao passo que lia, ia mudando de cor.

- E então! - disse ele bastante aterrado.

- Pois, Sr. abade, estão ali fora os senhores da guarda nacional de Haramont à espera da entrega duma porção de armas.

O abade deu um pulo como se pretendesse engolir os senhores da guarda nacional.

Pitou, então, julgando chegada a ocasião de se mostrar, aproximou-se acompanhado do seu tenente e do seu sargento.

- Ei-los aqui - disse o *maire*.

O abade passara da cor branca à carmesim.

- Que! Estes marotos! - exclamou ele - estes brejeiros!

O *maire* era um bom homem, que ainda não adoptara definitivamente uma opinião política; poupava, como se costuma dizer, a cabra e a couve; não queria malquistar-se nem com Deus nem com a guarda nacional.

As invectivas do abade Fortier excitaram nele uma estrondosa gargalhada, com que dominou a situação.

- Ouviram como o abade trata a guarda nacional de Haramont? - disse ele para Pitou e para os seus dois oficiais.

- É que o Sr. abade Fortier conheceu-nos

crianças e persuade-se que ainda deve tratar-nos como tais respondeu Pitou em tom plácido e melancólico.

- Mas as crianças tornaram-se em serpentes - bradou o abade enraivecido.

- Sim, e serpentes que hão-de picar quem as agredir - disse o sargento Cláudio.

O *maire* pressentiu nestas ameaças toda a revolução futura.

O abade adivinhou nelas o seu martírio, e perguntou:

- Finalmente, que pretendem de mim?

- Quer-se uma parte das armas que tem aqui - disse o *maire* procurando conciliar tudo.

- Essas armas não são minhas - respondeu o abade.

- Então de quem são?

- Pertencem a Sua Alteza o Sr. duque de Orleans.

- É assim, Sr. abade - disse Pitou; - mas isso não obsta.

- Como! Isso não obsta? - replicou o

abade.

- É assim mesmo - retorquiu Pitou; - vimos pedir-lhe as armas apesar disso.

- Pois escreverei ao Sr. duque - disse majestosamente o abade.

- O Sr. abade esquece-se de que essa demora de nada servirá - disse-lhe o *maire* a meia voz. - O Sr. duque, se o consultarem, responderá que é preciso entregar aos patriotas, não as espingardas dos Ingleses seus inimigos, mas até as peças de artilharia do seu avô Luís XIV.

Esta verdade causou dolorosa impressão no abade Fortier, que murmurou:

- *Circumdedisti me hostibus meis.*

- Sim, Sr. abade - disse Pitou - isso é verdade, mas só pelo que toca aos seus inimigos políticos, e nós só odiamos no senhor o mau patriota.

- Toleirão! - exclamou o abade Fortier num momento de exaltação, que lhe deu certa eloqüência - toleirão absurdo e perigoso! Qual de nós é melhor patriota, eu,

que quero guardar as armas para que haja paz na minha pátria, ou tu, que as pedes para que sejam instrumentos de discórdia e de guerra civil? Qual de nós é melhor filho, eu, que só pretendo um ramo de oliveira para festejar a nossa mãe comum, ou tu, que buscas ferro para lhe rasgares o seio?

O *maire* voltou a cara para o lado a fim de ocultar a comoção, e aproveitou o ensejo para fazer, furtivamente, um sinal ao abade, que significava:

- Muito bem!

O substituto, qual outro Tarquínio, começou a derrubar flores com a bengala.

Ângelo ficou confundido.

Os seus dois subalternos, vendo-o assim, encrespam as sobrancelhas.

Sebastião conservou-se impassível como um rapaz espartíata.

Chegou-se a Pitou e perguntou:

- De que se trata, Pitou?

Este contou-lhe o caso em duas palavras.

- A ordem vem assinada? - disse a criança.

- Pelo ministro, e pelo general Lafayette, e é escrita por teu pai.

- Nesse caso - replicou o menino com altivez - por que motivo hesitam em obedecer?

E ao dizer estas palavras, as pupilas dilatadas, o tremor das ventas, e o enrugado da fronte revelavam o implacável espírito dominador das duas raças que o haviam gerado.

O abade ouviu com pasmo as palavras saídas da boca daquela criança, arrepiou-se e abaixando a cabeça, murmurou:

- Três gerações de inimigos contra nós!

- Vamos, Sr. abade - disse o *maire* - é forçoso cumprir a ordem.

O abade deu um passo pegando nas chaves, que trazia pendentas à cinta, e exclamou:

- Não! Mil vezes não! Não me pertencem, e esperarei que venha uma ordem

expressa do seu directo senhor para as entregar.

- Ah! Sr. abade - disse o *maire*, que não podia deixar de reprovar.

- Isso é ser rebelde - disse Sebastião ao abade; - tome sentido, senhor!

- *Tu quoque!* - murmurou o abade cobrindo-se com a sotaina para imitar o gesto de César.

- Ora vamos, Sr. abade - disse Pitou - fique certo de que as armas hão-de ser empregadas com proveito para a felicidade da pátria.

- Cala-te, Judas! - respondeu o abade; - já atraíçoaste o teu velho mestre, porque não atraíçoarás também a pátria?

Pitou, esmagado pela sua consciência, curvou a fronte. O passo que dera seria de um hábil comandante, mas era pouco próprio de um coração leal.

Porém, ao abaixar a cabeça, olhou de revés para os dois subalternos, e pareceu-lhe vê-los agastados por terem um chefe tão

tíbio.

Pitou logo percebeu que, se não levasse a sua avante, ficava privado de prestígio.

O orgulho deu vigor às molas daquele valente campeão da revolução francesa.

Portanto, erguendo a cabeça, disse:

- Sr. abade, apesar do profundo respeito que lhe consagro como meu antigo mestre, é do meu dever não deixar passar sem comentário as palavras injuriosas que me dirigiu.

- Ah! Tu comentas agora? - disse o abade, pensando que atrapalharia Pitou.

- Sim, Sr. abade, comento, e já lhe mostro que os meus comentários são justos - prosseguiu Pitou. - Chama-me traidor porque me negou por bem as armas, que lhe pedia com um ramo de oliveira na mão, e venho hoje arrancar-lhe com uma ordem do governo. Pois, Sr. abade, prefiro que se diga que atraíçoei os meus deveres, a ser acusado de haver concorrido com o senhor para favorecer a contra-revolução. Viva a pátria!

Às armas! Às armas!

O *maire* fez para Pitou um aceno igual ao que tinha feito ao abade, dizendo:

- Ah! Muito bem! Muito bem!

Este discurso teve com efeito um resultado fulminante para o abade, e produziu como que um choque eléctrico nos demais circunstantes.

O *maire* eclipsou-se depois de ter feito sinal ao substituto para que ficasse.

O substituto, bem teria querido eclipsar-se também, porém a ausência das duas autoridades principais da vila não poderia deixar de dar muito na vista.

Seguiu, pois, com o seu escrivão os soldados da polícia, os quais seguiram também os três guardas nacionais na direcção do museu, de que Pitou sabia perfeitamente o caminho, visto ter sido criado no aprisco.

Sebastião, pulando como um leãozinho, foi correndo atrás dos patriotas.

Os outros rapazes do colégio olhavam para tudo aquilo como aparvalhados.

Quanto ao abade, esse, depois de ter aberto a porta do museu, deixou-se cair semimorto de cólera e de vergonha na primeira cadeira que encontrou.

Os dois assessores de Pitou, apenas entraram no museu, queriam pilhar tudo, porém a honrada timidez do chefe dos guardas nacionais interveio novamente.

Contou quantos eram os guardas nacionais do seu comando, e como eram trinta e três, mandou escolher trinta e três espingardas unicamente.

E como podia dar-se o caso de terem de entrar em fogo, e se tal sucedesse Pitou tencionava não ficar atrás dos mais, apartou também para si uma espingarda, mais curta e mais leve do que as outras, e própria para oficial, sendo contudo de calibre, e tão capaz de meter uma carga de chumbo num coelho ou numa lebre, como uma bala no corpo de um falso patriota ou de um prussiano.

Além da espingarda, escolheu igualmente uma espada direita como a do Sr.

de Lafayette, espada que talvez pertencesse em outro tempo a algum herói de Fontenoy ou de Philipsbourg, e que ele afivelou à cinta.

Os seus dois colegas carregaram cada um deles com doze espingardas, e era tal a satisfação que sentiam, que não vergaram debaixo de tão enorme peso.

Pitou tomou à sua conta o resto.

Puseram-se a caminho pela tapada para não atravessar Villers-Cotterets e evitar qualquer escândalo.

Demais a mais, era aquele o caminho mais curto.

A ida por ali tinha ainda outra vantagem, e era a nenhuma probabilidade que havia de encontrarem por aqueles lados os três oficiais partidários de uma idéia contrária às suas.

Pitou não tinha receio da luta, e o facto de ter escolhido uma espingarda para o que pudesse suceder, dava prova do seu valor. Porém Pitou tornara-se homem de reflexão, e desde que reflectia, observara que uma

espingarda serve muito bem para um homem se defender, mas que uma carregação de espingardas não preenche o mesmo fim.

Os nossos três heróis carregados com aqueles despojos óptimos, atravessaram a tapada a correr e chegaram a um sítio onde pararam para descansar. Afinal, esbaforidos e escorrendo suor com tão gloriosa fadiga, conseguiram meter em casa de Pitou o depósito precioso, que a pátria acabava de lhes confiar, um pouco cegamente talvez.

Houve reunião da guarda nacional naquela mesma tarde e o comandante Pitou entregou uma espingarda a cada soldado, dizendo-lhes, como as mães espartiatas aos filhos, quando lhes davam os escudos:

“Com ela, ou em cima dela.”

Houve então naquela comuna insignificante, assim transformada pelo génio de Pitou, uma efervescência semelhante à de um formigueiro em dia de tremor de terra.

A grande alegria que a posse de uma espingarda causava àqueles homens tão

propensos a caçarem nas terras alheias, e enraivecidos pela longa opressão que há muito sobre eles haviam feito pesar os couteiros, fez com que Pitou se tornasse a seus olhos um deus sobre a terra.

Esqueceram-se das imensas pernas, dos compridíssimos braços, dos grossíssimos joelhos, da monstruosa cabeça, e até esqueceram todos os antecedentes grotescos do seu herói; foi unicamente proclamado, e ficou sendo o génio tutelar da terra durante o tempo que o louro Febo levou a fazer a sua visita à bela Anfitrite.

Todo o dia seguinte empregaram os entusiastas em manusear e açacalar as armas com o instinto de entendedores; uns examinando se o fuzil era bom, outros cogitando no modo de restabelecer a desigualdade da sorte que lhes dera uma arma de inferior qualidade.

Durante este tempo, Pitou, recolhido no seu quarto, como o grande Agamemnon na sua tenda, meditava, enquanto os outros

poliam as espingardas, e dava tratos ao cérebro enquanto os seus soldados esfolavam as mãos.

Em que meditava Pitou? perguntará o leitor movido pela sua simpatia por aquele génio nascente.

Pitou, tornado pasto dos povos, meditava na pouca estabilidade das grandezas deste mundo.

Com efeito, estava chegado o momento em que havia de desmoronar-se aquele edifício, que tanto lhe custara a levantar.

As espingardas tinham sido entregues desde a véspera. O dia todo havia de ser empregado em pô-las em estado de servir. No seguinte teria ele de ensinar o exercício aos seus soldados, e Pitou não sabia sequer a primeira voz de carga em doze tempos.

Pitou sempre carregava a sua arma conforme podia, e sem contar os tempos.

A respeito de manobras ainda o caso era pior.

Ora, de que servia um comandante da

guarda nacional que não sabia ensinar a carregar em doze tempos e que nada entendia de manobras?

Quem escreve estas linhas conheceu um assim; e deve dizer-se em abono da verdade que era um compatriota de Pitou.

Portanto, conforme dissemos, Pitou meditava, com a cabeça encostada às mãos, os olhos esbugalhados e o corpo imóvel.

César nas brenhas silvestres da Gália, Aníbal perdido nos Alpes cobertos de neve, Colombo navegando à toa por um Oceano que não conhecia, nenhum destes homens reflectiu nunca mais solenemente em face de um perigo ainda ignorado, nem votou mais profundamente o pensamento aos *Dei ignotis*, divindades terríveis que possuem o segredo da vida e da morte, do que Pitou durante tão largo dia.

- Oh! - dizia ele consigo - o tempo vai-se passando, o dia de amanhã aproxima-se, e amanhã aparecerá às vistas de todos o nada que eu sou

“Amanhã o guerreiro esforçado que tomou a Bastilha será tratado de imbecil pela assembléia toda dos Haramonteses, como o foi... nem eu sei já quem, pela assembléia dos Gregos.

“Hoje sou um triunfador, amanhã hei-de ser apupado!

“Pois não o hei-de ser. Não quero que tal me suceda. Catarina viria a sabê-lo, e eu ficaria desacreditado.”

Pitou parou um instante para tomar o fôlego.

- Que meios tenho para sair deste aperto? - perguntou ele a si mesmo.

“A audácia!

“Não, não, a audácia pode durar um minuto, e o exercício à prussiana tem doze tempos.

“Mas que idéia tão célebre a de ensinarem Franceses a fazer exercício à prussiana!

“Se lhes dissesse que não quero, como bom patriota que sou, ensinar aos Franceses

exercício à prussiana, e se inventasse um exercício mais nacional?

“Não pode ser... atrapalhava-me.”

“Já vi uma vez, na feira de Villers-Cotterets, um macaco que fazia exercício, mas fazia-o provavelmente à moda dos macacos, sem regularidade.

“Ah! - exclamou de repente - agora me ocorreu uma idéia!”

E abrindo logo o compasso que as suas imensas pernas formavam, ia a começar a transpor o espaço, quando o deteve uma reflexão.

- O meu desaparecimento daria que cismar - disse ele; - previnamos a minha gente.

Abrindo então a porta, chamou Cláudio e Désiré, e falou-lhes nestes termos:

- Destinem o dia de depois de amanhã, para o primeiro exercício.

- E por que não há-de ser amanhã? - perguntaram os dois oficiais inferiores.

- Porque estão ambos cansados -

replicou Pitou - e antes de instruir os soldados quero instruir primeiro os chefes. E demais - prosseguiu Pitou em tom severo - peço-lhes que se acostumem a obedecer-me sem a menor observação, principalmente quando se tratar de serviço.

Os dois inferiores inclinaram-se.

- Muito bem - disse Pitou - façam o aviso para que haja exercício depois de amanhã às quatro horas da madrugada.

Os dois oficiais inclinaram-se novamente, e como já ;eram nove horas da noite, foram deitar-se.

Pitou deixou-os ir. Depois, mal voltaram a esquina da rua, deitou a correr na direcção oposta, e dentro em cinco minutos chegou a um sítio da mata onde o arvoredado era mais alto e copado.

Vejamos agora qual era a idéia salvadora que havia ocorrido a Pitou.

LXVII

O tio Clouis e a Pedra-Clouise, e de que modo Pitou veio a ser mestre de táctica e adquiriu um bom garbo militar

Pitou foi correndo sem interrupção durante cerca de meia hora, embrenhando-se pela parte mais agreste e sombria da mata.

Existia ali, entre aquelas árvores frondosas, e três vezes seculares, encostado a um imenso rochedo e no meio de sarças formidáveis, uma choupana construída havia trinta e cinco ou quarenta anos, na qual havia um personagem que, por seu próprio interesse, se conservava envolvido em certo mistério.

A choupana, cavada em parte na terra, e em parte tecida com ramos de árvores e troncos secos, só recebia luz e ar por um

buraco aberto na parte superior.

O fumo azulado, que às vezes saía desse buraco, era o único indício que dava a conhecer a existência daquela choupana bastante parecida com as choças dos ciganos de Albaycin.

A não ser esta circunstância, ninguém, à excepção dos couteiros, dos caçadores, dos ladrões de caça e dos camponeses dos arredores, teria adivinhado que aquela cabana servia de morada a um homem.

Todavia, existia ali, havia quarenta anos, um velho couteiro reformado, a quem o Sr. duque de Orleans, pai de Luís Filipe, concedera licença para viver na mata, conservar a sua farda e dar um tiro todos os dias num coelho ou numa lebre.

As aves e os veados eram exceptuados.

O velhote tinha, na época a que chegámos, cerca de setenta anos; havia-se chamado primeiro apenas *Clouis* e depois *tio Clouis*, à proporção que a idade se lhe ia adiantando.

O rochedo a que estava encostada a choupana fora baptizado com o nome do seu habitante, e chamavam-lhe a *Pedra-Clouise*.

O velho fora ferido em Fontenoy, e em consequência do ferimento, tinham-lhe amputado uma perna; e daí o motivo por que, tendo ficado reformado muito novo, o duque de Orleans lhe concedera os privilégios de que acabámos de falar.

O tio Clouis nunca entrava nas aldeias, e só ia uma vez por ano a Villers-Cotterets para comprar 365 cargas de pólvora e chumbo, ou 366 nos anos bissextos.

Nesse mesmo dia levava à loja do Sr. Cornu, sombreireiro, na rua de Soissons, 365 ou 366 peles, metade de coelhos e metade de lebres, pelas quais o fabricante de chapéus lhe dava 75 francos.

E quando dizemos 365 peles nos anos ordinários, e 366 nos anos bissextos, não cometemos o menor engano, pois o tio Clouis, tendo autorização para dar um só tiro de espingarda por dia, arranjava as coisas por

forma tal que de cada tiro matava sempre uma lebre ou um coelho.

E como nunca dava um tiro para mais nem para menos do que os 365 que lhe era permitido dar nos anos ordinários, e os 366 nos anos bissextos, o tio Clouis matava à justa 183 lebres e 182 coelhos nos anos ordinários, e 183 lebres e 183 coelhos nos anos bissextos.

A carne dos animais que matava dava-lhe para o sustento, porque quando não a comia, vendia-a.

Com o produto das peles, como já dissemos, comprava pólvora e chumbo, e ia formando um capital.

Além de tudo isto, o tio Clouis empreendia uma pequena especulação uma vez cada ano.

A pedra a que estava encostada a sua choupana oferecia um lugar inclinado como um telhado.

Este plano apresentava um espaço de dezoito pés na sua maior superfície.

Um objecto qualquer que se collocasse na

extremidade superior descia brandamente pelo seu próprio peso até à extremidade inferior.

O tio Clouis começou a espalhar pelas aldeias dos arredores, por intervenção das mulheres que lhe vinham comprar as lebres ou os coelhos, que as raparigas que no dia de S. Luís viessem escorregar três vezes do alto da sua pedra até abaixo, casariam sem falta no decurso de um ano.

No primeiro ano vieram muitas raparigas, porém nenhuma se atreveu a escorregar.

No ano seguinte, aventuraram-se três, das quais casaram duas antes do fim do ano; quanto à terceira, que ficou solteira, afirmou o tio Clouis afoitamente que se não tinha achado marido era por não ter escorregado com a mesma fé que as outras.

No ano imediato concorreram todas as raparigas dos lugares vizinhos e escorregaram.

O tio Clouis declarou que não era

possível que houvesse rapazes suficientes para tantas raparigas; apesar disso, porém, um terço daquelas que escorregassem com mais fé haviam de casar.

Casou com efeito um grande número. A datar daquele momento estabeleceu-se a reputação matrimonial da *Pedra-Clouis*, e ficou havendo todos os anos uma dupla função no dia de S. Luís, era função na vila e função na mata.

O tio Clouis pediu então um privilégio. Como não se podia passar o dia todo a escorregar sem comer nem beber, quis ter, durante o dia 15 de Agosto, o monopólio da venda de comes-e-bebes aos rapazes e raparigas que ali concorriam, porque os rapazes haviam conseguido persuadir as raparigas de que para que fosse infalível a virtude do rochedo, era necessário que escorregassem juntos e ao mesmo tempo.

Havia trinta e cinco anos que assim vivia o tio Clouis. A gente da terra tratava-o como os Árabes tratam os seus marabus.

Tinha passado a ser uma espécie de legenda.

Mas o que, sobretudo, preocupava os caçadores e causava suma inveja aos couteiros, era ser caso averiguado que o tio Clouis não disparava em cada ano mais do que 365 tiros de espingardas, e que destes 365 tiros que disparava, empregava 183 em lebres e 182 em coelhos.

Por mais de uma vez, fidalgos de Paris, convidados pelo duque de Orleans a irem passar alguns dias no castelo, ouvindo contar a história do tio Clouis, tinham ido depositar, conforme a sua generosidade, um luís ou um escudo na mão do velhote, a ver se obtinham dele que lhes descobrisse aquele segredo tão extraordinário de um homem que disparava 365 tiros de espingarda acertando sempre.

Porém o tio Clouis nunca tinha podido dar-lhes outra explicação senão esta: no exército acostumara-se a matar um homem a cada tiro de bala que dava com aquela mesma espingarda. Depois tinha conhecido que ainda era mais fácil matar uma lebre ou

um coelho com uma chumbada do que matar um homem com uma bala.

E àqueles que lhe sorriam quando lhe ouviam dizer isto, perguntava o tio Clouis:

- Por que motivo atira, se não tem a certeza de acertar?

Palavras estas dignas de figurarem num catálogo de bernardices, se não fora a singular infalibilidade daquele emérito caçador.

- Mas - perguntavam então os curiosos - qual é a razão por que o Sr. duque de Orleans, pai, que era tão generoso, só lhe concedeu licença para dar um tiro de espingarda por dia?

- Porque o Sr. duque conhecia-me bem, e sabia que não era preciso mais.

A curiosidade deste espectáculo e a singularidade desta teoria rendiam, uns anos por outros, uns dez luíses ao velho anacoreta.

Ora, como ele ganhava outro tanto com as suas peles de coelho e com a festa, que ele mesmo instituía, e só gastava dinheiro em

comprar um par de polainas, ou mais exactamente, uma polaina de cinco em cinco anos, e uma farda de dez em dez, o tio Clouis estava muito longe de ser infeliz.

Bem pelo contrário, era voz corrente que ele tinha seu pecúlio escondido, e que a pessoa que dele herdasse não fazia mau negócio.

Tal era o personagem singular com quem Pitou ia ter, alta madrugada, quando lhe ocorreu a famosa idéia que devia, pensava ele, tirá-lo do embaraço mortal em que se achava.

Mas, para encontrar o tio Clouis, era necessária muita destreza.

Clouis, à semelhança do velho pastor dos rebanhos de Neptuno, não se deixava agarrar logo à primeira avançada. Diferenciava perfeitamente o importuno, que nenhum proveito dava, do rico ocioso, e se para estes últimos já era sofrivelmente sacudido, imagine-se com que ferocidade ele não expulsaria a primeira casta de

maçadores.

Clouis estava deitado na sua cama de urzes, encosto admirável e aromático, que lhe fornecia a mata no mês de Setembro, e que ele renovava em Setembro do ano seguinte.

Seriam onze horas da noite, o tempo estava claro e fresco.

Para chegar à cabana do tio Clouis havia forçosamente de atravessar-se um grupo de carvalhos tão chegados uns aos outros, ou um silvado de sarças tão denso, que o ruído dos ramos quebrados ou dos rasgões que faziam os espinhos sempre anunciava ao cenobita a aproximação de um estranho.

Pitou fez muita mais bulha do que se fora um simples personagem. O tio Clouis estava acordado, ergueu a cabeça e escutou.

Sucedeu estar o tio Clouis precisamente naquele dia de mau humor. Tinha-lhe acontecido um desastre terrível, que o tornava inacessível até aos mais afáveis dos seus concidadãos.

O desastre terrível era este: a sua

espingarda, que lhe tinha servido durante cinco anos para dar tiros de bala, e durante trinta e cinco para tiros de chumbo, arrebentara na ocasião de atirar a um coelho.

Era a primeira pontaria que errava havia trinta e cinco anos.

Porém o maior prejuízo que sofrera o tio Clouis não fora a fuga do coelho, que escapara são e salvo. A explosão ferira-lhe dois dedos da mão esquerda. O ferimento dos dedos pensou-o com ervas mastigadas; a espingarda é que não pôde consertar.

Para alcançar outra espingarda era necessário que o tio Clouis encetasse o seu tesouro, e mesmo assim, por muito grande que fosse o sacrifício que fizesse para obter outra arma, ainda que empregasse na compra a soma exorbitante de dois luíses, quem sabe se seria uma espingarda que nunca errasse fogo, como a que acabava de arrebentar tão desgraçadamente?

Pitou, como se vê, chegava em má ocasião.

E por isso, apenas Pitou levou a mão à tranqueta da porta, o tio Clouis soltou um grunhido, que fez recuar o comandante da guarda cívica de Haramont.

Seria um lobo, ou uma fêmea de javali próxima ao tempo do parto, que teria tomado o lugar do tio Clouis?

Pitou tinha lido outrora a história da menina da *Capinha-vermelha*, por conseguinte hesitou em entrar.

- Olá! Tio Clouis - gritou ele.

- Quem é? - perguntou o misantropo.

Pitou ficou mais sossegado por conhecer a voz do estimável anacoreta.

- Bom, está em casa - disse consigo.

Em seguida deu um passo no interior da choça, e cortejando o dono com a maior amabilidade:

- Boa noite, tio Clouis.

- Quem vem lá? - perguntou o ferido.

- Sou eu.

- Tu, quem?

- Pitou.

- Qual Pitou?

- Ângelo Pitou, de Haramont, não me conhece?

- E então! O que me importa a mim que seja Ângelo Pitou, de Haramont?

- Oh! Oh! O tio Clouis não está de bom humor; vim acordá-lo em má ocasião - disse Pitou em tom meigo.

- Disseste bem, em muito má ocasião.

- Visto isso que hei-de fazer agora?

- Oh! O maior favor que me podes fazer será pores-te a andar.

- Pois deveras! Sem conversarmos um bocadinho?

- Conversar, acerca de quê?

- De um obséquio que desejo que me faça, tio Clouis.

- Não costumo obsequiar a ninguém de graça.

- Pago sempre a quem me obsequieia.

- Pode ser, mas eu para nada sirvo já.

- Como assim?

- Já não mato coelhos.

- O quê! Já não mata coelhos? O senhor, que tinha uma pontaria tão certa? Isso não pode ser, tio Clouis.

- Vai-te embora, já to disse.

- Meu tiozinho Clouis...

- Estás-me quebrando a paciência.

- Atenda-me; que não há-de arrepender-se.

- Vamos lá, em poucas palavras... Que pretendes de mim?

- Foi soldado noutro tempo, não é verdade?

- Fui, sim, e depois?

- Pois bem, tio Clouis, eu quero...

- Anda, acaba, maroto!

- Quero que me ensine a fazer exercício.

- Estás maluco?

- Não estou, tenho os miolos perfeitamente sãos. Ensine-me a fazer exercício, tio Clouis, e depois conversaremos a respeito do preço.

- Ora esta! Não sofre dúvida, este animal está doido! - disse desabridamente o veterano

assentando-se na sua cama de urzes.

- Tio Clouis, diga: sim ou não, ensina-me o exercício em doze tempos, como se faz no exército? Depois peça-me o que quiser.

O velho levantou-se sobre o joelho, e fitando os olhos espantados em Pitou, perguntou:

- O que quiser?

- Sim.

- Pois então sabe que a coisa de que mais preciso é duma espingarda.

- Ah! Em boa hora teve essa lembrança – disse Pitou – porque posso dispor de trinta e quatro espingardas.

- Tens trinta e quatro espingardas, tu?

- E até a trigésima quarta que eu tinha apartado para meu uso, há-de servir-lhe perfeitamente. É uma bonita arma de sargento com as armas reais douradas na culatra.

- E como te foi ela parar às mãos? Presumo que não a furtaste?

Pitou, em breves palavras, contou-lhe a

sua história com franqueza e lealdade.

- Bom - disse o velho couteiro - já percebo. Estou pronto a ensinar-te o exercício, mas tenho os dedos estropiados.

E contou então a Pitou o desastre que lhe sucedera.

- Está bom! - replicou Pitou - não lhe dê cuidado a espingarda, por que já tem outra para a substituir. Agora, pelo que diz respeito aos dedos... Desses não tenho eu trinta e quatro como as espingardas.

- Oh! Os dedos... Nada fazem ao caso, contanto que me prometas que hei-de ter aqui a espingarda amanhã; anda comigo.

E dizendo isto, ergueu-se da cama.

A lua, no seu zénite, espargia torrentes de luz esbranquiçada sobre a espécie de largozinho que havia em frente da choça.

Pitou e o tio Clouis foram para o meio do tal largozinho.

Quem visse em tamanha solidão aquelas duas sombras pretas gesticulando, havia de sentir necessariamente um terror misterioso.

O tio Clouis pegou na sua espingarda inutilizada, que mostrou a Pitou com um suspiro. Ensinou-lhe em primeiro lugar a posição de um soldado na forma.

Era curioso ver como se endireitava subitamente o veterano, que sempre andava dobrado pelo hábito de passar por debaixo de arbustos e silvados, e agora, remoçado pelas recordações do regimento e pela fadiga do exercício, sacudia a cabeça coberta de cãs, a qual com todo o garbo militar lhe assentava muito bem nos ombros secos, largos e robustos.

- Olha bem para mim - dizia ele a Pitou - olha bem! É com os olhos que se aprende. Quando tiveres visto o que faço, trata de imitar-me, e verei se vais bem.

Pitou procurou imitá-lo.

- Endireita os joelhos, deita os braços para trás, move a cabeça com desembaraço; firma-te na base, com todos os demónios! Firma-te na base, que a teus pés não lhes falta largura para poderem contigo.

E Pitou obedecia-lhe da melhor forma que lhe era possível.

- Muito bem - disse o ancião - tens garbo sofrível.

Pitou ficou satisfeitíssimo por ter sofrível garbo. Não esperava tamanha ventura.

E de feito, se ao cabo de uma hora de exercício unicamente, tinha já suficiente garbo, que faria ao cabo de um mês? Havia de ter certamente um ar majestoso.

E por isso queria continuar.

Mas já tinha bastante para uma primeira lição.

Além disso o tio Clouis não se queria adiantar muito sem ter primeiro a espingarda na mão.

- Nada - disse ele - basta para a primeira vez. Ensina-lhes isto que aprendeste para primeira lição, e ainda assim aposto que não a ficarão sabendo antes de quatro dias, e tu, durante esse tempo, podes vir aqui mais vezes.

- Quatro vezes! - exclamou Pitou.

- Ah! Ah! - respondeu friamente o tio Clouis - tens zelo e boas pernas, pelo que vejo. Pois sim, vem quatro vezes, se quiseres, mas desde já te previno que estamos no fim do último quarto de lua, e que amanhã não teremos luar.

- Nesse caso, iremos fazer exercício para a gruta - disse Pitou.

- Então, é preciso que tragas velas.

- Um arrátel, ou dois se for necessário.

- Bom. E a minha espingarda?

- Tê-la-á amanhã.

- Olha que conto com isso. Vejamos se te lembras do que te ensinei?

Pitou repetiu a lição tão bem que obteve louvores. Era tal o seu contentamento, que teria prometido uma peça de artilharia ao tio Clouis.

Concluída que foi esta segunda lição, como era já quase uma hora da madrugada, despediu-se do seu instrutor e voltou mais devagar, é verdade, mas ainda assim com um

passo bastante rasgado, para a aldeia de Haramont, onde toda a gente, guardas nacionais e simples pastores, se achavam totalmente entregues ao profundo sono.

Ângelo Pitou sonhou que estava comandando um exército de muitos mil homens, ensinando a todo o universo, formado numa só fila, o movimento de *marcar passo* e de *ombro armas!* que ia acabar na extremidade do vale de Josafat.

Logo no dia seguinte, deu, ou antes repetiu a sua lição aos soldados, com uma tal insolência de atitudes e uma tal afoiteza na demonstração, que elevou ao maior auge o muito crédito de que já gozava.

Ó popularidade, um sopro te dá vida, outro te destrói!

Pitou tornou-se popular, e foi objecto de admiração para homens, crianças e velhos.

As próprias mulheres conservavam o seu sério, quando, na presença delas, bradava com voz de estentor aos seus trinta soldados formados a um de fundo:

- Mais garbo! Com todos os demónios!
Olhem para mim.

E tinha efectivamente muito garbo!

LXVIII

Catarina também faz diplomacia

O tio Clouis teve a sua espingarda. Pitou era rapaz honrado: para ele o prometido era devido.

Mais dez visitas iguais à primeira tornaram Pitou um granadeiro perfeito.

Infelizmente, o tio Clouis não sabia tão bem a manobra como o exercício: depois de ter ensinado ao seu discípulo a volta, a meia volta e as conversões, achou-se esgotada a sua ciência.

Pitou recorreu então ao *Prático francês* e ao *Manual da guarda nacional*, que tinham saído à luz recentemente, e em cuja aquisição empregou a soma de um escudo.

Graças ao sacrifício generoso do seu comandante, aprendeu o batalhão de Haramont a mover-se menos mal num campo de manobras.

Depois, quando Pitou conheceu que se iam ampliando os movimentos, deu um passo até Soissons, cidade onde havia uma guarnição militar; viu então manobrar batalhões a valer, comandados por verdadeiros oficiais, e aprendeu ali mais em um dia do que teria aprendido no espaço de dois meses com as teorias.

Assim haviam decorrido dois meses, que tinham sido para o nosso herói sessenta dias de trabalho, fadigas e febre.

Pitou ambicioso, namorado e infeliz nos seus amores, e contudo (fraca compensação) saturado de glória, tinha sacudido asperamente aquilo a que certos filologistas chamaram espirituosamente: a besta.

A besta fora por Pitou desapiedadamente sacrificada à alma. Aquele homem tinha corrido tanto, tinha dado tanto movimento ao corpo e tanto trabalho ao pensamento, que era para admirar que ainda se lembrasse de satisfazer ou de consolar o seu pobre coração.

E todavia assim era.

Quantas vezes, depois do exercício, que quase sempre se seguia ao trabalho nocturno, quantas vezes, dizemos, não tinha Pitou atravessado as planícies de Largny e de Noue em toda a sua extensão, e depois a mata em toda a sua largura, para ir até à extremidade das terras de Boursonne espreitar Catarina que nunca falhava aos encontros amorosos?

Catarina, furtando uma ou duas horas todos os dias aos trabalhos da casa, ia ter a um pavilhão pequeno situado no centro de um terreno dependente do castelo de Boursonne, onde a esperava o adorado Isidoro, aquele feliz mortal, mais altivo, mais galante, quando todos sofriam e se entristeciam em volta dele.

Que de angústias não devorou o pobre Pitou, e que amargas reflexões não faria acerca da desigualdade dos homens em assuntos de felicidade!

Ele, a quem as raparigas de Haramont, Taillefontaine, e de Vivières solicitavam, ele,

que também podia, se quisesse, ter seus encontros amorosos na mata, e que, em vez de se pavonear, como um amante favorecido, preferia vir chorar, como criança tosada, em frente daquela porta fechada do pavilhão do Sr. Isidoro.

Era porque Pitou amava apaixonadamente Catarina, e ainda mais se lhe aumentava o amor por conhecer quanto ela lhe era superior em tudo.

Nem já lhe lembrava que ela estivesse apaixonada por outro. Isidoro deixara de ser para ele objecto de ciúme. Isidoro era fidalgo, galante e digno de ser amado; porém, Catarina, filha do povo, devia ter evitado desonrar a sua família, ou pelo menos não devia ter feito desesperar Pitou.

Estas reflexões dilaceravam-lhe o coração, e causavam-lhe dores bem lancinantes.

- Teve alma de me deixar ir embora - dizia consigo Pitou - e desde que de lá saí, nem sequer se dignou indagar se eu teria

morrido de fome. Que diria o tio Billot se soubesse que desamparam assim os seus amigos, e que assim descuram os seus negócios? Que diria se soubesse que a superintendente da casa, em vez de vigiar os trabalhadores, deixa tudo ao abandono para se ir pôr de namoro com o Sr. de Charny, com um aristocrata?

“O tio Billot não diria nada. Era até capaz de matar Catarina.

“Todavia, sempre é alguma coisa, pensava consigo Pitou, ter entre as mãos a possibilidade de uma tal vingança.

“Sim, mas é muito louvável não fazer uso dela.”

Entretanto, Pitou sabia já por experiência que as acções louváveis de que ninguém tem conhecimento nenhum proveito dão aos que as praticam.

Portanto, não haveria algum meio de dar a saber a Catarina que ele era capaz de praticar uma acção louvável?

Não havia nada mais fácil: bastava-lhe

chegar ao pé de Catarina algum domingo, quando ela estivesse a dançar, e dizer-lhe, como por acaso, uma dessas palavras terríveis, que revelam aos criminosos que um terceiro está senhor do seu segredo e que o pode declarar.

Quando não fosse senão para ver sofrer um pouco aquela rapariga tão orgulhosa, não era uma coisa bem feita?

Mas para ir à dança era-lhe necessário entrar em competência com aquele fidalgo tão guapo, e como rival não lhe convinha ir pôr-se a par de um homem que sempre andava tão bem vestido.

Pitou, que era fértil em invenções, como são todos os indivíduos que sabem concentrar os seus pesares, achou um meio preferível à conversação na ocasião da dança.

O pavilhão onde se davam os encontros de Catarina com o visconde de Charny era cercado por uma mata de corte, muito densa e contígua à floresta de Villers-Cotterets.

Um simples fosso indicava o limite que

existia entre a propriedade do conde e a que lhe ficava immediata, pertencente a um particular.

Catarina era obrigada a ir todo o instante a alguma das aldeias vizinhas por causa dos negócios da herdade, e para ir a essas aldeias tinha necessariamente de atravessar a floresta, e chegada ali, bastava-lhe saltar o fosso para entrar nos bosques do amante.

Aquele ponto fora escolhido naturalmente como sendo o mais próprio para favorecer as entrevistas.

O pavilhão dominava de tal maneira a mata de corte, que pelas frestas oblíquas, guarnecidas de vidros de cores, podia-se ver quanto se passava nos arredores, e a saída estava tão bem encoberta com arbustos, que uma pessoa que dele saísse a cavallo podia, em três pulos, achar-se na floresta, isto é, em terreno neutro.

Porém, Pitou fora tantas vezes de dia e de noite, e estudara o terreno com tanta

atenção, que já sabia o sítio por onde desembocava Catarina, assim como o caçador furtivo sabe por onde é a passagem da corça a que vai fazer espera.

Catarina nunca tornava para a floresta acompanhada de Isidoro. Este demorava-se no pavilhão um bocado depois dela se retirar para espreitar se saía a salvo depois partia na direcção oposta, e estava tudo acabado.

No dia escolhido por Pitou para a sua demonstração foi este emboscar-se na passagem de Catarina. Trepou a uma faia enorme, que teria seus trezentos anos de idade e cujo cimo ficava sobranceiro ao pavilhão e à mata.

Ainda não havia uma hora que ali estava quando viu passar Catarina. Depois viu-a prender o cavalo num barranco da floresta e pulando como uma corça perseguida, atravessou o fosso e internou-se pela mata, que ia ter ao pavilhão.

Catarina tinha passado mesmo por baixo da faia onde Pitou estava empoleirado.

Dali a uma hora chegou-lhe ao ouvido a bulha de uma porta que se fechava.

Em seguida ouviu o roçar de um vestido pelas folhas secas. Logo depois, Catarina, deitou a cabeça para fora das ramadas e examinou, como assustada, se alguém a estava vendo.

Estava distante de Pitou uns dez passos.

Este, imóvel e impassível, descansara o livro nos joelhos.

Já não fingia estar lendo, e olhava atento para Catarina, para que esta visse bem que a estava observando.

Catarina deu um grito abafado, conheceu Pitou, tornou-se pálida como a morte, e depois de um breve instante de indecisão, saltou para a floresta, foi direita ao cavalo, montou e fugiu.

O laço de Pitou tinha sido bem armado, e Catarina tinha caído nele.

Pitou voltou para Haramont, em parte contente e em parte assustado.

Porque apenas reflectiu seriamente no

passo que acabava de dar, conheceu que envolvia uma infinidade de pormenores em que não tinha pensado a princípio.

O domingo seguinte havia sido destinado em Haramont para uma solenidade militar.

Os guardas nacionais da aldeia, julgando-se suficientemente instruídos, tinham pedido a Ângelo Pitou, seu comandante, que os reunisse e os levasse a fazer exercício em público.

Algumas aldeias vizinhas, movidas pela rivalidade, e tendo-se entregado também a estudos militares, deviam vir a Haramont para estabelecerem uma espécie de luta com aqueles que as haviam precedido na brilhante carreira das armas.

Uma deputação de cada uma das aldeias viera conferenciar com o estado-maior de Pitou; um lavrador, antigo sargento, era o comandante.

A notícia de tão belo espectáculo chamou a concorrência de uma infinidade de

curiosos em trajos domingueiros, e o *Campo de Marte* de Haramont foi invadido logo pela manhã por uma multidão enorme de raparigas e de crianças, a que se juntaram mais vagarosamente, mas com igual interesse, os pais e as mães dos valentes campeões.

Começou a função por merendas comidas sobre a relva, banquetes de frutas e bolachinhas acompanhadas de água fresca da fonte.

Dentro em pouco ressoaram quatro tambores em quatro direcções diversas; vinham de Largny, de Vez, de Taillefontaine e de Viviers.

Haramont tornara-se um centro; tinha os seus quatro pontos cardinais.

O quinto tambor rufava denodadamente à frente dos trinta e três guardas nacionais que saíam de Haramont.

Notava-se, entre o grande número de espectadores, parte da aristocracia nobiliária e burguesa de Villers-Cotterets, que também

ali tinha concorrido para ver e para caçar.

Havia ainda grande número de lavradores dos arredores que ali tinham ido só para ver

Não tardou muito que aparecessem Catarina e a tia Billot, ambas a cavalo e caminhando a par uma da outra.

Era no momento em que a guarda nacional de Haramont desembocava da aldeia, com um pífaro, um tambor, e o seu comandante Pitou montado num cavalo branco que lhe emprestara o tenente Maniquet, para tornar a imitação de Paris mais completa e representar o Sr. marquês de Lafayette *ad vivum* em Haramont.

Pitou, resplandecente de orgulho e de atrevimento, e cavalgando de espada desembainhada no seu imenso corcel, apresentava, não diremos uma figura elegante e aristocrática, mas um todo robusto e valente, que dava gosto ver.

A entrada triunfal de Ângelo Pitou e dos seus homens, isto é, dos indivíduos que

tinham dado o primeiro impulso à província, foi vitoriada com alegres e estrondosas aclamações.

A guarda nacional, em Haramont, tinha chapéus uniformes, todos enfeitados com o tope nacional, espingardas brilhantes, e marchavam a dois de fundo com cadência muito satisfatória.

Por isso, quando chegou ao campo de manobras, já tinha a seu favor os votos da assembléia.

Assim que Pitou lobrigou Catarina, corou, e ela tornou-se pálida.

A revista, daquele instante por diante, tornou-se para ele mais interessante do que para ninguém.

Mandou fazer aos soldados em primeiro lugar, o simples manejo de arma, e cada um dos movimentos que ele ordenou foi executado com tal precisão que os aplausos atroaram os ares.

Não sucedeu o mesmo com a gente das outras aldeias; trabalharam com moleza e

irregularidades. Uns, mal armados e pouco adestrados no exercício, sentiam-se já desmoralizados pela comparação; outros exageravam por orgulho o que tão bem sabiam na véspera.

Os resultados foram imperfeitos.

Mas do exercício iam passar à manobra. Era ali que o sargento esperava o seu competidor Pitou.

O sargento, em atenção à sua antiguidade, tomara o comando geral, e a sua tarefa reduzia-se simplesmente a fazer marchar e manobrar os cento e setenta homens de que se compunha aquele exército reunido.

Não o pôde conseguir.

Pitou, com a espada metida debaixo do braço e o seu fiel capacete na cabeça, observava tudo com o sorriso próprio de um homem superior.

O sargento, mal viu as suas testas de coluna pendidas por entre as árvores, ao passo que as retaguardas tomavam o

caminho de Haramont; os quadrados dispersando-se em distâncias errôneas; as esquadras desastradamente confundidas e os chefes de fila perdidos, ficou de todo desorientado, e foi saudado com um murmúrio desaprovador pelos seus vinte soldados.

Soou então um grito da gente de Haramont.

- Pitou! Pitou! Venha Pitou!

- Sim, sim, venha Pitou! - bradaram os homens das outras aldeias, tornados furiosos por uma inferioridade, que atribuíam unicamente aos seus instrutores.

Pitou tornou a montar no seu cavalo branco, e pondo-se novamente à frente do exército, deu um grito do comando com tal energia e tão perfeitamente entoado, que até os próprios carvalhos pareceram estremecer.

No mesmo instante, e como por milagre, voltaram as filas perdidas aos seus lugares; os movimentos começaram a executar-se com uma união tal, que não a alterava o

entusiasmo, e Pitou aplicou tão felizmente à prática as lições do tio Clouis e a teoria do *Perfeito guarda nacional*, que mereceu a geral aprovação.

O exército, unido como um só homem, aclamou-o logo *imperator* sobre o campo da batalha.

Pitou apeou-se, alagado em suor e ébrio de orgulho, e apenas pôs os pés no chão, recebeu as felicitações dos povos.

Mas, ao mesmo tempo, procurava encontrar, no meio da multidão, o olhar de Catarina.

De repente ressoou-lhe aos ouvidos a voz argentina da rapariga.

Não fora preciso que Pitou fosse ter com Catarina; ela é que foi ter com ele.

Grande era o triunfo.

- Então o que é isso? - lhe disse ela com ar risonho, que a palidez desmentia - o que é isso, Sr. Ângelo, não faz caso de nós? Tornou-se soberbo, por ser um grande general...

- Oh! Não, por certo! - exclamou Pitou; -

bons dias, menina.

Depois, voltando-se para a Sr^a. Billot:

- Tenho a honra de a cumprimentar, minha respeitável senhora.

E voltando-se novamente para Catarina:

- A menina está enganada, não sou um grande general, sou unicamente um pobre rapaz animado pelo desejo de servir a minha pátria.

Estas palavras espalharam-se logo pelas ondas da multidão, que as declarou sublimes no meio de uma tempestade de aplausos.

- Ângelo - disse Catarina devagarinho - preciso falar com o senhor.

- Ah! Ah! - pensou Pitou - eis-nos chegados aonde eu queria.

E logo, em voz alta:

- Estou às suas ordens, Sr^a. Catarina.

- Acompanhe-nos logo até à herdade.

- Muito bem.

LXIX

O mel e o absinto

Catarina dispusera as coisas de forma que pudesse conversar em liberdade com Pitou, apesar da presença da mãe.

A boa da Sr^a. Billot encontrara algumas amigas condescendentes que a acompanharam a pé junto do cavalo para conversarem com ela, e Catarina, que emprestara a sua cavalgadura a uma delas, voltou a pé também pelo bosque com Pitou que se subtraíra aos seus triunfos.

No campo, ninguém estranha arranjos destes, porque os segredos perdem a sua importância, vista a indulgência que todos têm para com os outros.

Acharam natural que Pitou precisasse conversar com a Sr^a. Billot ou com a sua filha, e pode ser que nem reparassem em tal.

Naquele dia todos tinham interesse em

procurar o silêncio e a densidade das sombras. Nas terras de florestas, a glória e a ventura preferem sempre para abrigo os carvalhos seculares.

- Aqui me tem, Sr^a. Catarina - disse Pitou, apenas ficaram sós.

- Por que motivo deixou de aparecer na herdade? - perguntou Catarina - isso não é bonito, Sr. Pitou.

- Menina - replicou Pitou admirado - sabe muito bem...

- Não sei nada... Digo que não é bonito.

Pitou mordeu os beijos; repugnava-lhe ver Catarina mentir.

Ela percebeu-o; de mais a mais, o olhar de Pitou, era usualmente direito e leal, e naquela ocasião olhava para ela de revés.

- Oiça-me, Sr. Pitou, ainda tenho outra coisa a dizer-lhe.

- Ah! - exclamou ele.

- Outro dia, naquela casinha onde me viu...

- Onde a vi?

- Sim, acolá onde sabe.

- Onde eu sei?...

Ela corou.

- O que estava o senhor fazendo naquele sítio? - perguntou ela.

- Visto isso, conheceu-me? - perguntou ele em tom melancólico e queixoso.

- À primeira vista não, mas conheci-o depois.

- Por que foi que só me conheceu depois?

- A gente às vezes está distraída, vai andando sem saber por quê, e depois é que reflecte.

- Decerto.

Ela tornou a calar-se, e ele também; tinham ambos muito em que pensar para poderem falar com muita clareza.

- Finalmente - prosseguiu Catarina - o senhor...?

- Eu?

- O que estava ali fazendo? Não estava escondido?

- Escondido? Decerto que não. Por que razão me havia de esconder?

- Oh! Podia ser por curiosidade.

- Não sou curioso, menina.

Catarina bateu o pezinho no chão, significando grande impaciência.

- O caso é que estava ali, e não é sítio onde tenha por costume ir.

- Bem viu que estava lendo.

- Ah! Não reparei.

- Se me viu, reparou necessariamente.

- Vi-o, é verdade, mas foi vagamente. E...

O que estava lendo?

- *O perfeito guarda nacional.*

- Que obra é essa?

- É um livro em que aprendo táctica, para a ensinar depois aos meus soldados; e a menina sabe muito bem que para estudar é preciso procurar um sítio solitário.

- Isso não tem questão; e ali, à entrada da floresta, está-se em perfeito sossego.

- É verdade.

Calaram-se outra vez. A tia Billot e as

comadres iam seguindo o seu caminho.

- Quando assim estuda - replicou Catarina - demora-se muito tempo?

- Passo às vezes dias inteiros.

- Então - exclamou ela com vivacidade - já havia muito tempo que ali estava?

- Muitíssimo.

- É célebre não o ter visto quando cheguei! - disse ela admirada.

- Talvez eu estivesse a dormir - respondeu Pitou; - acontece-me às vezes ser acometido do sono, quando a cabeça tem trabalhado muito.

- Pode ser, e foi provavelmente enquanto o senhor estava dormindo que eu passei pela floresta para aproveitar a sombra. Ia... Ia às paredes velhas do pavilhão.

- Ah! - exclamou Pitou - do pavilhão... Qual pavilhão?

Catarina corou novamente. Pitou exprimia-se de um modo demasiadamente afectado para que pudesse acreditá-lo.

- O pavilhão de Charny - disse ela

afectando também um modo indiferente. - É ali que cresce o maior saião destes arredores.

- Deveras!

- Tinha-me escaldado ao fazer a barrela, e precisava algumas folhas para curar a queimadura.

O desgraçado Ângelo, como se quisesse acreditar o que ela dizia, lançou os olhos para as mãos de Catarina.

- Não foi nas mãos, foi num pé - acudiu ela logo.

- E achou a erva que procurava?

- Achei-a e de excelente qualidade. Olhe! Já não coxeio.

- Ainda menos coxeava outro dia - pensou Pitou - quando a vi fugir com a velocidade de um cabrito montês pela mata fora.

Catarina imaginou que conseguira enganá-lo, e que Pitou nada soubera nem vira.

Entregando-se pois a um movimento de alegria, pouco próprio de tão bela alma,

disse:

- Então o Sr. Pitou estava amuado connosco? Está todo inchado com a sua nova posição, e depois que saiu oficial despreza os pobres camponeses.

Pitou sentiu-se ferido. Um sacrifício como o que ele acabava de fazer, por disfarçado que seja, exige quase sempre uma recompensa e como pelo contrário, Catarina parecia querer caçar com ele e se ria do pobre rapaz, comparando-o provavelmente com Isidoro de Charny, a boa disposição em que ele estava desvaneceu-se completamente. O amor-próprio é uma víbora adormecida, que é prudente não pisar se não há certeza de a esmagar imediatamente.

- Parecia-me - replicou ele - que a menina é quem estava amuada comigo.

- Como assim?

- Em primeiro lugar, pôs-me fora da herdade, negando-me trabalho. Oh! Eu não disse nada ao Sr. Billot. Graças a Deus! Tenho braços e ânimo para ganhar a vida.

- Asseguro-lhe, Sr. Pitou...

- Basta, menina; é senhora em sua casa.

Mas visto que me pôs fora da herdade, quando me encontrou indo ao pavilhão de Charny e me viu, cumpria-lhe falar-me, em vez de fugir como um larápio que tivesse ido ali furtar maçãs.

A víbora acabava de morder; Catarina perdeu novamente a tranqüilidade.

- Fugir! - disse ela; - pois eu fugia?

- Como se a herdade, ou alguma fazenda sua estivesse a arder; ainda eu não tinha tido tempo de fechar o livro, e já a menina tinha saltado para cima do Cadete, que estava escondido entre o arvoredor, onde roeu a casca toda de um freixo, ficando a árvore perdida.

- A árvore ficou perdida! O que me diz, Sr. Pitou? - balbuciou Catarina, começando a sentir que a sua afoiteza a ia abandonando.

- É muito natural - prosseguiu Pitou; - enquanto estava apanhando o saião, entretinha-se o Cadete a roer, e no espaço de

uma hora um cavalo rói muito.

Catarina exclamou:

- Numa hora!

- É impossível, menina, que um cavalo dispa às dentadas uma árvore como aquela em menos de uma hora. Apanhou necessariamente uma quantidade de saião suficiente para curar tantas feridas como as que se fizeram na tomada da Bastilha; a planta é famosa para cataplasmas.

Catarina, pálida e confusa, não atinou com a resposta.

Pitou também se calou. Dissera quanto bastava.

A tia Billot parara numa encruzilhada para se despedir das companheiras.

Pitou, desesperado, porque acabava de fazer uma ferida que também doía, balanceava o corpo alternadamente sobre uma e outra perna, como um pássaro que estivesse para voar.

- Então! O que diz o oficial? - gritou a lavradora.

- Diz que vai dar-lhe as boas noites, Sr^a.
Billot.

- Ainda não; fique - disse Catarina em tom quase de súplica.

- Pois então, muito boa noite! - disse a lavradora.

- Vens daí, Catarina?

- Oh! Diga-me a verdade! - murmurou a rapariga.

- A respeito de quê, menina?

- Já não é meu amigo?

- Ai de mim! - exclamou o desgraçado e inexperiente moço, cuja estreia em amor começava por aquele terrível papel de confidente, do qual só os homens já matreiros sabem tirar proveito em detrimento do amor-próprio.

Pitou sentia que lhe ia escapar dos lábios o seu segredo, e que à primeira palavra que pronunciasse, Catarina o colocaria à mercê dela.

Sentiu que estava perdido se falasse, e que era capaz de morrer de desgosto no dia

em que Catarina lhe confessasse o que ele apenas suspeitava muito vagamente.

Este receio tornou-o mudo como um romano.

Cortejou Catarina com um respeito que dilacerou o coração da rapariga; cortejou a Sr^a. Billot com um amável sorriso e desapareceu por entre as árvores.

A tia Billot disse para a filha:

- Este rapaz tem boas qualidades; e além disso, é sábio e brioso.

Pitou, assim que se viu só, encetou um comprido monólogo sobre este tema:

- É a isto que chamam amor? Pois sempre é uma coisa bem sem sabor em certos momentos e bem amarga noutros!

O pobre *rapaz* era tão ingénuo e de boa índole, que não lhe ocorria que em amor há mel e absinto, e que o Sr. Isidoro tomara o mel para si.

Catarina, a datar daquele momento, em que tanto sofrera, tinha ficado com certo receio respeitoso de Pitou, sentimento que ela

estava bem longe de ter alguns dias antes, para com aquele inofensivo e grotesco personagem.

Quem não pode inspirar amor, sempre gosta de inspirar um pouco de receio, e Pitou, que tanto ambicionava a dignidade pessoal, muito lisonjeado ficaria se houvesse notado em Catarina um sentimento desta natureza.

Mas como não estava tão adiantado em fisiologia que lhe fosse possível adivinhar as idéias de uma mulher em distância de légua e meia, limitou-se a chorar muito e a cantarolar um sem-número de cantigas pastoris, das mais lúgubres, em tom igualmente melancólico.

Qual não seria o pasmo do exército de Pitou, se tivesse podido ver o seu general entregue a tão elegíacas lamentações!

Afinal, tendo Cantado, chorado e andado muito, voltou para o seu cubículo, em frente de cuja porta encontrou uma sentinela, que havia ali sido colocada de arma ao ombro pelos entusiastas Haramonteses, para lhe

servir de honra.

A sentinela estava embriagada a tal ponto que dormia profundamente no banco de pedra, com a espingarda entre os joelhos.

Pitou, muito admirado, acordou-a.

Soube então que os trinta homens bons tinham encomendado um banquete em casa do tio Tellier, dono da taberna mais afamada de Haramont; que doze comadres das mais desabusadas do sítio tinham ali concorrido para coroarem de louros os vencedores, e que o lugar da presidência fora reservado para o Turenne, que tinha derrotado o Conde do departamento vizinho. O estômago de Pitou devia forçosamente ressentir-se da muita fadiga que o coração sentira. “Todos se admiram, diz Chateaubriand, da quantidade de lágrimas que podem conter os olhos de um rei; mas ninguém pode medir o vácuo que deixam as lágrimas no estômago de uma pessoa adulta.”

Pitou, ao entrar na sala conduzido pela sua sentinela, foi recebido com aclamações

capazes de abalar as paredes.

Cortejou a todos silenciosamente, assentou-se da mesma maneira, e sem alterar a costumada serenidade, começou a atacar as tiras de vitela assada e a salada.

O combate durou todo o tempo que lhe levou o coração a desinchar e o estômago a encher.

Desenlace imprevisto

Um banquete depois de um desgosto dá em resultado ou uma dor mais viva ou completa consolação.

Pitou conheceu ao cabo de duas horas que a sua dor não tinha aumentado.

Pôs-se de pé quando os seus companheiros já não podiam erguer-se das cadeiras.

Fez-lhes um discurso acerca da sobriedade dos Espartiatas, quando já todos tinham caído de bêbados.

E lembrou-se que seria conveniente ir dar um passeio quando todos ressonavam estendidos, debaixo das mesas.

Quanto às raparigas de Haramont, devemos declarar em abono da sua honestidade, que se tinham eclipsado antes da sobremesa sem que nem as cabeças, nem

as pernas, nem o coração tivessem tomado parte activa na festa.

Pitou, o valente dos valentes, não pôde deixar de fazer algumas reflexões.

De todos aqueles amores, de todas aquelas formosuras, de todas aquelas riquezas, nada lhe ficara na alma nem na memória, senão o último olhar e as últimas palavras de Catarina.

Lembrava-se confusamente, apesar do nevoeiro que lhe toldava a memória, que a mão de Catarina tocara por diversas vezes na dele, que o ombro dela tinha roçado pelo seu, e que no calor da discussão certas roçadas lhe tinham revelado a opulência e a suavidade daquele gentilíssimo corpo.

Exaltando-se então com a recordação do que desprezara quando estava a sangue-frio, olhava em volta de si como um homem que acaba de acordar.

Perguntava às sombras por que razão tinha ele tratado com tanta severidade uma rapariga que era toda amor, doçura e graça,

uma pobre mulher que podia ter tido uma quimera à sua entrada na vida... E quem é neste mundo que não tem tido uma quimera?

Pitou também perguntava a si mesmo como podia um urso feio e pobre, como ele, ter sequer a lembrança de inspirar sentimentos amorosos à rapariga mais bonita da terra, quando o fidalgo mais galante daqueles arredores se pavoneava em volta dela.

Em seguida lisonjeava-se Pitou de ter também algum merecimento; comparava-se com a violeta, que exala o seu perfume invisivelmente.

Invisivelmente, quanto ao perfume, isso não tinha a menor questão, mas no vinho está a verdade, ainda que seja vinho de Haramont.

Pitou, assim consolado das suas más inclinações com o auxílio da filosofia, reconheceu quanto era repreensível o modo por que se portara para com a rapariga.

Pareceu-lhe que o resultado seria fazer-

se detestar por ela; que o cálculo era péssimo; que assim entusiasmada pelo Sr. de Charny, Catarina alegaria o mau carácter de Pitou como pretexto para não fazer justiça às suas qualidades brilhantes e sólidas.

Era-lhe preciso, portanto, dar provas a Catarina de que tinha bom carácter.

Mas como?

Um Lovelace diria: Esta rapariga engana-me e escarnece-me; pois hei-de enganá-la e escarnecê-la.

Diria mais: Hei-de desprezá-la, hei-de envergonhá-la dos seus actos como de outras tantas torpezas.

Hei-de torná-la medrosa, hei-de desacreditá-la, hei-de semear-lhe de abrolhos o caminho dos seus encontros amorosos.

A boa alma de Pitou, escandecida pelo vinho e pela infelicidade, chegou a persuadir-se de que ainda havia de chegar um dia em que a Sr^a. Catarina, envergonhada por ter desprezado o amor de um rapaz como ele, se arrependeria de ter olhado para outro.

E demais, as castíssimas idéias de Pitou não podiam admitir que a formosa, a pudica, a altiva Catarina, fosse outra coisa para o Sr. Isidoro, senão uma formosa coquete, que engraçava com as tiras de renda e os calções de anta metidos numas botas com esporas.

Ora, que pena podiam causar a Pitou, embriagado como estava, os amores de Catarina com uma tira de camisa e umas esporas?

Mais dia menos dia, o Sr. Isidoro iria para a capital, casaria com alguma condessa, não olharia mais para Catarina, e assim acabaria o romance.

O vinho, que remoja os velhos, era o que inspirava todas estas reflexões próprias de um velho ao valente chefe das guardas nacionais de Haramont.

Para provar a Catarina que era dotado de bom carácter, resolveu recolher uma a uma todas as palavras desagradáveis que lhe dissera naquela tarde.

Para conseguir este fim, era-lhe preciso

em primeiro lugar encontrar-se com Catarina.

Um homem bêbado e sem relógio não sabe que as horas passam.

Pitou não tinha relógio, e não dera bem dez passos fora da taberna, encontrava-se já ébrio como Baco ou como seu filho muito querido, Téspis.

Não se lembrou de que tinham decorrido mais de três horas desde que se despedira de Catarina, e que esta, para regressar a Pisseleux, não poderia ter gasto mais de uma hora, quando muito.

Meteu à floresta, cortando afoitamente através das árvores de Pisseleux, e evitando os caminhos trilhados.

Deixemo-lo ir por entre árvores, mato e silvados, estragando, a poder de pontapés e de cacetadas, a floresta do duque de Orleans, a qual lhe restituía com usura as pancadas que lhe dava.

Voltemos a Catarina, que na companhia da mãe, caminhava para casa, triste e pensativa.

Havia um lodaçal a distância de poucos passos da herdade; naquele ponto era o caminho mais estreito, e os dois cavalos tinham de passar um após outro.

A tia Billot passou adiante.

Catarina ia passar também quando ouviu um assobio como de quem chamava.

Voltou a cabeça e, apesar da escuridão, avistou um chapéu agalado, que era do criado de Isidoro.

Deixou ir para diante a mãe, a quem a sua demora não deu cuidado, porque estavam a cem passos da granja.

O laçao foi ter com ela.

- Menina - lhe disse ele - o Sr. Isidoro precisa falar-lhe esta noite mesmo, e pede-lhe que o espere às onze horas no sítio que lhe aprouver.

- Oh! Meu Deus! - exclamou Catarina - suceder-lhe-ia alguma desgraça?

- Não sei dizer-lhe, menina; porém ele recebeu de Paris, esta tarde, uma carta lacrada de preto. Há já uma hora que estou

aqui.

Estavam dando dez horas na igreja de Villers-Cotterets, a brisa da noite levava em suas asas o eco fremente do bronze.

Catarina olhou em volta de si.

- Pois bem, este sítio é escuro e só - disse ela - aqui esperarei o seu amo.

O laçao tornou a montar a cavalo e partiu a galope.

Catarina, toda trémula, entrou na herdade seguindo a mãe.

O que poderia ter Isidoro que comunicar-lhe a tais horas, a não ser uma desgraça?

Se fosse um encontro amoroso, teria o convite sido feito debaixo de mais risinhos auspícios.

Mas não era essa a questão. Isidoro pedia-lhe que se encontrasse com ele de noite; pouco lhe importava o sítio, pouco lhe importava a hora: teria ido esperá-lo até ao cemitério de Villers-Cotterets, à meia-noite.

Nem quis reflectir no caso, abraçou a

mãe e recolheu-se ao seu quarto como para se deitar.

A mãe, que de nada desconfiava, despiu-se sozinha e deitou-se também.

E demais, de que servia à pobre mulher desconfiar? Não era, porventura, Catarina dona da casa por ordem superior?

Catarina, recolhida ao seu quarto, nem se despiu nem se deitou.

Ficou à espera.

Ouviu dar as dez horas e meia, e depois um quarto para as onze.

Às onze horas menos um quarto, apagou o candeeiro e desceu à casa de jantar.

As janelas da casa de jantar deitavam para a estrada, abriu uma delas e saltou ligeiramente para fora.

Deixou a janela aberta com as portas apenas unidas, para poder entrar.

Depois deitou a correr para o sítio aprazado, e ali, com o coração a pular e as pernas a tremer, comprimindo com uma das mãos a cabeça, que tinha a arder, e com a

outra o peito arquejante, pôs-se à espera.

Não esperou muito tempo. Chegou-lhe aos ouvidos o rumor de galope de uns cavalos.

Deu um passo para diante.

Isidoro chegou junto dela.

O criado conservou-se em distância.

Isidoro, sem se apeiar do cavalo, estendeu-lhe os braços, levantou-a sobre o estribo, abraçou-a e disse-lhe:

- Catarina, mataram ontem em Versalhes meu irmão Jorge; meu irmão Olivier manda-me chamar, portanto tenho que partir imediatamente.

Ouviu-se uma exclamação dolorosa; e Catarina apertou Charny nos braços com furor.

- Oh! - exclamou ela - se mataram seu irmão Jorge, matá-lo-ão ao senhor.

- Catarina, suceda o que suceder, meu irmão mais velho espera-me; Catarina sabe muito bem quanto a amo.

- Ah! Fique, fique - gritou Catarina, a

qual de tudo quanto lhe dizia Isidoro só percebia uma coisa, e era que ele partia.

- E a minha honra, Catarina? E meu irmão Jorge? E a vingança?

- Oh! Quanto sou infeliz! - gritou Catarina.

E dizendo isto deixou-se cair nos braços do cavaleiro, inteiriçada e com o coração a palpitar-lhe.

Desprendeu-se uma lágrima dos olhos de Isidoro e foi cair no pescoço de Catarina.

- Oh! Está chorando - disse ela - obrigada, obrigada; vejo que me tem amor!

- Ah! Sim, sim, Catarina, amo-te muito. Mas percebes, Catarina? Meu irmão mais velho escreveu-me para ir ter com ele; devo obedecer-lhe.

- Vá - respondeu Catarina; - não quero detê-lo por mais tempo.

- Um último beijo, Catarina.

- Adeus!

E Catarina, resignando-se, porque percebera que nada seria capaz de obstar a

que Isidoro obedecesse à ordem do irmão, deixou-se escorregar dos braços do amante para o chão.

Isidoro desviou dela os olhos, suspirou, hesitou um instante, mas, obedecendo à ordem irresistível que recebera, meteu o cavalo a galope, dizendo a Catarina um último adeus.

O laçao seguiu-o.

Catarina ficou estirada no chão, no mesmo sítio onde caíra, e com o corpo atravessado de lado a lado na estrada, que naquele tempo era mais estreita, como já dissemos.

Quase no mesmo instante appareceu no cume do outeiro um homem que vinha de Villers-Cotterets; caminhava a passos largos na direcção da granja, e na rapidez do caminhar tropeçou no corpo inanimado que ali jazia no chão.

Perdeu o equilíbrio, caiu e tratando immediatamente de averiguar qual fora o motivo da queda, deu com aquele corpo

inerte.

- Catarina! - bradou ele - Catarina morta!

E soltou um grito tão terrível que fez uivar os cães da herdade.

- Oh! - prosseguiu ele - quem seria o desalmado que matou Catarina?

E assentou-se trémulo, pálido e gelado, com aquele corpo inanimado atravessado nos joelhos.

FIM DO SEGUNDO E ÚLTIMO VOLUME